

**Universidade Estadual Paulista - UNESP
Campus de Marília
Faculdade de Filosofia e Ciências
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

JULIANA LARISSA DE LAET GOMES

**“#VemPraRua”: AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM SÃO PAULO E A
NOVA ESFERA PÚBLICA**



Marília

2016

JULIANA LARISSA DE LAET GOMES

**“#VemPraRua”: AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM SÃO PAULO
E A NOVA ESFERA PÚBLICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista / UNESP – Campus de Marília para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Pait

Marília
2016

G633v Gomes, Juliana Larissa de Laet.
“#VemPraRua”: as manifestações de junho de 2013 em São Paulo e a nova esfera pública / Juliana Larissa de Laet Gomes. – Marília, 2016
195 f. ; 30 cm.

Orientador: Heloisa Pait.
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2016.

Bibliografia: f. 130-142

1. Comunicação de massa. 2. Comunicação - Aspectos sociológicos. 3. Mídia digital. 4. Web 2.0. 5. Sociologia política. I. Título.

CDD 303.4833

JULIANA LARISSA DE LAET GOMES

“#VemPraRua”: AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM SÃO PAULO E A
NOVA ESFERA PÚBLICA

Dissertação para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais da Faculdade de
Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Dra. Heloisa Pait
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Examinador: Prof. Dr. Edemir de Carvalho
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Examinadora: Profa. Dra. Laura Robinson
University of Santa Clara - EUA

Marília, 04 de fevereiro de 2016.

A Cinthia, por quem me descobri.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as mulheres da minha vida (e alguns poucos homens) que me fizeram sentir amor, o que tornou esse trabalho possível.

RESUMO

A partir de um histórico da relação da cidade de São Paulo com os meios de comunicação, que resgata facetas de nossa cultura política, de um apanhado conceitual que ilumina os vários significados pessoais e coletivos da comunicação mediada e de uma pesquisa empírica viva que destaca imagens, experiências e lugares das manifestações de junho de 2013, essa dissertação oferece uma contribuição teórica que descortina o elo entre as pequenas telas individuais e as grandes telas coletivas que são palco da ação política contemporânea. Investiga-se a constituição de uma nova esfera pública a partir da atuação nas tecnologias móveis de informação e comunicação, que são denominadas pequenas telas. Através das pequenas telas os indivíduos se colocam na esfera pública, a grande tela. Atuar no espaço público, nesse contexto, envolve estar presente em tais telas, mas isso não basta. Os novos meios de informação e comunicação, como ímãs, atraem os indivíduos para determinados locais que se tornam centrais na ação, ao mesmo tempo em que os espaços somente podem se tornar centrais e se constituírem como espaços públicos quando a ação neles ocorre. O registro da *selfie*, dos vídeos e dos relatos das experiências vividas no espaço público durante a ação política, feito através das pequenas telas, são ferramentas de atuação política através das quais os espaços da cidade são ressignificados numa relação íntima, porém mediada, do usuário com eles. Tal experiência é vivida, então, coletivamente nas grandes telas que são palco da ação política.

Palavras-chave: novos meios de comunicação; esfera pública; espaço urbano; *selfie*; manifestações de junho de 2013.

ABSTRACT

From a historical account of the relationship between the city of São Paulo and the media, which retrieves facets of our political culture; through a conceptual overview that show forth the various individual and collective meanings of mediated communication; and through a vivid empirical research that highlights images, experiences and places of the demonstrations of June 2013, this dissertation provides a theoretical contribution that reveals the link between the individual small screens and the big screens that are the collective arena of contemporary political action. The establishment of a new public sphere is investigated from the deeds that take place through mobile information and communication technologies, namely small screens. Through these small screens, individuals set themselves into the public sphere — the big screen. Acting in the public space in this context involves being present in these screens, but this is not enough. New information and communication media, like magnets, attract individuals to certain places, which become central to action, insofar as spaces themselves can only become central and be constituted as public spaces when people effectively act within them. The *selfie*, the videos and the narratives of experiences occurred in public spaces during political action perpetrated through small screens are tools of political activity in which the city spaces are reinterpreted in an intimate, even though mediated, relationship with their individual users. These experiences, then, are lived collectively on the big screens, the arena of political action.

Keywords: new media; public sphere; public space; *selfie*; demonstrations of June 2013.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Charge do periódico Diabo-coxo

Figura 2 – Projeção da chamada para o 3º ato em edifício

Figura 3 – Meme feito com imagem da Globo News

Figura 4 – Meme da Revolta do Vinagre

Figura 5 – Meme: V de Vinagre

Figura 6 – Primeira enquete registrada na página do quinto ato contra o aumento da passagem

Figura 7 – Segunda enquete registrada na página do quinto ato contra o aumento da passagem

Figura 8 – Faixa “wi-fi livre” na janela de residência em Pinheiros

Figura 9 – R\$0,20: a ponta do iceberg

Figura 10 – Grafo dos debates no Twitter no dia 13 de junho

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: “#PROTESTOSSP”: OS NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM SÃO PAULO	9
1. A CONSTITUIÇÃO DA NOVA ESFERA PÚBLICA	9
2. ESTRUTURA DO TEXTO.....	10
3. APRESENTANDO OS MÉTODOS DE PESQUISA	16
 CAPÍTULO I: “FORAM OS DISPAROS EM SÃO PAULO QUE ACORDARAM O POVO EM TODO BRASIL”: A CIDADE DE SÃO PAULO E A AÇÃO	19
1. DE VILA A CIDADE, DO SINO A PRENSA	20
2. FIM DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX: O CRESCIMENTO DA CIDADE, AS GRANDES QUESTÕES URBANAS E A COMUNICAÇÃO.....	26
3. SÃO PAULO NO SÉCULO XX: MODERNISMO, VELOCIDADE E A PROPAGAÇÃO DA VOZ E DA IMAGEM.....	30
4. SÃO PAULO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX: FORMAS CRIATIVAS DE MANIFESTAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DA TELEVISÃO.....	35
5. COMUNICAÇÃO GLOBAL E AÇÕES COLETIVAS NO NOVO SÉCULO	41
 CAPÍTULO II: “SAÍMOS DO FACEBOOK”: A CIDADE E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	45
1. PEQUENAS E GRANDES TELAS E A NOVA ESFERA PÚBLICA: A <i>SELFIE</i> COMO INSTRUMENTO DE ATUAÇÃO POLÍTICA.....	45
2. A ESFERA PÚBLICA MODERNA E A TRANSFORMAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS	51
3. IMAGEM E VELOCIDADE: A MEDIAÇÃO DO OLHAR E O REGISTRO DA VIDA URBANA.....	54
4. O RÁDIO E A AMPLIAÇÃO DA ESFERA PÚBLICA: A PUBLICIDADE MÍDIÁTICA	57
5. A POLÍTICA BASEADA NA IMAGEM: A TELEVISÃO E A EXPERIÊNCIA POLÍTICA COMO ESPETÁCULO	59
6. A INTERNET: DAS REDES DE COMPUTADORES À TEIA DE RELAÇÕES HUMANAS	63

CAPÍTULO III: “#VEMPRARUA”: OS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 EM SÃO PAULO	69
1. “PIMENTA NOS OLHOS DOS OUTROS É REPRESSÃO”: UMA NARRATIVA DOS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 EM SÃO PAULO	69
1.1 06 de junho de 2013: Primeiro Grande Ato Contra o Aumento da Passagem..	71
1.2 07 de junho de 2013: Segundo Grande Ato Contra o Aumento da Passagem...	74
1.3 11 de junho de 2013: Terceiro Grande Ato Contra o Aumento da Passagem ..	77
1.4 13 de junho de 2013: Quarto Grande Ato Contra o Aumento da Passagem.....	80
1.5 17 de junho de 2013: Quinto Grande Ato Contra o Aumento da Passagem.....	89
1.6 18 de junho de 2013: Sexto Grande Ato Contra o Aumento da Passagem.....	100
1.7: 20 de junho de 2013: ato comemorativo pela revogação do aumento	102
2 “SAI DO FACEBOOK E VEM PRA RUA”: AÇÃO, ESPAÇO URBANO E NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	105
 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA ALÉM DOS 20 CENTAVOS.....	120
 REFERÊNCIAS	124
 APÊNDICE A - ENTREVISTAS.....	136

INTRODUÇÃO: “#PROTESTOSSP”: OS NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM SÃO PAULO

A CONSTITUIÇÃO DA NOVA ESFERA PÚBLICA

A esfera pública no tempo da mobilidade e ubiquidade da conexão à internet pode ser visualizada como uma grande tela formada por pequenas telas individuais dos novos meios de comunicação e informação. Estas pequenas telas são como os nós de uma rede e representam cada indivíduo que se coloca na esfera pública. Cada *smartphone*, na verdade, cada perfil na rede, representa um desses pedaços de tela, um desses nós. Em posse desse meio de comunicação, o celular, ou por meio de qualquer outro meio que lhe ofereça a possibilidade de estar na internet, o indivíduo autorepresentado nessa rede através de sua própria tela constrói seu eu para se inserir nela e ser parte dela.

A construção do eu nas pequenas telas se faz a partir de elementos comuns que se tornam importantes durante a ação política. Atuar, nesse novo contexto, envolve estar presente nestas telas, mas isso não basta. A *selfie* – autorretrato produzido com o uso da câmera acoplada ao celular – registrada em locais específicos da cidade tem um sentido diferente daquela que é produzida dentro dos cômodos da casa. Os novos meios de informação e comunicação, como ímãs, atraem os indivíduos para locais que se tornam centrais na ação, ao mesmo tempo em que os espaços somente ganham importância quando a ação neles ocorre.

No Brasil, em 2013, as manifestações e os protestos na rua adquiriram visibilidade através dos novos meios de comunicação e, com a visibilidade adquirida, ainda mais pessoas se deslocaram de suas casas para participarem dos atos nas ruas das cidades. Ocorreu, então, uma saída das pessoas do espaço privado da casa para o espaço público da rua. Mas não se trata de um abandono do privado, senão uma transformação da relação que o indivíduo estabelece com esses espaços que, na era da mobilidade e da conectividade permanente e constante, se imbricam. O uso das novas mídias na ação que se passa no espaço urbano oferece ao indivíduo a possibilidade de ressignificar os espaços da cidade através de uma relação íntima, porém mediada, do usuário com eles. Essa relação é exposta na rede, na grande tela, por meio da atuação do indivíduo nas pequenas telas. Isto é, os indivíduos registram sua atuação nos espaços públicos da cidade e nas mídias e a tornam pública na

grande tela. E ao se deslocarem até estes locais, imateriais, informativos ou mesmo físicos da cidade eles os constituem como espaço público de ação no sentido arendtiano (ARENDT, 2011).

Propomos, nesta dissertação, fazer uma análise acerca do significado dos meios de comunicação para a constituição dessa nova esfera pública através da investigação da ação que a constitui. Como se configura a esfera pública que se constitui a partir dos *smartphones*, da conexão permanente e sem fio, da câmera portátil acoplada ao aparelho que se mantém conectado à internet? Vamos mostrar que ela pode ser concebida como uma grande tela em que as *selfies*, as *hashtags*¹, os *memes*, os vídeos que são publicados nas redes sociais, isto é, nas pequenas telas particulares, são as ferramentas de autorepresentação e atuação, principalmente jovem, na esfera pública. Isto é, a autorepresentação através dos novos meios de comunicação é uma forma de atuação no espaço público. Nessa esfera pública, são criadas novas formas de associação fluidas e contingentes nos meios de comunicação e nos espaços urbanos.

Tomamos as manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo como objeto de pesquisa para conduzir a investigação proposta. Quando os protestos de junho de 2013 começaram com o objetivo de pressionar os governos municipal e estadual a revogarem o aumento de R\$0,20 nas tarifas dos ônibus e metrô, não era possível prever que esta ação geraria reações em mais de 300 cidades brasileiras e em outras cidades fora do país. As manifestações que ocorreram nas regiões centrais da cidade contra o aumento da passagem tiveram início em 06 de junho de 2013 e se estenderam até o dia 20 de junho, período que analisamos aqui. A expansão do movimento, que, a partir do dia 17 de junho foi imensa, fez com que os novos espaços públicos em que os agentes estavam se colocando e construindo ficassem evidentes. Nessa dissertação, iremos estudar esses espaços e caracterizá-los bem como investigar de que maneiras a ação é construída neles.

APRESENTANDO OS MÉTODOS DE PESQUISA

¹ *Hashtags* são comumente usadas nas redes sociais virtuais Twitter e Facebook para marcar alguma expressão que faça referência ao assunto tratado na publicação. São formadas com o sinal “#” seguido da expressão ou palavra que, juntos, transformam-se em links que, ao serem clicados, somos direcionados a uma página que contém uma relação de todas as publicações com aquela *hashtag*.

Meu interesse por formas de ação nos novos meios de comunicação tem relação com outra pesquisa realizada em 2010 (GOMES, 2010) cujo tema foi o envolvimento de brasileiros na luta de iranianos contra as fraudes na reeleição do então presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, em 2009. Este episódio teve grande visibilidade no Twitter, rede social virtual, e se tornou um assunto bastante mencionado por usuários brasileiros à época. Investigando sua reação à crise política iraniana, discutimos sobre as possibilidades do estabelecimento de uma esfera pública global a partir de diálogos que ocorrem nos novos meios.

Pouco tempo depois, como mencionado, a Primavera Árabe ganhou visibilidade na internet. Outros movimentos ainda se levantaram na Europa, nos Estados Unidos e em outros países do mundo com características semelhantes às da Primavera Árabe: o Movimento dos Indignados e os movimentos Occupy. Em 2013, a mobilização contra o aumento da passagem em São Paulo ganha destaque, é transformada em uma mobilização que abrange diversos outras demandas e se expande para todo Brasil.

A princípio, envolvi-me com os atos contra o aumento da passagem buscando a revogação do aumento da tarifa do transporte público sem a intenção de estudá-los. No entanto, desde 2010 eu já pesquisava formas de ação e meios de comunicação e um protesto organizado por jovens teria grandes chances de ser uma mobilização cuja presença das novas mídias seria marcante. Assim, inseri-me nesta mobilização de maneira “flutuante” (PÉTONNET, 2008). Segundo Colette Pétonnet (2008, p. 102), a observação flutuante consiste em que o pesquisador permanecer “vago e disponível em toda a circunstância” sem “mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la ‘flutuar’ de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes”.

Foi assim que, ao começar a comparecer aos protestos, deixei-me levar pelas circunstâncias e após minha primeira experiência nas manifestações na rua no dia 11 de junho de 2013, identifiquei ali um rico campo em que poderia explorar as relações entre formas de ação e novos meios de comunicação. Assim, adotei um outro olhar frente a estes protestos, assumindo também minha identidade de pesquisadora, e passei a reunir dados preliminares para a pesquisa. Diante disso, optei por uma participação observante nos protestos de junho, tanto nos atos organizados pelo MPL nas ruas de São Paulo como também das movimentações e debates ocorridos nas redes sociais.

Participei dos atos nos dias 11, 13, 17, 18 e 20 de junho. E em alguns destes atos conversei com algumas pessoas e obtive seu número de telefone, nome ou email para entrevistá-las em outro momento. Mesmo após a conquista da revogação do aumento da passagem, grupos e pessoas continuaram organizando manifestações com diversos outros temas. No dia 21 de junho participei de outros protestos que não estavam ligados à luta contra o aumento e que não serão narrados aqui, mas serviram para que eu pudesse contatar outros manifestantes que estiveram presentes nos atos organizados pelo MPL e alguns deles me disponibilizaram email, nome ou número de telefone.

Minha experiência na rua foi complementada com uma vivência também nas redes. No primeiro item dessa introdução ressaltamos que os novos meios são como ímãs que nos atraem para fora de casa, ao espaço público da cidade ao mesmo tempo em que ressignificamos esse espaço a partir das tecnologias de informação e comunicação. Isso porque, na cidade mídia, ambos os espaços, as ruas e as redes, estão relacionados. Ao mesmo tempo em que oferece a possibilidade de uma desterritorialização (MCQUIRE, 2008) e, assim, uma expansão dos locais de interação e dos espaços públicos, a internet pode também provocar uma territorialização (DORNELLES, 2004) na medida em que ela chama o indivíduo a estar presente na rua para uma interação presencial. Esta dinâmica nos coloca diante de um contexto em que as vivências na rede e na rua se misturam e, como fez Jonatas Dornelles (2004) em sua pesquisa antropológica na internet e nas ruas, nessa dissertação, nós estudamos ambos os contextos em conjunto.

Em minha participação na internet, envolvi-me com os protestos principalmente através do Facebook. Para convocar a população aos atos, o MPL criava eventos nesta rede social. Em duas das páginas de eventos criadas pelo Movimento Passe Livre publiquei um questionário que criamos, eu e minha orientadora, contendo três questões. O uso de questionários como técnica de pesquisa na internet é uma forma de levantar dados preliminares que serão aprofundados num segundo momento da pesquisa (KOZINETS, 2010). Publiquei o questionário também em grupos de discussão e em minha própria página do Facebook, pedindo sempre que as pessoas compartilhassem a publicação e divulgassem entre seus colegas. Com este questionário obtive 52 participações e 51 dos participantes me deixaram o email para que eu voltasse a contatá-los posteriormente.

Passado um ano dos protestos, tempo em que aprofundi minhas leituras a respeito dos temas da pesquisa, estruturamos um roteiro para a realização de entrevistas em profundidade

com eventuais interlocutores participantes das mobilizações de junho. Com base na experiência que tive durante a escrita do meu trabalho de conclusão de curso, em que tentei contatar pessoas para entrevistá-las, sabia das dificuldades de conseguir informantes interessados e dispostos.

Diante disso, concluimos que a melhor forma de receber respostas de pessoas dedicadas e compromissadas seria apelar para uma ligação pessoal entre mim e elas. Assim, com base na experiência de pesquisa com amigos e conhecidos, notadamente aquela retratada por Bodil Stilling Blichfeldt e Grethe Heldbjerg (2011), concluimos que este tipo de contato poderia ter grande vantagem em relação às entrevistas realizadas com desconhecidos, pois o contato mais próximo entre entrevistadora e entrevistados possibilita trocas mais profundas e faz com que seja mais fácil o processo de interação entre ambos, resultando na construção de significados em conjunto entre entrevistador e entrevistado. Dessa forma, meus interlocutores passam a ser mais do que um mero objeto de pesquisa, mas produzem comigo significados (BLICHFELDT, HELDBJERG, 2011).

Em outubro de 2014, voltei a fazer contato com as pessoas que responderam o questionário e também com aquelas com quem conversei nas ruas e comecei a realizar as entrevistas que se estenderam até o março de 2015. Porque tive pouco retorno, apesar de ter entrado em contato com quase 60 pessoas, adotei uma técnica de amostra chamada *snowball sampling* ou entrevistas em bola de neve (HECKATORN, 2011). A seleção dos informantes, a partir desta técnica, é feita, no princípio, pelo entrevistador e, posteriormente, pelos entrevistados que indicam potenciais informantes, conhecidos ou amigos, após terem respondido as questões colocadas pelo entrevistador. Ao pedir indicações, além de facilitar meu contato com novos interlocutores, esta era uma forma de construir uma rede de contatos.

Realizei 19 entrevistas cujas transcrições estão presentes no apêndice A da dissertação e trechos são citados no capítulo três em que analisamos as experiências destas pessoas nos protestos de junho de 2013. Das 19 entrevistas, três foram realizadas com pessoas que contatei na rua. Conversei com Lúcio² no protesto do dia 17 de junho. Ele estava sentado num banco na Avenida Brigadeiro Faria Lima descansando da caminhada da manifestação daquele dia. Conversamos um pouco sobre como o protesto tinha se desenrolado até então e ele me passou seu nome completo e disse que eu poderia contatá-lo pelo Facebook. Ana e Janaína foram contatadas em um protesto que não havia sido organizado pelo Movimento Passe Livre,

² Os nomes aqui citados são fictícios para proteger a identidade dos meus interlocutores.

mas muitos manifestantes daquele dia tinham feito parte dos protestos anteriores contra o aumento. Seis pessoas foram contatadas a partir do questionário que publiquei na internet e dez foram indicadas pelos interlocutores entrevistados a partir dos dois primeiros métodos. No capítulo III, indicamos as pessoas indicadas e quem as indicou.

A maioria dos meus interlocutores são estudantes. Muitos deles da Universidade de São Paulo, uma das universidades mais importantes do país. São parte, portanto, da elite intelectual do Brasil. Quase todos eles, com exceção de Roberta e Selma, têm entre 20 e 35 anos de idade. Essa não é uma amostra representativa dos manifestantes paulistanos como um todo. Os métodos como as pessoas foram contatadas deixa isso evidente. Essa pesquisa não tem valor estatístico, mas traz dados para a análise de algumas experiências de junho.

Consideramos que, como escreve Hannah Arendt (2011) a partir da experiência do estar junto produzimos histórias comuns compartilhadas no espaço público que é construído na ação. Os protestos em junho são aqui interpretados como uma ação que ocorre no espaço público por meio da qual os agentes constroem sua própria história. As narrativas dos meus interlocutores, obtidas através de entrevistas, e a minha própria narrativa serão incorporadas ao trabalho de forma que as histórias de junho sejam contadas por nós. Arendt (2011) afirma que a ação produz histórias que podem ser contadas e farão parte do que ela chama de “teia de relações humanas” (p. 229).

No capítulo III, apresentamos os dados que obtivemos com as entrevistas que foram realizadas entre outubro de 2014 e março de 2015. Damos destaque aos pontos que se relacionam com essa pesquisa e que foram identificados na organização dos dados indicando análises possíveis acerca da relação entre ação, novos meios de comunicação e espaço urbano. Além de expormos trechos das entrevistas, narramos os fatos de junho de 2013 a partir de obras já publicadas sobre o tema, de matérias de jornais e dos cadernos de campo da pesquisadora que estive nos protestos como participante observadora.

Descrevemos como ocorria o protesto, isto é, de que forma as pessoas se comunicavam e como se associavam nas manifestações na rua e como se portavam nas redes; que experiências de sociabilidade tiveram durante a mobilização; qual a sua relação com o espaço público da cidade, isto é, como definiam maneiras de ocupá-lo e exploravam as formas de protestar; de que maneira se estabelecia a relação entre o que ocorria nas redes e nas ruas e como ambos os locais se interligaram durante a ação; e como as redes foram constituídas como espaço público de ação.

A leitora ou o leitor notará uma diferença, talvez, bastante abrupta no que diz respeito às formas da escrita. No capítulo III, conforme expusemos, fazemos uso do método etnográfico, isto é, expomos relatos de campo e de experiência da própria autora. Magnani explica o método voltado para uma etnografia urbana, uma etnografia daquilo que está próximo. Segundo o autor, o método etnográfico:

[...] é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. [...] a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido” (MAGNANI, 2002, p. 17).

Mencionei que meu envolvimento com os protestos não se restringiram à necessidade de realizar a pesquisa. Fui como manifestante e a favor do passe livre. No capítulo III, fica claro meu envolvimento com o objeto de pesquisa. Esse olhar próximo me permitiu vivenciar determinadas situações juntamente com os sujeitos daquela ação e, a partir desse concreto vivido, compor a narrativa que escrevo no capítulo III. No entanto, é importante ressaltar que este não é um trabalho etnográfico, apesar de fazer uso do método em determinado momento do texto. Somada à etnografia urbana realizada na pesquisa, o trabalho também contém também técnicas do fazer etnográfico virtual (ver HINE, 2000) quando se trata da participação observante das páginas dos eventos do Facebook e páginas dos usuários contatados.

Pela mescla de diversas metodologias, o trabalho, em suas várias fases, apresenta alguma diferença na forma como foi escrito e mesmo no olhar da pesquisadora. Enquanto no capítulo III, por se tratar de uma narrativa etnográfica, fica evidente a presença da autora no texto, os capítulos I e II possuem uma abordagem mais teórica e mais distante. Nestes capítulos, nossas análises se baseiam num levantamento bibliográfico a respeito dos temas tratados, leitura e análise desse material de acordo com o plano de estudo elaborado para esta pesquisa. As fontes estão devidamente citadas no decorrer do texto e, ao final, podem ser encontradas as respectivas referências das obras citadas.

No tópico seguinte, explicitamos de que forma o texto está dividido e o que será abordado em cada capítulo.

ESTRUTURA DO TEXTO

Essa dissertação está dividida em quatro partes: introdução, capítulos I, II e III e considerações finais. Os títulos de cada seção foram baseados em cartazes levados por participantes dos protestos às ruas ou em *hashtags* usadas nas redes que se relacionam com as manifestações.

Para falarmos da nova esfera pública buscamos cercar nosso objeto de pesquisa de diversas maneiras. Começamos expondo o que nosso olhar para as particularidades que conseguimos captar a respeito da região em que ocorreram os protestos, a cidade de São Paulo. Assim, o capítulo I é um histórico da cidade de São Paulo que trata dos seguintes temas: as disputas de interesses envolvidos na ocupação do espaço, as disputas políticas locais, a relação das pessoas com o espaço da cidade e com as tecnologias que nela encontraram e encontram e seus usos e significados na ação, e sua relação com o Estado em suas lutas políticas.

Importante ressaltar que essa leitura histórica não pretende tratar e, de fato, não trata de todos os episódios de conflito ocorridos na cidade de São Paulo. No capítulo I damos atenção a algumas situações específicas escolhidas a partir da nossa leitura que nos levam a conhecer como a população paulistana se articulou, se organizou e se mobilizou na cidade destacando os papéis dos meios de comunicação e informação nesses processos. Discutimos também a relação dos habitantes locais com o espaço da cidade e com as tecnologias locais, sua forma de apropriação desses espaços e os espaços públicos constituídos durante a ação. Alguns conflitos certamente não serão tratados aqui, mas os episódios a respeito dos quais dedicamos algumas linhas iluminam nosso objeto de pesquisa.

Passaremos brevemente pelos primeiros séculos da história de São Paulo que ainda era chamada de Vila de Piratininga com o intuito de conhecer como ela foi fundada e como os moradores da vila viviam, por que motivos se revoltavam e como se comunicavam nessas revoltas. A pequena vila vai, aos poucos, sai de seu isolamento e se torna uma cidade importante no século XVIII.

A imprensa, vinda ao Brasil oficialmente no século XIX, ganhou destaque em nosso histórico pois causou forte impacto na vida dos paulistanos. Discussões políticas passaram a

ser publicadas nesse meio de comunicação que aglutinava as ideias e era porta-voz de diversos movimentos de resistência.

São Paulo, no decorrer de sua história, se desenvolve e se expande. Outras tecnologias vão sendo implementadas, surgem diversas novas opções de lazer, inclusive ligadas a essas tecnologias e questões urbanas relacionadas à moradia e ao transporte são motivo de diversas mobilizações na cidade. Falamos da importância do telégrafo, do rádio e da televisão na ação na cidade.

Em meados do século XX, veremos que São Paulo se insere em um contexto global de lutas e movimentos sociais. Com a experiência dos espaços da cidade expandida, o envolvimento de paulistanos em ações globais se consolidou. Nessa participação global, os novos meios de comunicação foram essenciais, como trataremos no primeiro capítulo.

A partir dessa discussão, no capítulo II, apresentamos um apanhado conceitual que nos ajuda a entender hoje. Em nossa escrita abordamos as modificações na experiência dos espaços da cidade decorrentes das relações de seus habitantes com as tecnologias de informação e comunicação implementadas no espaço urbano. Essas modificações têm efeito em como a esfera pública é constituída a partir da experiência de cada meio, como iremos demonstrar. Se hoje a esfera pública que se configura numa grande tela formada por diversas pequenas telas, argumentamos que ela foi assim constituída a partir da experiência de diversas outras tecnologias de informação e comunicação que se imbricam com o espaço da cidade. Discutiremos essas dinâmicas a partir da análise da imprensa, da fotografia, do cinema, do rádio, da televisão e da internet e da experiência dos habitantes da cidade com esses meios.

Com a chegada dos novos meios de comunicação surge a esfera pública de que falamos. Essa esfera pública expande aquela da televisão ao se constituir como uma grande tela de autorepresentação e atuação, principalmente jovem. No capítulo II, portanto, convidamos o leitor ou a leitora a nos acompanhar numa caracterização da esfera pública formada na cidade a partir do uso de cada uma dessas tecnologias.

Tendo em mente, então, de que maneira essa esfera pública se forma, partimos para o capítulo III em que analisamos as manifestações de junho de 2013. A partir de uma pesquisa empírica viva que destaca imagens, experiências e lugares, observamos de que maneiras lidamos hoje com as tecnologias digitais, com a mobilidade da comunicação e a com conexão permanente no espaço da cidade durante a ação política. Esta reflexão será feita com base nas experiências dos protestos de junho de 2013 tanto da autora quanto de seus interlocutores.

Essa foi uma ação política à qual os participantes incorporam o uso das novas tecnologias de informação e comunicação disponíveis na cidade de São Paulo.

As experiências dos participantes do protesto serão descritas e analisadas no capítulo III e se baseiam em dados reunidos durante a participação observante realizada pela pesquisadora nos protestos de junho de 2013. A participação da autora se deu tanto nas manifestações na rua quanto nos debates que ocorriam online, quando o texto tratar desta experiência, será escrito em primeira pessoa.

Partimos, então, para o texto da dissertação e convidamos o leitor a nos acompanhar nessa pesquisa que explora o que podemos encontrar para além dos 20 centavos.

CAPÍTULO I: “FORAM OS DISPAROS EM SÃO PAULO QUE ACORDARAM O POVO EM TODO BRASIL”: A CIDADE DE SÃO PAULO E A AÇÃO

A cidade de São Paulo é o cenário onde se passa a ação de junho de 2013, mas ela não é um mero cenário, um plano de fundo qualquer. São Paulo é transformada e transforma. São Paulo é uma cidade que sempre esteve na vanguarda de diversos eventos e tendências no Brasil, mostraremos algumas situações em que isso aconteceu. São Paulo é também uma cidade bastante agressiva e impessoal. Georg Simmel (1973) ao observar as metrópoles ressalta uma característica das populações desses locais, a atitude *blasé*. Numa cidade grande os estímulos externos são tantos e tão intensos que os moradores acabam desenvolvendo uma certa reserva em relação a seus pares. No dia a dia, São Paulo pode ser bastante hostil. Por esse mesmo motivo, o encontro casual e inesperado, em São Paulo, é celebrado e desejado.

Nesse capítulo I, buscaremos falar dos encontros políticos que ocorreram na cidade de São Paulo e dos papéis meios de comunicação nesses encontros, que podemos chamar de ações com base no conceito de Hannah Arendt (2011), a partir de uma leitura histórica da vida nessa cidade e das ações de seus habitantes. A história da construção da cidade de São Paulo que analisamos aqui abrange a disputa de interesses envolvidos na ocupação do espaço, as disputas políticas locais, a relação das pessoas com o espaço da cidade e com as tecnologias que nela encontram e seus usos e significados na ação, e sua relação com o Estado em suas lutas políticas.

Nosso intuito, com essa leitura histórica, é conhecer como a população paulistana se articulou, se organizou e se mobilizou na cidade destacando os papéis dos meios de comunicação e informação nesses processos. Discutimos também a relação dos habitantes locais com o espaço da cidade enfatizando quais os espaços públicos constituídos durante os episódios que serão narrados. Ressaltamos algumas particularidades locais que irão iluminar nosso objeto de pesquisa, os protestos de junho de 2013.

A vivência do protesto político hoje não é isolada do contexto histórico, político e tecnológico da região. Assim, com essa análise procuramos conhecer mais a fundo estes contextos destacando formas de articulação e organização que o uso dos meios de comunicação possibilitaram na experiência dos paulistanos. Essa contextualização nos auxiliará num conhecimento mais profundo da região oferecendo elementos para a análise da nova esfera pública a partir dos protestos de junho de 2013.

Conforme mencionamos na introdução, essa leitura histórica não pretende abarcar todos os episódios conflituosos ocorridos na região da cidade de São Paulo desde quando ela ainda era a Vila de Piratininga. Da bibliografia consultada, escolhemos alguns acontecimentos que podem iluminar nosso objeto de pesquisa que, de maneira ampla, é compreender as formas de atuação na nova esfera pública que se constitui através dos novos meios. Assim, interessa-nos, ao olharmos para São Paulo, percebermos algumas particularidades da região e a relação dos moradores locais com os meios de comunicação em sua atuação no espaço público. A bibliografia que está devidamente citada no decorrer desse capítulo poderá ser consultada pelo leitor ou leitora que se sentir interessado/a num conhecimento histórico mais amplo e detalhado.

O capítulo está dividido em cinco partes. Na parte 1, tratamos de São Paulo nos primeiros séculos de existência. Discorremos sobre as formas antigas de comunicação entre os habitantes da Vila de Piratininga, a organização da vila e as revoltas locais. Na segunda parte, veremos que a cidade de São Paulo cresce e alguns problemas estruturais na cidade, como as questões dos transportes e do abastecimento de água, entram num estado crítico. A imprensa passa a ser cada vez mais presente na vida dos paulistanos, como veremos. A parte 3 traz uma discussão acerca das mudanças estruturais na cidade, a chegada de novas tecnologias e novas formas de lazer. A velocidade da vida urbana cresce e os hábitos sociais dos moradores se modificam. Na parte 4, São Paulo se envolve em diversos tipos de mobilizações sociais, locais e globais. São marcantes as manifestações artísticas, clandestinas e os grandes protestos de rua que ocorrem na segunda metade do século XX. A televisão, veremos, causa forte impacto na vida dos paulistanos. Por fim, na parte 5, focamos nossas análises de ações coletivas globais em que o uso dos novos meios de comunicação é marcante e que tiveram influência na construção de mobilizações locais.

Partimos, então, para o primeiro período a ser analisado.

1. DE VILA A CIDADE, DO SINO A PRENSA

Neste primeiro subitem do capítulo I, traremos alguns dados e análises sobre São Paulo nos primeiros séculos de existência. Quais eram as formas de comunicação disponíveis na Vila de Piratininga? Por quais motivos os habitantes dessa vila que, a partir do século

XVIII, já havia se tornado uma cidade e a capital da província, revoltavam-se? Eles se organizavam? Se sim, como? De que forma se comunicavam para essa organização?

Quando outros meios de comunicação começaram a aparecer na cidade, mais especificamente, quando a prensa finalmente chega a São Paulo, que modificações ela causa na vida dos paulistanos e em sua organização política? Qual a relação dos paulistanos com a imprensa local? De que maneiras a imprensa cooperou para a interação na esfera pública paulistana?

São Paulo nasceu escondida (TOLEDO, 2012). Isolada da Coroa e das demais vilas, cidades e províncias. O espaço onde se assentou a Vila de Piratininga era “não só invisível aos olhos que chegavam do mar, como protegido por essa muralha compacta, impressionante, que é a serra do Mar” (TOLEDO, 2012, p. 12). O isolamento de São Paulo, que permanece durante séculos, é também notável na escassa comunicação que a vila mantinha com a metrópole portuguesa, com os líderes locais e com as demais capitanias. Além disso, “sua vocação de autonomismo bem cedo se afirmará contra os poderes situados fora dos limites municipais” (TOLEDO, 2012, p. 130), tendo sido, em muitos momentos, autogerida a partir das necessidades locais e das relações com a vila de Santos, da mesma capitania, para onde os moradores de Piratininga eram obrigados a levar mercadorias. Os moradores e até mesmo a Câmara, formada por representantes dos poderes portugueses no local, constantemente se rebelavam contra esta e outras obrigações. Affonso d’Escragnole Taunay (1920) descreve, com base nas Atas da Câmara, registros feitos pela Câmara sobre São Paulo desde o século XVI, como a vila rapidamente conquistou e manteve a fama de rebelde em toda a colônia e em suas relações com a Coroa portuguesa.

A imprensa demorou – e muito! – para chegar ao Brasil. E mais ainda para finalmente existir oficialmente em São Paulo, como veremos. Assim, estas rebeliões que tornaram a Vila de Piratininga famosa na colônia ocorriam de maneira espontânea ou eram convocadas pelo somido dos sinos da Sé. Era este o “meio de comunicação”, digamos, de longo alcance da cidade. Além de instrumento utilizado clandestinamente para convocação de manifestações populares, os sinos da Sé também eram tocados sempre que se queria passar alguma informação ou ordem vinda da metrópole (TAUNAY, 1920, p. 74).

A organização interna da vila era obrigação dos próprios moradores. Tendo em vista essas obrigações, Janice T. Silva (1984, p. 40) afirma que era “em torno do fisco que se articula o ‘urbano’”. E foi justamente contra o fisco que ocorreram os primeiros movimentos

de resistência popular de que se tem notícia em São Paulo (GOHN, 2003). As desobediências da vila em relação às ordenações da Coroa eram comuns, mas por conta do isolamento de Piratininga, raramente os moradores locais sofriam alguma represália (TAUNAY, 1920; 1926; 1929; 195-?).

No início do século XVIII, a vila de Piratininga, que começa a vislumbrar alguma prosperidade por conta da agricultura local, é promovida a cidade e a cabeça da capitania. A partir do século XIX, o Estado começa a agir para urbanizar São Paulo deixando de ser mero fiscalizador e cobrador do fisco assumindo funções de ordenador do espaço urbano (SILVA, 1984). A questão do abastecimento de água foi – e ainda é – um problema constante na cidade. Vale a pena narrar uma situação interessante ocorrida no século XIX em que a imprensa teve papel de destaque no desfecho de um dos episódios de crise do abastecimento de água na cidade. Antes, porém, convém contarmos um pouco a história da imprensa no Brasil e em São Paulo.

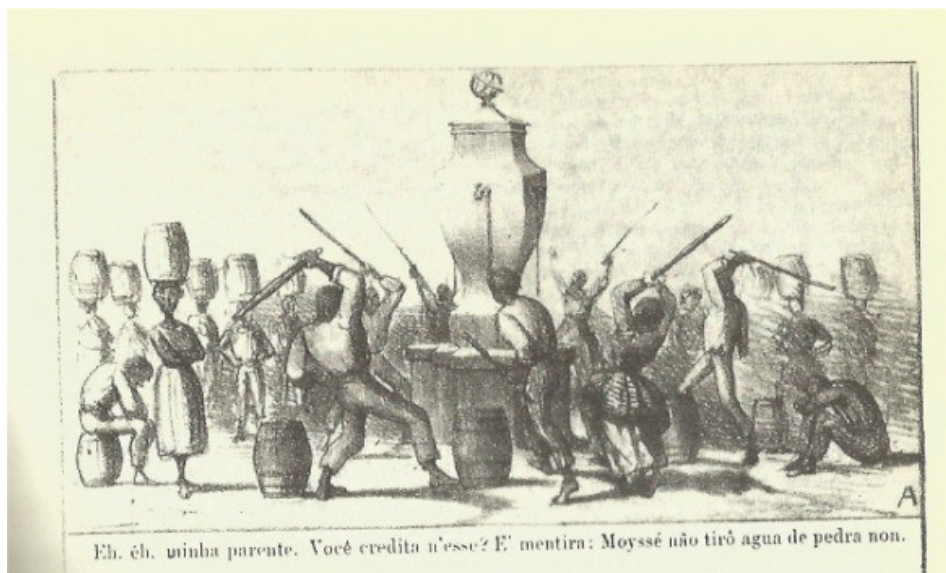
Foi apenas no início do século XIX, mais precisamente em 1808, que a prensa chegou oficialmente ao Brasil. Até então ela havia sido proibida pela Coroa. Antes, porém, da oficialização da prensa, mais de 300 obras de autores nascidos no Brasil foram inventariados. As atividades voltadas à impressão, todavia, eram constantemente impedidas por conta da censura (MARTINS; DE LUCA, 2008). A máquina foi trazida ao país pela família real que veio se instalar em terras brasileiras ao fugir de Portugal por conta das incursões napoleônicas. A Imprensa Régia se instalou no Brasil e foi responsável pela impressão de diversos títulos. Mesmo em relação à imprensa, o isolamento e distanciamento de São Paulo relativo às outras províncias do Brasil e também à Coroa foram reforçados mais uma vez: aí a instalação de tipografias levou ainda mais tempo do que em outras regiões como Rio de Janeiro e Pernambuco. O *Farol Paulistano*, primeiro jornal impresso em São Paulo, só foi impresso no ano de 1827 (NOBRE, 1950).

Era comum que, mesmo após a chegada da Imprensa Régia, alguns periódicos fossem impressos no estrangeiro por conta da censura que a colônia sofria. Estes jornais eram proibidos pela Coroa (NOBRE, 1950). Richard Morse (1970) destaca, porém, que a imprensa paulista teve grande influência no fortalecimento do pensamento liberal no Brasil que culminou com a abdicação de D. Pedro I em 1831. Segundo o autor, a repercussão do assassinato de Giovanni Battista Líbero Badaró no ano anterior, “figura simpática de imigrante italiano, instruído e ardorosamente liberal e que fundou em 1829 o segundo jornal

impresso da cidade, *O Observador Constitucional*” (MORSE, 1970, p. 91) fez aumentar o clamor liberal no império. Poucos anos depois deste episódio, o Brasil foi sacudido por uma grande movimentação liberal que atingiu diversas províncias. Na província de São Paulo, a revolução foi iniciada em Sorocaba. Antônio Feijó e Tobias de Aguiar lideraram um grupo de pessoas que marchou para São Paulo para tomar a cidade. A revolta foi rapidamente abafada pelas tropas da Corte imperial.

As condições de vida de grande parte da população urbana paulistana eram bastante precárias. A falta de água potável era problema constante na cidade agravado pelas secas recorrentes na região. Os chafarizes construídos na cidade não davam conta de suprir as necessidades da população. Um destes episódios de seca, uma das piores registradas na história de São Paulo, no ano de 1866, mostra a forte influência que já exercia a ainda jovem imprensa satírica paulistana. O periódico *Diabo-coxo*, diante da crise e como crítica à administração do Presidente da Província, aconselha os paulistanos a tentarem tirar água dos chafarizes como fez Moisés na Bíblia quando bateu o cajado na pedra. Enraivecidos, moradores da cidade saíram às ruas e quebraram os chafarizes como forma de protesto (NOBRE, 1950). A charge a seguir foi publicada pelo *Diabo-coxo* com a seguinte legenda: “Éh, éh. Minha parente. Você acredita n'esse? É mentira: Moyssé não tirô água de pedra non.”

Figura 1 – Charge do periódico Diabo-coxo



Fonte: JANOVICH, 2014.

Este episódio demonstra a importância deste novo meio de comunicação no cotidiano da cidade e seu alcance. Era o novo sino da Sé, aquele que nos primeiros séculos de existência da Vila de Piratininga convocava a população a se reunir e exigir medidas do poder local.

Mencionamos que o primeiro jornal impresso em São Paulo foi fundado no ano de 1827. Neste mesmo ano surgia um outro elemento central na vida paulistana e para a ação na cidade: a academia de Direito do Largo São Francisco. Fundada dentro do convento de São Francisco, os estudantes conviviam diariamente com os religiosos do local. Rapidamente, os estudantes começaram a perceber sua importância e influência na província, lançaram diversos periódicos e agiam de maneira irreverente em relação às autoridades (NOBRE, 1950). As críticas presente nos periódicos estudantis se direcionavam aos costumes da sociedade paulistana, aos conservadores e à igreja (MORSE, 1970). Eles foram responsáveis também por novas dinâmicas sociais no cenário paulistano. Organizavam bailes que eram muito elogiados pelos periódicos locais, freqüentavam teatros e encenavam peças. Transitavam entre as diferentes classes sociais freqüentando festas e bailes em locais bastante distintos.

Tinha se formado em São Paulo uma espécie de esfera pública habermasiana à paulistana. A imprensa local, em especial aquela administrada e produzida pelos estudantes, criticava a administração da província e criticava também a Igreja, principalmente porque esta tinha influência direta sobre eles, já que a escola de Direito funcionava dentro do convento de São Francisco. Se tentarmos fazer um paralelo com a esfera pública de Habermas (2003), talvez não houvesse instituições direcionadas especificamente à discussão política trazida pelos periódicos da época. No entanto, não faltou em São Paulo outras instituições importantes para reunião da sociedade:

Novas correntes de pensamento vindas de fontes exteriores (e os veículos de sua difusão) ofereciam material para uma gama de atitudes políticas e intelectuais mais individualizadas – da mesma maneira que os hotéis, os bailes, os teatros e os salões de bilhar ofereciam ao morador da cidade uma possibilidade maior de escolha entre as atividades cotidianas (MORSE, 1970, p. 145).

Importante ressaltar, porém, que o censo de 1836, embora registrasse 21.933 habitantes em São Paulo, apenas 1.009 dentre eles eram “pessoas que sabendo ler e escrever são aptas para serem empregadas” (MORSE, 1970, p. 106). Mesmo assim, “foi através da imprensa da cidade que o povo reconheceu certos direitos como seus. E através dela os seus

porta-vozes, ou aqueles que pretendiam sê-lo, formulavam reivindicações populares” (MORSE, 1970, p. 174). Veremos isto acontecendo no decorrer deste capítulo.

Cresce, a partir da década de 1860, uma imprensa que claramente assume posicionamentos políticos. Na década seguinte, mais de 20 jornais brasileiros assumiram a causa republicana. Em São Paulo, o partido republicano surge em 1873 e funda um jornal direcionado a divulgar seus ideais, *A Província de S. Paulo*, o futuro *O Estado de S. Paulo* (HIME, 1998). Foi no jornalismo que muitos dos grandes nomes da literatura paulistana como Oswald de Andrade e Mario de Andrade se lançaram na cena artística da cidade que teve grande importância para a emergência de embates políticos locais. A partir deste período o telégrafo instalado na região foi intensamente utilizado pela imprensa paulista e paulistana (NOBRE, 1950).

Apesar do desenvolvimento da imprensa, pouco se noticiava a respeito das insurreições realizadas pelos escravos. No século XIX, no entanto, ocorreram inúmeras revoltas contra a escravidão. Muitos escravos negros fugiam das cidades para montar quilombos móveis no interior do estado (GOHN, 2003). Os levantes escravistas no interior do estado eram mais comuns, recorrentes e bem organizados. Porém, de muitos deles não se tinha notícia pois “havia uma espécie de censura à imprensa” (REIS, 1996, p. 28) e, desta forma, as informações sobre os quilombos e sobre a resistência negra pouco se difundiam (REIS, 1996). No entanto, dava para se ter uma ideia da resistência negra através das notícias constantes acerca das fugas de escravos, pois os proprietários publicavam nos jornais locais as características dos fugitivos (DEL PRIORE, 2007).

A partir dos anos 1880, a campanha abolicionista se expande pelo Brasil apoiada pelos militares e pelos republicanos (GOHN, 2003) que encontram, na imprensa, uma forma de dar visibilidade a esses ideais políticos. Em 1889, é proclamada a República através de um movimento em que, segundo Gohn (2003), predominaram os oficiais médios, porém, não exclusivamente. Este foi um movimento plural, composto também pela elite intelectual do país e apoiado pelos trabalhadores urbanos.

São Paulo estava se urbanizando e muita coisa iria mudar. Nesse início de capítulo, já demonstramos como foi a recepção da imprensa pela população paulistana. As relações com esse meio de comunicação ainda se intensificariam e novos usos seriam descobertos. Com o crescimento da cidade, vimos que aquele sino da Sé que servia para reunir os habitantes num lugar comum, na praça da cidade, foi sendo substituído por um meio de comunicação que, por

um lado, reunia também as pessoas em torno de assuntos em comum, mas ao mesmo tempo, permitia que a reunião e a discussão se fizessem em outros locais e de uma maneira mais difundida e mesmo difusa.

Veremos, no tópico seguinte, a intensificação dessa relação mais difusa e difundida que acompanha o crescimento da cidade. Emergiram também, nesse período, novas questões urbanas que geram conflitos.

2. FIM DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX: O CRESCIMENTO DA CIDADE, AS GRANDES QUESTÕES URBANAS E A COMUNICAÇÃO

São Paulo estava crescendo e se modernizando. Muitos imigrantes chegavam à cidade e se instalavam nas periferias gerando demandas específicas. As periferias cresciam também com a chegada de migrantes de outras regiões do Brasil. A cidade começava a se expandir e necessitar de maior infraestrutura. A imprensa ganhava cada vez mais destaque e se inseria nas discussões sobre as dinâmicas da cidade. Tornou-se comum também a produção de uma imprensa especializada produzida por grupos específicos.

Nesse momento da história, entra em cena o telégrafo, meio de comunicação que tem efeitos diretos na imprensa e na organização da ação política. Veremos que greves conseguiram se expandir para o interior do estado de São Paulo e para outros estados por conta do uso desse meio de comunicação e também de infraestruturas de transporte construídas na região. Nesse recorte temporal presente na parte 2 desse capítulo, veremos que a vida urbana incorpora diversas novas tecnologias que modificam a forma como as pessoas se organizam politicamente e socialmente e como se relacionam com os espaços em que estão. Começamos, então, por uma questão bastante cara ao urbano, os transportes.

Convém pegarmos um breve atalho até o Rio de Janeiro e conhecermos uma das primeiras revoltas relacionadas aos transportes que tem uma relação intrínseca com a expansão dos espaços das principais cidades brasileiras neste período. Com o crescimento da população, o transporte, aos poucos, foi se tornando cada vez mais central nas lutas populares urbanas e assim ainda permanece. O movimento de junho de 2013 deixa isto evidente. Apesar de ter sido uma ação que abrangeu diversas outras questões urbanas e políticas, os protestos de junho de 2013 foram iniciados por um movimento social organizado ligado a lutas pelo transporte coletivo.

Mas voltemos a 1879. Em dezembro deste ano, o Ministro da Fazenda do Rio de Janeiro anunciou que um novo imposto incidiria sobre as passagens dos bondes a partir de 1º de janeiro de 1880. O “imposto do vintém” consistia na cobrança de vinte réis sobre o valor das passagens dos bondes no Rio de Janeiro. Isso mesmo, o Motim do Vintém – ou Revolta do Vintém – ocorreu só por 20 réis!

Para contornar a crise eminente, uma das empresas de transporte chegou a sugerir que o valor fosse cobrado das próprias companhias temendo os resultados da impopularidade da medida. As outras empresas, porém, não aceitaram arcar com o novo valor. Antes mesmo de o vintém ser implantado uma ampla discussão sobre o assunto já estava presente na imprensa que observava quão impopular seria a medida. Muito se escreveu nos jornais locais acerca de uma manifestação marcada para dia o dia 1º de janeiro, dia em que entraria em vigor o novo imposto. Os jornais pediam calma e reflexão (JESUS, 2006).

A primeira manifestação contra o vintém, porém, ocorreu no dia 28 de dezembro de 1879 em que mais de cinco mil pessoas se reuniram e tentaram se encontrar com o imperador Dom Pedro II, que não as recebeu. No dia 1º de janeiro, as empresas de bonde instruíram os condutores a não cobrarem o vintém dos passageiros que se recusassem a pagar. No decorrer do dia, porém, grupos revoltosos começaram a realizar depredações pela cidade segundo “uma lógica quase idêntica, que se repetia em vários logradouros. Em sinal de protesto contra a cobrança do vintém os manifestantes tomavam os bondes, espancavam os condutores, esfaqueavam os animais usados como força de tração, despedaçavam os carros, retiravam os trilhos e, com eles, arrancavam as calçadas” (JESUS, 2006, p. 79).

Outras reações se viram “nos gabinetes dos parlamentares e políticos, nas casas dos publicistas, nas sedes dos jornais e nas agremiações civis” para onde se enviava “uma profusão de redação de cartas abertas, boletins e solicitações tentando conter as manifestações violentas e, ao mesmo tempo, conseguir a suspensão da cobrança do vintém. No entanto, pelas ruas o protesto popular continuava, já sem o apoio de seus principais idealizadores” (JESUS, 2006, P. 79).

Ocorreram outros atos contra o imposto em que houve violência tanto por parte dos manifestantes quanto por parte da polícia. Os protestos foram diminuindo até cessarem completamente após o dia 4 de janeiro de 1880. O imposto, porém, não foi revogado (JESUS, 2006). Participaram desta revolta, diversas camadas da sociedade carioca: jornalistas, caixeiros das casas comerciais do centro da cidade, políticos, membros mais pobres da corte

(GOHN, 2003; JESUS, 2006). Este breve pesadelo que transformou o Rio de Janeiro num caos durante alguns dias já evidenciava quão sensível seria este elemento urbano essencial, o transporte. A imprensa, neste caso, merece destaque por ter sido porta-voz dos revoltosos e também local de debate sobre o ocorrido e sobre esta sensível questão urbana.

Em São Paulo, o crescimento da cidade também era um desafio para a administração urbana local. A expansão da economia cafeeira no interior do estado de São Paulo teve efeitos modernizadores na capital. A quantidade de imigrantes que chegava neste período era enorme. Morse (1970) escreve que “o influxo de italianos, que em 1897, na Capital, superavam numericamente os brasileiros na proporção de dois para um, foi um fenômeno decisivo do período”. Os jornais de imigrantes também foram significativos para a comunicação entre as diversas comunidades que se formaram em São Paulo (NOBRE, 1950). Essa população compunha uma grande massa de operários das fábricas que se organizaram em associações de auxílio mútuo e também compunham as primeiras organizações sindicais de São Paulo.

A imprensa, nesse período, já tinha assumido um importante papel de “aglutinadora de pólos de resistência e divulgadora de ideias” (GOHN, 2003, p. 24). Algumas dessas associações foram fundadas por trabalhadores de jornais. Imigrantes e trabalhadores locais que se organizavam nestas associações de auxílio mútuo muitas vezes mantinham uma imprensa especializada e dirigida por eles.

O movimento anarquista de São Paulo era forte no fim do século XIX e início do XX. A presença das mulheres no movimento paulistano era notável. Paula Soares, por exemplo, era uma militante anarquista que chegou a fazer de sua casa um ambiente para encontro dos anarquistas, redação de jornais e sala de alfabetização. Como instrumentos para auxiliar nas discussões e organização, os anarquistas utilizavam uma imprensa especializada fundada por eles em que a quantidade de textos escritos por mulheres era bastante significativa (MENDES, 2010). Outro importante instrumento pedagógico do movimento era o teatro popular (TOLEDO, 2015). O teatro e outras manifestações culturais do operariado eram também uma forma de convivência social entre as famílias e entre pessoas que viviam próximas.

E. P. Thompson (1987) escreve que a formação da classe operária inglesa, no final do século XVIII, deu-se a partir de uma identificação social e cultural entre estes trabalhadores. Aqui não foi diferente. Os ambientes de sociabilidade e as associações mutualistas foram

importantes para a emergência de um ambiente cooperativo também entre os operários da cidade de São Paulo que se inseriam na esfera pública formulando demandas específicas do grupo. Miriam Hansen, (1993) em sua leitura da obra de Negt e Kluge, escreve que a esfera pública emerge a partir de elementos como a experiência coletiva de determinados grupos, a socialização, o lazer.

Em 1906, os trabalhadores ferroviários ligados ao movimento anarco-sindicalista deflagraram a greve dos ferroviários, que teve como área de atuação principal a Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Esta greve é importante para nossa análise, pois sua grande extensão territorial – os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro – e a coordenação das atividades dos grevistas se deveram, dentre outras coisas, ao uso do telégrafo. “As ligas operárias, por meio de seus filiados, se utilizavam do telégrafo para avisar as outras localidades acerca da greve e posteriormente por meio de boletins e jornais” (DE PAULA, 2013, p. 90-91).

Os avanços tecnológicos na cidade de São Paulo ocorreram de maneira bastante rápida no fim do século XIX e começo do XX, mas não sem percalços. A Light, empresa responsável pela instalação de bondes movidos a eletricidade em São Paulo, começou a expandir seus negócios para outras diversas áreas. O fornecimento de energia elétrica seria o campo mais polêmico. A tentativa de desapropriação de terras feita pela empresa para a construção da represa de Guarapiranga e a intenção de adquirir o monopólio de distribuição de energia elétrica na cidade foram respondidas com resistência popular apoiada pela imprensa local. Em 1909, a decisão do prefeito de São Paulo contrária à manutenção do monopólio da Light levou diversos grupos de revoltosos às ruas do centro da cidade e à primeira greve enfrentada pela empresa. “Capitaneados por estudantes da Faculdade de Direito e da Politécnica”, os revoltosos gritavam “Abaixo a Light”, “Abaixo o monopólio” e davam vivas ao prefeito. “Concentrações hostis se formaram em frente à redação de *A Gazeta*”, jornal que apoiava a empresa. “Bondes da Light foram depredados. A polícia reagiu com cargas de cavalaria. No dia seguinte, repetiram-se os tumultos, e os jornais se mostraram simpáticos aos manifestantes” (TOLEDO, 2015, p. 51).

As crises que se seguiram à Primeira Guerra Mundial deixaram em evidência as dificuldades que a vida urbana poderia trazer para uma pessoa comum. Demissões em massa das indústrias, elevação do preço das mercadorias nacionais e importadas, desvalorização do café e a conseqüente crise por ser este o produto mais produzido na região foram alguns dos

efeitos sentidos em São Paulo. O resultado: revoltas populares contra o aumento dos preços e greves.

A greve mais marcante ocorreu em 1917 e atingiu mais 45 mil trabalhadores (SEVOCÊENKO, 1992) em mais de 30 empresas da cidade de São Paulo no mês de julho (DE PAULA, 2013) durando vários dias. Os socialistas e anarquistas faziam grande uso de uma imprensa por eles desenvolvida para dar visibilidade aos interesses dos trabalhadores. Em assembléia realizada em frente ao Teatro Colombo, no Largo da Concórdia, foi criado o Comitê de Defesa Proletária que consistia no estabelecimento de uma “comissão de imprensa para mediar a negociação entre operários e empresários” (TOLEDO, 2015, p. 172). Essa comissão reunia grandes jornais locais como *O Estado de S. Paulo*, *o Correio Paulistano*, *o Diário Popular*, dentre outros que, através de negociação, conseguiram aumento do salário e melhorias nas condições de trabalho dos operários. Em 1919, houve ainda outras greves e manifestações na cidade. Foram mais de 20 mil operários mobilizados e reprimidos pela polícia.

Em diversas ações que descrevemos até aqui, após a chegada da imprensa a São Paulo, os organizadores não somente utilizavam este meio de comunicação de maneira autônoma, isto é, produzindo seus próprios jornais, como também a imprensa da cidade tinha importante papel na condução das discussões sobre estes acontecimentos. Ainda que boa parte da população não pudesse ler, a imprensa já se estabelecia como um importante instrumento na manutenção de uma esfera pública paulistana, como escrevemos anteriormente. O telégrafo, por sua vez, auxiliou na expansão desta esfera pública ao possibilitar uma comunicação mais rápida e à distância. Veremos que a partir do século XX, com a chegada de novas tecnologias, muitas que prescindiam da habilidade de leitura, esta esfera pública se amplia de maneira significativa.

3. SÃO PAULO NO SÉCULO XX: MODERNISMO, VELOCIDADE E A PROPAGAÇÃO DA VOZ E DA IMAGEM

A importância das tecnologias se faz notar nas relações entre os paulistanos e em sua forma de se relacionar com o espaço da cidade. Mas as novas tecnologias que vão surgindo não suplantam a imprensa, na verdade, seus usos se somam a ela. Neste item, veremos claramente a relação de amor e ódio que se construiu em torno da imprensa.

No início de século XX, as transformações que ocorreram em São Paulo englobavam a proliferação dos espaços de sociabilidade e lazer e avanços tecnológicos nos transportes, na comunicação e informação. Veremos que as opções de lazer fora do espaço privado da casa se multiplicam. Dentre elas estão algumas que relacionam a mudança do espaço urbano com as tecnologias de comunicação, como o cinema e o rádio.

São Paulo se torna uma cidade moderna. Os anos 1920, como escreve Sevocêenko (1992), foram frementes para os paulistanos. Os hábitos sociais, gradualmente, foram se modificando e na segunda década do século XX, São Paulo já saíra completamente daquele provincianismo e isolamento que imperou na região até fins do século anterior.

Eram tantas as novas atrações que a cidade oferecia que, passado o susto do surto de gripe espanhola que fez as pessoas permanecerem em seus lares, a vida passou a acontecer fora de casa.

A Light, a mesma empresa que administrava os bondes e parte do fornecimento da energia elétrica da cidade, assumiu também o controle e a expansão das linhas telefônicas paulistanas no início do século XX (TOLEDO, 2015). O telefone foi utilizado na primeira transmissão ao vivo do futebol na década de 1920 (SEVOCÊENKO, 1992). Não fica muito claro, na literatura pesquisada, que usos foram feitos do telefone para a ação em São Paulo. Toledo (2015) cita apenas brevemente o fato de as notícias se espalharem através dele.

A Avenida Paulista foi asfaltada neste período. Se ainda hoje esta é uma das avenidas mais importantes da cidade, este marcante símbolo paulistano foi se constituindo como tal durante mais de um século. O asfaltamento da avenida foi feito para que o carro, importante item que denotava a modernidade da cidade, aí pudesse ser exposto e visto, dominando o local em competições automobilísticas. Esta foi apenas uma forma de apropriação da avenida. Assim, o significado simbólico que esta avenida começa a adquirir data do início do século XX e ainda assim permanece. A apropriação deste espaço paulistano central será motivo de fortalecimento para os protestos de junho de 2013.

Em 1922, em São Paulo, aconteceu um evento cultural de destaque, a Semana de Arte Moderna, organizada pelo movimento modernista paulistano. O grupo de artistas modernos reforçava o espírito rebelde de uma cidade em franca ebulição, inaugura formas de expressão artística. A importância da Semana para nosso estudo é a mudança que ela representa nas formas de vida urbanas e também sua permanência através do tempo. O modernismo

paulistano será retomado por movimentos culturais contestadores em vários outros momentos da história de São Paulo e do Brasil, servindo como inspiração para ações políticas.

Em 1922, ocorreu a primeira transmissão radiofônica no Brasil. Em 1923, o rádio, ou radiotelefone como se chamava à época, chega a São Paulo. À época, para ouvir o rádio, as pessoas se reuniam em torno de aparelhos que funcionavam em diversos centros de irradiação na cidade (TINHORÃO, 1980). Com o telégrafo, os jornais impressos já traziam notícias de terras distantes, o rádio começou a transmitir também este conteúdo sem que para ter acesso a ele fosse necessário saber ler. No Brasil, à época, 65% da população acima de 15 anos não sabia ler e escrever (INEP, 2003). Assim, um meio de comunicação de massa como o rádio que não exigisse a capacidade de leitura foi um ponto de inflexão na vida de brasileiros e paulistanos que agora tinham acesso a diversos conteúdos sem a necessidade de leitura.

O desenvolvimento dos transportes no estado de São Paulo também foi importante para a articulação de ações coletivas. Em 1924, os militares se organizaram para tomar as guarnições e o Palácio dos Campos Elíseos em São Paulo. A intenção dos revoltosos era espalhar o movimento para interior do estado. Assim, a cidade de São Paulo foi escolhida como ponto inicial da Revolução de 1924 por conta da extensa malha ferroviária que a ligava ao interior do estado o que permitiria que a revolta se espalhasse, como havia acontecido na greve de 1906. A Revolta de 1924 foi uma luta armada urbana que durou mais de 20 dias. Abafada pelo governo, ela se deslocou para o interior do estado e foi a partir dela que se formou, posteriormente, a coluna Prestes (GOHN, 2003).

A década de 1930 se iniciou com um golpe de estado que destituiu o presidente eleito, o paulista Júlio Prestes, e levou o gaúcho Getúlio Vargas ao poder. Em São Paulo, a forma como a população recebeu a notícia demonstra a presença marcante imprensa na vida na cidade e como as disputas por espaços de visibilidade nesta esfera se faziam. A visita de Getúlio durante a campanha presidencial deixou evidente o apoio que muitos paulistanos davam à sua candidatura pois juntou milhares de pessoas nas ruas. No entanto, dentre os 500 mil eleitores paulistas, 327 mil votos foram para o candidato paulista numa eleição repleta de irregularidades. Em São Paulo a notícia da posse de Getúlio foi recebida com “uma explosão de júbilo”. Manifestações a favor de Vargas e do golpe de estado ocorreram no centro. A elas “seguir-se um dos esportes prediletos, à época: o empastelamento dos jornais adversários. [...] Máquinas de escrever, mesas, cadeiras, estantes e armários foram destruídos e jogados à rua. Nas oficinas, impressoras e linotipos foram danificados” (TOLEDO, 2015, p. 321).

Dois anos depois, a mesma cidade que tão entusiasmada recebera a notícia da posse de Vargas, passaria por uma revolta contra este mesmo presidente. Neste episódio, entra em cena uma outra tecnologia cujo potencial ainda tinha sido pouco explorado: o rádio. Quando da visita de Osvaldo Aranha, ministro da Fazenda de Getúlio, panfletos entregues pelas ruas alertavam a população de que um “enviado especial do ditador” estava prestes a chegar na cidade “com o intuito de arrebatar do povo paulista o direito de escolher os seus governantes” (TOLEDO, 2015, p. 325) e convocava uma manifestação na Praça do Patriarca. Diante da hostilidade dos paulistanos, Osvaldo Aranha foi embora após nomear quatro integrantes da Frente Única Paulista, formada por membros do Partido Republicano e do Partido Democrático, para o secretariado da Força Pública. A notícia foi anunciada perante uma multidão reunida no jardim do Palácio dos Campos Elíseos. O saldo deste dia de manifestações foi a morte de quatro estudantes considerados mártires da revolução constitucionalista e a invasão da sede da Sociedade Rádio Record por um grupo de estudantes que “se apossara dos microfones e concitara a população a aderir ao movimento” (TOLEDO, 2015, p. 331). A partir de maio de 1932, a Record passou então a transmitir comunicados da Frente Única Paulista e entrevistas com seus membros. Neste episódio vemos o uso de dois meios de comunicação na ação política: a imprensa e o rádio. A imprensa fazia parte dos debates políticos há tempos, como descrevemos anteriormente. Porém, o rádio foi, pela primeira vez, utilizado para fim semelhante em São Paulo e já demonstrou, nesta ocasião, seu grande potencial, que ainda seria muito explorado.

A partir de 1943, as lutas paulistanas contra o Estado Novo vão se tornando cada vez mais intensas. Os alunos de Direito em São Paulo desempenhavam um papel de vanguarda no movimento contra a ditadura sem estarem desconectados do restante da sociedade, que os apoiava (TOLEDO, 2015). Os estudantes, porém, tiveram que aprender a duras penas que a luta contra o regime teria consequências graves e acabaram desenvolvendo modos silenciosos de embate. Mas não sem que antes ocorressem mortes em conflitos diretos com a polícia.

Uma das formas encontradas para este embate silencioso foi utilizar uma tecnologia de impressão que permitia uma auto-comunicação de massa, para usar o termo do Castells (2009) que ele aplica às possibilidades que a internet oferece para a comunicação. Vamos tomar o conceito emprestado neste momento para demonstrarmos de que maneira algumas tecnologias de impressão eram utilizadas como uma forma de imprensa sucinta e que, através dos vários nós que os entregavam ou fortes nós que os distribuíam de uma vez só, alcançavam

diversas pessoas. É claro que este material impresso tinha uma certa limitação espacial e só alcançaria aquelas pessoas fisicamente próximas de quem carregava os panfletos, mas a analogia é válida. O boca a boca seria, se pensarmos na internet hoje, uma forma de *retweetar*³ este conteúdo ou compartilhá-lo. Durante uma visita de Vargas a São Paulo em 7 de dezembro de 1943, ano em que faltava toda sorte de mercadorias e os preços dos gêneros de primeira necessidade eram exorbitantes, “o grupo da Frente Acadêmica pela Democracia atacava de novo. Esgueirando-se sorrateiramente até os andares mais altos de prédios das praças [...] e das ruas [...] despejaram lá de cima o seu protesto mimeografado” (TOLEDO, 2015, p. 448).

O fim da Segunda Guerra Mundial noticiado pelas rádios em 7 de maio de 1945 foi intensamente comemorado nas terras paulistanas. Conforme publicou a *Gazeta* (apud. TOLEDO, 2015, p. 452): “Tilavam os telefones por todos os lados, estouravam bombas, muitos desconhecidos abraçavam-se pelas ruas. Encheram-se os bondes e ônibus, de gente de todos os bairros que vinha para o Centro, onde grupos batiam palmas e davam vivas e hurras”. Agora o rádio, os telefones, os bondes é que auxiliavam na reunião da população no centro da cidade.

Pouco antes do fim da guerra, o Estado Novo também dava mostras da sua falência. O desabastecimento e a escassez de produtos de todo tipo e também a carência de habitação popular e de classe média levam a inúmeras revoltas populares. Algumas programadas, como as Passeatas das Panelas Vazias ou os Movimentos contra Carestia (GOHN, 2003), ou outras espontâneas como invasão e saque de armazéns e lojas (BONDUKI, 1994).

Num quadro de liberalização política [...] estas manifestações espontâneas das massas populares nas quais se insere também boa parte da onda grevista de 1946, organizadas fora dos sindicatos, mostram um significativo impulso de participação política dos trabalhadores urbanos que, impossibilitados de atuarem conseqüentemente via partido ou sindicato, lançam-se a ações autônomas, organizadas ou não. (BONDUKI, 1994, p. 115)

A crise do pós-guerra atingiu também uma área sensível à vida urbana: os transportes. São Paulo crescia desenfreadamente de modo desorganizado e a população nas favelas e periferias da cidade aumentava incessantemente. Para que fosse possível o deslocamento dos moradores das regiões distantes do centro, a prefeitura, aos poucos, substituiu o sistema de transporte coletivo baseado no bonde pelo ônibus. A cidade também sofria com “o enorme

³ O *retweet* é uma ferramenta da rede social Twitter que permite que um usuário publique em sua página o que foi publicado por algum outro usuário como uma citação a que todos os seus seguidores têm acesso.

acréscimo do número de veículos [...] e a conseqüente estruturação das cidades em função deste meio de transporte” (KOWARICK; BONDUKI, 1994, p. 149).

Em relação ao transporte coletivo, a Light, apesar de ainda estar responsável por ele, há muito cessara os investimentos na área por conta do congelamento da tarifa decretado pelo poder público. Em 1947, o governo do estado e a prefeitura criaram a Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC) para assumir o serviço. A CMTC adquiriu novos bondes e novos ônibus e estava pronta para operar. Mas era chegada a hora de ajustar a tarifa que sempre estivera fixa e o aumento foi de 150%. Na manhã do dia 1º de agosto de 1947, dia em que a nova tarifa passaria a vigorar, os bondes e ônibus foram cercados em diversas partes da cidade e iniciou-se um quebra-quebra que danificou quase que toda a frota da CMTC. A revolta durou apenas um dia, pois na manhã seguinte, os transportes que ainda tinham condições de operar, o faziam com a presença de um policial em seu interior (TOLEDO, 2015). E este foi um dos primeiros de inúmeros outros episódios de ações ligadas ao transporte na cidade de São Paulo.

Vimos que o espaço urbano paulistano e a vida urbana, no início do século XX, sofreram diversas transformações importantes. A vida na rua se expande e outros grupos começam a se inserir nas atividades urbanas, dentre eles as mulheres e os moradores da periferia. O modernismo da cidade diz respeito não somente ao movimento, mas também a toda uma nova estruturação da vida urbana.

Com a censura à imprensa durante o Estado Novo, novas formas de organização social surgiram. E com o fim do regime, esse aprendizado se manifesta nas diversas revoltas espontâneas a que a cidade assistiu nesse período. O rádio passa a fazer parte do cotidiano dos paulistanos expandindo também o debate na esfera pública e sendo instrumento utilizado para a atuação no espaço público e instrumento de publicidade de temas a serem discutidos na esfera pública. No tópico seguinte, veremos que um outro meio de comunicação chega à cena paulistana com um grande impacto na ação.

4. SÃO PAULO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX: FORMAS CRIATIVAS DE MANIFESTAÇÃO E IMPORTÂNCIA DA TELEVISÃO

A partir da segunda metade do século XX, São Paulo esteve envolvida em diversos tipos de manifestações sociais e revoltas locais e globais. Manifestações artísticas,

clandestinas, grandes protestos de rua marcaram esse período. A televisão, veremos, causava forte impacto na vida dos paulistanos.

Em 1950, a TV chegou ao Brasil, mais especificamente em São Paulo. Com a televisão, o lazer também se modifica. Surgiu um lazer em comum que ocorria a partir desse meio de comunicação. As pessoas participavam, algumas presencialmente outras através do meio de comunicação, de festivais e programas televisivos. Isto é, começava a ocorrer uma interação através do meio de comunicação. A televisão é um meio que aglutina as pessoas, as mantém juntas mesmo que não estejam no mesmo ambiente, no mesmo cômodo. Falamos do que assistimos na TV, vivemos a emoção do que se passa na tela e conversamos a respeito dessa vivência. A televisão, veremos, foi importante para a ação pois através dela, as discussões políticas também aparecem. Por meio da publicidade, a esfera pública também emerge (HANSEN, 1993).

A primeira transmissão televisiva do país foi feita em São Paulo pela TV Tupi inaugurada por Assis Chateaubriand (TOLEDO, 2015). A televisão no Brasil se desenvolveu sobre a infraestrutura do rádio (TINHORÃO, 1981). Foi uma tecnologia bastante utilizada para a divulgação de mobilizações importantes, como veremos. A impressão de panfletos e fabricação de zines, porém, permanece com instrumento utilizado para propagação das ideias políticas e organização de ações.

No final da década de 1960, a TV terá um importante papel na difusão do movimento tropicalista em sua vertente musical. O tropicalismo foi um movimento cultural brasileiro que atingiu a música, as artes plásticas, a literatura, o cinema. E resgatava, em sua forma contestadora, outro movimento urbano artístico, o movimento modernista da década de 1920 (DUNN, 2009). O festival de Música Popular Brasileira de 1967 transmitido pela Rede Record trouxe Caetano e Gil causando horror à plateia com uma mistura de música brasileira e elementos de outros ritmos musicais, como o rock. Estes artistas e outros participavam de festivais promovidos pelas redes de televisão apresentando aquele som ainda incompreendido que trazia em seu conteúdo críticas ao regime militar (OLIVEIRA, 2007).

A televisão foi palco para disputas entre artistas com diferentes produções e influências que buscavam seu espaço nos festivais transmitidos por este meio de comunicação (CALADO, 1997). O tropicalismo se insere também num contexto de múltiplas ações ocorridas a partir dos anos 1960 em vários países do mundo que foram marcadas, em sua expressão cultural ou política, por serem transgressoras.

É importante pensarmos a respeito destes movimentos que começaram a ganhar força neste período com novas formas de resistência quando buscamos compreender uma ação tão fluida como a de junho de 2013 em que a ausência de lideranças claras, as formas criativas com que os participantes procuraram dar visibilidade às suas causas e mesmo a amplitude das pautas colocadas em junho nos fazem voltar a ele. As ações coletivas dos anos 1960 trazem à discussão novas formas de ação das sociedades baseadas numa experiência de identificação entre as pessoas e em alianças permanentes ou não, tendo uma relação direta com seu modo de vida. A luta por reconhecimento (FRASER, 1990) não ocorre apenas por meio da organização em movimentos sociais, mas também a partir da resistência cotidiana através da arte, por exemplo.

Em São Paulo, o palco das lutas dos anos 1960 é dividido entre os movimentos artísticos, os movimentos de bairros, o movimento estudantil e outros movimentos clandestinos. O regime militar tenta minar a organização social de esquerda, mas novos espaços de articulação vão sendo constituídos por grupos que se organizam em diversas esferas de lutas sociais.

A forte repressão militar impede qualquer ação política de maior envergadura dentro das fábricas e locais de trabalho. Neste contexto, “a periferia como *locus* de moradia por excelência dos trabalhadores, tornou-se o espaço de articulação de núcleos de organização popular” (KOWARICK; BONDUKI, 1994, p. 168). Por conta da perseguição do regime militar, torna-se necessário que as pessoas se organizem clandestinamente. Neste período, elas buscavam construir espaços onde “criavam referências, marcos, a partir dos quais os fatos passados e presentes podiam ser pensados e elaborados como uma história comum” (TELLES, 1994, p. 227).

As ações coletivas com bases identitárias se expandiram nas décadas de 70 e 80. Seu alcance global em muito deve às mídias eletrônicas (HANSEN, 1993). Neste período, os movimentos negros, feministas da segunda onda e gays se fortalecem. Ocorrendo quase que exclusivamente em ambientes urbanos, estes movimentos surgiram a partir de uma sociabilidade anterior à ação politicamente direcionada. No Brasil, era comum que grupos de amigas ou de homossexuais se encontrassem em casa para fazerem reuniões e discutirem sobre si mesmos. Há também registros que mostram locais de sociabilidade gays que se tornaram símbolo da luta política homossexual⁴ (SIMÕES; FACCHINI, 2009).

⁴ Ver, por exemplo, o caso de Stonewall Inn em ARMSTRONG e CRAGE, 2006.

As ações coletivas dos anos 70 surgiram com base em experiências de identificação mútua ocorridas entre pessoas (MELUCCI, 1989; SCHERER-WARREN, 2009a, 2009b) que buscavam lutar por reconhecimento (FRASER, 2001). Assim, conforme escreve Alberto Melucci (1989, p. 14), a forma de organização “não é exatamente instrumental para seus objetivos. É um objetivo em si mesma.” O que significa, para o autor, que a confrontação com o sistema político e com o Estado é apenas um dos fatores destas ações coletivas.

As formas mais fluidas de organização voltam a aparecer – importante não esquecer a busca pela horizontalidade dos movimentos anarquistas do início do século XX – mas não podemos dizer que estão presentes em todos os movimentos sociais organizados. Elas aparecem como possibilidade de associação e organização quando as pessoas passam a resistir em sua vida cotidiana. Nos movimentos sociais organizados, mesmo o movimento negro, feminista ou gay, as formas hierárquicas de organização muitas vezes permanece. Mas nos é interessante pensar, quando direcionamos nossa análise para junho de 2013, nessa apropriação da luta como algo individual do sujeito que, organizado ou não, sente-se parte de um projeto social e dele se apropria a partir das suas próprias ferramentas sem, necessariamente, estar ligado a algum partido político ou movimento social organizado. Esta forma de associação se baseia numa identificação com algum aspecto da luta e numa inserção individual do sujeito na ação coletiva. Como coloca Melucci (1996), o indivíduo se percebe como capaz de produzir conteúdo, comunicação, sociabilidade. Numa rede de grupos dispersos, fragmentados e imersos na vida diária, quem se envolve nestas ações testa formas de se relacionar e expressar seus pontos de vista. Assim, quem age, segundo Melucci (1997), procura definir-se a si próprio a partir de seus próprios padrões.

A Igreja Católica adentrou a periferia de São Paulo e fez parte das lutas aí organizadas com as pastorais e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Um dos movimentos mais importantes, segundo Gohn (2003), que surgiu em São Paulo unindo a organização das periferias com o trabalho das pastorais foi o Movimento do Custo de Vida. Ele se espalhou por todo o país e seus organizadores encaminharam um abaixo-assinado com mais de um milhão de assinaturas contra a carestia. Em 1978, o Clube de Mães, um grupo de mães organizado na periferia paulistana, que ganhou visibilidade após a imprensa publicar uma carta em que as mães denunciavam a alta nos preços dos alimentos, organizou, com o apoio da Igreja Católica, um ato na Praça da Sé que foi duramente reprimido pela polícia. Os participantes se refugiaram dentro da catedral da Sé (MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE

SÃO PAULO, 201-). Estas lutas mostram as possibilidades de ação num contexto ditatorial que foram importantes no processo de dismantelamento do regime militar no Brasil.

A partir de 1975, iniciou-se um período de lutas pela redemocratização. O cerceamento da liberdade e a suspensão de direitos aprofundados com a promulgação do AI-5 em 1969 não conseguiram extinguir por completo as ações coletivas no país e em São Paulo. A crise econômica que começou a se acirrar a partir de 1973 e a crise de legitimidade do governo militar se expressaram fortemente. Diversos movimentos que se espalharam por todo o território nacional tiveram início na cidade de São Paulo.

Geisel assumiu o poder em 1974 com a proposta de abertura política. As classes médias se sentiam mais seguras para falar e lutar pelo fim do regime militar. O Brasil estava economicamente em colapso e a insatisfação geral crescia culminando em diversas disputas e revoltas. A partir da década de 1980, algumas autoras caracterizam as lutas brasileiras como movimentos em busca da construção da cidadania (DAGNINO, 1994; GOHN, 2003; MISCHÉ, 1997). Gohn (2003) destaca que este é um período de intensa movimentação social também por conta da facilidade de “divulgação e reprodução das ações coletivas pelos meios de comunicação de massa” (p. 125).

Em 1984, ocorreu no Brasil o movimento mais importante relacionado à luta pela redemocratização do país, as Diretas Já. Após tantos anos impedidos de se manifestar publicamente, os brasileiros organizaram comícios nas capitais dos estados que reuniam multidões apoiados abertamente pelos governadores e pela mídia. Os comícios eram divulgados através da televisão e de cartazes e com a entrega de uma enorme quantidade de panfletos por diferentes grupos que se envolviam com a mobilização.

A mobilização das Diretas Já foi organizada em prol das eleições diretas e como apoio a uma emenda constitucional proposta pelo deputado Dante de Oliveira que tinha o intuito estabelecer eleições diretas para presidente e vice. O comício realizado na Praça da Sé, em São Paulo, levou entre 200 e 300 mil pessoas para a rua. O evento era bastante amplo. O governo do Estado se envolveu diretamente na organização, pessoas de diferentes partidos e organizações e também independentes de diversas classes sociais. “A divulgação, a despeito de dificuldades com a resistência de algumas TVs, pôde ser feita pela veiculação de filmetes de 15 segundos em diversas emissoras alusivos ao ato” (RODRIGUES, 1993, p. 132).

Apesar da intensa mobilização que se expandiu pelo Brasil adentro, a emenda Dante de Oliveira, aquela que citamos acima, foi derrotada no Congresso. Mas, já não tinha mais

volta, as lutas pela transição democrática em diversos níveis, finalmente liquidaram o regime militar.

O ano de 1992 foi marcado pelo movimento dos caras pintadas que exigiam p impeachment do primeiro presidente eleito após o fim do regime militar, Fernando Collor de Mello. A imprensa e a televisão tiveram papéis importantes neste movimento. As revistas semanais *Veja* e *Isto é* denunciavam a corrupção no governo Collor com reportagens foram recebidas com indignação pela população brasileira. A partir dessas denúncias, a movimentação contra o presidente foi tomando grandes proporções (DIAS, 2000).

Os estudantes da UNE começaram a organizar um movimento contra o presidente que se transformou numa enorme mobilização que ganhou as ruas. Ann Mische (1997, p. 147) escreve que os meios de comunicação operaram “no sentido de possibilitar que milhares de jovens, em redes dispersas e desorganizadas, soubessem com antecedência do percurso das manifestações, e assim pudessem se juntar a partir de mil focos informais nas escolas, nos bairros, nos locais de trabalho e de sociabilidade”. Como menciona Dias (2008), a dificuldade de reunir participantes no início da organização dos atos desapareceu quando os meios de comunicação começaram a apoiar as manifestações. A televisão e a imprensa divulgavam o movimento, mas o “boca a boca” também foi importante para a confirmação das informações sobre os atos nas ruas, como mostra o documentário “Era uma vez um presidente: Collor, impeachment e os caras pintadas” (CAMARGO; GAZELLI; PEREIRA, 2011).

O movimento dos caras pintadas era bastante performático e resgata como referência o tropicalismo. Em um palco, algumas lideranças lançavam palavras de ordem que eram repetidas pela multidão vestida de preto, a música mais tocada e cantada durante os protestos foi “Alegria, alegria” de Caetano Veloso, música tropicalista vaiada no festival de 1967. Em 1992, mais uma vez, os meios de comunicação serão imprescindíveis para a realização de um ato simultâneo em regiões distantes. No dia 25 de agosto de 1992, manifestações a favor do impeachment do presidente Collor ocorreram em 31 cidades do Brasil e mobilizaram mais de 500 mil pessoas (DIAS, 2008).

Ann Mische (1997) menciona que não foi por acaso que as manifestações contra o presidente ocorreram logo após o final na minissérie da Rede Globo “Anos Rebeldes” que trazia uma visão romântica do movimento estudantil que foi esmagado em 1968. Orlando Silva de Jesus Jr. em entrevista concedida a Dias (2000, p. 6), da UNE, lembra: “na primeira passeata, em 11/08/92, o cartaz era: Anos Rebeldes, próximo capítulo: Fora Collor”. Não

afirmamos aqui que a imprensa ou a televisão foram responsáveis pela criação do movimento, mas é interessante notar essa apropriação do programa televisivo pelos caras pintadas.

O período que retratamos neste tópico foi bastante rico no que diz respeito à ação em São Paulo e no mundo. Foram diversos movimentos e mobilizações de que diferentes camadas da população participaram. Houve também uma forte presença dos meios de comunicação nessa experiência. A televisão, meio a que demos destaque nesse tópico, teve um papel importante na vivência política dos paulistanos. A questão da importância da televisão para a ação será abordada com mais profundidade no capítulo II, mas com essa breve explanação, já foi possível perceber sua centralidade na experiência política paulistana.

Mencionamos que São Paulo também se envolve em lutas que extrapolam o território nacional. Esta expansão tem a ver com o processo de globalização que abarca o avanço tecnológico nas comunicações. A televisão, que na década de 1980 já estava bastante disseminada entre os brasileiros, é um meio de comunicação que nos leva a habitar espaços sem que necessariamente precisemos estar neles e nos aproxima de acontecimentos espacialmente distantes de nós. Por ser um meio de comunicação de massa, a experiência da televisão pode ser coletiva. A partir da década de 1990, mais uma novidade: os meios de comunicação eletrônicos começaram a fazer parte da experiência das pessoas. Arjun Appadurai (1996) menciona que os meios de comunicação eletrônicos permitem a criação de esferas públicas transnacionais, juntamente com a migração.

O alcance da internet e do telefone móvel no país permaneceu restrito durante quase uma década, mas seus efeitos sobre os movimentos sociais seriam sentidos de maneira muito intensa na primeira década dos anos 2000. No tópico seguinte, iremos tratar de algumas dessas mobilizações e ações coletivas ocorridas no século XXI.

5. SÃO PAULO NO MUNDO: COMUNICAÇÃO GLOBAL E AÇÕES COLETIVAS NO NOVO SÉCULO

Em nosso percurso pela história da ação e sua relação com o espaço público e a mídia, começamos em São Paulo, expandimos para outras cidades do estado, depois para cidades de outros estados, para o Brasil e também para o mundo. Este movimento de expansão que fizemos acompanhou, na verdade, uma movimentação de ampliação das redes de conexão entre local e global. Vimos que São Paulo foi saindo de seu isolamento em relação não só ao

restante do Brasil, mas também ao que ocorria em outras partes do mundo. Não é apenas uma coincidência que as melhorias nas tecnologias de comunicação tenham ocorrido concomitantemente a esse processo. Buscamos deixar isto evidente em nosso trajeto. Nesse tópico, nossas análises serão voltadas para movimentos globais que tiveram repercussão em São Paulo e no Brasil destacando o papel da internet nessas mobilizações.

O Brasil, que há alguns anos já era um país antenado com as ações coletivas globais, assim se manteve no início do século XXI. Podemos citar manifestações que aconteceram no Brasil e se relacionavam a questões de política internacional como aquelas contra a invasão do Iraque pelos Estados Unidos em 2003, contra as fraudes nas eleições iranianas em 2009. Em relação a estas últimas, existe um fator que foi importante na experiência de alguns brasileiros que se envolveram com os acontecimentos no Irã: a internet, meio de comunicação que aproximou as pessoas da causa iraniana (GOMES, 2010).

O uso da internet para obtenção de informação ou compartilhamento de conteúdos relacionados a ações políticas em outras partes do mundo que observamos, pro exemplo, neste episódio da luta iraniana para boa parte dos brasileiros, par nós, hoje, que estamos na metade do século XXI, tornou-se algo bastante corriqueiro.

Na segunda década do século XXI, três grandes movimentos mobilizaram pessoas em diversos países e tiveram forte influência sobre os acontecimentos de 2013 no Brasil: a Primavera Árabe, o Movimento dos Indignados e o Occupy Wall Street. Não vamos nos delongar descrevendo como cada ação ocorreu, mas ressaltaremos alguns pontos importantes destas ações para nossa análise.

O que ficou conhecido como Primavera Árabe foram movimentos ocorridos em diversos países do norte da África e do Oriente Médio. As populações destes locais se posicionaram contra os governos ditatoriais que as regiam há muito tempo. O documentário “The Square” (NOUJAIM, 2014), que trata da mobilização ocorrida no Egito, demonstra que, além do uso intenso da internet para organização e divulgação de material sobre a mobilização, a troca de mensagens de texto via telefone celular foi imprescindível para a comunicação e articulação entre os participantes.

No que concerne ao Movimento dos Indignados e ao Occupy a internet também foi utilizada na organização e na mobilização de multidões que compareceram a atos em diversos locais de forma coordenada. A estratégia, tanto na Primavera Árabe quanto no Movimento dos Indignados e nos Occupy, era permanecer acampados em pontos estratégicos dos grandes

centros urbanos. Os movimentos eram fixos, no sentido em que permaneciam num só local, e, ao mesmo tempo, globais em sua organização e alcance. Faziam das praças locais de convivência em que testavam, como em laboratórios, novas ferramentas de ação política (BAUMAN, 2011).

Estes “movimentos ignoraram partidos políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal, sustentando-se na internet e em assembléias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões” (CASTELLS, 2013, p. 9). O Occupy chegou também ao Brasil em 2011, e em sua vertente paulistana chamada Ocupa Sampa, permanecia fixo no Vale do Anhangabaú. Outras cidades também organizaram ocupações no país.

A internet e outros meios de comunicação eram instrumentos muito utilizados pelos ocupantes para divulgação de informações bem como uma mídia alternativa à tradicional. Fora e dentro do Brasil havia uma crítica muito forte em relação à mídia dominante e a cobertura dos fatos por ela realizada. Um site chamado *What the heck has #Occupy done so far?* [Então, que “diabos” o #Occupy tem feito até agora?], que se propõe a divulgar as realizações e conquistas dos movimentos ao redor do mundo, declara: “Em resposta à falha da mídia dominante de cobrir o movimento, os manifestantes criaram diversas fontes midiáticas independentes incluindo jornais, programas de rádio e websites⁵” (WHAT..., 2012).

Dos elementos que discutimos aqui em relação a estes movimentos da segunda década do presente século, destacamos algumas heranças que foram incorporadas aos movimentos de junho. Talvez não de forma proposital, mas se temos argumentado no sentido de haver uma confluência global no que concerne à ação, não é possível considerarmos que algumas semelhanças importantes referentes a estes movimentos seja apenas uma coincidência. A ocorrência de atos em várias cidades ao mesmo tempo, o grande número de participantes, o destaque que a internet ganhou neste processo, a importância do espaço público urbano, o formato do movimento, horizontal e apartidário, dentre outros fatores que serão mais bem explorados no capítulo III desta dissertação, são características comuns entre estes movimentos ocorridos nos últimos anos.

Neste capítulo, procuramos trazer uma discussão acerca dos meios de comunicação e do espaço público urbano e sua relação com a ação política através de uma leitura histórica

⁵ Tradução da autora para: “In response to the failure of mainstream media to cover the movement, protesters have created various independent media sources including newspapers, radio programs, and websites”

sobre acontecimentos em que estes três elementos estiveram relacionados na cidade de São Paulo, no Brasil e em alguns lugares do mundo. Pretendemos demonstrar de que maneiras estes elementos se relacionaram nos episódios que retratamos aqui de modo a que esta releitura nos auxilie a desenvolver uma análise sobre os protestos de junho de 2013 a partir destes mesmos temas.

Na discussão desse capítulo II, procuramos evidenciar que uma tecnologia vai se somando à outra e sendo incorporada no uso diário das pessoas. Não é apenas um progresso, mas uma relação tensa estabelecida com os meios. Vimos alguns episódios de empastelamentos dos jornais e de censura. Os usos desiguais dos meios e o analfabetismo também são questões importantes a serem pensadas quando falamos de um debate público que se estabelece através dos meios de comunicação.

Na cidade, o uso dos meios passa a ser algo tão espontâneo que prescindir deles exigiria um esforço e não o contrário, isto é, não usar os meios em quaisquer atividades que envolvam comunicação é dificultoso a quem já assimilou tais tecnologias em sua vida cotidiana. Tentamos demonstrar também que o meio não modifica nossos modos de vida apenas por conta do conteúdo que ele veicula, mas sua forma também transforma nossos olhares e nossas ações. Iremos elaborar melhor este ponto no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II: “SAÍMOS DO FACEBOOK”: A CIDADE E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

1. PEQUENAS E GRANDES TELAS E A NOVA ESFERA PÚBLICA: A *SELFIE* COMO INSTRUMENTO DE ATUAÇÃO POLÍTICA

A esfera pública no tempo da mobilidade da conexão à internet é formada por diversas pequenas telas individuais dos meios de comunicação e informação que utilizamos em nossa vida cotidiana. Estas pequenas telas individuais representam as pessoas comuns que, como nós emaranhados numa imensa rede, discutem diversos temas relacionados à sua própria vida. Esta ampla rede pode ser pensada como uma grande tela mosaica formada por essas pequenas telas. Cada *smartphone*, na verdade, cada perfil na rede, representa uma dessas telas, um desses nós, representa uma pessoa.

O agir em conjunto hoje se dá a partir de um instrumento de mídia, o celular. E cada indivíduo ali registrado em sua própria tela constrói seu eu, um eu, para se inserir nessa rede e ser parte dessa grande tela. A construção desse eu é fortemente baseada na imagem que dá à participação um sentido de espetáculo midiático. Isto é, o evento é vivido coletivamente por quem se faz presente e acompanha os conteúdos publicados na grande tela, mais ou menos como acontecia na TV com a transmissão dos eventos midiáticos, como veremos mais à frente nesse capítulo a partir de Dayan e Katz (1994) ou na vivência coletiva que a televisão trouxe aos brasileiros (BUCCI, 1997; KEHL, 1989). Nas novas mídias, os agentes serão vistos, suas ações serão comentadas e quem está naquele espaço midiático poderá vivenciar, juntamente com eles, o evento.

O espaço público é um local de aparência (ARENDT, 2011). E nessa grande tela, espaço público constituído através das novas mídias, cada indivíduo ali se coloca utilizando seu *smartphone*, o principal paramento do protesto. Neste processo, o usuário é o produtor do conteúdo na esfera pública. Assim, tanto o local do debate político quanto o local do espetáculo midiático é estabelecido por quem está presente na grande tela juntamente com outros participantes. Neste processo, os agentes conquistam uma certa autonomia, ao mesmo tempo em que passa a estar presente no espaço público da rua para onde a própria mídia e também a possibilidade do espetáculo o atrai.

As ideias de espaço público ou esfera pública com que trabalhamos neste texto têm como referência dois autores principais, Arendt (2011) e Habermas (2003). O segundo analisa a emergência da esfera pública burguesa no século XVIII que se origina a partir da reunião de pessoas públicas discutindo racionalmente assuntos de interesse comum a partir de conteúdos publicados nos periódicos da época. Arendt (2011) trabalha com o conceito de espaço público. Para explicar o que seria o espaço público ela se reporta à Grécia antiga, à polis, onde homens livres se reuniam na ágora para discutirem os assuntos pertinentes à vida na cidade. Enquanto Habermas em sua obra *Mudança estrutural da esfera pública* (2003) trabalha com o declínio da esfera pública a partir do advento dos meios de comunicação de massa, Arendt (2011) não localiza no tempo a possibilidade de constituição do espaço público, embora aponte que, para isto, seja necessário que as pessoas sejam livres. Para ela, sempre que as pessoas se reúnem para atuar e discursar, o espaço público pode ser constituído. Assim, ele se ergue a partir do estar junto no espaço físico da ágora.

A esfera pública analisada por Habermas é localizada no tempo, a modernidade do século XVIII, refere-se a uma classe, a burguesia, e diz respeito a determinado gênero, os homens. Nancy Fraser (1990) aponta para a possibilidade de emergência de esferas públicas paralelas e alternativas sendo criadas por outros públicos, inclusive aqueles subalternizados, como espaço de luta para a transformação das sociedades. Mirian Hansen (1994), por sua vez, explora uma esfera pública que se forma a partir da experiência coletiva, da vivência comum e compartilhada de conteúdos, ressaltando a inserção de outros públicos, em seu estudo, das mulheres, na esfera pública a partir da experiência do cinema. Em outro momento, Hansen (1993) explora o conceito de experiência elaborado por Negt e Kluge que argumentam em favor de uma esfera pública que emerge com base em outros elementos para além daqueles comunicativos como em Habermas. Em sua análise, a socialização, a criação da intimidade, as estruturas de interação social e a publicidade nas mídias podem originar uma experiência comum que faria emergir os chamados públicos alternativos, em inglês, *counterpublics*. Diante disso, a “esfera pública é definida como um horizonte para a organização da experiência social”⁶ (HANSEN, 1993, p. xxxvi). Assim, relatos da própria experiência se tornam importantes para a manutenção da esfera pública.

Na esfera pública digital, as experiências são compartilhadas na internet por meio dos *smartphones*, com a publicação de *selfies*, relatos, vídeos, fotos. Analisamos nesse trabalho,

⁶ Tradução da autora para: “the public sphere is defined as a horizon for the organization of social experience”.

como mencionamos, uma esfera pública que se constitui como uma grande tela em que as pessoas atuam através dos novos meios de comunicação criando novas formas de atuação no espaço público. Esse espaço público possui algumas características particulares. É um espaço público fluido que relaciona o espaço da cidade e os espaços da internet. No contexto da ação que se dá na grande tela não basta estar na mídia ou no visor do celular de tantas outras pessoas, é preciso habitar determinados espaços para adquirir publicidade. Isto significa que fazer a *selfie* na rua é diferente de fazer a *selfie* em casa, cada uma dessas imagens carrega um sentido particular. Para a *selfie* ser, de fato, um instrumento de atuação política nesse contexto, quem a registra se dirige a lugares específicos da cidade em que outros atores se colocam. Pois a ação acontece durante o estar junto.

A *selfie* pode ser associada ao local em que é registrada através da ferramenta de geolocalização presente nos smartphones. Como o próprio nome já diz, a ferramenta de geolocalização serve para localizar geograficamente o usuário utilizando o serviço de GPS presente no telefone móvel. O usuário pode optar por deixar esta opção ativa nas publicações que faz nas redes sociais. Associa-se, portanto, a própria imagem ao local como forma de comprovar a participação no evento.

Isto ocorre pois a publicidade, a visibilidade adquirida através das pequenas telas ganha outro significado ao ser associada ao espaço público da rua quando nela ocorrem situações a serem registradas pelas câmeras dos *smartphones*. O registro da *selfie* em casa é importante para quem o faz e pode estar inserido na rede. Porém, em determinadas situações, como nos protestos políticos que acontecem na cidade, estar no meio das pessoas, participar e registrar a ação é dar sentido à própria existência na esfera pública. Dessa forma, a ação no espaço urbano registrada nas novas mídias faz de nós figuras públicas, isto é, que são publicizadas através da imagem e dos relatos pessoais, ao mesmo tempo em que, a partir da ação, criamos espaços públicos e damos vida a eles.

Por temos a possibilidade de fazer dos espaços urbanos locais importantes ao termos a mídia nas mãos, nós saímos de casa e habitamos os espaços públicos. Nas novas mídias, a ação recria a cidade através da mobilidade da conexão. A mobilidade modifica nossa relação com a cidade de maneira que podemos ressignificar os espaços urbanos tornando-os espaços públicos, dando destaque a estes locais. São Paulo, neste início do século XXI, é uma cidade mídia. A cidade mídia, escreve McQuire (2008), é uma cidade onde os meios de comunicação

se imbricam com a arquitetura. Essa imbricação produz o que o autor denomina de espaço relacional.

No espaço relacional, diferentes modos de experiência social podem existir e a experiência de cada indivíduo é conectada com a de vários outros na mesma cidade (MCQUIRE, 2008), como naquela grande tela ou rede a que nos referimos. O espaço relacional está ligado aos novos meios de comunicação e às dinâmicas que esses meios trazem à cidade. Ele é um espaço ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que as tecnologias nos tornaram cada vez mais abertos e vulneráveis aumentando nosso horizonte relacional, elas fazem com que seja possível que essas relações se dêem num espaço a que pertencemos, num lar, pois nos relacionamos de maneira íntima com a cidade (MCQUIRE, 2008) que é desconstruída e reconstruída de maneira contingente a partir das mídias.

Nessa relação, o espaço público constituído a partir da ação na cidade mídia não se restringe aos locais físicos onde as pessoas se reúnem, mas se expande para lugares que relacionam os espaços midiáticos com os espaços urbanos. A esfera pública adquire, então, características das mídias como a mobilidade e a fluidez. As novas mídias oferecem o conteúdo para o debate público ao mesmo tempo em que são instrumentos para atuação na esfera pública que descrevemos.

Propomos aqui uma reflexão acerca da expansão da esfera pública através das lentes dos *smartphones* e do alcance da conexão sem fio e nas transformações que esta conectividade causa em nossa percepção e significação do espaço urbano. Para Benjamin (2012), a mudança nos nossos modos de percepção do espaço tem uma origem técnica. Segundo o autor, a experiência tecnológica dos meios de comunicação está profundamente ligada à arquitetura da cidade. As transformações tecnológicas são paralelas às transformações dos espaços urbanos, das suas estruturas arquitetônicas e mesmo dos espaços da casa que vão sendo preenchidos com tecnologias. Todas estas mudanças têm efeito em nosso modo de vida na cidade e em nossas atividades cotidianas.

As formas como usamos hoje a internet disponível num aparelho móvel e, através dessa tecnologia constituímos a esfera pública e nela agimos, baseia-se em aprendizados adquiridos a partir de outros meios de comunicação que foram desenvolvidos no ambiente urbano. Para Kitler (1996), a cidade é o próprio meio. Dizer que a cidade é o meio é entendê-la como um lugar em que tudo está ligado em rede. A comunicação dessas redes, segundo o autor, ocorre através da tecnologia, isto é, por meio da informação. Em suas palavras:

Pouco importa se as tecnologias transmitam informação (telefone, rádio, televisão) ou energia (abastecimento de água, eletricidade, avenidas), todas elas representam formas de informação. [...] Mesmo naqueles tempos impensáveis quando a energia ainda necessitava de animais de carga como Sinbad e a informação requeresse mensageiros como o primeiro corredor da maratona, as redes existiam. Elas apenas não haviam ainda sido construídas ou, utilizando o jargão técnico, implementadas. A trilha para mula estreita e acidentada foi substituída pela ferrovia e pela rodovia que, por sua vez, foram substituídas por cabos de cobre e fibra ótica não menos transitáveis⁷ (KITLER, 1996, p. 718)

O trânsito, a conexão, a comunicação são a própria vida urbana transformada ao longo do tempo em relação a essas técnicas e tecnologias. Para haver esfera pública, é preciso comunicação. Mencionamos que a esfera pública não necessita dos meios para existir, mas que estes criam diferentes formas de ação. Marshall McLuhan (2011) escreve que cada meio tem uma mensagem, isto é, produz efeitos que extrapolam o conteúdo que o meio veicula. Estudamos tais efeitos analisando as modificações que as formas dos meios causam nas relações das pessoas com os espaços da cidade, sua ação na esfera pública e a própria esfera pública.

A esfera pública possui determinadas características a depender de que meio de comunicação é utilizado na ação e na sua constituição. Veremos que a imprensa foi o suporte material de uma esfera pública burguesa surgida no século XVIII. Na experiência paulistana, como escrevemos no capítulo anterior, a imprensa também foi importante para o surgimento da esfera pública cujos personagens principais eram os estudantes da escola de direito. O rádio, posteriormente, inseriu algumas pessoas de baixa renda na conversação política. No Brasil, a televisão foi um meio de comunicação que adquiriu centralidade na formação de uma esfera pública nacional. Bucci (1997) considera que o espaço público no Brasil é restrito ao alcance das câmeras de TV. Embora não concordemos totalmente com a colocação do autor, é inegável a centralidade que este meio de comunicação ganha na constituição da esfera pública brasileira.

A esfera pública que analisamos neste trabalho expande aquela da televisão para os locais que as lentes dos *smartphones* e a conexão alcançam. A mobilidade é chave nesse

⁷ Tradução da autora para: “Regardless of whether these networks transmit information (telephone, radio, television) or energy (water supply, electricity, highway), they all represent forms of information. [...] Even in those unthinkable times when energy still needed beasts of burden like Sinbad and information required messengers like the first marathon runner, networks existed. They just hadn't been built yet or, in technician's jargon, implemented. The narrow, rugged mule trail was replaced by the railway and the highway, which in turn have been replaced by no less transient copper and fiber optic cables”.

processo de expansão. O portador da pequena tela carrega consigo a possibilidade de se inserir nessa esfera pública digital atuando em conjunto com outras pessoas e constituindo o espaço público.

Essa recente relação do habitante da metrópole com os espaços da cidade e com as pessoas que atuam com ele em conjunto por meio das tecnologias digitais se constrói sobre outros hábitos adquiridos a partir da vivência na cidade. Para compreender melhor essa relação, convidamos o leitor ou a leitora a nos acompanhar numa linha do tempo das tecnologias de informação e comunicação cujo objetivo é caracterizar a esfera pública formada na cidade a partir do uso de cada uma dessas tecnologias. Importante percebermos nesse capítulo que a relação com os espaços privado e público se modifica a partir da mídia e da sua inserção no cotidiano dos habitantes da metrópole.

Mencionamos que nossa experiência com os meios que temos disponíveis hoje vêm de um aprendizado de várias outras tecnologias que estiveram e estão presentes no espaço urbano. A esfera pública que caracterizamos aqui como uma grande tela emerge desse aprendizado histórico. Nos tópicos seguintes escrevemos a respeito da relação entre a mudança nas dinâmicas da vida urbana e os meios de comunicação e informação. Essas mudanças se estabeleceram como características da vida urbana que hoje acontece através das tecnologias presentes no espaço urbano.

No primeiro subitem desse capítulo, trazemos uma discussão sobre as tecnologias baseadas na linguagem escrita e em que modificações sua assimilação resultou. Veremos que a imprensa teve um papel central na emergência de uma esfera pública burguesa moderna. E como as relações estabelecidas entre esse público a partir do uso da mídia escrita tiveram efeitos na configuração dos espaços privados e públicos da cidade.

Em seguida, partimos para uma análise de tecnologias de imagem, a fotografia e o cinema. Ambas representaram formas mais velozes de viver na cidade fazendo assim com que as relações e a apreensão desse espaço se modificassem na experiência urbana.

No item 4, discutimos os efeitos das tecnologias de propagação da voz nas interações na cidade e na esfera pública. O alcance das transmissões radiofônicas intensificou a relação entre mídia e publicidade na esfera pública dando a seus participantes o status de figuras públicas.

Veremos que essa relação finalmente se consolida com a televisão por conta da associação da imagem ao meio de comunicação. Este meio de comunicação, extremamente

popular no Brasil, teve um papel de destaque na formação de uma política baseada na imagem. A televisão entrou nas residências das pessoas ao mesmo tempo em que expandiu a esfera pública por conta da experiência coletiva permitida por esse meio.

Por fim, no item 6, discorreremos sobre como as pessoas puderam, com a internet, inserir-se em uma teia de relações humanas onde atuam através da produção autônoma de conteúdo e de imagens. Através dos novos meios de comunicação, é formada a esfera pública que aqui caracterizamos anteriormente.

2. A ESFERA PÚBLICA MODERNA E A TRANSFORMAÇÃO DOS ESPAÇOS

Neste subitem, discorreremos acerca das modificações que a comunicação baseada na escrita causou nos hábitos urbanos e na relação das pessoas com o espaço da cidade. Além da imprensa, trazemos uma discussão acerca do impacto causado pelo telégrafo na comunicação escrita e à distância. A invenção da prensa que permitiu a reprodutibilidade técnica de conteúdos escritos possibilitou o surgimento de uma esfera pública burguesa moderna, segundo Habermas (2003). Iremos explorar como essa esfera pública se configurou angariando subsídios para analisarmos a esfera pública que se forma hoje através das pequenas telas.

Os efeitos imensuráveis da prensa de Gutenberg não precisam ser novamente descritos aqui. Para nós, é interessante pensar na reprodutibilidade técnica dos conteúdos e que modificações ela causou na vida dos habitantes da metrópole e na expansão da esfera pública. Em relação aos espaços urbanos, as organizações tipográficas e editoras se tornaram importantes locais de sociabilidade. O controle sobre o conteúdo impresso exercido pela Igreja e pelo Estado também era burlado de maneira mais fácil (THOMPSON, 2011) ampliando a quantidade de conteúdos a serem lidos e discutidos. Começa a surgir uma cultura da produção autônoma do conhecimento através das mídias escritas com a simplificação das formas de reprodução desses conteúdos. Entretanto, essa possibilidade existia, de fato, apenas para quem tinha o domínio da língua escrita que, à época, ainda era bastante restrito.

Essa restrição fazia com que os livros impressos fossem lidos principalmente pelas elites urbanas européias. Nas primeiras décadas do século XVII, os membros dessas elites passam a ser o principal público dos periódicos impressos que traziam discussões sociais e políticas. A produção de periódicos teve efeitos nos modos de sociabilidade da burguesia e da

nobreza que passaram a se reunir em novos locais dos centros urbanos a fim de discutirem sobre sua vida, fazendo emergir, assim, a esfera pública burguesa (HABERMAS, 2003). Foi “através da instância mediadora da imprensa” (HABERMAS, 2003, p. 68) que este público se manteve reunido.

Este novo meio de comunicação fez surgir novas dinâmicas de sociabilidade, interação e atividade política na cidade. E, a partir destas dinâmicas, o próprio espaço e sua intencionalidade foram modificados. Para a reunião e deliberação da esfera pública os *coffee houses*, os *salons* e as associações de comensais eram as principais instituições onde o público burguês se reunia para discutir sobre si mesmo. Um pouco mais tarde, as livrarias públicas, clubes de livros, grupos de leitura passaram a abrigar este público. Estas transformações nos espaços de interação da burguesia atingiram também sua própria casa: as salas ou salões passaram a ser o maior cômodo da casa sendo construídos como local de reunião da sociedade (HABERMAS, 2003).

A imprensa não reuniu somente a burguesia. Em alguns locais da cidade, as pessoas se agrupavam para ouvirem uma leitura feita em voz alta. Essa relação com os periódicos e livros impressos ia, aos poucos, modificando tradições e formas de interação e interpretação de mensagens para quem tinha contato com essas tecnologias (THOMPSON, 2011). Poderíamos interpretar essa reunião para ouvir a leitura em voz alta como uma espécie de transmissão radiofônica sem necessidade de uma infraestrutura de transmissão?

Na experiência paulistana, mencionamos no capítulo anterior, a imprensa, mesmo que tardia, também foi o suporte para uma esfera pública que produzia críticas políticas e da vida cotidiana dos moradores da metrópole. Os fundadores dessa esfera pública foram principalmente os estudantes que começaram a perceber sua influência na região e lançaram diversos periódicos criticando as autoridades.

Nessa breve reflexão sobre a imprensa, vemos que o público foi criando espaços na cidade para poder se reunir. Neles a mídia se tornou um elemento de aglutinação sendo não somente a fonte de conteúdo para as discussões, mas também instrumento para expansão da esfera pública. Hoje, na ação, os espaços continuam a ser criados e a possibilidade de sua criação se expande para ambientes informativos e móveis.

Se a expansão da esfera pública já se dava a partir dos conteúdos reproduzidos com a utilização da imprensa, hoje as conexões globais sem fio também permitem uma expansão ainda mais rápida e fácil. À moda antiga, bem antiga, podemos fazer uma analogia e pensar

nestas conexões e redes como sendo estabelecidas através do contrabando de livros que ocorria Europa adentro. O conteúdo que se lia em um local, passou a ser lido em vários outros. Aos poucos, criava-se um conhecimento comum compartilhado entre pessoas espacialmente distantes e que não se reuniam no mesmo café ou na mesma sala.

A dissociação entre a comunicação e transporte teve grande impacto nas relações dentro da esfera pública. Falamos brevemente no capítulo anterior a respeito do quanto o telégrafo foi importante para a imprensa local paulista (NOBRE, 1950) e também para a organização de ações coletivas no estado (DE PAULA, 2013). Foi o telégrafo, em meados do século XIX, que permitiu, enfim, essa separação entre comunicação e transporte. “Antes do telégrafo essas palavras eram sinônimos”, escreve James Carey, “o telégrafo acabou com essa identidade e permitiu que símbolos se movessem independentemente e mais rápido que o transporte”⁸ (CAREY, 2008, p. 165). Se a demanda por notícias vindas do estrangeiro já era grande no século anterior e veiculadas nos periódicos, ela foi quase que plenamente saciada com a agilidade na transmissão de informações que trouxe o telégrafo.

As heranças mais importantes deixadas pelo telégrafo que já estão totalmente assimiladas por nós que usamos as novas tecnologias de comunicação e informação são: a independência entre comunicação e transporte e a conexão entre várias partes do mundo intensificada com o aumento do volume de transmissões de notícias vindas de lugares distantes, o que marcou também o comércio e as interações sociais no meio urbano.

O telégrafo foi importante ao modificar as formas fundamentais nas quais a comunicação era pensada, fornecendo “um modelo de pensar sobre a comunicação”⁹ (CAREY, 2008, p. 157). Esse novo modo de pensar a comunicação marcou as interações nas esferas públicas. Por um lado, trouxe novos conteúdos a serem discutidos nas reuniões do público. E por outro, essa forma de pensar a comunicação alterou as barreiras espaciais e temporais da interação humana, trouxe à existência novas formas de linguagem e gerou novas estruturas de relações sociais, particularmente entre uma classe média comercial que se estabelecia nacionalmente (CAREY, 2008).

Nesse tópico, discorreremos sobre como a reunião e o debate públicos baseados através da mídia escrita foram assimilados pelos habitantes das cidades. E como se estabeleceu a

⁸ Tradução da autora para: “Until telegraph these words were synonymous. The telegraph ended that identity and allowed symbols to move independently of geography and independently of and faster than transport.”

⁹ Tradução da autora para: “it also changed the fundamental ways in which communication was thought about. It provided a model for thinking about communication”.

esfera pública em torno dessas tecnologias. Partimos agora para uma reflexão a respeito das tecnologias de registro de imagem e seus efeitos nas relações na esfera pública e nas dinâmicas urbanas.

3. IMAGEM E VELOCIDADE: A MEDIAÇÃO DO OLHAR E O REGISTRO DA VIDA URBANA

A atuação na esfera pública por meio das pequenas telas tem como ferramenta o registro de imagens. A *selfie* no protesto político é hoje a prova da participação política, a confirmação incontestável da atuação no espaço público. A imagem se torna crucial na ação pois é a possibilidade do usuário de colocar a si mesmo, seu próprio olhar na mídia e tornar importante o espaço em que ele está atuando, isto é, dar significado a esse espaço.

A fotografia tem uma relação direta com o cinema que, quando de sua criação, era feito a partir da justaposição de imagens fotográficas sendo rodadas a uma alta velocidade. No fim do século XIX, a vida metropolitana estava a todo vapor. Ambas as tecnologias de que tratamos aqui acompanham esse processo de aceleração com que o habitante da metrópole estava lidando.

Nesse tópico, discutimos a respeito da experiência na cidade dessas duas tecnologias: a fotografia e o cinema. Ambas representaram novas formas de olhar o espaço urbano. O cinema acrescenta novas interações na cidade e a emergência de esferas públicas a partir da experiência nas salas de cinema, individual e coletiva.

Começamos pela fotografia. A descoberta da fotografia, mais especificamente, a descoberta de métodos para registro de imagens inaugurou novas formas de olhar a cidade e viver nela. A fotografia sofreu diversas modificações desde os primeiros registros em placas de prata feitos em enormes e pesados caixotes de madeira até os registros digitais que utilizamos hoje feitos por câmeras compactas e portáteis.

Na época dos grandes e pesados caixotes um dos principais assuntos a serem fotografados eram as ruas da cidade. Naquele tempo, a cidade passava por diversas modificações tecnológicas e arquitetônicas e observar a vida na cidade era a atividade preferida do *flâneur* (BENJAMIN, 1989). Este personagem, que apenas citamos muito brevemente no capítulo anterior, vivia nos centros urbanos modernos e passava seus dias a registrar com o olhar as nuances da vida na rua, a própria rua, as estruturas arquitetônicas da

cidade, enfim, tudo o que acontecia nos espaços públicos. O *flâneur* é uma referência que nos ajuda a perceber a importância que a vida na rua começou a ganhar a partir das transformações tecnológicas e arquitetônicas nas cidades modernas. A fotografia, uma das tecnologias que apareceram nesse período, era um instrumento a registrar e fixar no tempo o olhar do *flâneur*. Ela se tornou uma extensão do olho humano. E passou a mediar o olhar do indivíduo que, por meio dela, pode registrar aquilo que vê, reproduzir sua própria visão através de um aparelho fazendo com que o que ele mesmo enxerga se torne importante, pois duradouro e fixo.

Os registros fotográficos, a medida que se tornavam mais presentes no cotidiano das pessoas, dada a perfeição da representação da realidade através das lentes, eram considerados reproduções incontestáveis dos fatos. Isto é, considerava-se que a fotografia registrava o fato verdadeiro como ele havia ocorrido. A fotografia era a prova de que algo realmente ocorrera.

A experiência de representação e extensão do próprio olhar significa uma expansão temporal e física deste olhar – a representação se fixa num papel e permanece através do tempo, a lente da máquina expande a capacidade do olho humano – que se manifesta também na relação com a luz elétrica quando ela chega à cidade. No espaço público da rua, a iluminação urbana elétrica, mais eficiente do que as formas de iluminação ligadas ao fogo, modificou a percepção dos espaços da rua e também as interações nestes espaços. A eletricidade na cidade se tornou o símbolo da modernidade e elemento-chave na constituição da cidade mídia (MCQUIRE, 2008).

A eletricidade promove a saída às ruas e a permanência das pessoas no espaço público. Em São Paulo, por exemplo, a parca iluminação das vias e um posicionamento autoritário da administração local justificaram por um tempo a instauração do toque de recolher na cidade (TAUNAY, 1920). Com a chegada da eletricidade, algumas atividades puderam se expandir para o período noturno. Isso resulta num maior trânsito de pessoas na cidade à noite. Podemos dizer mesmo que a eletricidade, ou melhor, uma iluminação urbana mais eficiente atrai as pessoas para fora de suas casas quando os riscos diminuem, mesmo que não cessem. Este meio de informação, portanto, carrega alguns sentidos importantes: expande nosso olhar, expande nossas atividades e modifica nossa relação com os espaços da rua.

Lembremos da ideia da mídia como ímã que colocamos no início do capítulo. Aqui vemos que a eletricidade é uma tecnologia que também teve e tem o efeito de atrair as pessoas para o espaço público da cidade. McLuhan (2011, p. 42) escreve que “a nova configuração e

estruturação elétrica da vida” tem efeitos nas dinâmicas urbanas a partir da velocidade que ela imprime às atividades humanas.

A vida agitada, característica da metrópole, não fica restrita a esse tempo longínquo de que estamos falando. Na verdade, temos feito um esforço em nossa escrita com o intuito de mostrar como essas experiências continuam se manifestando na vida urbana contemporânea. E como as tecnologias de informação e comunicação provocaram mudanças na própria estruturação do espaço urbano, bem como nas relações das pessoas com este espaço e em sua atuação na esfera pública. Como, então, a experiência da velocidade teve efeitos nessas relações? No início do século XX, ela se deu a partir de algumas diversas tecnologias que aparecem no espaço urbano. Iremos falar de uma delas, o cinema.

O cinema emerge a partir daquela experiência do olhar mediado somada à da velocidade e inaugura uma nova estrutura narrativa que elenca estes elementos. Esta experiência já é por nós assimilada em nossos usos de tecnologias mais contemporâneas. Para Benjamin (2012), a experiência do cinema tem uma relação íntima com a vida urbana. A experiência do espectador se assemelha à sua vivência acelerada no espaço urbano. A recepção que o cinema traz à cena urbana se relaciona intrinsecamente ao modo de habitar a cidade. O cinema, portanto, é mais do que algo a ser visto, é um espaço a ser habitado. Essa experiência é uma continuidade da vida urbana e cria “instantaneamente uma legião de entusiastas ardorosos, que encontravam no dinamismo técnico e temático da forma cinematográfica a arte compatível por excelência com os estímulos voláteis da cidade” (SEVOCÊENKO, 1992, p. 93). Ou seja, estar na sala de cinema era uma continuidade daquela vivência agitada da cidade moderna, em que o passante vivia impulsos nervosos e elétricos constantes. O espectador examina tanto o filme quanto sua própria experiência e a experiência coletiva na cidade a partir de uma recepção distraída, mas não passiva (BENJAMIN, 2012).

Nessa análise, Benjamin (2012) aponta um outro aspecto importante do cinema: a recepção coletiva. Como dissemos anteriormente, a ação no espaço público só ocorre quando as pessoas estão reunidas. Assim, o cinema não só aparece como fonte de conteúdo a ser discutido na esfera pública como também cria a ambientação de uma possível esfera pública. Hansen (1994) escreve acerca da emergência de uma esfera pública que se ergueu a partir da experiência cinematográfica das mulheres que formavam um público específico a que produções cinematográficas eram direcionadas.

Em São Paulo, a presença da indústria norte-americana é marcante. Ela invadiu a cidade no início do século XX e estima-se que, em 1920, os Estados Unidos tenham exportado mais de 70 milhões de rolos de filmes para o mercado sul-americano, o que correspondia a um terço do total da sua produção (SEVOCÊENKO, 1992). Já dá para se ter uma ideia da importância da produção cultural norte-americana para a formação da nossa esfera pública. Essa produção marcará profundamente nossa forma de fazer televisão e, conseqüentemente, a percepção de nós mesmos que ocorreu através deste meio de comunicação, conforme discutiremos no tópico 5 desse capítulo.

A vivência coletiva também ocorre em relação a tecnologias ligadas à propagação da voz. No item seguinte, discutiremos a importância do rádio e de algumas outras tecnologias de propagação da voz na experiência dos habitantes das metrópoles.

4. O RÁDIO E A AMPLIAÇÃO DA ESFERA PÚBLICA: A PUBLICIDADE MUDIÁTICA

Nesse tópico, discutimos os efeitos das tecnologias de propagação da voz nas interações na cidade e na esfera pública. O primeiro aspecto que abordamos é a produção autônoma de conteúdo permitida por aparelhos como a vitrola. Escrevemos também sobre como o rádio, meio de comunicação de massa, teve grande impacto na ampliação de uma esfera pública em cidades que se tornavam cada vez maiores. Por prescindir da habilidade de leitura, o acesso aos conteúdos pôde se ampliar para as camadas mais baixas das populações. O rádio ainda teve o efeito de organizar a rotina das pessoas com base na agenda das programações transmitidas. Por fim, o alcance das produções radiofônicas intensificou a relação entre mídia e publicidade na esfera pública. Os aspectos que abordamos nesse tópico não ficam localizados no passado, mas se expressam em nossos usos cotidianos de tecnologias mais recentes e com a ação na esfera pública que caracterizamos nessa dissertação.

A vitrola, que chegou a São Paulo no início do século XX, possui um aspecto que queremos destacar: a produção autônoma de conteúdo. Temos já ressaltado a importância da produção independente como uma possibilidade de existir na esfera pública. Tinhorão (1981) menciona que as produções dos discos de cera e as gravações independentes de músicas ou histórias se intensificam neste período. Através desse aparelho, músicos que antes cantavam para públicos reunidos ao seu redor começaram a gravar suas composições e a se lançar no

mercado da música (TINHORÃO, 1981). O rádio, concebido inicialmente como uma forma avançada de telégrafo, causou entusiasmo na população que se concentrava para escutar pronunciamentos oficiais que eram transmitidos ao vivo para a multidão (MORTENSEN; JAFFE, 1997) e também a programas musicais (TINHORÃO, 1981). O rádio possibilitava não somente o que o telégrafo já fazia, isto é, transpor a barreira temporal e física para a transmissão da informação, mas permitia que essa informação alcançasse as pessoas que se reuniam em locais da cidade onde eram instalados alto-falantes.

Em São Paulo, o aparelho apareceu como mais um símbolo da modernidade e adquiriu características próprias da região, como mostra Tota (1990). Foi também utilizado como alto-falante para propagação do ideal liberal que culminou na revolta de 1924 de que falamos no capítulo anterior. Mantidos através de mensalidades pagas pelos sócios, os clubes do rádio se estabeleceram à época como um espaço de sociabilidade das elites que se reuniam para ouvir as transmissões saídas de um único e caro aparelho comprado com o dinheiro de todos os contribuintes do clube (TOTA, 1990).

Outro aspecto importante do rádio que queremos ressaltar são as mudanças que ele provoca na rotina das pessoas e, conseqüentemente, em sua relação com os espaços da cidade. O fato de ele não exigir dos ouvintes a capacidade de leitura o que, para alguns, significava “o triunfo do analfabetismo” (MORTENSEN; JAFFE, 1997), facilita a sua inserção nas casas. Com o barateamento dos aparelhos, o rádio alcança as classes mais baixas no país. Sua programação passa a organizar a rotina dos habitantes das metrópoles na medida em que estes separavam horários do seu dia para ouvirem os programas, as rádios-novelas dentro de suas casas, os programas infantis, por exemplo. Essa modificação da rotina anunciava uma saída do espaço público da rua para o espaço privado da casa que será mais significativa com a chegada da televisão. Mas a escuta do rádio permitiu ao ouvinte vivenciar situações que ocorriam em outras localidades. Este movimento duplo da tecnologia de, ao mesmo tempo, recolher a pessoa ao local privado, mas levá-la a ter contato com locais distintos, vai se tornando algo presente em sua experiência tecnológica. Essa fluidez entre os espaços urbanos da casa e de fora da casa já começa a ficar mais evidente com a chegada do rádio.

Por fim, o rádio intensifica a relação entre mídia e publicidade por conta do seu alcance. A abrangência dessa publicidade, através de um meio de comunicação que ganhou as mais diversas classes sociais no país, é enorme. O processo cujo resultado é a situação que mencionamos acima começa com o rádio assumindo definitivamente a sua vocação de “casa

de diversão popular” a que o “amigo ouvinte” (TINHORÃO, 1981, p. 56) se sentia convidado a comparecer. Apesar de o início de sua história estar ligada às elites, como colocamos, a expansão da programação das rádios abriu a cantores brasileiros a possibilidade de viver de sua arte permitindo que membros das classes populares pudessem estar nessa mídia com composições próprias e como participantes de programas musicais. Os programas musicais ocorriam dentro das rádios e muitos ouvintes iam até o estúdio para assistirem a estas transmissões. Posteriormente, os programas de calouros ganham maior destaque como precursores dos festivais de músicas transmitidos pela televisão nos anos 1960 e 1970 (TINHORÃO, 1981). Era importante estar no local, mesmo que nem todos ali estivessem.

Estava lançado o tapete vermelho a ser primorosamente percorrido pela televisão anos mais tarde, em relação à publicidade e à ritualização dos eventos midiáticos e sua performance.

5. A POLÍTICA BASEADA NA IMAGEM: A TELEVISÃO E EXPERIÊNCIA POLÍTICA COMO ESPETÁCULO

A publicidade ligada à imagem que foi bem assimilada a partir da experiência da televisão é central numa esfera pública que hoje se baseia fortemente na construção própria da imagem. Apontamos isto no início do capítulo. Falamos também da importância da tela individual como instrumento para participação na esfera pública, uma esfera formada como um mosaico de várias telas. Neste momento do texto, iremos expor de que maneira essa relação entre imagem e representação no espaço público começou a ser construída a partir da televisão.

Para fazer esta discussão iremos abordar os seguintes pontos: as transformações na relação dos telespectadores com os espaços público e privado da cidade; a vivência televisiva coletiva e a constituição da esfera pública; a importância da imagem e da presença na mídia. O uso dos *smartphones* se baseia no aprendizado da televisão que tem como pano de fundo todo o aprendizado de outras tecnologias, como expomos neste texto.

Vemos que a chegada da televisão teve efeitos marcantes na dinâmica urbana no que diz respeito à relação dos moradores da metrópole com os espaços públicos e privados. Em diversos países, dentre eles o Brasil, assim como aconteceu com o rádio, a difusão televisiva começa em locais públicos a partir da instalação de aparelhos nas praças. No entanto, a baixa

qualidade da imagem contida naquele pesado caixote faria com que este meio tivesse um destino diferente do cinema, mídia que chamava as pessoas para fora de suas casas, apesar de permitir uma experiência individual, por conta do tamanho e qualidade da projeção. Em pouco tempo, enfim, a televisão para a casa recebe vultosos investimentos da iniciativa privada e migra em definitivo para dentro das residências, modificando os espaços da casa.

No Brasil, os espaços de sociabilidade mais comuns em que a TV se fazia presente – e se faz presente até hoje – eram os bares onde as pessoas se reuniam para ver o futebol (HAMBURGER, 2006) e nas praças de cidades em que algumas prefeituras instalavam televisões públicas (DIEGUES, 1980). As casas dos moradores de maior renda que conseguiam comprar uma televisão e expô-la na sala também acabavam sendo um destino comum dos “televizinhos” que não possuíam o aparelho (TINHORÃO, 1981). Semelhante ao que acontecia com o rádio, as pessoas passam a organizar sua rotina de modo a não perderem os programas na TV. A sala que, lembrando, já havia sido lugar para reunir a sociedade em torno da literatura e das histórias contadas, agora tem um propósito semelhante.

Esse assistir coletivo vai se modificando na medida em que as televisões ficam mais financeiramente acessíveis e as residências passam ter vários aparelhos em diferentes cômodos. No Brasil, em dados de 2012, mais de 95% das residências possuem uma televisão (BRASIL, 2012), e há casas em que existem televisões em diversos cômodos, nos quartos, tornando-se um aparelho particular, mais ou menos como irá acontecer com o telefone com a chegada do celular.

Como mencionamos, a consagração da televisão como uma tecnologia do lar significou uma saída das pessoas dos espaços de transmissão públicos das cidades para dentro das casas e dos espaços privados, ainda que o Brasil estivesse marcado pela oralidade, com as fofocas, os comentários, o telezinho, as revistas especializadas, etc., isto é, pelas relações privadas com o meio. Este movimento de recolhimento para os locais privados, para Habermas (2003), pode significar uma perda da esfera pública, pois as pessoas deixam de se reunir enquanto público. No entanto, há outras análises possíveis.

O recolhimento pode significar não uma perda da esfera pública, mas uma mudança da experiência política com a chegada destes meios. Rem Koolhaas (1991 apud MCQUIRE, 2008) nos leva a refletir sobre essa mudança ao dizer que o domínio público se transforma e a penetração das mídias é tal que, em alguma medida, dispensa a interação física nestes espaços públicos tradicionais. Retomando o conceito de espaço público com que trabalhamos

anteriormente, temos que o local físico não é espaço público por si só. Bucci (1997, p. 14) menciona que “o Brasil que se via fora da TV foi perdendo sua legitimidade no espaço público, como se se tratasse de um Brasil menos importante, menos consequente, menos verdadeiro”. Porém, com a penetração e ubiquidade das novas mídias digitais e móveis, podemos nos perguntar: que novos espaços nós, agentes, temos construído através da experiência dessas mídias?

Com a televisão temos uma vivência televisiva coletiva que permite a constituição da esfera pública. Para compreendermos como isso ocorre, recorremos à análise de Dayan e Katz (1996) acerca dos eventos midiáticos. Em sua obra, os autores escrevem a respeito da vivência privatizada de eventos que seriam públicos, mas que agora são vistos dentro das casas pela família reunida que não mais se desloca até os espaços públicos tradicionais, como a praça e a rua, para participar, mas participam coletivamente, mesmo que de dentro de suas casas.

Isto se torna possível pois a televisão não apenas desterritorializa espaços de representação, mas ela os reconstrói em novas contiguidades. E ao entrar em nossa casa, em nossa sala, ela nos leva a habitar estes espaços que são fluidos. Segundo Carpignano (1999), assistimos à televisão como quem habita seu fluxo contínuo. Esta forma de experiência do espaço e do tempo existentes a partir de nosso uso da TV gera formas importantes de sociabilidade e vivências comuns entre quem assiste aos programas modificando a noção de público e de esfera pública (CARPIGNANO, 1999). O rádio, a televisão, o telefone, o livro que se inseriram definitivamente na vida urbana têm algo de privado no sentido de que boa parte do diálogo que geram fica concentrado dentro da esfera privada e da família. Porém, o diálogo público não deixa de existir e se dar nas relações e nos encontros urbanos de maneira espontânea.

Por fim, no que diz respeito ao terceiro ponto que queremos trabalhar em relação à TV, qual seja, a importância da imagem e da presença na mídia, McQuire (2008, p. 140) demonstra que esse movimento de privatização da vida social transforma a casa em “um nó dentro da rede televisiva e radiofônica” e o efeito dessa transformação é a emergência de uma política plenamente baseada na imagem “sendo que a televisão se torna o meio politicamente dominante”¹⁰. No Brasil, para Maria Rita Kehl (1986, p. 169), este processo é levado adiante

¹⁰ Tradução da autora para: “a node within radio and television networks [...], on television becoming the dominant political medium”.

pela Rede Globo. A partir de uma programação generalizada para todo o país, a Globo consegue fazer “deste país fragmentado que é o Brasil alguma coisa parecida com uma nação” tendo sido “um eficiente veículo de integração nacional”. Segundo a autora:

Essas imagens únicas que percorrem simultaneamente um país tão dividido com o Brasil contribuem para transformá-lo em um arremedo de nação, cuja população, unificada não enquanto ‘povo’ mas enquanto público, articula uma mesma linguagem segundo uma mesma sintaxe. O conteúdo dessa linguagem importa menos do que seu papel unificador, uniformizador [...]. (KEHL, 1986, p. 170)

No Brasil, portanto, essa experiência com a imagem e com o fluxo da televisão tem um papel de destaque no processo de reconhecimento dos brasileiros enquanto brasileiros. Fazendo uma análise da relação entre espaço urbano, meios de comunicação e ação temos que as modificações no espaço público e privado a partir da chegada da televisão à cidade têm efeito direto na formação de uma esfera pública baseada no assistir coletivo dos conteúdos televisivos cuja expressão se baseia principalmente na imagem.

No Brasil, a televisão dominou “o espaço público (ou a esfera pública) de tal forma que, sem ela, ou sem a representação que ela propõe do país, torna-se quase impraticável a comunicação – e quase impossível o entendimento nacional” (BUCCI, 1997, p. 9). Assim, a noção de pertencimento e identidade, no Brasil, para grande parte das pessoas, tem uma profunda ligação com a experiência dos telespectadores. Este público se relaciona e conversa através de um diálogo silencioso entre o público que a TV cria e que está acompanhando o fluxo televisivo (PAIT, 2007). Esse público participa, vive estes momentos midiáticos a partir de casa, mas num mundo que a televisão lhe oferece. É nesse sentido que as tecnologias ampliam a possibilidade de espaços públicos serem constituídos não necessariamente em espaços físicos.

Este diálogo público ocorre a partir dos conteúdos das mídias. E, dessa maneira, torna-se público, no sentido de ser reconhecido publicamente, quem está nestas mídias. Isto é, a mídia torna pessoas e grupos específicos públicos quando estes são vistos na mídia e porque falamos deles. Aí é que a presença na mídia é chave. No Brasil, nos anos 1960 e 70, os festivais televisivos são os grandes eventos midiáticos que fazem com que algumas pessoas ganhem o status de pessoas públicas estando elas, de fato, ligadas à esfera do poder público ou sendo celebridades artísticas.

Vimos o quanto esses festivais e programas de auditório e a retomada de sua vivência foram importantes para o movimento dos caras-pintadas. Os eventos midiáticos, analisados de

maneira ampla por Dayan e Katz (1996), fazem do indivíduo uma pessoa pública não porque todos na rua a conhecem, mas porque ela aparece na televisão, fala no rádio. A publicidade, portanto, repetimos, está ligada à presença na mídia.

A publicidade midiática está associada também diretamente ao crescimento das cidades. Se antes o homem público era aquele que todas as pessoas na cidade conheciam, a quem se dirigiam para aconselhamento e resolução de conflitos, em cidades cada vez maiores e mais populosas, isso fica impraticável. Daí que a mídia terá a importante função de manter o público reunido no sentido de estar compartilhando os mesmos conteúdos e consagrará as figuras do mundo público.

Discorreremos nos tópicos anteriores sobre como o rádio e a televisão foram e são importantes para a publicidade dos agentes na esfera pública e como oferecem o conteúdo para a discussão na esfera pública e mesmo formas de atuação nessa esfera. No próximo subitem discutiremos acerca da internet e as possibilidades que ela oferece do indivíduo se colocar na internet e se tornar uma figura pública a partir da produção autônoma de conteúdo, isto é, de atuar na nova esfera pública formada através dos novos meios de comunicação.

6. A INTERNET E A *SELFIE*: DAS REDES DE COMPUTADORES À TEIA DE RELAÇÕES HUMANAS

Na introdução a esse capítulo, expusemos a discussão principal dessa dissertação. Analisamos uma nova esfera pública que é formada a partir da atuação nos novos meios de comunicação. Ressaltamos a importância da imagem, da *selfie* como forma de atuação política. E destacamos também que essa esfera pública se forma a partir de uma relação íntima e mediada dos indivíduos com a cidade em que atuam.

Procuramos demonstrar no decorrer deste capítulo que a nossa relação com as novas mídias vem da experiência de diversas outras mídias que estiveram e estão presentes no espaço urbano. Falamos da imprensa, da fotografia, do cinema, do rádio e da televisão. Nesse último subitem do capítulo 2, iremos discorrer sobre a internet e seus usos. A internet é criada com a intenção determinada de estabelecer uma rede de computadores, mas vai sendo modificada a partir dos usos e também de avanços nas pesquisas na área. Hoje é possível pensarmos uma esfera pública como a que propomos aqui porque ela emerge dentro de um contexto tecnológico em que a metrópole está inserida há muito tempo.

A vida na cidade hoje dificilmente pode ser vivida sem as redes de informação e comunicação que encontramos no espaço urbano. E todo esse conglomerado de arquitetura, tecnologia, informação e comunicação permitem que a esfera pública de que falamos nessa dissertação exista. A internet, meio de comunicação por meio do qual constituímos essa nova esfera pública, será estudada nesse item através de um breve histórico da internet e seus usos até a possibilidade de conexão móvel acessada pelos *smartphones*, ferramentas importantes para a atuação na esfera pública.

A internet começa como uma tecnologia estatal e acadêmica e só mais tarde é que entrará nas casas das pessoas comuns modificando as formas de interação de maneira mais ampla. A intenção dos pesquisadores ao começarem a desenvolver a internet era compartilhar informações e interligar computadores localizados em pontos distantes. A criação da internet, isto é, o desenvolvimento de redes de computadores para transmissão de dados era voltada, inicialmente, para o uso militar e acadêmico, mas já se baseava num princípio de expandir as relações entre os espaços e máquinas (ABBATE, 2000; CASTELLS, 2003; 2007). Posteriormente, com base no mesmo princípio, a *World Wide Web* foi desenvolvida por Tim Berners-Lee em 1991 (BARABÁSI, 2009). Por conta do alto valor para instalação da infraestrutura necessária para o uso da internet, os governos tiveram que investir em sua expansão para as casas das pessoas comuns, começando, obviamente, pelas grandes metrópoles que já contavam com alguma infraestrutura mesmo que direcionada a outras tecnologias.

No Brasil, os investimentos iniciais também foram feitos pelo Estado. A primeira experiência de formação de uma rede de computadores que acontece no país foi feita dentro da Embratel, empresa estatal encarregada de expandir para o território nacional as redes eletrônicas de comunicação que, através da Rede Nacional de Comunicação de Dados por Comutação de Pacotes (RENPAQ), efetivou este projeto, apesar de que de maneira desigual nas cinco regiões do país (CARVALHO, 2006).

Mesmo expandida, a rede não conseguiu angariar muitos adeptos à nova tecnologia. Alguns outros projetos relacionados à internet foram realizados no meio urbano, mas sem muito sucesso, como o videotexto que a Telesp, em 1982, lançou em algumas cidades. O videotexto nos chamou a atenção por associar a internet ao espaço público da cidade. Através de um adaptador o usuário do sistema telefônico poderia receber informações diversas em uma televisão comum. Além dessa possibilidade, para estimular o uso do videotexto, a Telesp

instalou pela cidade de São Paulo os chamados “olhões”, terminais públicos de consulta ao videotexto. Apesar da ideia interessante e original, a má qualidade e o alto valor do serviço impediram que o videotexto obtivesse qualquer sucesso entre o público que utilizava o rádio e a televisão para obter informações de maneira mais rápida e prática (CARVALHO, 2006), dentro de casa, principalmente, mas também com certa mobilidade permitida pelo rádio.

Foi apenas na década de 1990 que a população das cidades brasileiras começou a se apropriar deste meio de comunicação. Por conta de uma infraestrutura ainda precária e do alto valor pago pela utilização do serviço, a conexão no país é bastante acessada em estabelecimentos comerciais como as lan houses e cybercafés que surgem nas cidades brasileiras. A lan house e o cybercafé têm um duplo aspecto na experiência de sociabilidade urbana. É um local de sociabilidade para onde as pessoas se dirigem fisicamente e se encontram pessoalmente, mas é também neste lugar que, utilizando os computadores ali presentes, elas se inserem em um outro local de sociabilidade que começa a se constituir em formato de rede, o ciberespaço. Essa interação, que nas lan houses era realizada através do uso das salas de bate-papo e das redes sociais, porém, não se restringe ao online e muitas relações estabelecidas neste local virtual serão transpostas para a vivência offline dos espaços urbanos privados e públicos (DORNELLES, 2004).

A expansão da rede brasileira ocorre simultaneamente nas lan houses e também com os computadores nas residências, já que o acesso à internet se tornava cada vez mais difundido no país. Em 2005, dez anos depois que a internet se tornou de acesso público no Brasil, ela era acessada por apenas 21% da população, mas 50% dos acessos à internet já era feito nas residências (IBGE, 2005). Em dados de 2013, o número de domicílios com computadores com acesso à internet chega a 28 milhões, representando 43,1% do total de domicílios do país. Mas o que fez com que essa rede se expandisse de maneira realmente ampla foi o acesso à internet pelo telefone móvel. Este acesso, hoje, ultrapassa em muito o valor do acesso nos domicílios, e o número de telefones móveis com acesso à internet soma mais de 105 milhões de unidades em todo o Brasil (PORTAL BRASIL, 2013). A mobilidade da conexão é uma realidade para muitos brasileiros e a quantidade de pessoas presentes na rede é grande. Na cidade de São Paulo, a conexão móvel pelo aparelho celular é possível em quase toda a cidade.

Essa conectividade constante será o pré-requisito para a participação na esfera pública que se forma através das pequenas telas dos *smartphones*. Como escrevemos no início do

capítulo, por meio dessa conectividade permanente os indivíduos se tornam nós numa rede em que compartilham os conteúdos que produzem a partir dos meios de comunicação e informação. Tornam-se pessoas públicas que constituem espaços públicos através das novas mídias. Expandem a esfera pública para os lugares a que eles dão significado através das lentes de seus *smartphones*, da sua presença nesses locais, a partir das suas plurais narrativas de vida que expõem na rede. A ação no espaço público, como escreve Arendt (2011), desenha-se a partir de uma teia de relações humanas em que as pessoas expõem suas narrativas.

Contar histórias, compartilhar experiências, atuar e falar são os elementos que constituem a ação e dão vida ao espaço público. Com a conectividade permanente essas narrativas são expressas em ambientes imateriais e informativos (DI FELICE, 2009) que combinam o espaço urbano com as redes de transmissão de dados. Já explicitamos, no início deste capítulo, as características dessa nova esfera pública formada a partir das novas tecnologias de informação e comunicação. A nova esfera pública é como uma rede de tecnologias móveis com conexão à internet em que cada nó é portador de um *smartphone* que carrega uma pequena tela como sua representação. Essa grande rede formada por esses nós configuram como que uma grande tela mosaica na qual as imagens, as *selfies*, os vídeos, as publicações escritas são as formas que o diálogo público assume.

Em diversos estudos têm se explorado a função ou o significado da *selfie*¹¹. Em nossa análise, não nos detemos a analisar se a *selfie* tem ou não um efeito político que gera mudanças, mas voltamos nossas análises para o que essa forma de comunicação significa na ação no espaço público. McLuhan (2011) escreve que cada meio tem sua mensagem. A *selfie*, como colocamos, na nova esfera pública digital é um instrumento de atuação política e a possibilidade de registrá-la é o ímã que atrai as pessoas para participarem da ação no espaço público da rua. Existe uma vontade de participar e estar junto a partir das possibilidades de publicizar a própria ação a partir da mídia. Essa é a mensagem da *selfie*: ela possibilita a publicidade individual de quem a registra. Como aponta Barnard (2016), com as *selfies*, os indivíduos têm muito mais controle na construção do seu eu em rede (*networked selves*).

Nesse processo, a *selfie* tem alguns aspectos. Habermas (2003), em sua observação a respeito da emergência da esfera pública, fala de uma subjetividade voltada ao público. As

¹¹ Ver Barnard (2016) que traz em seu artigo uma discussão acerca de um possível empoderamento de mulheres a partir da postagem de *selfies* nas redes um levantamento bibliográfico sobre o tema.

cartas escritas à época eram um monólogo da vida íntima das pessoas, era como escrever um diário, mas a intenção era que essas cartas fossem direcionadas a alguém que poderia ter acesso àquele eu tão íntimo. Era uma relação, a princípio, de uma pessoa à outra, mas, posteriormente, essa intimidade expressa em longas novelas e romances escritos se direcionava a um público maior. A *selfie* também tem esse elemento subjetivo que se direciona para o público.

Paparcharissi (2014) analisa a *selfie* como uma forma de representação de nós mesmos que nós mesmos fazemos a fim de nos conectarmos com outras pessoas. A autora usa o termo *networked self* para explicitar essa noção de um eu, um *self*, voltado para o público. Ou seja, a intenção de quem registra uma *selfie* não é apenas expor a si mesmo, mas para se conectar com os outros na rede. E, através dessa exposição, contar uma história. Ou relatar uma experiência. E a publicidade do eu, necessária para a esfera pública, é associada à imagem que é registrada pelo indivíduo no seu *smartphone* e aparece como o relato da experiência do indivíduo na ação no espaço público da cidade. Em 2013, o foco da *selfie* não é tanto o indivíduo que está na fotografia, mas esse indivíduo presente em determinado local da cidade. Papacharissi (2014) menciona que as *selfies* analisadas em seu estudo que o local, o fundo da foto pouco importava para quem registrava a imagem, o que importava mesmo era como a pessoa que ali se fotografava iria compor sua imagem.

As imagens de junho de 2013 tinham a intenção de contar uma história, contar a história de junho, relatar a experiência dos participantes no espaço público da rua. Nesse capítulo analisamos a forma como os meios de comunicação se relacionam com o espaço urbano. Hoje, há essa ressignificação do espaço da rua que adquire a função de espaço público de ação a partir da publicização do espaço e de quem atua por meio das pequenas telas. O que ocorre é que a vivência no espaço urbano, na rua passa a fazer parte da composição do eu que será exposto nas pequenas telas. Esse eu é montado e publicizado a partir dessa experiência comum no espaço urbano. Assim, quem atua transforma esse espaço em um local com que se tem intimidade, uma intimidade mediada, pois a experiência no espaço urbano é registrada e publicizada pelo próprio indivíduo que vai à rua. Essa atuação é conjunta, isto é, a ação é construída por uma pluralidade de agentes. Este, portanto, é um espaço de relações, como escreve McQuire (2008) onde a experiência de um indivíduo está conectada a de muitos outros através da mídia.

Como aponta Hansen (1993, p. xxxiv): “numa ordem social em que a experiência é irrevogavelmente fragmentada, o que está em jogo é a possibilidade de fazer conexões – entre os domínios tradicionalmente segregados do público e do privado, da política e da vida cotidiana, da produção e do desejo, entre diversos e competitivos públicos”¹². Com base em nossa pesquisa com os participantes dos protestos de junho de 2013, buscaremos trazer alguns relatos da experiência dos participantes para perceber essas conexões que se expressam na esfera pública. Como mencionamos na introdução, esses relatos são feitos com base em entrevistas realizadas por mim, em pesquisas feitas na internet e na minha própria vivência nas manifestações.

¹² Tradução da autora para: “in a social order in which experience itself is irrevocably fragmented, what is at stake is the very possibility of making connections—between traditionally segregated domains of public and private, politics and everyday life, reality and fantasy, production and desire, between diverse and competing partial publics.”

CAPÍTULO 3: “#VEMPRARUA”: OS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 EM SÃO PAULO

A base deste capítulo é a narrativa das experiências de junho de 2013. Os relatos de experiência são elementos da constituição da esfera pública. Essa narrativa, conforme expusemos na introdução, é construída a partir das entrevistas realizadas com participantes das manifestações em São Paulo, da minha própria vivência nos protestos, de produções bibliográficas e de dados reunidos em sites de jornais, no Facebook ou outros sites devidamente citados no decorrer do texto. Optamos por fazer um capítulo narrativo pois julgamos que tal narrativa é importante para registro dos acontecimentos de junho de 2013. Como escreve Arendt (2011), a ação se dá por meio do falar, do contar histórias e do atuar em conjunto no espaço público. Cada narrativa é parte da história comum de todos que se enlaça numa teia de relações humanas (ARENDT, 2011).

Para além de uma dentre muitas narrativas possíveis das experiências de junho de 2013, realizamos também análises acerca dessas vivências a fim de aprofundarmos a discussão a respeito da nova esfera pública de que temos falado nessa dissertação. Ressalto que em minha participação observante nas manifestações na rua estive presente tanto como manifestante buscando a revogação do aumento da passagem e o direito de me manifestar, quanto como pesquisadora que observava o que acontecia registrando os acontecimentos para analisá-los posteriormente.

Portanto, este capítulo contém, em primeiro lugar, no tópico 1, uma narrativa das experiências a que tive acesso durante minha participação nas manifestações de junho. No tópico 2, por sua vez, apresentamos nossas análises acerca do espaço urbano e os novos meios de comunicação na experiência dos participantes. Nesta análise, discutiremos os pontos levantados nos capítulos anteriores, quais sejam: o agir na cidade na era da conectividade permanente e da mobilidade dos meios de comunicação; os significados dos novos meios para a ação hoje; os espaços em que esta ação ocorre e que espaços públicos ela constitui; e como, através dos novos meios, relacionamo-nos com os espaços da cidade durante a ação.

1. “PIMENTA NOS OLHOS DOS OUTROS É REPRESSÃO”: UMA NARRATIVA DOS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 EM SÃO PAULO

Antes dos protestos de junho começarem nas regiões centrais de São Paulo outras manifestações contra o aumento da passagem anunciado pelo governador Geraldo Alckmin e pelo prefeito Fernando Haddad haviam ocorrido em diferentes regiões da cidade. A primeira delas foi realizada em Pirituba, zona norte da cidade de São Paulo, quando estudantes secundaristas da Escola Estadual Ermano Marchetti ocuparam o terminal de ônibus de Pirituba com o apoio do Movimento Passe Livre (MPL), movimento fundado em 2005 que luta pelo passe livre nas cidades, e da fanfarra do m.a.l., “uma fanfarra voltada para as ações diretas e lutas autônomas” formada por jovens da cidade de São Paulo (FANFARRA, 201-).

No documentário “Primeiras Chamas” de Carlos Pronzato (2013), uma aluna da E. E. Ermano Marchetti conta que membros do MPL visitaram a escola e que, junto com os alunos, decidiram marchar pelas avenidas locais e entrar no terminal de ônibus de Pirituba se manifestando contra o aumento de R\$0,20 na passagem do transporte público anunciado pelos governos municipal e estadual. Durante o protesto, os participantes divulgaram um outro ato que ocorreria no centro da cidade no dia 06 de junho. A este se seguiram outros protestos em escolas nos bairros Dom Pedro, Jaguaré, Lapa, M’Boi Mirim e Grajaú (MPL-SP, 2013c), bairros periféricos da mesma cidade. No documentário, os alunos contam que divulgavam também o ato através do Facebook.

O MPL, então, assumiu o papel de chamar os atos. Traçou um plano de ação a ser colocado em prática para pedir a revogação do aumento em São Paulo e publicou em seu blog (MPL-SP, 2013a) e em sua página do Facebook¹³ uma mensagem convocando a população para ir às ruas no dia 06 de junho de 2013 para o “Primeiro Grande Ato Contra o Aumento da Passagem”, nome dado ao evento criado no Facebook¹⁴.

A seguir, organizamos uma tabela com a data e o local de concentração dos atos que descrevemos e analisamos nesse capítulo:

Tabela 1: Dados dos protestos de 06 a 20 de junho de 2013

Número	1º ato	2º ato	3º ato	4º ato	5º ato	6º ato	7º ato
Data do protesto	06 de junho	07 de junho	11 de junho	13 de junho	17 de junho	18 de junho	20 de junho
	5ª feira	6ª feira	3ª feira	5ª feira	2ª feira	3ª feira	5ª feira
Local de	Teatro	Largo	Praça do	Teatro	Largo	Praça da	Praça do

¹³ O endereço da página do MPL-SP é o seguinte: < <https://www.facebook.com/passelivresp?fref=ts>>.

¹⁴ Para um estudo sobre a organização do MPL nos protestos de 2013 ver: ESPÍRITO SANTO, 2014.

concentração	Municipal	da Batata	Ciclista	Municipal	da Batata	Sé	Ciclista
Número de participantes (VEJA O NÚMERO..., 2013):							
Segundo o MPL	5 mil	2 mil	12 mil	10 mil	100 mil	-	-
Segundo a PM	2 mil	5 mil	12 mil	5 mil	65 mil	50 mil	-

O usuário do Facebook, como sabemos, pode organizar eventos pelo site. Em 2013, quando criava um evento, o usuário lhe dava um nome, marcava o dia, o horário e o local em que ele seria realizado e podia convidar outros usuários a participar. O usuário tinha a opção de fazer um evento público em que qualquer pessoa teria acesso ao que era publicado na página e qualquer convidado poderia também convidar outros usuários para participar. O número de convidados ficava no canto direito da página ao lado de informações sobre quantos usuários confirmaram sua participação e quantos optaram por “talvez comparecer”. Os usuários que recusaram o convite para participar do evento não apareciam na primeira página. Os atos que o MPL organizou no centro da cidade usando o Facebook tiveram o título de “Grande Ato Contra o Aumento da Passagem” variando somente a numeração. O MPL criou seis eventos com este nome sendo o primeiro referente ao protesto ocorrido no dia 06 de junho e o último, o sexto ato, o protesto do dia 18 de junho de 2013. Houve ainda uma última manifestação convocada pelo MPL dessa mesma maneira para o dia 20 de junho, um ato comemorativo pela revogação do aumento concedida pelos governos.

Vamos às narrativas.

1.1 06 de junho de 2013: Primeiro Grande Ato Contra o Aumento da Passagem

No dia 06 de junho, a concentração para o primeiro ato foi marcada no Teatro Municipal às 17 horas. Depois de um tempo de concentração em frente ao teatro, os manifestantes começaram a caminhar. O protesto tinha a seguinte configuração: à frente, alguns manifestantes carregavam uma grande faixa preta com a seguinte frase escrita com tinta branca: “Se a tarifa não baixar a cidade vai parar”. A maioria dos manifestantes se colocava atrás da faixa que ia guiando o ato. Mais próximos da grande bandeira preta estavam os partidos e entidades apoiadoras do movimento representadas por militantes portando bandeiras. Podemos citar dentre as organizações ali presentes o PSTU, PSOL, POR, LER-QI, PCO, dentre outros. Viam-se também grupos de anarquistas vestidos de preto e vermelho

normalmente utilizando alguma máscara ou pano para cobrir o rosto. Um desses grupos, o Antifa, carrega uma bandeira metade preta, metade vermelha. Os demais manifestantes se misturavam e marchavam em conjunto com o restante do ato.

Um de meus interlocutores, Gabriel (2015), 28 anos, professor de História e Sociologia, morador do Rio Pequeno na Zona Oeste da cidade de São Paulo, que contatei por conta do questionário publicado no Facebook, relata em entrevista, que chegou ao ato do dia 06 e não conseguiu se juntar aos manifestantes porque a polícia havia formado um cordão de isolamento. Quase a totalidade dos meus entrevistados mencionou ter visto muitos policiais nos atos e alguns relatam terem sofrido forte repressão policial. A violência policial em relação aos manifestantes e aos jornalistas foi um elemento importante para a emergência de uma empatia da população brasileira em relação aos participantes da mobilização e uma indignação contra a ação policial o que resultou em uma adesão em massa da população aos protestos, conforme demonstraremos no decorrer deste capítulo.

A entrevistada Marina (2015), 24 anos, pedagoga que reside no bairro do Butantã em São Paulo, indicada por outra entrevistada de quem falarei mais adiante, conta que a experiência da repressão policial fez com que ela vivenciasse o que ela chama de uma “solidariedade com o próximo”. Nos momentos em que havia repressão, segundo ela, as pessoas se ajudavam para que todos conseguissem resistir. Essa ideia de ajuda mútua diante da repressão policial fez surgir, alguns protestos depois, espontaneamente um grupo que se formou no calor dos protestos e que se denominava GAPP – Grupo de Apoio ao Protesto Popular.

A ação policial no primeiro dia de protesto é narrada por Gabriel (2015): “Nem deu tempo de começar e a polícia já tentou destruir o ato no momento em que ele saiu. [...] Acompanhei o ato de trás dele porque a polícia fez um bloqueio que não deixava a gente passar”. Nas ruas, Gabriel (2015) viu também barreiras feitas pelos manifestantes: “uns sacos de lixo no chão incendiados e o corpo de bombeiros veio atrás apagando os pequenos foguinhos”. A formação de barricadas com sacos de lixo incendiados se tornaram comum nos atos. Neste dia, os manifestantes se dirigiram até o começo da Avenida Paulista onde alguns invadiram o shopping Paulista para tentar se proteger das bombas de efeito moral e de gás lacrimogêneo que a polícia lançava.

Outro de meus entrevistados, Lucas (2015), indicado por Gabriel, 26 anos, residente do bairro de Pirituba, Zona Norte da cidade de São Paulo, disse, em entrevista, que quando a

manifestação chegou à Praça Oswaldo Cruz “[a polícia] começou a tacar bomba da Paulista em direção ao shopping pra gente não conseguir correr para a Paulista pra pegar metrô até porque estava tudo fechado”. Por conta das bombas, ele foi até o shopping Paulista com um grupo de pessoas

que arrombou a porta do shopping e ficou lá dentro. A gente entrou correndo e os seguranças fecharam a porta do shopping, só que a polícia começou a [...] pedir pros seguranças abrirem a porta e jogar bomba de gás lá dentro [...]. Teve uma hora que o próprio segurança chegou pra gente e falou: “tem uma saída de emergência, foge logo antes que os caras entrem aqui e prendam todo mundo”. Aí, ele abriu a saída de emergência pra gente sair por trás. Aí, uma galera que moscou lá dentro acabou sendo presa, eu saí. (LUCAS, 2015)

A Avenida Paulista é um dos mais importantes símbolos de São Paulo; escrevemos brevemente a esse respeito no capítulo I. Mas a Paulista, assim chamada pelos paulistanos, não é somente um cartão postal, é um dos centros financeiros mais importantes da cidade. Paradoxalmente, ela é, ao mesmo tempo, a Wall Street paulistana e leito da população em situação de rua. Por lá passam inúmeras marchas, protestos e manifestações populares. É também palco improvisado de artistas independentes. Resumidamente, é um local em que se observam os mais variados tipos de dinâmicas sociais.

Portanto, ocupar a Paulista durante os atos de junho de 2013 era vista pelos manifestantes como uma forma de adquirir visibilidade para o movimento. Por conta disso, esse passou a ser um de seus objetivos centrais. Mesmo quando o MPL tentava determinar outros rumos, muitos participantes gritavam que queriam ir para a Paulista. A tentativa constante de ocupar a avenida acabava gerando conflitos com a polícia. Segundo a Constituição (BRASIL, 1988), é obrigatório avisar previamente as autoridades competentes sobre os locais de reunião. Além disso, um decreto local de 1997, assinado pelo ex-prefeito de São Paulo Celso Pitta, exige, dentre outras coisas, um aviso prévio dos organizadores de qualquer passeata à Companhia de Engenharia e Tráfego – CET em que conste, com antecedência mínima de 5 dias:

I - dia, horário e vias a serem percorridas, detalhados os respectivos trechos;
II - data, nome, endereço, telefone, horário comercial e assinatura da pessoa responsável pela sua organização; III - número estimado de participantes, identificação de veículos automotores participantes, e outros dados pertinentes. (SÃO PAULO, 1997)

Durante os atos de junho, porém, o MPL divulgava apenas o ponto de partida dos atos. Muitas vezes, os rumos eram decididos durante os protestos pelos manifestantes. A repressão policial, muitas vezes, acabava por dispersar os manifestantes que decidiam os novos rumos do protesto. A Paulista era um local de disputa constante entre a política e os manifestantes. Minha interlocutora Laura, 25 anos, professora da rede pública de Ensino e moradora do bairro Rio Pequeno em São Paulo, que contatei por meio do questionário, expressa esse conflito da seguinte maneira: “teve um dia que a gente queria chegar à Paulista e a gente não conseguia por nada. A polícia não deixava, não deixava. E teve uma hora que a gente conseguiu e todo mundo vibrava muito” (LAURA, 2014).

No primeiro ato, houve depredação em diversas áreas da cidade. O Metrô calculou em R\$ 70 mil o prejuízo que manifestantes causaram às estações (JUDENSNAIDER, LIMA, *et al.*, 2013). O MPL comentou no Facebook sobre as depredações, mas afirmava não ter controle sobre tudo o que ocorria durante os protestos:

As depredações só se iniciaram depois de um segundo momento de repressão brutal e prisões, realizadas na região da Avenida Paulista. O Movimento Passe Livre não incentiva a violência em momento algum de suas manifestações, mas é impossível controlar a frustração e a revolta de milhares de pessoas com o poder público e com a violência da Polícia Militar. (MPL-SP, 2013b)

Mesmo com manifestantes presos e intensa repressão policial, o MPL chamou o segundo ato contra o aumento da tarifa para o dia seguinte, 07 de junho de 2013.

1.2 07 de junho de 2013: Segundo Grande Ato Contra o Aumento da Passagem

O local de concentração do segundo ato foi o Largo da Batata, no bairro de Pinheiros. Alguns de meus interlocutores relataram que se organizavam em blocos para irem aos atos. Às vezes, em blocos ligados a organizações partidárias ou de colegas da universidade onde estudaram, a USP. O objetivo, segundo eles, era tentar se manter seguros. Mas, como menciona Laura (2014), e conforme também pude observar enquanto estive nas ruas, essa forma de organização não era a característica predominante dos protestos contra o aumento. Segundo ela: “em junho, apesar de isso estar presente, não era o que predominava. [...] Não era todo mundo que se organizava por blocos. [...] As pessoas iam também totalmente soltas, com amigos, com poucos amigos, até sozinhas” (LAURA, 2014).

No ato do dia 07 de junho de 2013, os manifestantes se concentraram às 17 horas e começaram a andar saindo do Largo da Batata até a Avenida Brigadeiro Faria Lima. Desde o início da mobilização, o MPL dialogava com a população através da internet. Antes do ato do dia 7, os organizadores promoveram uma enquete na página do evento no Facebook sobre as formas de conduta dos manifestantes na ação. Nessa enquete é possível observar que a prática de filmar e registrar a ação na rua já estava sendo realizada desde o início dos atos e era uma ferramenta para a denúncia dos atos abusivos da polícia.

A maioria (1,1 mil votos) escolhia a opção: “Sem vandalismo, se a polícia agir a gente grava e divulga a repressão”. Mais de 200 pessoas votaram em “Sem vandalismo, mas se a polícia vier para cima, nós vamos para cima deles!” A opção “Fazer muito barulho e parar o trânsito” reunia mais de 200 votos, e menos de 100 pessoas votaram em “Com vandalismo! Tem que quebrar tudo e dar motivo pra falarem”. (RIBEIRO et al., 2013)

Gabriel relata de forma detalhada o que viveu naquele dia e o que sentiu:

O ato começou no Largo da Batata. Foi um ato convocado de um dia para o outro. No Largo começou o ato, pegamos a [Av. Brigadeiro] Faria Lima, viramos na [Av.] Rebouças, até aí eu já estava achando o máximo. A Faria Lima e a Rebouças! Aí eu pensei: “puta, para onde a gente vai? [...] Estamos indo em direção ao Palácio do Governo?” E, de repente, a galera toma a Marginal [Pinheiros]. Foi animador demais! (GABRIEL, 2015)

O ato continuou ainda algum tempo pela Avenida das Nações Unidas, também conhecida por Marginal Pinheiros. Quando a polícia lançou as primeiras bombas, algumas pessoas tentaram manter os manifestantes unidos para resistirem à PM gritando: “não corre, não corre”, diz Gabriel (2015). Marcante nos protestos de junho foi a presença dos black blocs que se colocavam à frente dos manifestantes buscando resistir à ação policial e impedir que a manifestação fosse dispersada.

O Black Bloc nasceu na Alemanha em 1980 e era composto por manifestantes vestidos de preto que usavam máscaras para evitar sua identificação por parte da polícia. O intuito principal, no fim dos anos 80, era “oferecer proteção às passeatas, impedindo a infiltração de agentes provocadores e protegendo os manifestantes dos ataques da polícia” (JUDENSNAIDER, LIMA, *et al.*, 2013, p. 37). Posteriormente, nos anos 1990, o Black Bloc ressurgiu nos Estados Unidos nos protestos contra a Organização Mundial do Comércio em Seattle e orientou sua ação à destruição da propriedade privada como forma de protesto (JUDENSNAIDER, LIMA, *et al.*, 2013). Nos atos contra o aumento de 2013, os black blocs se colocavam na linha de frente da manifestação num confronto direto com a polícia. O grupo também foi responsável pela depredação de agências bancárias e grandes lojas gerando

controvérsia entre os manifestantes que não apoiavam esse tipo de ação. Segundo minha interlocutora Bruna (2015), 24 anos, universitária e moradora do bairro do Tatuapé, Zona Leste de São Paulo, indicada por outra entrevistada: “teve também a galera do quebra-quebra, fiquei triste com o povo mascarado quebrando as estações de trem, lojas, carros estacionados”.

Na Marginal Pinheiros, os manifestantes não se dispersaram e o ato continuou por algum tempo. Gabriel conta que as pessoas começaram a voltar para o Largo da Batata onde a manifestação estava programada para terminar, porém, ao chegarem ao Largo, muitos permaneceram e o protesto não se desfez. Mesmo depois que um representante do MPL e um membro do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) tentaram finalizar o ato através de jogral, parte das pessoas que lá estava começou a gritar: “vamos para a Paulista!” Indo além, segundo Gabriel (2015), “espontaneamente, do que a esquerda tradicional deixava”. Ao que parecia, estava acontecendo o que Lucas Monteiro do MPL, afirmou no documentário “A partir de agora” (PRONZATO, 2014): “Nosso objetivo era que a luta saísse de nosso controle, e ela saiu”.

Alguns manifestantes ainda chegaram a ir para a Av. Paulista neste dia. Embora o MPL definisse o ponto de partida para o ato, não colocava na internet qual seria o trajeto. Para o MPL, a decisão do trajeto era uma decisão estratégica a ser tomada dentro do Movimento (JUDENSNAIDER, LIMA, *et al.*, 2013). Mas mesmo que o jogral¹⁵ tivesse sido utilizado diversas vezes em junho, as decisões sobre como seriam conduzidos os atos normalmente eram tomadas em reuniões do MPL. Mesmo assim, na prática, a rua acabava ditando algumas outras regras e rumos também para a mobilização. A horizontalidade, um dos princípios norteadores do MPL, acontecia nos atos de maneira espontânea. Os próprios participantes não reconheciam o MPL como líder o que ficou cada vez mais evidente no decorrer do tempo em que duraram as manifestações.

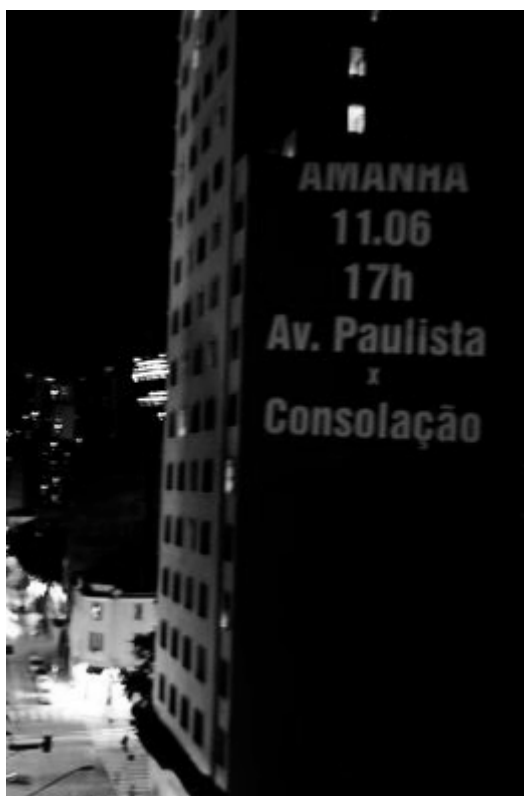
No dia 07 de junho, a manifestação terminou sem grandes episódios de violência ou depredação (JUDENSNAIDER, LIMA, *et al.*, 2013). O MPL chamou, então, o “Terceiro Grande Ato Contra o Aumento da Passagem” para o dia 11 de junho. A página do evento no Facebook ganhou enorme visibilidade e 28 mil perfis confirmam participação no ato.

¹⁵ O jogral é uma forma de propagar uma ideia comumente utilizada em manifestações populares que consiste em que uma pessoa fala, normalmente em um alto-falante, e quem escuta repete o que ela falou para que as pessoas mais distantes possam ouvir o que está sendo dito.

1.3 11 de junho de 2013: Terceiro Grande Ato Contra o Aumento da Passagem

A concentração para o terceiro ato foi na Praça do Ciclista, no cruzamento da Avenida Paulista com a Rua da Consolação. O MPL e a Mídia NINJA utilizaram também os edifícios da cidade para se comunicarem com a população chamando-a para os atos. A Mídia NINJA – NINJA quer dizer Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação – é um grupo que se organiza como “uma rede de comunicadores que produzem e distribuem informação em movimento, agindo e comunicando” (MÍDIA NINJA, 201-).

Figura 2 – Projeção da chamada para o 3º ato em edifício



Fonte: ARCANJOLETO, 2013.

Este foi o primeiro ato de que participei em 2013. Narro os episódios deste dia a partir do que vivenciei na rua. No dia 11 de junho, saí do trabalho e marquei de encontrar com uma pessoa às 18h no metrô Paulista. De dentro do metrô já era possível ouvir os manifestantes cantando “O povo acordou”. A configuração do protesto era basicamente a mesma. A grande bandeira à frente sendo levada por manifestantes mascarados ou não, partidos políticos também na linha de frente e os demais manifestantes se misturando com eles. Chovia bastante e a temperatura estava em torno de 24°C, mas mesmo sob a chuva, uma moça andava sem

camiseta pela rua e ao passar por mim, gritou: “Marcha das Vadias de Guarulhos”. O grupo era plural e reunia diversos movimentos sociais, havia muitos jovens.

O primeiro contato com a polícia nesse dia foi quando tentamos continuar pela Rua da Consolação indo sentido centro. Fomos impedidos e ouvimos os primeiros sons de bomba de efeito moral e corremos em direção à Praça Roosevelt. A situação durou algum tempo, mas não conseguiu dispersar os manifestantes. Algumas pessoas gritavam que deveríamos ir para a Rua Augusta. Outras diziam que deveríamos esperar e não correr. Em diversos momentos, quando acontecia uma repressão como essa, os novos rumos do protesto acabavam sendo decididos no momento. A decisão dos novos caminhos a serem seguidos na manifestação vinha não se sabe exatamente de quem. Em algum lugar as pessoas começavam a gritar algumas possíveis direções e todos gritavam passando o comando adiante. Neste dia, as informações foram desencontradas, os rumos escolhidos, diferentes, mas acompanhei um enorme grupo que seguiu por baixo da Praça Roosevelt.

Passar pelo túnel me impressionou bastante. Havia muita fumaça, talvez de sinalizadores, porque não incomodava os olhos e nem o nariz. A multidão que passava pelo túnel cantava e o canto fazia um eco muito alto. Chegamos até a Avenida Liberdade e seguimos sentido Terminal Parque Dom Pedro pela Rua Rangel Pestana. No caminho avistamos um ônibus queimado e os manifestantes que passavam por ali junto conosco, em vista do ônibus em chamas, gritaram em coro: “Desnecessário!” O novo trajeto do ato, que soube ouvindo as conversas das pessoas, seria: passar pelo terminal urbano Parque Dom Pedro e continuar a caminhada até a Praça da Sé. No entanto, na rua que descia para o terminal, uma “parede” de policiais militares se formou. Ficamos parados durante mais de meia hora em frente ao terminal sem poder seguir em frente. No caminho encontrei diversos outros amigos. A negociação com os policiais para que pudessemos entrar no terminal era intensa, mas o impasse não se resolvia.

Em dado momento, enquanto esperávamos, um rapaz mascarado, com um coturno preto, calças jeans, camiseta e um colete com um A de Anarquismo desenhado nas costas, com a ajuda de outros colegas, subiu numa espécie de cobertura de uma loja e pixou “3,20 NÃO!”¹⁶. As pessoas que estavam por ali aplaudiram o ato e assobiaram em apoio ao rapaz que desceu rapidamente.

¹⁶ A grafia com “x” é proposital por ser a forma como os próprios pixadores a utilizam.

O tenente-coronel Marcelo Pignatari da PM, no documentário “Junho” (CANZIAN; WAINER, 2014), em imagem gravada neste momento do protesto, disse: “estabelecemos um acordo de trajeto com a liderança, mas eles romperam esse acordo. Porque, na verdade, não há uma liderança, há várias pessoas que se apresentam como líderes do movimento”. Apesar da proibição policial, os manifestantes tentaram entrar no terminal. A polícia reagiu com bombas de gás lacrimogêneo e tiros de balas de borracha. Do local onde eu estava pude sentir o ardor do gás lacrimogêneo pela primeira vez. Vi algumas pessoas correndo por uma rua na lateral do terminal e as segui. As bombas, mais uma vez, ao invés de dispersarem a manifestação, pareciam ser como álcool alimentando o fogo. A cada confronto com a polícia, mais o ânimo das pessoas crescia e mais elas se uniam para dar continuidade ao ato.

Caminhando por essa rua lateral, alguns skatistas batiam o skate em portas de lojas fechadas e destruíam alguns latões de lixo da prefeitura. As pessoas, diante dessas ações gritavam em coro: “não quebra! Não quebra”. Dali, desembocamos no Bairro do Glicério na região central de São Paulo. Moradores da região saíam nas janelas, tiravam foto e observavam a multidão que passava. Ninguém fechou o comércio como havia ocorrido em outros locais. Subimos uma ladeira bem íngreme tentando voltar para o centro. Do alto da ladeira, olhei para trás e era possível ver parte da multidão que subia. Gabriel (2015), meu interlocutor, comenta que da parte de cima da mesma ladeira olhava para trás e não conseguia ver o fim da manifestação.

Chegamos à Praça da Sé e os manifestantes foram subindo as escadas da Catedral e sentando no chão, apenas comemorando o ato para finalizá-lo. Foi quando vimos voar inúmeras bombas de gás para cima de nós e correremos descendo apressados as escadas. Vi que algumas pessoas chutavam as bombas de volta ou as pegavam com luva e jogavam na direção dos policiais. Jogaram pedras também. Saímos correndo e, no caminho, um carro da rede Globo estava sendo pixado e depredado por alguns manifestantes. Corremos para a Praça João Mendes onde algumas pessoas tentaram se reunir novamente.

Neste momento, o ato se dividiu em várias partes. Algumas pessoas seguiram para o bairro da Liberdade. Caminhando na direção do metrô de mesmo nome, vi agências bancárias depredadas. Gabriel (2015) relata que foi com um grupo de umas 800 pessoas pela Avenida Brigadeiro Luís Antônio em direção à Av. Paulista e no caminho alguns manifestantes iam quebrando as vidraças das agências bancárias. “A hora que a gente chegou à Paulista foi o máximo, porque tinham outros grupos de 800 pessoas chegando por outras ruas. Até que de

repente a gente estava quase se concentrando de novo, virando umas cinco mil na frente do MASP... Bomba, bomba, bomba, bomba, bomba” (GABRIEL, 2015).

Nesta noite, a manifestação durou quase 6 horas, 20 pessoas foram presas e duas foram atropeladas (JUDENSNAIDER, LIMA, *et al.*, 2013). As fianças exigidas pela liberação dos presos giravam em torno de R\$ 20 mil reais (SOARES, 2013a). O MPL publicou em seu Facebook uma conta bancária para arrecadação do dinheiro para pagar as fiança dos presos. As palavras “vandalismo” e “baderna” foram utilizadas pelo governador Geraldo Alckmin para se referir aos manifestantes em seu Twitter¹⁷. A televisão, os jornais Folha de S. Paulo e Estadão, e a revista Veja, semanário de grande circulação em São Paulo, utilizam os mesmos termos (JUDENSNAIDER, LIMA, *et al.*, 2013). As imagens de locais depredados, barricadas, lixos pelas ruas se espalharam pela mídia e pela internet. Paralelamente a isso, centenas de relatos e imagens feitas pelos manifestantes foram compartilhadas nas redes sociais. Eu, inclusive escrevi sobre minha experiência e compartilhei relatos de meus amigos. Em seus perfis do Facebook, participantes escreveram alguns relatos e manifestações de indignação contra o tratamento policial e contra a mídia. Minha interlocutora Cláudia, 24 anos, professora de História e moradora do bairro Jaguaré de São Paulo, indicada por Laura, após o ato do dia 11, escreve em seu perfil do Facebook: “Pra quem está preocupado: estou bem, viva e sem ferimentos maiores!”

1.4 13 de junho de 2013: Quarto Grande Ato Contra o Aumento da Passagem

Mesmo após o terceiro ato, o aumento não foi revogado e o MPL criou a página do “Quarto Grande Ato Contra o Aumento da Passagem” no Facebook, agendando-o para o dia 13 de junho. A concentração seria, novamente, em frente ao Teatro Municipal, como no primeiro. As imagens das depredações, as prisões realizadas e o tratamento dado aos manifestantes pelas autoridades que se referiam aos participantes dos protestos como vândalos e baderneiros, neste dia, estavam presentes nos jornais de maior circulação na cidade.

Marcantes pelo seu teor incisivo, os editoriais da Folha de S. Paulo e o Estado de São Paulo no dia 13 de junho rodaram as redes sociais. Na Folha a ordem era “Retomar a Paulista” e colocar um “ponto final” nos protestos (RETOMAR..., 2013). No Estado de São Paulo se lia que a polícia deveria agir “com mais vigor” pois a “atitude excessivamente

¹⁷ Twitter do governador: <https://twitter.com/geraldoalckmin_>. Acesso em 25 mai. 2015.

moderada do governador” cansou a população e era chegada a “hora do basta” que só poderia ser dado com maior “rigor das autoridades” (CHEGOU..., 2013). A polícia, por sua vez, afirmava que não deixaria mais os manifestantes “à vontade pela cidade” e que iria “agir para evitar qualquer tipo de ação que quebre a ordem” (PM..., 2013).

No dia 13 junho, diversos comerciantes fecharam suas lojas mais cedo no centro da cidade. Horas antes do ato, que começaria às 17 horas, a polícia já se concentrava no local. Algumas pessoas que passavam próximo ao Teatro Municipal ou trabalhavam na região postaram no Facebook e Twitter fotos da concentração policial em frente ao local. O policiamento começou cedo e pessoas foram revistadas na saída do metrô ou em ruas próximas ao Teatro. Bolsas e mochilas foram vistoriadas e uma pessoa foi detida por porte de vinagre (SOARES, 2013b) e outra, Rafael, que se tornou um ícone das manifestações, por carregar garrafas de desinfetante (RECURSO..., 2015). Estas notícias correram rapidamente as redes sociais e viraram piada na internet. Estava se formando na rede a “Revolta do Vinagre”.

Participei também deste ato nas ruas e aqui, novamente, narro os fatos a partir de minha própria experiência. Encontrei-me com quatro pessoas no metrô República. Quando saímos da estação, o ato já havia começado e nos juntamos a ele na Rua Barão de Itapetininga. Seguimos pela Avenida Ipiranga e o ato foi barrado pela polícia em frente à Igreja da Consolação na Praça Roosevelt enquanto tentava seguir pela Rua da Consolação. Novamente, como no ato do dia 11, ficamos parados por mais de meia hora esperando a negociação entre alguns manifestantes e a polícia. Não consigo saber qual foi exatamente o resultado da negociação, mas, depois de algum tempo, ouvi o barulho das bombas de efeito moral. Seguimos beirando a Praça Roosevelt em direção à Rua Augusta. “Polícia baderneira!” era o grito da multidão. A confusão, porém, só estava começando naquele “fatídico dia 13” (GABRIEL, 2015).

O despreparo da polícia para lidar com a manifestação neste dia ficou ainda mais evidente e o uso da força desproporcional contra manifestantes e jornalistas foi decisivo para o crescimento da mobilização. Após o quarto ato, a mobilização havia ganhado o Brasil e teve adeptos até mesmo de brasileiros residentes em cidades fora do país. A televisão e os jornais passaram a condenar a ação da polícia apoiando os manifestantes, como veremos. Na internet, os participantes se comunicavam com a população e denunciavam que a repressão policial colocava em xeque o direito das pessoas de se manifestarem. Marina (2015) me conta que o

ato do dia 13 seria sua primeira experiência em um protesto massivo e a repressão policial também seria marcante para ela. Laura (2015), após o primeiro impasse com a polícia, quase desmaiou e teve de ser socorrida por amigos.

A Rua Augusta não estava interditada e milhares de manifestantes caminhavam entre os carros proferindo palavras de ordem. A imagem era caótica: carros atravessados nas ruas, alguns buzonavam apoiando. Participantes subiam em caminhões e gritavam, “vem pra rua”. Moradores dos prédios da Rua Augusta saíam às janelas e se juntavam ao coro. Enquanto caminhávamos em direção à Avenida Paulista, fomos barrados pela frente e cercados por trás pela polícia. Mais bombas. O grupo se dividiu.

Segui com a parte dele que foi pela Rua Bela Cintra. Conforme passávamos, víamos pessoas atrás das grades dos prédios e apartamentos observando a multidão que caminhava. Quando estávamos quase na Rua da Consolação novamente, deparamo-nos com a polícia. Quem estava na linha de frente começou a gritar: “volta”. Não havia como voltar, estávamos encurralados. Uma mulher em pânico dentro do carro foi acalmada por algumas manifestantes. Sentamo-nos na rua e esperamos. Sentados em silêncio, ouvimos mais uma vez um barulho a que estávamos nos habituando: mais bombas.

Levantamos e fugimos para a Rua Fernando de Albuquerque e, finalmente, ganhamos a Consolação. Gritamos comemorando uma primeira vitória. Estávamos em êxtase. Tínhamos conseguido, apesar da repressão, ocupar uma importante via da cidade. Minha interlocutora Marina parece ter vivido algo parecido neste dia e relata: “Ver a força das pessoas na rua foi muito impactante porque nesse dia o ato estava bastante grande. E teve momentos em que [ele] se quebrou ao meio, se dividiu. E momentos bastante marcantes em que o ato se reencontrou em algumas ruas. Foi bastante emocionante” (MARINA, 2015).

De onde eu estava, pude ver que algumas pessoas colocavam lixos nas travessas da Rua da Consolação para fazer uma barricada contra a polícia. Mas a PM cercou o ato pela frente e por trás. Encurralados, fomos nos sentando. De repente, as pessoas começaram a correr. O grupo já estava bem menor. O gás lacrimogêneo, o spray de pimenta e as balas de borracha eram atirados contra os manifestantes. Pessoas distribuíam vinagre e passavam umas nas outras. Corremos para um canto com a pele, os olhos a arder fortemente.

Meu grupo que era de cinco pessoas se transformou numa dupla. De braços dados corri com a Isabela pela Rua Maceió onde pessoas jogavam objetos nas ruas e outras se protegiam atrás de uma placa enorme de metal que não consegui identificar o que era.

Chegamos à Rua Angélica e começamos a descer já sem saber se iríamos continuar o protesto.

Foi como se cruzássemos um portal mágico e entrássemos numa outra dimensão onde reinava a paz: assim estava a Avenida Higienópolis. Pessoas passeavam pela rua com seus cachorros e não parecia que a uma quadra dali o cenário era tão diferente. Sentadas na rua tentamos contatar alguns amigos pelo celular. Mandamos mensagens, mas não tivemos resposta. Fomos caminhando em direção à Rua da Consolação para chegarmos à Av. Paulista. Na Rua Maria Antônia voltamos à dimensão da violência e do caos. Lixo espalhado pelas ruas e os gritos de um grupo que vinha logo atrás de nós. Um grupo pequeno agora, de umas 30 pessoas, mas seguimos sozinhas.

Neste dia, os ataques policiais dispersaram o ato em diversos grupos diferentes e evitaram a todo custo que os manifestantes chegassem à Paulista. Nós nos comunicávamos com algumas pessoas que estavam em lugares distintos pelo celular. Uma parte de nosso grupo estava, em determinado momento, na Avenida Pacaembu. O companheiro de minha amiga se encontrava com outro grupo na Rua Peixoto Gomide. Gabriel e Laura estavam na Avenida Paulista. Gabriel me conta na entrevista um pouco da sua experiência na Av. Paulista nesse dia:

Foi o dia daquela coisa linda: “Polícia fecha a Avenida Paulista para impedir que manifestantes fechem a Avenida Paulista”. [...] Eu tive a impressão de que eu tinha caído em 1934 na Alemanha nazista, porque tinha um desfile de policiais e de muitos ônibus da polícia que passou prendendo a galera do nada. Tipo, olhava pras pessoas, pegava, puxava e prendia. Foi aquele dia que teve mais de 250 presos. Inclusive os presos por porte de vinagre. (GABRIEL, 2015)

Em sua fala, Gabriel menciona um *meme* que foi compartilhado milhares de vezes nas redes sociais. Numa imagem do canal Globo News, a polícia ocupa as duas faixas da Avenida Paulista. Na legenda da reportagem internautas colocam a seguinte frase: “Polícia fecha Avenida Paulista nos dois sentidos para evitar que manifestantes fechem a Avenida Paulista”.

Figura 3 – *Meme* feito com imagem da Globo News



Fonte: ZENI, 2013.

A moça, que estava comigo, quis voltar à sua casa e eu decidi subir sozinha para a Avenida Paulista. Meu celular tinha quebrado no dia anterior, não durante o protesto, mas usando um orelhão consegui localizar dois amigos que se dirigiam à Avenida Paulista e combinei que os encontraria no MASP. Alguns passos depois, subindo a Augusta em direção ao MASP escutei alguém gritando meu nome. Minha amiga corria atrás de mim: o amigo com quem eu iria me encontrar tinha lhe enviado uma mensagem dizendo que não era seguro subir porque a polícia estava batendo nas pessoas e prendendo gente por lá. Desisti, então, de continuar o ato. Eram 21h45.

Tomei um ônibus para subir a Rua da Consolação e pegar o metrô no início da Paulista. No ônibus as pessoas conversavam a respeito do ato. Algumas diziam que era baderna. O cobrador defendia os manifestantes dizendo que estavam dentro de seu direito. Desci no mesmo ponto que um rapaz que conversava no telefone pedindo para alguém esperá-lo perto da estação Consolação do metrô. Ele me contou que, em determinado momento, quando a PM cercou os manifestantes por trás para encurralá-los se colocando em frente a um prédio, moradores do prédio lançaram água e objetos contra os policiais, que acabaram abandonando o local.

A região da Av. Paulista próxima à estação Consolação do metrô estava sitiada por policiais e por diversos veículos da corporação. Nas ruas, havia muito lixo espalhado – vi quando os responsáveis pela limpeza urbana chegaram em meio ao caos que eles teriam que limpar – e focos de incêndio. Entrei no metrô, uma menina falava no celular tentando localizar

seu amigo: “Viu, você pode tentar falar com ele? Há duas horas que estou tentando ligar e não consigo, nos separamos ali na Augusta e não consegui mais falar com ele!”

Na sexta-feira, dia 14 de junho, os protestos do dia anterior estão na internet. Dentre os assuntos mais comentados no Twitter no Brasil estavam: “PM de SP”, “vinagre”, “PM quebra o vidro da própria viatura” (ASSUNTOS..., 2013). Um vídeo que mostra um policial militar quebrando o vidro da própria viatura viraliza na internet¹⁸. Uma das grandes piadas herdadas dos conflitos do dia 13 é a “arma ameaçadora” utilizada pelos manifestantes: o vinagre. Diversos vídeos ironizando a situação foram publicados na rede. Após a prisão de um jornalista por porte de vinagre (JORNALISTA..., 2013) dentre outros episódios a que a população assistiu naquele dia, o humor aparece como uma forma de resistência ao ser utilizado para ridicularizar as autoridades policiais sendo difundido pela internet. Diversos *memes* fazendo referência ao vinagre são compartilhados. Flora, minha interlocutora, 26 anos, professora que mora perto do aeroporto de Congonhas, que contatei através do questionário, lembra, rindo, desses episódios: “Pra mim foi uma coisa muito jovem mesmo, de pessoas insatisfeitas. [...] teve, eu lembro, de gente falando da Revolução da Salada porque pessoas foram presas porque estavam com vinagre. Enfim, muita comédia em cima disso tudo. Muitas pessoas fazendo zoeira” (FLORA, 2014). Um dos *memes* que chegou até mim à época foi o seguinte:

Figura 4 – *Meme* da Revolta do Vinagre

¹⁸ Uma versão do vídeo que tem mais de dois milhões de visualizações pode ser vista neste link: <<https://www.youtube.com/watch?v=kxPNQDFcR0U>>.



Fonte: KAOS, 2013.

Durante os atos era comum ver alguns manifestantes usando a máscara de um personagem de uma história em quadrinhos chamada “V de Vingança” (MOORE; LLOYD, 2012) . O enredo, transformado em roteiro de cinema por Larry e Lana Wachowski (2005), conta a história de V, um vigilante que pretende explodir o Parlamento Inglês como forma de vingar o povo britânico que sofre sob o domínio de um governo totalitário e fascista. O personagem V, que nunca mostra seu rosto, porta sempre a máscara inspirada no rosto de Guy Fawkes, soldado inglês que participou da “Conspiração da Pólvora” em 1605 (GUY FAWKES, 2015). Essa associação entre o “V” de Vingança e o “V” de Vinagre também foi expressa em meme:

Figura 5 – *Meme*: V de Vinagre



Fonte: MÃES DE MAIO, 2013.

A máscara de V foi também adotada pelo grupo hacker ativista Anonymous. Este grupo surgiu em 2003 e é formado por ativistas que assim se denominam e estão presentes em diversos países. O Anonymous não é um grupo fechado ao qual as pessoas se filiam, mas qualquer pessoa que compartilhe da ideia do ativismo cibernético contra instituições e governos, uma espécie de ativismo anárquico anônimo, poderia se denominar Anonymous. Em junho de 2013, ativistas hackers que assim se identificavam realizaram algumas ações na internet a favor das manifestações. Como apoio aos protestos, hackers tiraram do ar diversos sites. O Anonymous e outros grupos de ativistas hackers invadiram o Twitter da Revista Veja (ANONYMOUS..., 2013) e o site da Polícia Militar do Estado de São Paulo (ZMOGINSKI, 2013), uma espécie de empastelamento digital.

Até antes do dia 13, os jornais Folha de S. Paulo, O Estado de São Paulo, a revista Veja e a Rede Globo noticiavam os protestos dando atenção às depredações realizadas pelos manifestantes e os desqualificavam chamando-os de baderneiros e vândalos. Isto fez com que vários de meus colaboradores passassem a desacreditar das notícias que viam nestes meios. Laura (2015) diz que “Todas as informações eu via por internet até porque, se aparecia alguma coisa na televisão, até via alguma coisa na televisão, mas de imediato eu já ia procurar

na internet se aquilo que estava na televisão era verdadeiro, se estava acontecendo mesmo, como que era”.

Maurício, outro de meus entrevistados, 33 anos, analista de sistemas, morador do bairro Vila Formosa na Zona Leste de São Paulo, indicado para entrevista por Lucas, acha que “se não fosse rede social [a mobilização] nem teria tomado a proporção que tomou porque a mídia, a TV, não passava tudo como realmente aconteceu e a gente ficava sabendo através de mídias alternativas, *podcasts*, *youtubers* postando informação. E essa informação a gente repassava, eu repassava” (MAURÍCIO, 2015). Lúcio, editor de vídeo que conheci no ato do dia 17 de junho de 2013 e entrevistei no dia 13 de outubro de 2014, 29 anos e morador do bairro Jardim São Paulo na Zona Norte de São Paulo, também menciona uma suspeita em relação às informações que chegavam a ele, mas em relação ao que via na rede: “[pelo Facebook] recebia informação dos protestos. Sempre tinha que checar duas vezes tudo pra saber se era mesmo verdade” (LÚCIO, 2015).

A partir do dia 13, os jornais citados e canais de televisão noticiaram os protestos dando atenção a jornalistas e manifestantes feridos. Participantes do protesto publicaram relatos e fotos sobre o que ocorria nas ruas. Matérias jornalísticas condenavam a violência da polícia (ASSOCIAÇÃO..., 2013). Muito se falou nas redes – e alguns de meus colaboradores também mencionam este episódio – sobre o programa apresentado pelo repórter Jorge Luís Datena, chamado Cidade Alerta, do dia 13 de junho. O programa era veiculado na rede Record a partir das 17h20 e trazia notícias normalmente relacionadas à violência urbana e crimes. Datena, como o apresentador é chamado pelo público da TV, é conhecido por apoiar o aparelhamento da polícia militar e pela redução da maioria penal. O programa tem uma audiência importante que fica diariamente entre 9 e 10 pontos, cada ponto equivale a 67 mil lares na Grande São Paulo (SANTOS, 2014).

No programa do dia 13, publicado no YouTube (HEMEG, 2013), Datena estava mostrando imagens dos atos nas ruas e comentava sobre os protestos:

Baderna eu sou contra. Baderna...me inclua fora dessa. Eu acho que o protesto tem que ser pacífico, não pode ter depredação, não pode impedir via pública e joga esses caras contra a população porque tem muita gente já revoltada contra essas pessoas que estão fazendo esse tipo de protesto.

Ele anunciava que faria uma pesquisa em cima deste tema e uma pergunta foi colocada no ar: “Você é a favor deste tipo de protesto?” Embaixo da pergunta duas respostas possíveis: SIM ou NÃO que podiam ser escolhidas através de ligações telefônicas. Datena descreve a

pergunta dizendo: “Você é a favor deste tipo de protesto que inclui aí depredação pública, o pessoal mandando nas vias públicas. Não estou perguntando sobre o aumento da passagem que eu também sou contra. Mas o tipo de protesto que tem acontecido com quebra-pau”.

Em poucos minutos o SIM alcança 3.012 votos enquanto o NÃO tem 1.942. Datena reformula então a questão que passa a ser escrita da seguinte forma: “Você é a favor do protesto com baderna?” O quadro se mantém semelhante: 2.351 votos para SIM e 998 para o NÃO. A participação dos telespectadores do Datena naquele momento já demonstrava o que veríamos no ato seguinte: o apoio popular aos atos estava crescendo e extrapolava a internet, em que os usuários são produtores, para um outro meio em que alguém tentava falar por eles, sem sucesso, a televisão.

Nas redes sociais, houve um aumento das discussões sobre a liberdade de manifestação e a reprovação da ação da polícia militar. Relatos sobre pessoas atingidas foram compartilhados milhares de vezes no Facebook. No Twitter os discursos pela liberdade do protesto também foram muito replicados (MALINI, 2013). A atribuição de *hashtags* aos posts relacionados com os protestos também era comum. Como Fabio Malini (2013) observa, a mobilização de junho teve muitas *hashtags* não apenas uma. Dentre elas estava: #vemprarua, #protestosBR, #vdevinagre, #revoltadasalada, #revoltadovinagre. Após o dia 13, as pautas das manifestações também se multiplicaram e foram se tornando difusas. Diversas outras demandas começaram a surgir nas ruas e nas redes sociais. Essa ampliação de pautas ficava cada vez mais evidente.

1.5 17 de junho de 2013: Quinto Grande Ato Contra o Aumento da Passagem

O evento no Facebook relacionado ao quinto ato organizado pelo MPL agendado para o dia 17 de junho no Largo da Batata teve mais de 250 mil confirmados. Usuários que confirmaram a participação no evento conduziam discussões acerca dos objetivos dos protestos:

Figura 6 – Primeira enquete registrada na página do quinto ato contra o aumento da passagem

Além do preço da passagem (o aumento de R\$0,20), QUAIS MOTIVOS TE LEVAM A MANIFESTAÇÃO? ✕

☒	Corrupção	...	outras 10.475 pessoas
☒	Educação	...	
☒	Censura/Manipulação	...	
☒	Saúde	...	
☒	Qualidade de Vida em Geral no País	...	
☒	Violência (em geral)	...	
☒	Reforma no Sistema	...	
☒	PEC 37	...	
☒	Repressão	...	
☒	Mostrar que o governo serve o povo e não o povo serve o governo	...	
☒	Contra o Modelo Político no Brasil	...	
☒	Violência da PM	...	
☒	Má utilização dos recursos públicos, falta de infraestrutura básica	...	
☒	Abrir os olhos das pessoas que não querem encher a verdade explicita	...	
☒	GRANDE Desigualdade Social	...	
☒	DIMINUIR OS SALARIOS E AS VERBAS DE VEREADORES, DEPUTADOS E SENADORES	...	
☒	Impostos	...	
☒	Tudo isso.	...	
☒	Transporte Público Lento INEFICIENTE	...	

74093 VER OS POLITICOS CORRUPTOS NA

Fonte: registro da autora.

Alguns *memes* que circulavam pelas redes sociais traziam mensagens sobre a necessidade de manter o foco do protesto na revogação do aumento da passagem. Por outro lado, muito se discutia a respeito da limitação dessa bandeira única quando os problemas do Brasil eram muito mais sérios. Nas redes, discutia-se muito também a respeito da presença ou não de bandeiras de partidos nas manifestações. Na página do quinto ato havia a seguinte enquete:

Figura 7 – Segunda enquete registrada na página do quinto ato contra o aumento da passagem

O que devemos fazer com quem usar Bandeiras desses partidos PSOL, PSTU e outros?

☐	Umedecer com vinagre e distribuir pra galera	...
☐	SEM INCITAR BRIGAS INTERNAS NO MOVIMENTO! TODOS JUNTOS PELO MESMO IDEAL	...
☐	TOMAR AS BANDEIRAS E QUEIMAR	...
☐	Deixá-los em paz, porra!	...
☐	NADA	+84
☐	Vc devia vestir uma farda então, o discurso ta o mesmo	+64
☐	Partidos não me representam, pois estragam a imagem do povo livre.	+50
☐	Devemos valorizar a multiplicidade e a amplitude do movimento.	+39
☐	Chegar neles, na boa pra não lotar com as bandeiras	+26
☐	TODOS OS PARTIDOS SÃO LIXOS, VOTAR EM PESSOAS.	+26
☐	O movimento devia ser apartidário, mas é um direito deles	+22
☐	Enfiar no CÚ deles, chega de bandeiras de partidos!	+20
☐	Eles querem votos, queremos liberdade, FORA BANDEIRAS	+18
☐	VENDO BANDEIRAS POLITICAS VOU SAIR FORA.	+17

Fonte: registro da autora

O debate sobre a presença ou não de partidos políticos reaparece nos atos nas ruas dividindo opiniões. Marcela (2015), minha interlocutora, 22 anos, moradora do Butantã, estudante, indicada por Cláudia, fala de sua preocupação com a mensagem que estaria passando durante a manifestação. Ela diz que, no protesto do dia 17 de junho de 2013, caminhou ao lado de diversos grupos partidários e de movimentos sociais que erguiam suas bandeiras e eram rechaçados por isso. Ela temeu, por estar próxima a eles, que a associassem a tais movimentos. Em suas palavras:

A princípio eu me senti bem por não estar em casa assistindo ao Jornal Nacional e vendo tudo somente pela TV. Me senti bem de estar fazendo parte de algo, mas depois que tudo começou eu comecei a me sentir mais preocupada com as bandeiras que estavam ali e as representações que estavam ali, porque [...] a gente estava ao lado delas. Então, eu fiquei mais preocupada com que mensagem eu estava passando estando lá. [...] Porque tinha bandeiras de partidos e movimentos, mas eu não fui por causa desses movimentos, entende? Então, a princípio, eu me senti incomodada, não pelos movimentos estarem lá, mas por estarem lá e tomarem essa manifestação como se fosse um movimento deles. (MARCELA, 2105)

No protesto é facilmente notável que a multiplicação das pautas é vivida nas ruas e nas redes simultaneamente. Também estive nas ruas no ato do dia 17 de junho e vi pessoas com

os mais diversos cartazes: pela educação, pela saúde, contra a corrupção ou “é tanta coisa que nem cabe nesse cartaz”.

No dia 17 de junho, participei dos debates inflamados na internet sobre a presença ou não de membros de partidos políticos e bandeiras, sobre vandalismo na manifestação e, ao fim do dia, compareci ao protesto. Cheguei sozinha ao Metrô Pinheiros. No caminho para o Largo da Batata vi as pessoas se preparando para o ato. Um grupo de manifestantes conversava em volta de mais de dez garrafas de vinagre e água. Vi também diversos lençóis brancos para fora das janelas. Colocar os panos brancos na janela era um ato que demonstrava apoio aos protestos. A ideia surgiu na internet. No Facebook foi criado um evento chamado “Vista sua janela de branco”. Na descrição do evento, os criadores sugeriam para quem não pudesse comparecer às ruas e quisesse demonstrar apoio ao movimento colocar panos brancos na janela de casa e postar fotos com a *hashtag* #VemPraJanela. A descrição termina com a seguinte frase: “Lençol branco na janela é o novo ‘curtir’!” Uma clara demonstração da imbricação dos espaços urbano e digital.

Outra campanha surgida na internet sugeria que apoiadores do protesto que moravam próximo ao local de realização do evento deixassem sua rede de conexão à internet sem fio aberta, isto é, sem que fosse necessária uma identificação para conectar (LIBERE..., 2013). Era evidente a importância da internet para a comunicação entre os manifestantes. Consegui conectar em algumas redes abertas no decorrer do ato, pois neste dia, estava com o celular. Maurício (2015), meu interlocutor, lembra que o uso do 3G¹⁹ era difícil nos atos e essa forma de participação das pessoas em suas casas ajudava a driblar a baixa qualidade do serviço. Ele menciona, “eu vi pessoas com faixa e isso eu achei sensacional. Quer dizer, a pessoa não estava fazendo parte do protesto, ela não estava na rua, mas colocou faixa na casa dela *wi-fi* livre e colocou a senha. Meu, sensacional!” (MAURÍCIO, 2015). A foto seguinte foi registrada na Rua Sumidouro, próximo ao Largo da Batata:

Figura 8 – Faixa “wi-fi livre” na janela de residência em Pinheiros

¹⁹ Internet móvel de terceira geração. Ver mais em Hammersmidt (2008).



Fonte: registro da autora

Nas ruas, no dia 17, notei uma certa mudança na composição do ato. Era ainda formado, em sua maioria, por jovens, mas, diferente do que eu tinha visto nos outros atos, havia famílias com seus filhos, pessoas em cadeira de rodas ou que andavam com ajuda de muletas, idosos. A polícia praticamente não estava presente e apenas acompanhava o ato de longe. A pressão das mídias televisiva e jornalística e das redes contra a atuação policial era tanta que sua ação já não mais se legitimava perante o público. A multidão cantava em coro: “Que coincidência, não tem polícia, não tem violência”.

Na Rua Teodoro Sampaio, uma loja de artigos de festa estava cheia e pessoas compravam bandeiras do Brasil, cornetas, chapéus ou outros artigos em verde e amarelo. Para Patrícia, uma manifestante com quem conversei neste dia, os outros protestos foram muito violentos tanto por parte dos manifestantes como por parte da polícia. Ela achava que agora que a manifestação estava pacífica merecia respeito.

No ato do dia 17, a pluralidade dos participantes também se manifesta nos cartazes, nas bandeiras que os manifestantes carregavam e também nas palavras de ordem. Havia muitas pessoas vestidas com a camiseta da seleção brasileira de futebol ou envoltas em bandeiras do Brasil. Meu interlocutor Marcos (2014), 27 anos, técnico judiciário e morador do

bairro Vila Prudente de São Paulo, indicado por Ricardo, outro entrevistado de quem falarei mais adiante, conta-me que, neste dia, o movimento tinha mudado de “cor” e o descreve da seguinte maneira: “a partir daí já foi um movimento de cunho nacionalista. Eram outros tipos de palavras de ordem, muita coisa do Brasil. Não era mais uma coisa preta e vermelha. [...] Factualmente, era uma manifestação mais verde e amarela” (MARCOS, 2015). Em diversos momentos durante o ato, manifestantes cantavam o hino nacional. “A ideia do gigante que acordou”, muito presente nas redes sociais, “chega, enfim às ruas” (JUDENSNAIDER, LIMA, *et al.*, 2013, p. 164). Na experiência de Selma, entrevistada contatada pelo questionário, 55 anos, moradora do bairro Cidade Ademar e gerente de uma loja de roupas, a abrangência do movimento é marcante.

Eu me lembro que eu tava trabalhando e até as meninas que trabalhavam comigo e diziam “ah, eu vou, eu vou”, então foi uma coisa assim que mesmo pessoas que nunca participaram de nada, naquele ano resolveram sair. Então, pessoal já levava bandeira de manhã e já ia preparado. Tinha uma [moça que trabalhava comigo] que era casada, encontrava com o marido e ia. Essa abrangência toda eu nunca tinha visto. (SELMA, 2015)

Meu interlocutor Ricardo, 28 anos, cozinheiro que mora no bairro Vila Mariana, indicado pro Flora, outra entrevistada, fala um pouco sobre as pessoas presentes neste ato e sua impressão sobre essa pluralidade que apontamos:

Digamos que o público ficou mais variado. Naquele dia parecia que estava todo mundo lá. [...] a galera do passe livre, os tiozinhos que querem a revolução militar de novo, ditadura de novo. Os caras que querem tudo, lá, naquele mesmo lugar. Pra mim é isso. Fizeram uma grande manifestação e essa grande manifestação ficou atemática. Depois parece que foi se dividindo. Cada grupinho foi escolhendo: “ah não, eu quero isso, quero a bandeira do Brasil, quero o PT, quero o PSDB”. (RICARDO, 2014)

Caminhando com as pessoas, reparei que o ponto alto do protesto nesse dia foi quando a multidão, ao andar pela Avenida Brigadeiro Faria Lima, viu-se projetada num enorme prédio espelhado. As pessoas se olhavam naquele espelho imenso e gritavam extasiadas. Bateram palmas para si mesmas, tiraram fotos, fizeram vídeos. O protesto do dia 17 foi o protesto da *selfie* publicada e “curtida” instantaneamente nas redes sociais. Nesse ato, aquela grande tela era um mosaico de inúmeros rostos de pessoas que saíram de casa e foram protestar nas ruas de mais de 100 cidades do Brasil.

A saída massiva às ruas no dia 17 foi acompanhada do aumento do volume de entradas na internet relacionadas a este evento, como colocamos anteriormente. Ricardo, em entrevista, conta que foi sozinho à manifestação do dia 17 e que seu celular estava sem bateria.

Eu só ficava sabendo das coisas que estavam acontecendo através dos relatos que eu ouvia das pessoas ao meu redor. Eu perguntava. Tinha várias pessoas com telefone o tempo inteiro. Foi uma coisa que marcou essa manifestação realmente. O lance das mídias sociais e da utilização em tempo real da comunicação virtual. Então, meu, a galera tava o tempo inteiro falando: “nossa, meu, tem 20 mil na Paulista, tem 30 mil não sei aonde”. Eu ficava perguntando as coisas que estavam acontecendo. [...] Parecia que todo mundo sabia. [...] O tempo inteiro eu ouvia gente falando, gente com celular, acompanhando e falando das coisas. (RICARDO, 2014)

O protesto tinha diversos aspectos. O público era bastante plural e participava de formas variadas e criativas. Flora, minha entrevistada, em sua fala, diz que observava algumas coisas na rua que lhe faziam pensar que o protesto era vivido, na verdade, como uma grande festa e, com um tom de crítica diz: “Você participa desses movimentos como uma grande festa e lida com aquilo como se fosse a balada mesmo e esquece no dia seguinte” (FLORA, 2015). No dia 17, em que eu estava presente, vi diversas pessoas fantasiadas. Um grupo tirava foto com duas pessoas fantasiadas de Batman e Robin. Alguns garotos caminhavam exibindo sua garrafa de uísque. O clima era leve e alegre. As pessoas registravam muitas *selfies*, conversavam entre si, gritava palavras de ordem, cantavam o hino nacional e outras músicas.

A rua como espaço para a representação de grupos específicos nos protestos também aparece na experiência de alguns dos meus interlocutores. Algumas pessoas mencionam terem ido em grupos organizados ligados ou não a partidos políticos, como já destaquei anteriormente, e outras se reuniram com seus pares artistas como Janaína, entrevistada de 26 anos, moradora do centro de São Paulo, que contatei no protesto do dia 21 de junho, que me fala um pouco sobre seus colegas atores: “Tinha muita gente do teatro. O pessoal do Teatro Oficina foi em peso. Na Paulista eles estavam todos juntos, fantasiados, cantando e foi muito bonito” (JANAÍNA, 2015).

Vários colaboradores ressaltam que conversaram também com desconhecidos durante os protestos, não a ponto de criarem laços mais fortes, mas a interação era bastante comum. “Eu conversava assim: eu caçava uma conversa e perguntava alguma coisa. Ia trocando ideia nesse sentido. [...] Sobre as coisas que estavam acontecendo naquele momento. Era um fator comum entre todo mundo que tava ali” (RICARDO, 2014). Flora menciona um aspecto interessante da formação do público na ação, a criação de laços entre quem participava. Havia diversas demandas distintas no protesto, mas havia também algo em comum: a vivência da ação na rua e a interação entre indivíduos de classes sociais e experiências distintas de vida.

Fui a pé pela [Av.] Roberto Marinho que não é nem tão legal de ir a pé. E no meio do caminho encontrei pessoas que estavam indo. Tinha um clima muito

alegre e muito feliz. E eu vi um menino de rua com quem eu conversei também. Ele conversou comigo de igual pra igual, não é uma situação em que eles se sentem confortáveis de falar de igual pra igual. Senti que ele estava confortável de falar comigo como se todos nós estivéssemos juntos no mesmo movimento. O que era muito legal porque a gente tinha algo em comum nos unindo. (FLORA, 2015)

O estreitamento de laços por conta do envolvimento nos protestos também ocorreu. Para alguns durou apenas o período das mobilizações, para outros, o aprofundamento das relações sociais extrapolaram aquela vivência. Bruna (2014), por exemplo, diz que após combinar com alguns colegas de irem juntos aos protestos, passaram a se encontrar em outros ambientes como bares e realizarem atividades nos finais de semana. Na experiência de Janaína, mudanças nas dinâmicas das suas relações sociais se expressaram mais claramente no Facebook. Perguntei-lhe se ela havia feito algum novo contato depois de seu envolvimento com os protestos ou se havia estabelecido alguma nova relação.

Eu estreitei relações talvez pelo posicionamento [político]. Eu tinha, acho que como todo mundo, muitos amigos no Facebook. E muitas dessas pessoas a gente encontrou uma vez ou outra. E não tem muito contato, né? E aí conforme você vai expondo suas opiniões, ou as pessoas vão deixando de ser seus amigos ou elas vão ficando mais próximas. Então, isso aconteceu sim. (JANAÍNA, 2015)

O ato deste dia, que, como os demais, não teve os rumos muito bem definidos antes de ocorrer, acabou se dividindo em diversas linhas. Meu interlocutor Vagner, 27 anos, morador do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP), que contatei através do questionário, relata que

Quando chegou na Rebouças teve gente que queria subir a Rebouças pra chegar na Paulista. Tinha gente que queria ir pra Rede Globo e aí o que seria um ponto de partida começou a virar vários. Teve um momento da manifestação que tinha grupos com aquelas faixas enormes e eles colocavam como se fosse boi, sabe, quando tem aquela cerquinha pra direcionar o boi? Eles usavam essas faixas pra ir direcionando. (VAGNER, 2015)

Era tão difícil direcionar a enorme quantidade de pessoas para um lugar só, que o ato se dividiu em várias frentes. Gabriel e Marcos se recordam de que em diversos locais da cidade havia manifestações e as principais vias foram tomadas por manifestantes: “a gente fechou a cidade inteira, todas as principais vias, desde Marginal até a Bandeirantes, tudo” (MARCOS, 2014). Em minha experiência, vi o ato se dividir no cruzamento da Avenida Brigadeiro Faria Lima com a Avenida Juscelino Kubitschek. Uma parte dos manifestantes caminhou no sentido da Avenida Paulista e outra foi se encontrar com quem estava na

Marginal. A sugestão de seguir por determinado caminho, como nos outros atos, parecia surgir do meio da multidão e se transformava num coro. Nesse ponto ouvi pessoas gritando “Vamos pra Paulista!” outras dizendo “Marginal”. Neste cruzamento o ato pareceu se dispersar. Procurei me comunicar com alguém pelo celular para saber para onde o ato estava indo. Fui informada, por essa pessoa que assistia ao ato pela televisão, que os manifestantes estavam espalhados em diversos locais da cidade. Optei por algum dos possíveis destinos: Ponte Estaiada, Rede Globo, Palácio dos Bandeirantes ou Avenida Paulista. Embora eu me comunicasse com amigos que também estavam no ato, eu não tinha como saber exatamente em que lugar da cidade se concentrava a maior parte dos manifestantes. Pela TV, porém, havia essa possibilidade. Quem assistia ao ato pela televisão tinha uma visão mais ampla do que se passava.

Na Ponte Estaiada, Gabriel e Marcela mencionam ter presenciado momentos de tensão entre manifestantes que gritavam contra partidos políticos e movimentos representados por manifestantes que carregavam bandeiras. “A gente começou a atravessar a ponte, não chegou a ter conflito, mas muita gente começou a gritar com o pessoal dos movimentos pedindo pra eles abaixarem as bandeiras, dizendo que esses movimentos não os representavam e ficou um momento de tensão” (MARCELA, 2015). Para Gabriel, atravessar a ponte “era legal. Eu ainda tava muito feliz com o que estava acontecendo. [...] Mas na ponte eu já achei algo que me incomodou, que foi ver do lado da ponte que eu estava a galera xingando pessoas que estavam passando do outro lado da ponte porque estavam com uma bandeira do PSTU” (GABRIEL, 2015). Vagner também relata episódios de conflitos entre os manifestantes:

Quando a gente saiu da [Av. Brigadeiro] Faria Lima pra pegar a [Av.] Juscelino Kubitschek, ela é paralela a Rebouças, aí a gente tava indo caminho pra [Av.] Berrini e eu vi um pessoal agredindo um pessoal, não lembro exatamente, acho que era PSOL porque eu lembro muito do amarelo e eu lembro do pessoal agredindo pra tirar as bandeiras. (VAGNER, 2015)

Ricardo descreve sua experiência nesse dia:

Eu fiquei bem na Marginal [Pinheiros]. Ela ficou bloqueada pelo menos uma hora e meia. Bloqueada. Não vi nenhum estresse por parte dos carros. Com certeza a galera estava estressada, mas ninguém ficava buzinando, nem nada. Tinha uma galera bloqueando deitada ou sentada no chão. [...] Foi muito chocante. [...] Eu estava lá como observador então eu ficava olhando, maravilhado, será que vai acontecer alguma coisa diferente? (RICARDO, 2014)

Caminhamos até a Avenida Juscelino Kubitschek e começamos a voltar por enquanto eu me comunicava com amigos pelo celular para descobrir para onde estavam indo. Decidi

seguir para a Avenida Paulista. Na estação Pinheiros do metrô perguntei para uma mulher que cuidava de uma barraca que vendia alimento como estava o movimento ali e ela me disse que, a todo momento, passavam grupos enormes de pessoas cantando, gritando palavras de ordem e assobiando. Desci as escadas para pegar o metrô no meio de uma multidão que cantava: “O povo acordou!”, o som era muito alto e eu podia ver lá de cima a quantidade de pessoas que se aglomeravam nos mais de cinco lances de escadas da estação. Dentro do trem, as palavras de ordem não pararam. O metrô estava lotado e um senhor que reclamava da “falta do que fazer” dos jovens, que “deveriam estar estudando para ser gente”. Durante todo o trajeto até a estação Paulista o senhor reclamou dos “vagabundos” enquanto as pessoas gritavam empolgadas no metrô lotado: “você aí parado, também é encoxado!” A cidade estava tomada e qualquer lugar parecia ter se tornado lugar para protestar, fazer fotos, vídeos. Eu fiz alguns vídeos enquanto descia as escadas do metrô.

A manifestação continuou ainda em outras partes da cidade. Manifestantes presentes no Palácio dos Bandeirantes chegaram a atirar pedras contra o palácio e a situação ficou tensa por uns momentos. Marcela (2015) relata um pouco da sua experiência no local: “acho que o único conflito que teve mesmo foi ali no Palácio do Governo quando uma galera que estava mascarada começou a subir nas grades, a tacar pedra e tudo mais e a gente não consegue nem ver quem é que faz isso”.

Chegamos à Avenida Paulista com muita facilidade, apesar de ter sido difícil passar pela multidão, mas não havia polícia. A Paulista parecia uma enorme praça. As pessoas ocupavam alegremente aquele lugar que nos dias anteriores havia sido motivo de conflitos intensos entre polícia e manifestantes. Pessoas andavam de skate e patins. Algumas estavam deitadas na rua. Havia uma dupla jogando tênis no meio da avenida. Um rapaz tocava “Marcha Soldado” e outras músicas numa flauta enquanto seu companheiro fazia a percussão com uma latinha de refrigerante. Em frente ao Shopping Center 3 um rapaz confeccionava camisetas com uma tela de serigrafia onde se lia: “Revolta do Vinagre!” e, abaixo, a *hashtag*: #REFORMAPOLÍTICAJÁ. No centro estava esboçada uma bandeira do Brasil com um V no meio – o V de Vinagre, claramente um produto das dinâmicas virtuais do protesto. Um pouco mais à frente, no MASP, um grupo grande gritava palavras de ordem. O movimento havia tomado conta da avenida e a ocupava como se a própria avenida, por onde passam milhões de carros todos os dias, fosse um local de sociabilidade. A ocupação da avenida mais importante

da cidade foi registrada milhares de vezes pelas câmeras dos *smartphones* de quem estava no local.

Outro evento chamando uma nova manifestação no dia 18 já havia sido criado no Facebook no dia 17 pelo MPL, antes mesmo do ato ter se dispersado por completo neste dia. Às 15h25min do dia 18, quando consultei a página do evento, já eram mais de 176 mil pessoas confirmadas.

Após o quinto ato, a multiplicidade de pautas é vista por alguns como algo negativo. Outros defendiam que os 20 centavos eram apenas a ponta do iceberg de problemas muito mais sérios envolvendo o transporte público e a cidade, segundo Mayara Vivian, integrante do Movimento Passe Livre (PRONZATO, 2014).

Esta analogia é vista também em uma imagem que circula na internet²⁰:

Figura 9 – R\$0,20: a ponta do iceberg



²⁰ Nas redes é difícil identificar exatamente de onde partem os *memes* e imagens. As várias fontes mencionadas aqui são escolhidas entre diversas outras fontes possíveis.

Fonte: WINTER, 2013.

O protesto do dia 17 foi o último de que Lúcio participou. Segundo ele a mobilização “não rendeu nada. Muita gente que estava na rua nem sabia o que estava fazendo. Lembro da época em que tinha bastante propaganda política quando o protesto começaram a ficar muito grande. Era gente falando ‘Fora PT’, gente falando ‘Põe o PT’” (LÚCIO, 2015).

Em contrapartida, para Maurício, essa ampliação o motivou a querer comparecer nos atos, mas, ao mesmo tempo, algumas posturas que ele viu tomarem no ato o desanimaram, inclusive a de um de seus amigos que foi com ele aos protestos. Ele fala um pouco dessa experiência com o amigo:

A gente chegou à [Avenida] Paulista, começou a andar, 300, 500 metros: “mas, po, pra onde vai? Meu, já tá bom”. Depois que andou 1km, “ah, mas tá indo pra onde?” Meu, você está ali por quê? Tipo, a gente passou por um lugar, a gente estava no metrô República se não me engano, uma estação nova que tem uma enorme escadaria, e achei sensacional que a escadaria estava tomada de gente, o metrô estava tomado e ele: “meu, e aí, vamos pra onde agora? Ah, vamos pegar uma cerveja ali?” Falei: “cara, me desculpa, eu não vim aqui pra beber”. Esse tipo de coisa que me desmotivou porque eu percebi que pra muitas pessoas ali não fazia o sentido que fazia pra mim. (MAURÍCIO, 2015)

Mas em ocasiões em que compareceu sozinho à manifestação, Maurício acabou encontrando pessoas com quem se identificou politicamente e se uniu a elas na passeata: “eu acabava me agrupando com pessoas que cantavam o coro que eu achava que fazia sentido, que não ficavam só naquela questão rasa do transporte” (MAURÍCIO, 2015).

Os protestos, de fato, tornaram-se o assunto do momento. Minha entrevistada Selma (2015), diz “Era o assunto da época, todo mundo só falava isso. Eu estava trabalhando e o pessoal falava sobre isso. Você entrava na internet, era sobre isso. À noite, no jornal, era sobre isso também”. Outra de minhas interlocutoras indicada por uma pessoa que respondeu o questionário mas que não mora em São Paulo e por isso não foi entrevistada, Roberta (2015), 70 anos, que reside no centro da cidade, conta durante nossa conversa que “aonde você ia, em posto de saúde, vizinhos, sair na rua, aonde você ia só se falava isso”. Os ânimos estavam aflorados. Um outro ato foi agendado para o dia seguinte a esse.

1.6 18 de junho de 2013: Sexto Grande Ato Contra o Aumento da Passagem

O “Sexto Grande Ato Contra o Aumento da Passagem” do dia 18 de junho de 2013, parte da Praça da Sé às 18 horas. O intuito do MPL era conduzir os manifestantes até a Avenida do Estado e depois ocupar a Marginal Tietê, maior via expressa da cidade (JUDENSNAIDER, LIMA, *et al.*, 2013). No entanto, o Movimento não consegue direcionar os manifestantes que, mantendo um posicionamento independente desde o primeiro ato, dirigem-se até a sede da Prefeitura Municipal na Praça do Patriarca. Uma outra parte do grupo vai para a Avenida Paulista.

Perguntei a Roberta, minha entrevistada, que mora na Rua Maria Paula num prédio em frente à Prefeitura como ela ficava sabendo do que estava acontecendo e ela me explica que era só abrir a janela que conseguia ver as passeatas em várias frentes, pois suas janelas ficam de frente para a Prefeitura e para a Câmara. Roberta também deixava a televisão ligada o dia todo e não usa a internet. Ela repete algumas vezes o quanto o “quebra-quebra”, em suas palavras, foi marcante e assustador. Ela não tinha coragem de sair de casa e me descreve um pouco as suas lembranças. “Era bomba, helicóptero voando. Teve um dia que tinha uma quantidade [de helicópteros] pela minha janela. Eu moro ali no décimo andar e as minhas janelas dão pra [Av.] 23 [de Maio] e pra Prefeitura. Então, eram muitos helicópteros” (ROBERTA, 2015).

O protesto do dia 18 é marcado por imagens de manifestantes tentando quebrar a porta da Prefeitura para entrar e outros tentando evitar que isso ocorresse (CANZIAN e WAINER, 2013). Lojas foram saqueadas no centro de São Paulo (SP..., 2013), um carro da Rede Record de televisão foi incendiado por manifestantes. Na TV, o repórter da Rede Record que noticia ao vivo a depredação do veículo da emissora diz que não condena a ação (CANZIAN; WAINER, 2013). Algumas pessoas são detidas. Segundo Judensnaider et. al. (2013) a Polícia Militar foi acionada neste dia, mas só se dirigiu ao local três horas depois do chamado.

O protesto continuou também na Avenida Paulista. As mais variadas formas de protestar ou de se mostrar presente também se exprimem nesse dia. Flora contou que foi à manifestação com um grupo para tocar maracatu. Mesmo assim, ela questiona essa modalidade de participação dizendo que não concordava muito com a ideia do grupo de ir de branco por conta da paz, mas quis apoiar o movimento. Segundo ela:

Eles fizeram esse convite de tocar nessa passeata porque tinha toda aquele ideal “Brasil acordou, o povo acordou” e estava aquele sentimento de “vamos fazer nossa cidadania”. Eu vou dizer que eu não fiquei 100% satisfeita com a ideologia. O pessoal falou: “vamos todos de branco, pela

paz”. Não é exatamente o que eu penso, mas como eu gosto do maracatu e sou envolvida politicamente, falei “não, vou dar uma força”. (FLORA, 2015)

Os conflitos entre as variadas pautas e formas de atuação no protesto, muito presente nos debates nas páginas dos eventos dos atos, nos *memes* e também nas ruas, continuaram intensos no protesto do dia 18. Flora diz que estranhou algumas coisas neste dia e, em especial, que o prédio da Fundação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) em que estava projetada a bandeira do Brasil em quase toda sua superfície, “achei super estranho porque não era um movimento nacionalista” (FLORA, 2015), ela me diz. Marcos também fala sobre o prédio da FIESP: “impressionante, a gente até subiu [para a] Paulista e na FIESP, que é a cúpula das indústrias, altamente mercadológica, estava apoiando o movimento. Aí você percebe que mudou muito o perfil e o que chegou a me chocar até” (MARCOS, 2014).

Depois do protesto do dia 17, a difusão de pautas se expandiu e o lema “não é só por 20 centavos” se disseminou. Na página do evento do sexto ato, algumas pessoas falaram em denunciar os manifestantes depredadores para a polícia. Dizia-se também que no ato não deveria haver pessoas mascaradas ou portando bandeiras de partidos. Algumas novas pautas do protesto eram: contra a corrupção, por saúde, educação, contra a PEC 37, contra os impostos, contra o governador Geraldo Alckmin, a presidenta Dilma Rousseff e o prefeito Fernando Haddad. Havia cartazes em que se lia que a presidenta era uma prostituta assim como a mãe do Prefeito Fernando Haddad. Algumas pessoas gritavam: “vem pra rua vem, contra o governo”. Vi alguns cartazes em que se lia “Chega de bolsa esmola” e ouvi muitas palavras de ordem ofensivas como as que mandavam a Dilma e o Haddad “tomarem no cu”. Este, porém, seria o último ato antes da revogação do aumento.

1.7: 20 de junho de 2013: ato comemorativo pela revogação do aumento

Após este ato, no dia 19 de junho, o impasse foi grande entre as autoridades. O prefeito Fernando Haddad não queria conceder a revogação do aumento embora já houvesse um forte movimento de setores do governo que o pressionavam a ceder. Depois de um processo bastante complexo que é descrito com detalhes no livro “20 centavos: a lua contra o aumento” (JUDENSNAIDER, LIMA, *et al.*, 2013), governador e prefeito anunciam a revogação do aumento. Marcos relata um pouco do que viria depois do ato do dia 17, a

mudança que ele observou nos atos e que demonstrava que a população construía as manifestações independente de alguma organização verticalizada:

Em questão de uma semana, foi revogado o aumento de 20 centavos e aí as manifestações deixaram de ser contra o aumento e viraram, não sei como dizer, mas viraram contra os governos. Tanto contra o governo do PT quanto do PSDB. Mudaram os gritos na rua, mudando o perfil mesmo da manifestação. E o perfil das pessoas também. Tanto que nesse dia, quando foi revogado o aumento de 20 centavos as pessoas de partidos políticos de esquerda e grupos de esquerda foram hostilizados por vários grupos de pessoas numericamente maiores, inclusive aqui na [Av.] Paulista chegou a ter conflito físico mesmo. (MARCOS, 2015)

Não somente o MPL, mas também outros movimentos chamam um ato comemorativo pela vitória do movimento para o dia 20 de junho. Partindo da Praça do Ciclista, no cruzamento entre a Avenida Paulista e a Rua da Consolação, o ato caminhou em direção ao bairro do Paraíso. Encontrei-me com a linha de frente já no cruzamento da Avenida Brigadeiro Luís Antônio com a Avenida Paulista. Estava me comunicando com um amigo pelo WhatsApp para encontrar com ele e com minha irmã. À frente estava a grande bandeira preta que acompanhou todos os atos desde o início. Atrás da faixa preta havia pessoas portando inúmeras bandeiras, as mesmas que estavam lá desde o primeiro ato: as dos partidos PSTU, PSOL, PCO e também outras organizações das juventudes como Juntos, que é ligado ao PSOL, a ANEL, dentre outros. Atrás de todas estas pessoas, estavam reunidos os militantes do PT de camisetas vermelhas e empunhando bandeiras da mesma cor. Consegui entrar no meio da multidão justamente no que identifiquei ser um cordão de pessoas que tentavam separar os militantes do PT de outros manifestantes não ligados a partidos. Parte dessas pessoas atacava os militantes petistas. Aqueles conflitos surgidos em manifestações anteriores permaneceram.

De fora do cinturão, essas pessoas tentavam arrancar as bandeiras dos petistas. Chamavam-nos de oportunistas, “filhos da puta”, “ladrões”. Os petistas gritavam de volta afirmando que eles é que eram os oportunistas. Depois de muito esforço consegui sair daquela confusão e me juntar à multidão um pouco mais à frente. Encontrei minha irmã e meu amigo e, de repente, conflitos começaram a ocorrer entre os manifestantes. Nós três saímos do meio da confusão e subimos em um muro para observar o que estava ocorrendo. As pessoas arrancaram as bandeiras do PT e começaram a colocar fogo. Houve confronto físico e algumas se feriram. Diversos manifestantes gritavam: “sem violência”. Pessoas de dentro e de fora do cinturão foram agredidas.

Saímos dali e fomos para cima de um canteiro de flores. Depois do conflito, PSTU, PT, PSOL, ANEL, MPL, e muitos outros partidos e organizações que estavam ali se retiraram do ato e ficaram na calçada. Alguns desceram uma rua à esquerda e sumiram. Outros ficaram por ali observando. Um rapaz alto e forte gritava contra os manifestantes falando que aquilo era “fascismo” e que todos deveriam poder se expressar politicamente e que eles não tinham o direito de agredir ninguém. Um rapaz com a máscara inspirada em Guy Fawkes chegou enquanto ele falava e soltou um rojão para calá-lo e foi ovacionado.

Ficamos naquele mesmo local por um tempo. Outras duas pessoas conhecidas se juntaram a nós e conversamos sobre o que havíamos visto. Perto dali alguns militantes continuavam discutindo. Abordei duas senhoras do POR (Partido Operário Revolucionário) para saber a opinião delas. A princípio elas ficaram meio receosas de conversar conosco. Quando expliquei que não éramos contra os partidos, a senhora se sentiu mais à vontade e começou a falar da sua história política e da história do POR. Ela era professora de matemática da rede pública de ensino na região da Cidade Tiradentes e tinha vindo com alguns alunos. Isso fez com que ela ficasse extremamente preocupada por conta da violência.

Depois que a multidão já tinha passado, ficamos apoiados em uma das grades da avenida olhando para a rua. O ato estava visivelmente dividido em vários grupos maiores ou menores. Alguns voltavam do outro lado da Paulista. Depois de um vazio na pista, avistamos outro grupo isolado vindo do lado da Consolação sentido Paraíso, enrolados em bandeiras do Brasil, com enormes faixas amarelas. Uma delas dizia: “Dilma, presidente incomPeTente, não decide nada sem consultar seu “ORACULULA”, “Copa 30 bi, Educação???” Outros cartazes traziam as seguintes mensagens: “é tanta coisa que não cabe neste cartaz”, “professor vale mais que jogador”, entre outras coisas. No dia 20 de junho, a pluralidade de indivíduos e a multiplicidade de pautas ficam evidentes. O movimento tinha crescido de tal maneira que indivíduos com posicionamentos políticos os mais diversos e formas de fazer política distintos compareceram às ruas e expressavam suas demandas. Como menciona Arendt (2011), é justamente no espaço público que essas pluralidades se revelam.

Após a manifestação do dia 20 de junho de 2013, o MPL declara que irá se retirar das ruas e não chamará mais atos. A última questão da entrevista que fiz aos meus interlocutores era sobre o significado daquela vivência para eles. O que foi bastante marcante em sua experiência foi terem vivido uma mobilização social de tamanha proporção e a sensação de participarem de algo realmente importante para o país e para sua vida. Marcos se motivou

fortemente pelo “coletivo”, segundo ele: “quando as pessoas vão pra rua você não sabe o que vai sair dali. Eu fui motivado por isso, pelo coletivo. Se está todo mundo na rua, eu vou pra rua porque é nesses momentos que as coisas acontecem e as mudanças acontecem” (MARCOS, 2015).

Após o dia 20 de junho, outros atos ocorreram em São Paulo, não mais convocados pelo Movimento Passe Livre. Embora o foco de nossa dissertação não seja o MPL, escolhemos limitar nossas análises a essas datas. Poderíamos abranger ainda outros protestos em nossa análise, no entanto, para nosso objetivo, os acontecimentos de que tratamos aqui já dão conta de deixar explícito o quão marcante eles foram para a experiência política, midiática e urbana dos participantes. Analisaremos no próximo tópico os marcos dessa vivência para a ação na cidade e a experiência dos novos meios de comunicação nessa ação.

2 “SAI DO FACEBOOK E VEM PRA RUA”: AÇÃO, ESPAÇO URBANO E NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Os protestos de junho de 2013 em São Paulo relacionam profundamente a rua e a rede. O título escolhido para esse tópico parece contrapor ambos os espaços. No entanto, como argumentamos nesse texto e como a vivência dos protestos narradas no item anterior demonstram, estar no Facebook, nas redes era participar na esfera pública. No texto dessa dissertação, relacionando a ação, os novos meios de comunicação e o espaço urbano, investigamos o agir na cidade na era da conectividade permanente e constante e da mobilidade dos meios de comunicação; os significados dos novos meios para a ação hoje; em que espaços esta ação ocorre; que espaços públicos ela constitui; e como, através dos novos meios, relacionamo-nos com os espaços da cidade durante a ação.

No item anterior, vimos que o despreparo da polícia militar do estado de São Paulo e o tratamento violento dado aos manifestantes nos primeiros atos se tornaram assunto de milhares de publicações que circularam pelas redes sociais. Tanto a violência quanto sua denúncia através das redes foram alguns dos fatores que implicaram na mobilização de massa que se alastrou pelo Brasil. A televisão e os jornais, a partir do dia 14 de junho, também tiveram um papel de destaque para o crescimento do número de participantes. A rede de replicação de publicações de cunho violento teve uma função central na conquista de

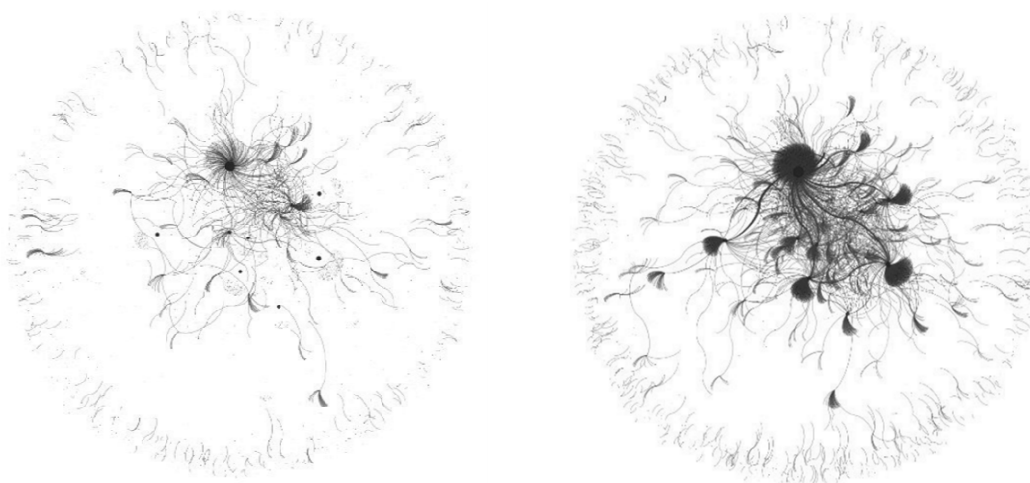
visibilidade para os protestos e posterior adesão de uma enorme quantidade de pessoas à mobilização de junho de 2013.

Malini (2013), em seu monitoramento do protesto do dia 13 de junho de 2013, observa o crescimento de entradas na internet relacionadas ao ato, ilustrando a dinâmica das ruas e das redes. Antes da ação policial o foco dos debates no Twitter era a própria passeata. Depois da ação policial, “a rede esquentou totalmente. E pautou as conversações de inúmeros perfis, tornando o fato ainda mais público. E a pressão contra os gestores públicos cresceu”. Ele demonstra esse aquecimento da rede em dois grafos produzidos durante o ato do dia 13:

Figura 10 – Grafo dos debates no Twitter no dia 13 de junho

Antes da ação policial

Depois da ação policial



Fonte: MALINI, 2013.

Por outro lado, o que foi considerado por alguns como atos de vandalismo dos participantes também teve um peso importante nas discussões sobre como conduzir os atos. Os protestos de junho foram marcados por não terem “lideranças verticalizadas, centralizadoras” e por não haver “hegemonia de apenas uma ideologia ou utopia” (GOHN, 2014, p. 13). Assim, houve espaço para a construção da mobilização enquanto ela ocorria, tanto durante os protestos quanto nos momentos em que a população não estava nas ruas. A construção e a montagem da mobilização tiveram efeito em sua estética.

Diferente dos movimentos de que falamos no capítulo I, dentre os quais podemos citar as Diretas Já, comícios sindicalistas ou os protestos pelo impeachment de Collor, em junho de 2013, não havia carro de som, o jogral era uma prática recorrente, bandeiras de partidos se

misturavam com bandeiras do Brasil, as faixas e cartazes eram feitas pelos próprios manifestantes, grupos de teatro encenavam na rua, grupos de maracatu dançavam no meio da multidão, etc. Isto é, a estética do protesto lembrava, na verdade, a própria internet e suas conexões esparsas em rede que se desenvolvem de maneira imprevisível.

A imprevisibilidade também se dava no fortalecimento, na internet, dos chamados nós pobres (MALINI, 2013). Esses nós acabavam se expressando como liderança no sentido não de organizar o ato, mas de terem forte influência na condução dos debates travados online. Lúcio, editor de vídeo eu entrevistei, conta-me que conseguiu grande visibilidade na rede após a publicação no YouTube do seu primeiro vídeo acerca dos protestos cujo nome era “Vem pra rua”, uma palavra de ordem repetida inúmeras vezes durante os atos. “Eu queria fomentar isso. Estava no calor do protesto e achei que podia mudar alguma coisa. Falei: ‘meu, vamos fazer um vídeo para chamar mais pessoas para a rua’” (LÚCIO, 2014). Após a publicação do vídeo, algo surpreendente aconteceu. O vídeo ganhou milhares de visualizações (atualmente tem mais de 800 mil²¹) e Lúcio começou a receber diversas solicitações de amizade no Facebook, além de inúmeras mensagens. Algumas pessoas que nem o conheciam perguntavam sua opinião sobre os protestos, queriam saber se ele achava que os atos iriam continuar ganhando força.

E eu não sabia responder. [...] Os caras do Anonymous falaram comigo e pediram pra eu fazer umas coisas pra eles, uns vídeos, mas eu nem queria mais fazer. Muita gente me adicionou no Facebook depois que saiu o vídeo. E muita gente me mandou coisa no YouTube. Eu mesmo dei uma filtrada. Me chamavam pra participar de comunidades no Facebook (LÚCIO, 2014).

O surgimento desses nós que se tornavam referência demonstrava, portanto, como o debate estava espalhado e não necessariamente concentrado num bloco que seria o guia da mobilização. Era um movimento que se organizava tipicamente em rede de uma maneira mais fluida.

Felipe, meu interlocutor, contatado através do questionário, 28 anos, pesquisador, morador do Sacomã aponta alguns outros nós, os chamados nós fortes que ele utilizava como referência na internet. Os nós fortes já são perfis que possuem alto número de seguidores e suas publicações têm força na formação da opinião pública e na condução dos debates na internet. Na fala de Felipe, o MPL aparece como referência mais importante. Em seguida ele

²¹ Para preservar o anonimato dos colaboradores optamos por não registrar nas referências o vídeo de Lúcio. O vídeo foi acessado pela última vez no dia 17 de maio de 2015.

cita outros nomes: “prestava atenção no que o Eduardo Viveiros de Castro escrevia, o Jean Wyllys, a Eliane Brum, enfim, uma série de pessoas e o que eles estavam dizendo sobre aquilo, mesmo o Sakamoto, etc., e esses blogs estão cada vez mais governistas, mas naquele momento estavam fazendo suas análises” (FELIPE, 2015).

Um ponto que destacamos em nossa narrativa foi o uso de *memes* satíricos que circularam pelas redes. Vimos que o humor teve um papel importante em uma revolta ocorrida em São Paulo no século XIX quando o jornal *O Diabo-coxo* publicou uma charge ironizando a falta de água na cidade e convocando a população a ser Moisés e tentar tirar água dos chafarizes batendo neles. Em junho de 2013, o vinagre foi motivo de prisões e de piada na internet, como mencionamos. Essa situação fez surgir a #revoltadasalada, a #revoltadovinagre, o #vdevinagre. Expusemos também alguns *memes* relacionados a esse episódio.

A origem dos *memes* não é consensual. Talvez a primeira referência a esse termo, mas ainda não relacionado à internet, tenha sido feita por Richard Dawkins (apud. DEIBERT, 1997) que chamava de *memes*, músicas, roupas, ideias, moda, modos de pensar que se propagam culturalmente ao serem passados de pessoa para pessoa num processo que amplamente poderia ser considerado imitativo. Os *memes* na internet têm a característica de serem imagens simples contendo ideias diversas que, em geral, possuem um conteúdo humorístico e são criados com a intenção de viralizarem na rede, isto é, de serem repetidos e propagados através de constante replicação²². Os protestos de 2013 serão tema de inúmeros outros *memes* que se alastraram pelas redes e levaram ainda mais pessoas às ruas.

Numa lógica de replicação semelhante, porém bastante diferente, o jogral, prática comum durante os atos, era feito da seguinte forma: uma pessoa falava, normalmente em um alto-falante, e quem escutava repetia o que havia sido dito para que as pessoas mais distantes pudessem ouvir o que era falado. A intenção, ao se utilizar o jogral, era que os atos fossem conduzidos de acordo com os desejos dos manifestantes e não por decisões tomadas em reuniões fechadas de organizadores. Os manifestantes, em diversos momentos, rejeitaram a liderança que o MPL, porventura, tenha querido exercer. Se havia uma tentativa de condução da mobilização pelo MPL, ela não foi efetiva. Meu entrevistado Felipe (2015) analisa: “Não tinha líder”, havia uma “construção de um outro modelo, de outro processo de organização de estado e de organização de sujeitos políticos. acho que isso foi novo naquele momento e ainda

²² Um estudo detalhado sobre *memes* foi feito por André Luis Portes Ferreira Coelho (2014).

é e espero que seja, que continue um processo em relação a isso”. Os atos eram construídos de maneira independente tanto na rua quanto nos debates conduzidos na internet nas páginas dos eventos.

Essa forma de organização mais horizontal e também o jogral estiveram presentes no Occupy Wall Street, embora não tenham sido práticas criadas por este movimento. É possível percebermos algumas semelhanças entre as manifestações de junho de 2013 e os movimentos Occupy, que inclusive tiveram versões brasileiras em diversas cidades. Na verdade, desde 2010, diversos movimentos adotaram formas análogas de organização. Podemos citar o Movimento dos Indignados e a Primavera Árabe. Gohn (2013) e Castells (2013) também associam os protestos de junho a esses movimentos pelo uso dos novos meios de comunicação, a adesão massiva da população a essas revoltas, a horizontalidade como forma de organização.

Alguns de meus colaboradores também apontaram essa relação em suas falas. Laura (2014), quando lhe pedi que me falasse um pouco sobre o que ela se lembrava dos protestos de junho de 2013, primeira questão da entrevista, respondeu: “Eu lembro que ao redor do mundo estavam acontecendo, praticamente ao mesmo tempo, vários protestos. Nos Estados Unidos com o Occupy, depois vários países, na Turquia, Egito, teve a Primavera Árabe”. Marcos, 27 anos, morador do bairro da Vila Prudente, também fala da influência desses movimentos no Brasil: “Acho que foi um reflexo daqueles movimentos de Wall Street que vêm acontecendo no mundo, a Primavera Árabe, foi um reflexo e a galera foi pra rua” (MARCOS, 2014).

Em 2013, esse efeito dominó atinge o Brasil a partir do movimento paulistano. Importante salientar que naquele ano, diversos outros protestos contra o aumento da passagem do transporte coletivo já haviam ocorrido em cidades como Goiânia, Florianópolis e Porto Alegre. No entanto, como vimos, “foram os disparos em São Paulo que acordaram o povo em todo Brasil”, escreveu um manifestante em seu cartaz. As manifestações de junho de 2013 demonstram que São Paulo está no mundo tendo seus espaços ressignificados através dos novos meios na ação.

Nessa ressignificação, a #RevoltadoVinagre trouxe à cena uma disputa pelo espaço público da rua ocupando a Paulista, as Marginais, a Ponte Estaiada, o centro, o Largo da Batata, como em Wall Street em Nova York, na Praça Tahrir do Egito, na Praça Taskim na Turquia, na Praça Syntagma na Grécia ou na Praça do Porta do Sol em Madri. Essa disputa

pelo espaço público é exercida não somente através da ocupação dos espaços físicos das cidades, mas também por meio da atuação nas redes que dá significados a esses locais. Assim, conquistar locais consagrados da cidade para adquirir visibilidade se mesclava com a disputa pelos locais midiáticos em que os manifestantes poderiam falar por si expandindo a esfera pública, agindo em outras arenas e colocando em evidência suas demandas.

Na experiência de meus colaboradores, um dos papéis da internet era ser a fonte primordial de informação. Na internet, o Facebook é a rede social mais acessada por todos eles. No questionário publicado por mim nesta mesma rede social, citado na introdução, 85% das respostas apontam para o uso do Facebook como fonte de informação, obviamente isso já era de se esperar, já que a maioria das pessoas foi contatada através dessa rede social. Mas em uma pesquisa do Ibope, 62% dos manifestantes entrevistados no dia 17 de junho souberam das manifestações pelo Facebook (VEJA..., 2013). O uso do Facebook, porém, não marcou a experiência de todos. Lucas (2015), meu interlocutor, apesar de tê-lo utilizado, afirma que não se lembra muito bem como utilizou a rede e que isso não foi importante para ele. Mas lemos nas falas dos meus colaboradores que muitos a utilizaram postando relatos da sua experiência nas ruas, compartilhando publicações referentes ao protesto, inserindo-se em debates sobre o tema, dentre outras formas de atuação.

A internet adquiria ainda outro sentido: era instrumento para articulação e organização dos atos e para chamar as pessoas a participarem. Escrevemos no capítulo I a respeito de algumas outras formas de comunicação utilizadas em São Paulo para a convocação da população às ruas em lutas sociais e revoltas populares. Nos primeiros séculos de vida da Vila de Piratininga, o sino da Sé fazia esse papel. Com a chegada da imprensa, o sino perde essa função. Além dos jornais, os panfletos impressos por diversos grupos eram o meio de comunicação mais barato para a propagação de ideias e divulgação de protestos políticos. Mais tarde, o grupo político que organizou a Revolta Liberal foi o primeiro, em São Paulo, a testar e descobrir o potencial do rádio como meio de comunicação de massa para espalhar seus ideais políticos quando tomaram a sede da Rádio Record durante a revolta de 1924. Em 2013, foi a internet – e, dentro dela, as redes sociais – que apareceu como um megafone através do qual as pessoas expandiam o alcance de sua voz. Essa voz que se materializava em fotos, relatos, vídeos ou links postados ou compartilhados alcançando públicos maiores.

Com a intenção de chamar os atos, o MPL criava eventos no Facebook, vimos isso no item anterior. Nem todos os perfis confirmados nesses eventos correspondiam a pessoas que

realmente compareceriam ao ato. É comum que usuários confirmem presença nos eventos mesmo sabendo que não comparecerão. No entanto, isto é feito para dar força a determinado evento na esperança de gerar maior adesão. Como explica Malini (2013):

A dinâmica do Facebook ilustra curiosamente a articulação rua e rede. Há aqueles que estão presente na primeira; há aqueles que estão na segunda. Os primeiros enunciam; Os segundos anunciam. Os primeiros, de dentro da mobilização, relatam. Os segundos, de dentro da rede, espalham e comovem.

O evento no Facebook funciona, portanto, como um “mural noticioso das lutas e uma construção heterogênea de narrativas comuns”. Essas narrativas, como numa conversação, ganham destaque através de diversas ferramentas dialógicas que existem na rede. No Facebook as ferramentas curtir, compartilhar e comentar ganham sentidos construídos em conjunto a partir do uso da rede (RECUERO, 2013). Em 2013, como escreve Malini (2013), o curtir popularizava determinadas publicações, o seguir as valorizava em termos de atenção, comentá-las fazia com que elas se tornassem discussões polêmicas do espaço público e o compartilhamento difundia essas postagens pelos perfis. E, aquilo que ocorria na rede era constantemente transportado às ruas, como vimos.

Além dos eventos no Facebook, essa conversação se expandia para toda essa rede social e acontecia também em outras redes e sites. A articulação e organização de eventos com o uso das mídias também foi visto, por exemplo, na greve dos ferroviários em 1906. Relatamos como o telégrafo foi importante para que a greve ocorresse ao mesmo tempo em cidades que se localizavam na extensão das linhas de trem do estado de São Paulo. Escrevemos ainda a respeito de outros episódios no capítulo 1. A revolução liberal de 1924 foi iniciada em São Paulo também porque a disponibilidade de tecnologias na cidade facilitaria a comunicação com as outras partes do estado. Posteriormente, a TV teve um importante papel para a articulação dos protestos nas Diretas Já e no movimento a favor do impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. Em 2013, muitos de meus interlocutores utilizaram a internet como ferramenta de articulação e organização, local de divulgação das mobilizações e de suas experiências nas ruas. Laura (2014) diz:

A gente organizava os atos pela internet. A gente só sabia quando os atos iam acontecer através do Facebook. E, a partir disso, a gente começava a divulgar o ato, compartilhando o evento do ato e também muitas matérias sobre a repressão que a gente estava sofrendo. Acho que esse era o principal conteúdo das coisas que eu postava, denunciando a repressão e como o aumento da tarifa era abusivo.

Cláudia (2015) contou-me em nossa conversa que “usava bastante o Facebook pra divulgar os próximos [atos]. Para fazer chamadas. E para contar e também relatar as experiências de cada ato”. Marcos (2014), por sua vez, utilizava “basicamente a rede social” como meio de comunicação nos atos, “tirava foto a todo instante, postava, falava da minha opinião sobre isso”. Para Gabriel (2015), “não tem como pensar em junho de 2013 e não pensar em Facebook”. Meu interlocutor Carlos (2015), 25 anos, morador do bairro da Penha, zona norte de São Paulo, indicado por Lucas, mencionou que divulgava os atos pelo Facebook, mas ressaltou que as conversas com pessoas próximas foram ainda mais significativas em sua experiência. Segundo ele: “divulgava via Face[book]. Comentava com o pessoal. Na época até me propus bastante a incentivar e mostrar que não era nada violento. [...] E era mais assim, conversando com quem era próximo e divulgando mais pras pessoas próximas” (CARLOS, 2015). Outras duas colaboradoras, Ana, 24 anos, professora da rede estadual de ensino que contatei no protesto do dia 21, e Bruna, diferente destes colaboradores que citei, disseram-me que não haviam publicado nada em nenhum dos dias, pois já não tinham o costume de fazê-lo, mas ainda assim o Facebook era sua fonte de informação acerca das manifestações (ANA, 2014; BRUNA, 2015).

Vagner (2015) conta que participou de poucos atos na rua, mas que acompanhava a transmissão que a Mídia NINJA fazia ao vivo na internet. Nos protestos de junho de 2013, seus integrantes transmitiram, ao vivo, diversos atos através da internet. Essa transmissão independente foi bastante importante também, somada à veiculação televisiva, para a apresentação de múltiplos pontos de vista acerca dos protestos. O alcance não foi o mesmo da televisão, obviamente, mas a mídia NINJA teve um peso importante para quem acompanhava a mobilização pela internet.

A internet exige do usuário uma postura mais ativa frente ao meio, um pouco, mas não totalmente, diferente do que acontece na televisão ou no rádio em que o conteúdo está pronto quando o usuário liga o aparelho. Em certo sentido, as redes sociais Facebook e Twitter têm sido construídas com uma estrutura semelhante, apesar de exigirem ações mais elaboradas a princípio. Por exemplo, é preciso escolher quem adicionar como amigo no Facebook ou quem seguir no Twitter. Mas a partir do momento que já possuímos uma lista de contatos, a linha do tempo é como um fluxo de informações produzidas pelos usuários que chega até nós e que podemos apenas observar sem necessariamente produzir alguma resposta.

Mesmo assim, a internet é ainda um meio que possui maior possibilidade de produção de conteúdo pelos usuários. Para Manuel Castells (2009), neste meio, existe a auto-comunicação de massa, isto é, um único usuário tem a possibilidade de gerar um conteúdo e alcançar milhares de pessoas. Acostumados ao longo alcance conseguido por meios de comunicação de massa como o rádio e a TV, temos a impressão de que a internet pode nos dar também essa possibilidade, o que não é sempre verdade. Mesmo assim, o alcance com a internet é maior do que sem ela e conseguimos atingir muito mais pessoas do que o faríamos apenas em interações face a face. E diante disso e com a vontade de atingir maior número de leitores, muitos de meus colaboradores relatavam sua experiência e postavam conteúdos relacionados aos protestos chamando mais pessoas para participarem dos atos.

Outra tecnologia que ganha destaque na configuração dos atos é o celular, com ou sem acesso à internet. A questão da mobilidade é chave quando pensamos espaços físicos e comunicativos imbricados. Se, mesmo antes da mobilidade, a expansão da conversação pública já era possível (RECUERO, 2014), com ela surgem novas formas de participação à distância e ao mesmo tempo através do feedback instantâneo. Antes, os telefones e os computadores por onde se acessava a internet eram fixos em algum ponto da cidade e nos comunicávamos com outros nós igualmente fixos. Falamos um pouco no capítulo anterior sobre como a mobilidade da comunicação foi assimilada em nossa experiência urbana. No protesto de junho de 2013, a mobilidade influenciou a configuração dos atos na medida em que possibilitou que os participantes baseassem as decisões a respeito dos rumos que queriam tomar durante os atos em informações que chegavam até eles muitas vezes em virtude dos telefones celulares móveis. O feedback instantâneo, portanto, tem influência direta na configuração da ação.

Em determinados atos a saída massiva às ruas foi acompanhada do aumento do volume de entradas na internet relacionadas a este evento. Em pesquisa realizada pela Hitwise da Serasa Experian (MADUREIRA e BOUÇAS, 2013), o Facebook atingiu um pico de acessos durante o mês de junho de 2013, representando uma fatia de 70% de participações entre as redes sociais mais utilizadas no país. Esta mesma pesquisa registra um volume de 17,7 milhões de tuites, publicações feitas na rede social Twitter, relacionados aos protestos. Outro dado interessante que a Hitwise traz é que o número de usuários de celulares com a tecnologia 3G que enviaram dados a partir da Avenida Paulista durante os protestos cresceu 14% na rede da Telefônica/Vivo.

Meus colaboradores relatam como utilizavam seus celulares para se comunicarem com conhecidos e amigos durante os protestos. “Eu usava o celular durante os atos para achar as pessoas, para perguntar quando tinha repressão, pra ver se as pessoas estavam bem. Eu sempre tentava levar o celular carregado” (LAURA, 2014). Também acontecia de obterem informações a partir do que pessoas desconhecidas ou conhecidas presentes nos atos recebiam nos celulares e passavam adiante.

[...] eu nem tinha celular com internet na época, então eu não conseguia ver nada durante o ato do que acontecia. Mas muitas pessoas se informavam do que estava acontecendo. A gente estava em um lugar e aí alguém falava: “ah, a polícia está lá no centro”. E as pessoas acabavam sabendo disso pelo Facebook. A Mídia NINJA ficava durante os atos filmando ao vivo e, se as pessoas conseguissem ver, a gente recebia essas informações (LAURA, 2014).

Na experiência de Marina, o celular também era uma forma que as pessoas encontraram para se ajudar. A vivência dos protestos de junho de 2013 fez com que ela expandisse a rede de contatos que se faziam presentes nas manifestações através do telefone móvel. Ela diz:

[a manifestação] fez com que eu aprofundasse relações com várias pessoas da faculdade, por exemplo, pessoas que eu conhecia mais de vista e com quem eu não tinha muito contato. Quando a gente começou a organizar os atos, às vezes, acontecia de alguém não ir e ficar mandando mensagem pelo celular, vendo, por exemplo, as notícias na televisão, pra todo mundo que estava no ato. Fez com que se criasse um laço de solidariedade bem grande entre as pessoas, algumas com quem eu nem tinha muito contato. De chegar de um ato e mandar mensagem para todo mundo que você conhece e nem viu no ato, mas você imaginava que estava lá. (MARINA, 2015)

A televisão aqui também aparece. No tópico anterior falamos um pouco que não era somente a internet, mas a TV informava a respeito do que acontecia nas ruas e foi importante também para aumentar a repercussão das manifestações e levar mais pessoas às ruas. Era feita, constantemente, uma combinação desses meios enquanto durou a mobilização de junho.

Mas voltemos aos usos dos celulares. Lucas (2015) conta sua experiência: “O medo da repressão, e ela sempre acontecia, forçava a gente a estar sempre em contato com a galera que se conhecia, [com] meus amigos, pelo WhatsApp [...] ou por SMS. A gente ficava mandando mensagem no celular pra ficar se achando, tentar entender o que estava acontecendo”. Para Gabriel (2015) o celular “era basicamente para isso: para combinar com as pessoas aonde ir, onde se encontrar, e, principalmente depois, para saber quem estava preso”.

A mobilidade da conexão à internet acrescenta ainda outras possibilidades além dessas que já descrevemos. Discorremos sobre a expansão da esfera pública que ocorre a partir dos *smartphones* que possuem uma conectividade constante e móvel, câmeras acopladas e outras funções comunicativas e informativas. Essa conectividade permite a construção de espaços públicos fluidos e móveis quando a própria rede se torna um espaço público. O telefone celular com conexão à internet permite que as pessoas se tornem nós conectados com outros manifestantes agindo no ambiente midiático enquanto o ato acontece.

A expansão da esfera pública por meio das lentes dos *smartphones* tem relação com a construção de uma nova esfera pública fora dos meios de comunicação tradicionais. Escrevemos no capítulo I a respeito de uma esfera pública paulistana que se ergueu com a publicação de diversos periódicos ligados aos estudantes da Escola de Direito do Largo São Francisco. Com o amadurecimento do uso da imprensa por parte dos paulistanos, ela se tornou, posteriormente, local de disputa de interesses políticos. Tivemos ainda, com o rádio, a inserção das classes mais baixas na mídia. E, por fim, com a TV, a consciência nacional (KEHL, 1986) e a formação de uma esfera pública brasileira (BUCCI, 1997) se consolidaram. Em junho de 2013, o que se colocou, porém, foi uma esfera pública que expandia aquela formada e limitada pelos holofotes da televisão.

Meus interlocutores mencionaram que uma das maneiras que encontraram de buscar apoio ao movimento e fazer um contraponto ao que era veiculado na televisão e o que era publicado nos jornais era divulgar para sua lista de amigos no Facebook vídeos e relatos feitos pelos manifestantes e também escrever sobre sua própria experiência na rede social. Laura (2014), Gabriel (2015) e Cláudia (2015) publicaram seus próprios relatos em seus perfis com o intuito de oferecerem a quem lesse o que consideravam ser outra versão dos fatos. Janaína (2015) me diz que conversava com essas pessoas: “em círculos de amigos, usei muito o Facebook para criar esses diálogos, esses debates. E em círculos de amigos que não estavam muito interessados principalmente. Ou que estavam com as informações exclusivas da imprensa”.

Em situações ocorridas durante os protestos vemos algumas das formas como os manifestantes rejeitavam as regras ditadas pelos grandes meios de comunicação. Podemos citar: a destruição dos veículos das emissoras Globo e Record, a ida dos manifestantes até a sede da Rede Globo em São Paulo e as palavras de ordem contra emissora deferidas durante diversos atos (“Abaixo a Rede Globo / O povo não é bobo”), a invasão da página da Revista

Veja, o contraponto feito aos principais jornais e emissoras televisivas por meio de vídeos, relatos e fotos publicadas nas redes sociais e, por fim, o episódio que narramos em que o apresentador Datena é contrariado ao vivo durante seu programa. No capítulo I falamos do empastelamento dos jornais em São Paulo e da relação de amor e ódio entre a imprensa e a população. Em 2013 não era muito diferente. Os carros da Rede Globo e Rede Record foram destruídos, houve uma parte dos manifestantes que foi até a sede da Globo em São Paulo para protestar e palavras de ordem eram cantas contra a Globo: “Abaixo a Rede Globo, o povo não é bobo”. Ao mesmo tempo, a transmissão televisiva e os jornais foram importantes para o crescimento do movimento.

Habermas (2003) mostra como a imprensa, os livros e periódicos, serviam de suporte material para o diálogo na esfera pública. Discutimos no capítulo II algumas possibilidades de expansão da esfera pública a partir da implementação das mídias. Estes meios permitem que os diálogos sobre assuntos de interesse comum estejam presentes em diferentes locais quando as pessoas passam a ter acesso aos mesmos conteúdos. Isto é, a participação na esfera pública, com o uso das mídias, pode ser expandida.

Escrevemos também no capítulo anterior a respeito da criação de espaços públicos através do uso das mídias. Vimos que os espaços públicos de junho de 2013 são criados pelos agentes que falam a respeito da sua própria atuação, expondo esta atuação através das fotos que registram no protesto, do protesto e de si mesmos no protesto. Através dos novos meios de comunicação eles se colocam numa esfera pública que é constituída através desses meios. Assim, quem atua nessa esfera pública pode falar por si nessas mídias a respeito do que vivencia e não somente as redes de televisão ou os editores de jornais que falam dos acontecimentos importantes. Esta mídia, então, atrai as pessoas à rua e como um ímã as leva a estar nos locais onde ocorre o evento ao mesmo tempo em que será a partir dela que o evento é organizado e acontece. Assim, não basta estar no ciberespaço, é preciso participar do assunto do momento e fazer do que nos interessa o assunto do momento. O feedback instantâneo, portanto, é uma forma de participação importante, pois com ele a participação à distância também é possível e as transformações na esfera pública se tornam mais dinâmicas.

Uma das cenas mais significativas para nossa análise é aquela que se passou no protesto do dia 17 de junho quando a multidão se deparou consigo mesma refletida num enorme prédio espelhado na Avenida Faria Lima. O êxtase dos manifestantes foi marcante.

Eles se viam não somente na própria arquitetura da cidade, mas através das lentes de seus *smartphones* se colocavam também nas mídias.

No capítulo II falamos acerca de uma política baseada na imagem que, segundo McQuire (2008), estabeleceu-se a partir da televisão. Argumentamos também que o agir político na internet se baseia numa forte relação entre política e imagem, como ocorre com a TV. Torna-se interessante a quem tem disponível essa mídia na mão, dirigir-se a determinados espaços onde ocorre a ação para poder associar sua imagem à essa mídia. Dessa maneira, a internet pode representar uma volta às ruas no sentido de que as pessoas se colocam no espaço público da rua para que apareçam na mídia e darem a sua “cara” a essa mídia. Nas ruas, víamos as fotos e as *selfies*, fotos tiradas pelas próprias pessoas de si mesmas no protesto a partir dos protestos do dia 17 e publicadas nas redes sociais. Participantes queriam e sentiam prazer em mostrar que estavam lá, na rua, e aqui, na rede. Ou, lá na rua e lá na rede, locais que se confundem todo o tempo.

Em se tratando de junho de 2013, as fotos e *selfies* registradas durante os protestos trazem um elemento de associação com o evento e com o local em que o evento acontece. Ela se torna uma espécie de comprovação da participação em eventos sociais e políticos, onde as pessoas se revelam e expõem sua atuação. Importante lembrar que o espaço público é local de aparência (ARENDT, 2011). Assim, o “saímos do Facebook”, mote das manifestações de junho a partir do dia 17, tem um aspecto não do abandono do espaço midiático, mas dessa colagem e dessa imbricação entre os espaços de ação. Em 2013, a quantidade de celulares com 3G no Brasil já ultrapassava a marca dos 94 milhões de unidades, marca que aumentou mais de 10 milhões no ano seguinte (PORTAL BRASIL, 2014).

Ainda, como explicitamos no capítulo II, as imagens (e imagens engloba vídeos e relatos também) eram parte da história contada sobre junho de 2013. Na relação dos novos meios de comunicação com o espaço da cidade o espaço da rua que é constituído como espaço público de ação a partir da reunião das pessoas, mas também a partir da publicização da ação vivida nesse espaço por meio das pequenas telas dos *smartphones*. Com a mídia nas mãos, quem atua constrói uma intimidade com o espaço da cidade. Essa intimidade é vivenciada em conjunto na ação.

Marcos acredita que “a gente percebe [...] que foi uma manifestação que teve muita participação digital. Infelizmente a gente sabe que participação digital se não for pra rua não significa nada, mas as pessoas se posicionaram, falaram muito pelo Facebook” (MARCOS,

2014), mas o que se coloca em junho de 2013 é que tais espaços, que em sua fala estão contrapostos, estão imbricados de tal maneira que agir em um é agir em ambos. Minha colaboradora Janaína fala de sua experiência: “Acho que participei muito mais no diálogo, muito mais conversando, muito mais pensando, muito mais escrevendo sobre isso do que com uma participação mais na rua. Eu não senti essa necessidade” (JANAÍNA, 2015). Vagner (2015) menciona em entrevista que prefere participar de movimentos populares através do diálogo e não exatamente saindo às ruas. Assim, ele valorizou os diálogos que teve pelo Facebook com seus alunos e com outras pessoas. Em suas palavras: “Eu não sou muito de participar com as armas na mão, gosto mais de falar sobre, de discutir sobre. [...] Pelo menos com o Ensino Médio, o público com quem seria interessante discutir, [discuti] via internet mesmo porque eu não estava mais com eles no presencial” (VAGNER, 2015).

Quando lhe perguntei de que formas participava, Carlos respondeu: “Acho bacana a forma como você coloca a pergunta porque não necessariamente é indo pra rua, né? [...] Todo dia que tinha [ato] eu divulgava pros amigos, tentava ir também, mas acabava não rolando. Divulgava via Face. Comentava com o pessoal” (CARLOS, 2015). Selma, 54 anos, moradora da Cidade Ademar, zona sul da cidade, diz: “a minha participação foi ficar curtindo as coisas no Facebook. Eu via alguma coisa, eu curtia, eu compartilhava, mas eu não dava opinião não” (SELMA, 2015).

No questionário que publiquei na internet, quando meus colaboradores responderam uma pergunta a respeito de suas formas de envolvimento, a internet e as redes sociais aparecem como locais em que expunham seus posicionamentos políticos. Mesmo que nem todas tenham ido de fato às ruas – compareceram 34 das 52 pessoas – muitas ressaltaram que tiveram profundo envolvimento através da internet, compartilhando fotos, vídeos, postagens e se posicionando. Algumas pessoas citaram a distância como um impedimento para participarem das manifestações em São Paulo, mas se sentiram impelidas a apoiar quem saía às ruas através do compartilhamento de informações que chegavam até elas através das redes sociais. Para quem não vivia em São Paulo, a experiência dos paulistanos compartilhada nas redes sociais serviu como estímulo para que estas pessoas deixassem suas casas e tomassem as ruas das suas próprias cidades. Morar em outra cidade e não poder estar fisicamente presente não as impediu de apoiar o movimento.

No início do movimento dos caras pintadas, citamos no capítulo I, houve grande dificuldade de articulação, divulgação e organização do movimento nas ruas. Quando as

emissoras de TV, porém, começaram a apoiar a mobilização, as passeatas eram mais facilmente organizáveis e passaram a contar com grandes públicos. Em 2013, o uso dos celulares móveis e da internet facilitou a comunicação entre os participantes. Os primeiros quatro atos não eram divulgados na TV, mesmo assim as pessoas sabiam a que locais comparecer para a concentração a partir dos eventos criados no Facebook. Além disso, durante as manifestações o uso dos celulares também facilitava o encontro nas ruas, como relatam meus interlocutores. É fato que quando a televisão e os jornais passaram a apoiar o movimento, este cresceu em número de participantes. Mas é fato também que esse apoio teve forte influência da opinião pública que, com base em imagens e relatos do que acontecia nas ruas publicados na internet, passou a apoiar os manifestantes.

A mobilização de junho de 2013 evidenciou diversas maneiras com que lidamos com este espaço urbano mediado em nossas experiências políticas. Nas falas de alguns de meus colaboradores é possível notar que os novos meios abrem novas possibilidades de participação. Numa cidade como São Paulo, o espaço urbano é um ambiente dinâmico em que as tecnologias de informação e comunicação estão imbricadas com as estruturas das cidades. Como expusemos no capítulo 2, a cidade não é somente o espaço físico que a delimita, suas estruturas arquitetônicas e de transporte e outras infraestruturas tipicamente urbanas. Ela incorpora as relações dos sujeitos com os espaços que habitam e com as pessoas com quem dividem estes espaços. Isto é, o espaço urbano é também um espaço de relações, de experiências e sensações (HANDLYKKEN, 2013). A presença ubíqua das mídias em imbricação com as estruturas urbanas modificam a forma como lidamos os espaços e localidades e também nossa noção de pertencimento, de presença e de participação (MCQUIRE, 2008).

Com essa discussão, acreditamos termos explorado algumas possibilidades de como se desenha o agir na cidade na era da conectividade constante e da mobilidade dos meios de comunicação, os significados dos novos meios para a ação hoje, em que espaços esta ação ocorre e que espaços públicos ela constitui e como, através dos novos meios, relacionamo-nos com os espaços da cidade durante a ação. O assunto não se esgota em junho de 2013, mas nossas experiências com os novos meios na cidade se intensificam a cada dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA ALÉM DOS 20 CENTAVOS

Já são quase três anos desde que os acontecimentos de junho de 2013 se passaram. Para mim, para as pessoas com quem conversei, não somente meus interlocutores, mas também outras pessoas que cruzaram meu caminho e que vivenciaram essa experiência de alguma maneira, a vivência política de junho tem algo de aventura. Georg Simmel (1998) escreve que a aventura é um acontecimento ligado à vida, embora seja descolada dela. Tem um sentido onírico, permanece em nossa lembrança como uma vivência distante e significativa que tem o poder de nos transformar, embora permaneça localizada no tempo. Não significa exatamente uma saída da rotina, quer dizer, a aventura não ocorre fora da vida, mas extrapola aquilo que vivemos cotidianamente. Isto é, tem início, meio e fim. Importante salientar o fim.

Junho de 2013 é revivido com nostalgia por todos nós, mas é impossível viver uma vida só de aventuras. A aventura precisa acabar em algum momento. Assim também não é possível viver em plena ação. A experiência de junho de 2013 tem seu elemento de mudança e transformação na vida das pessoas, mas é um evento específico, vivido apenas naquele momento. É aquela viagem com os colegas da escola em que os conhecemos melhor e enxergamos, finalmente, depois de passarmos algum tempo com eles, que não nos damos tão bem assim.

Os protestos de junho de 2013 nos colocaram em contato com as multiplicidades de posicionamentos políticos e posturas de vida de diversos brasileiros que dividem conosco alguns espaços no dia a dia. Diversidades e diferenças foram ali expostas num movimento altamente democrático. Esta sopa de letrinhas mostrou que não convivemos tão pacificamente assim com essas diferenças. Mas que existe nelas um enorme potencial democrático. Flora (2015) em nossa conversa relembra: “Acho que é um pessoal que ainda está aprendendo, a gente, inclusive eu mesma, estou aprendendo a lidar com o que é ser cidadão, com a cidadania, o que é democracia, com o que é ser politizado, a gente está aprendendo, mas ao mesmo tempo é uma coisa que não é contínua” (FLORA, 2015).

Mas junho de 2013 acabou, ficou para trás, mas o que ficou para além dos 20 centavos? Essa aventura, que permanece em nossa lembrança, coloca na cena política brasileira uma nova forma autônoma de fazer política. Tanto em relação à forma, isto é, aos espaços em que as pessoas se colocam e como se colocam, aos instrumentos e às linguagens

que utilizam e aos espaços públicos que criam quanto em relação a quem está atuando. São pessoas comuns que tentam se comunicar da maneira como o fazem no seu dia a dia e manifestam, assim, seus desejos políticos. Foi também a partir dessa experiência que a juventude, uma juventude plural, de meados da segunda década dos anos 2010, tomou as ruas e não saiu mais de lá. Assim como se inseriu nas novas mídias e ali permanece.

Este evento pode ser considerado um ponto de inflexão na experiência brasileira com os novos meios de comunicação na ação política. Pois, além de instrumento para organização e articulação, atuamos através dos meios de comunicação num espaço público de ação formado por meio dessa atuação. Foi a partir da experiência das novas mídias na ação que ressignificamos os espaços da cidade numa relação íntima com ela.

As redes sociais tão utilizadas em junho como espaços de ação são empresas privadas. Essa é uma questão importante a ser pensada. Por mais livre que seja o espaço, ele ainda pode ser controlado. O uso de algoritmos no Facebook, por exemplo, é um dos fatores que interfere nos conteúdos a que temos acesso. Embora tenhamos a impressão de que as informações e discussões chegam até nós de maneira aleatória elas são direcionadas por esses algoritmos. Não abordamos essa questão em nosso trabalho, mas é uma importante tarefa para nós pesquisadores das novas mídias levarmos adiante.

Outro ponto que merece atenção é como transformar as demandas colocadas nestes novos espaços de manifestação em políticas públicas. Existe ainda um descompasso, um abismo entre o que é feito pela sociedade que age e pelos representantes dessa sociedade, no Estado. Junho de 2013 expôs este abismo (PAIT, 2013). Dois anos e meio depois, escrevo no fim de 2015, este abismo continua exposto, mas que transformações ocorreram a partir dessa exposição?

Por fim, importante apontar para o fato de que, embora muitos estejam se inserindo nas novas mídias e numa cidade em rede (MCQUIRE, 2015), hierarquias de raça, classe, gênero, religião, sexualidade ainda permanecem. Esforços têm sido feitos no sentido de democratizar os novos meios de comunicação. Isto é, fazer com que o direito à mídia e à cidade em rede, para citar Scott McQuire mais uma vez, seja exercido por pessoas que estão se colocando nesses meios. A hegemonia dos discursos hierarquizantes também precisa ser quebrada (BARNARD, 2016).

A saída às ruas de uma grande variedade de grupos e pessoas em junho de 2013 também demonstra o exercício desse direito a uma cidade em rede por meio da ação no

espaço público da cidade e nos espaços das mídias, espaços que se imbricam. Isto é, por meio da publicidade do sair às ruas e estar nas mídias postando, curtindo e compartilhando os vídeos, as *selfies*, os relatos sobre os acontecimentos de junho de 2013, as pessoas se apropriaram desses espaços. Essa prática, porém, não se iniciou em junho e nem se esgotou nesse acontecimento, mas se alastrou a partir de então.

Em nosso trabalho abordamos algumas possibilidades de análise da ação, dos novos meios de comunicação e do espaço urbano relacionados. Investigamos, com base nos protestos de junho de 2013, algumas formas como temos agido na cidade mídia tendo como parte do nosso cotidiano a mobilidade dos meios de comunicação e a conectividade constante. Exploramos também os significados dos novos meios de comunicação na ação hoje demonstrando que, mais que instrumentos, eles podem ser constituídos enquanto espaços públicos de ação. E, por fim, demonstramos algumas formas através das quais nos relacionamos com os espaços da cidade através dos novos meios durante a ação. Escrevemos que essa relação se baseia numa experiência íntima com o espaço da cidade. Em posse da mídia, dos *smartphones* quem atua na rua associa sua imagem ao local da ação e dá importância tanto a este local como a ele mesmo enquanto agente que atua em conjunto com outros agentes.

O que ocorre na ação que se constrói na cidade na era das tecnologias de informação e comunicação em que a conexão é permanente, portanto, é que o espaço da cidade é ressignificado a partir do uso dessas tecnologias. Quem vai à rua registra a ação através das pequenas telas e a torna pública na grande tela em que outras pessoas se inserem participando da ação, seja somente na rede, seja na rua e na rede. Nesse processo de registro, é o próprio olhar de quem atua que é exposto na esfera pública, não é a visão de uma grande empresa televisiva ou do editor da redação de um jornal de grande visibilidade.

Na grande tela, as histórias, os relatos de experiência são realizados de maneira autônoma pelos pequenos nós da rede que carregam a mídia nas mãos. Os novos e pequenos donos da mídia escolhem que parte da cidade deve ser registrada, a que parte da cidade querem se dirigir para realizar esse registro. E, assim, o espaço da cidade e as vivências nesse espaço se tornam algo mais próximo de quem cuidadosamente os observa para contar a história que vivencia. A mensagem da *selfie*, nesse processo, portanto, traz o registro da própria pessoa associada ao espaço em que ela está, o espaço da rua, o espaço público, e da sua atuação na esfera pública.

Outras questões ainda permanecem. Obviamente, esse trabalho não esgota os pontos aqui abordados e analisados, ao contrário, lança mais possibilidades para pesquisadores que queiram se aventurar pelos caminhos materiais e imateriais pelos quais caminhamos e que construímos na era da informação.

REFERÊNCIAS

ABBATE, J. **Inventing the internet**. Cambridge, EUA: MIT Press, 2000.

ANA. **Entrevista I**: realizada pelo WhatsApp [01 out. 2014]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2014.

ANONYMOUS invade Twitter da revista Veja. **Estadão**, Link, 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/anonymous-invade-twitter-da-revista-veja/>>. Acesso em 18 jun. 2013.

APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização**: a modernidade sem peias. Lisboa: Teorema, 1996.

ARCANJOLETO, A. **Sem título**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=614959488516637&set=a.178980245447899.44291.100000077735516&type=1&theater>>. Acesso em 10 jun. 2013.

ARENDT, H. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ASSOCIAÇÃO de jornais condena a ação da PM. **Estadão**, Notícias. São Paulo: 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,associacao-de-jornais-condena-acao-da-pm,1042435,0.htm>>. Acesso em 30 mar. 2014.

ASSUNTOS no Twitter - sexta-feira, 14/06/2013. **G1**. 16 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/06/assuntos-no-twitter-sexta-feira-14062013.html>>. Acesso em 11 mai. 2014.

BARABÁSI, A.-L. **Linked**: a nova ciência dos networks – como tudo está conectado a tudo e o que isso significa para os negócios, relações sociais e ciências. São Paulo: Leopardo, 2009.

BARNARD, S. Spectacles of Self (ie) empowerment? Networked individualism and the logic of the (post)feminist selfie. **Studies in Media and Communication**, v. 11, pp. 63-88, 2016. Disponível em: <2050-2060/doi:10.1108/S2050-206020160000011014>. Acesso em 10 fev. 2016.

BAUMAN, Z. The ‘Why’s’ and ‘What for’s’ of People taking to the Streets. **Social Europe Journal**, 19 out. 2011. Disponível em: <<http://www.social-europe.eu/2011/10/thewhys-and-what-fors-of-people-taking-to-the-streets/>>. Acesso em 20 mar. 2012.

BENJAMIN, W. O flâneur. In: BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, v. Obras Escolhidas; V. 3, 1989. p. 33-65.

_____. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 179-212.

BLICHFELDT, B. S.; HELDBJERG, G. Why not? The interviewing of friends and acquaintances. **Work paper**, N. 1, 2011. Disponível em: <http://vbn.aau.dk/files/165935946/working_paper_sdu.pdf>. Acesso em 14 jun. 2014.

BONDUKI, N. Crise de habitação e luta pela moradia no pós-guerra. In: KOWARICK, L. (org.). **As lutas sociais e a cidade**: São Paulo, passado e presente. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. Cap. 4, p. 113-144.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1988.

_____. Ministério das Comunicações. Há 62 anos, nascia a televisão no Brasil. **ConexãoMiniCom**, 18 set. 2012. Disponível em: <<http://www.conexaominicom.mc.gov.br/materias-especiais/1045-ha-62-anos-nascia-a-televisao-no-brasil>>. Acesso em 06 mai. 2015.

BRUNA. **Entrevista III**: realizada pelo WhatsApp [19 out. 2014]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2014.

BUCCI, E. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

CALADO, C. **Tropicália**: a história de uma revolução musical. São Paulo: Editora 34, 1997.

CANZIAN, F.; WAINER, J. **Junho**: o mês que abalou o Brasil. [Filme-vídeo]. Produção de Fernando Canzian e João Wainer, direção de João Wainer. 2014. 71 min. Color. Som. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=35PEtIV8_34>. Acesso em 20 mai. 2015.

CAMARGO, M.; GAZELLI, T.; PEREIRA, A. **Era uma vez um presidente**: Collor, impeachment e os caras pintadas. Direção de Marina Camargo, Thaísa Gazelli e Ana Pereira. [Filme-vídeo]. 27 min. Color. Som. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QQjs9nMdT7I>>. Acesso em 10 out. 2015.

CAREY, J. W. Technology and ideology: the case of the telegraph. In: CAREY, J. W. **Communication as culture**: essays on media and society. New York, London: Routledge, 2008. Cap. 8, p. 155-177.

CARLOS. **Entrevista XVI**: realizada pelo telefone [13 mar. 2015]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2015. 1 arquivo .mp3 (16 min.).

CARPIGNANO, P. The Shape of the Sphere: The Public Sphere and the Materiality of Communication. **Constellations**, vol. 6, n. 2, 1999. pp. 177-189.

CARVALHO, M. S. R. M. **A trajetória da Internet no Brasil**: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança. 2006. 239 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, v. I, 2007.

_____. **Communication Power**. New York: Oxford University Press Inc., 2009.

_____. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da Internet. 1. ed. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHEGOU a hora do basta. **Estadão**, Opinião, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,chevou-a-hora-do-basta-imp-,1041814>>. Acesso em 13 jun. 2013.

CLÁUDIA. **Entrevista XIV**: realizada pelo telefone [01 mar. 2015]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2015. 1 arquivo .mp3 (12 min.).

COELHO, A. L. P. F. **Brace yourselves, memes are coming**: formação e divulgação de uma cultura de resistência através de imagens da internet. 2014. 85f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014. Digital. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000938032&fd=y>>. Acesso em 10 jun. 2015.

DAGNINO, E. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: DAGNINO, E. **Anos 90**: Política e Sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 103-115.

DAYAN, D.; KATZ, E. **Media Events**: The Live Broadcasting of History. Cambridge, EUA; London, England: First Harvard University Press, 1994.

DE PAULA, A. E. H. A greve sob uma perspectiva territorial: o caso da greve dos ferroviários de 1906. **Revista Pegada**, v. 14, n. 2, p. 81-97, dez. 2013. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/2545/2339>> Acesso em 15 set. 2015.

DEIBERT, R. J. **Parchment, Printing, and Hypermedia**: Communication in World Order Transformation. Nova York, EUA: Columbia University Press, 1997.

DEL PRIORE, M. **O príncipe maldito**: traição e loucura na família imperial. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

DIAS, L. A. **A geração cara-pintada**: a participação dos jovens no processo de impeachment. 2000, 269f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Assis, 2000.

DIEGUES, C.; BARRETO, L. C.; BARRETO, L. **Bye Bye Brasil**. [Filme-vídeo]. Produção de Luís Carlos Barreto e Lucy Barreto, direção de Carlos Diegues. 1980. 150 min. Color. Som. Disponível em: <<https://vimeo.com/91022842>>. Acesso em 06 mai. 2015.

DI FELICE, M. **Paisagens Pós-urbanas: O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.

DUNN, C. **Brutalidade jardim: a Tropicália e o surgimento da contracultura brasileira**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

ESPÍRITO SANTO, M. O. D. **Lutas sociais e ciberespaço: o uso da Internet pelo Movimento Passe Livre nas manifestações de junho de 2013 em São Paulo**. Marília: Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2014.

FANFARRA do M.A.L. **Quem somos**. [201-] Disponível em: <<https://fanfarradomal.milharal.org/quem-somos/>>. Acesso em 17 jul. 2015.

FELIPE. **Entrevista XI**: realizada pelo telefone [18 fev. 2015]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2015. 1 arquivo .mp3 (29 min.).

FLORA. **Entrevista VI**: realizada pelo Skype [02 dez. 2014]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2014. 1 arquivo .mp3 (28 min.).

FRASER, N. Rethinking Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. **Social Text**, Durham, 1990. p. 56-80. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/466240>>. Acesso em 05 fev. 2013.

_____. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. In: SOUZA, J. **Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. Brasília: Editora UnB, 2001. p. 245-282.

GABRIEL. **Entrevista IX**: realizada pelo telefone [15 jan. 2015]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2015. 1 arquivo .mp3 (39 min.).

GOHN, M. D. G. **História dos movimentos e lutas sociais: A construção da cidadania dos brasileiros**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. Ações coletivas civis na atualidade: dos programas de responsabilidade/compromisso social às redes de movimentos sociais. **Ciências Sociais Unisinos**, n. 46, jan/abr 2010. 10-17.

GOMES, J. L. D. L. **Twittando o Irã: política nacional, novos meios e participação global**. 02 dez. 2010. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Relações Internacionais) - Universidade Estadual Paulista. Marília, dez. 2010.

GUY Fawkes. History. **BBC**. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/history/people/guy_fawkes>. Acesso em 18 jul. 2015.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HAMBURGER, C. **O ano em que meus pais saíram de férias**. [Filme-vídeo]. Produção de Globo Filmes, Lereby Produções, Gullane Filmes, direção de Cao Hamburger. São Paulo, 2006. 103 min. DVD. Color. Som.

HAMMERSHMIT, R. O que é 3G? **Tecmundo**, 02 set. 2008. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/celular/226-o-que-e-3g-.htm>>. Acesso em 17 dez. 2015.

HANDLYKKEN, A. K. Digital Cities in the making: exploring perceptions of space, agency of actors and heterotopia. **Ciberlegenda**, n. 25, 2011. pp. 22-37. Disponível em:<<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/492/287>>. Acesso em 05 mar. 2014.

HANSEN, M. **Babel and Babylon: Spectatorship in American Silent Film**. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1994.

_____. Foreword. In: NEG, O.; KLUGE, A. **Public Sphere and Experience: Toward an analysis of the bourgeois and proletarian public sphere**. Minneapolis, EUA: University of Minnesota Press, 1993. p. ix-xli.

HECKATORN, D. D. Snowball versus respondent-driven sampling. **Sociol. Methodol.**, V. 41, N. 1, ago. 2011. Disponível em:<<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3250988/>>. Acesso em 05 set. 2014.

HEMEG, F. **Datena surpreendido em pesquisa!** Passe Livre 13/06/13. 16 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7cxOK7SOI2k>>. Acesso em 20 jun. 2013.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE Publications, 2000.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD. 2005. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acesoainternet/internet.pdf>>. Acesso em 17 jul. 2015.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Mapa do analfabetismo no Brasil. 2003. Disponível em: <<http://www.oei.es/quipu/brasil/estadisticas/analfabetismo2003.pdf>>. Acesso em 26 out. 2015.

INNIS, H. A. The Bias of Communication. **The Canadian Journal of Economics and Political Science / Revue canadienne d'Economie et de Science politique**, V. 15, N. 4 , nov. 1949. pp. 457-476. Disponível em:< <http://www.jstor.org/stable/138041>>. Acesso em 18 ago. 2013.

JANAÍNA. **Entrevista V**: realizada pelo telefone [02 dez. 2014]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2014. 1 arquivo .mp3 (11 min.).

JANOVICH, P. Será possível que ainda chova? (Re ti será). **Versaopaulo**: cultura e história da cidade. 9 jul. 2014. Disponível em: < <https://versaopaulo.wordpress.com/tag/chafariz-da-misericordia/>>. Acesso em 29 set. 2015.

JESUS, R. P. D. A Revolta do Vintém e a Crise na Monarquia. **História Social**, Campinas, 2006. 73-89. Disponível em:< <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/197/189>>. Acesso em 17 mar. 2014.

_____. Mutualismo e desenvolvimento econômico no Brasil do século XIX. **Revista OIDLES**, v. 1, n. 1, Set. 2007. Disponível em:< <http://www.eumed.net/rev/oidles/01/Pereira.htm>>. Acess em 08 out. 2015.

JORNALISTA Pedro Ribeiro Nogueira sendo espancado pela polícia. 12 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=043RmwFwero&feature=youtu.be>>. Acesso em 26 mai. 2015.

JUDENSNAIDER, E. et al. **Vinte centavos**: a luta contra o aumento. 1. ed. São Paulo: Veneta, 2013.

KAOS, M. R. **Sem título**. 14 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=4927475904301&set=oa.672958599386795&type=1&theater>>. Acesso em 14 jun. 2013.

KEHL, M. R. Eu vi um Brasil na TV. In: SIMÕES, I. F.; COSTA, A. H. D.; KEHL, M. R. **Um país no ar**: História da TV brasileira em três canais. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 167-323.

KITLER, F. A. The city is a Medium. **New Literary History**, v. 27, n. 4, 1996. 717-729. Disponível em:< <http://www.jstor.org/stable/20057387>>. Acesso em 19 nov. 2014.

KOWARICK, L.; BONDUKI, N. Espaço urbano e espaço político: do populismo à redemocratização. In: KOWARICK, L. **As lutas sociais e a cidade**: São Paulo, passado e presente. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. Cap. 5, p. 147-177.

KOZINETS, R. V. **Netnography**: doing ethnographic research online. Canadá: SAGE Publications, 2010.

LAURA. **Entrevista IV**: realizada pelo telefone [29 out. 2014]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2014. 1 arquivo .mp3 (29 min.).

LIBERE seu wi-fi e senha durante as manifestações. **Catraca Livre**. Cidadania. São Paulo: 16 jun. 2013. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/libere-seu-wi-fi-e-senha-durante-as-manifestacoes/>>. Acesso 20 mai. 2014.

LUCAS. **Entrevista XV**: realizada pelo telefone [11 mar. 2015]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2015. 1 arquivo .mp3 (23 min.).

LÚCIO. **Entrevista II**: realizada pelo Skype [13 out. 2014]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2014. 1 arquivo .mp3 (14 min.).

MADUREIRA, D.; BOUÇAS, C. Protestos elevam tráfego de voz e dados. **Valor Econômico**, Redes. São Paulo, 08 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/3189542/protestos-elevam-trafego-de-voz-e-dados>>. Acesso em 20 jul. 2014.

MÃES DE MAIO. NOSSA POESIA VENCERÁ O SEU TERROR, ESTADO!. 14 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/maes.demaio/photos/a.174007019401673.38528.173936532742055/307956152673425/?type=1&theater>>. Acesso em 14 jun. 2013.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49, 2002. pp. 11-29. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>>. Acesso em 19 nov. 2013.

MALINI, F. **A Batalha do Vinagre**: por que o #protestoSP não teve uma, mas muitas hashtags. Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), São Paulo, 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.labic.net/cartografia-das-controversias/a-batalha-do-vinagre-por-que-o-protestosp-nao-teve-uma-mas-muitas-hashtags/>>. Acesso em 27 fev. 2014.

MARCELA. **Entrevista XIX**: realizada pelo telefone [23 mar. 2015]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2015. 1 arquivo .mp3 (16 min.).

MARCOS. **Entrevista VIII**: realizada pelo Skype [16 dez. 2014]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2014. 1 arquivo .mp3 (26 min.).

MARINA. **Entrevista XII**: realizada pelo telefone [20 fev. 2015]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2015. 1 arquivo .mp3 (14 min.).

MARTINS, A. L.; DE LUCA, T. R. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAURÍCIO. **Entrevista XVII**: realizada pelo telefone [18 mar. 2015]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2015. 1 arquivo .mp3 (24 min.).

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

MELUCCI, A. A experiência individual na sociedade planetária. **Lua Nova**, N. 38, pp. 199-221, 1996.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO. **Programa Lugares da Memória**. [201-]. Disponível em: <<http://memorialdaresistencia.org.br/memorial/Upload/file/lugares-da-memoria/pa%20e%20catedral%20da%20s.pdf>>. Acesso em 25 out. 2015.

MENDES, S. C. O feminino no Anarquismo: as mulheres anarquistas em São Paulo na Primeira República (1889-1930). **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH/SP – USP. 08-12 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.anpuh.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Samanta%20Colhado%20Mendes.pdf>>. Acesso em 20 set. 2015.

MÍDIA NINJA. **Quem somos**. [201-]. Disponível em: <<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about>>. Acesso em 10 out. 2013.

MISCHE, A. De estudantes a cidadãos: Redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 fev. 2014.

MORTENSEN, C; JAFFE, B. **História do rádio** [Filme-vídeo]. Produção de Chris Mortensen e Bob Jaffe. New York, A&E Television Networks, 1997. Online. 46 min. Color. Som. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xmzBCTWAYtg>>. Acesso em 14 out. 2013.

MOORE, A.; LLOYD, D. **V de vingança**. Barueri: Panini Books, 2012.

MORSE, R. M. **Formação história de São Paulo: de comunidade à metrópole**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

MPL – SP – MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO. **Convocatória: grande ato contra o aumento no dia 06/06!** Passe Livre, Notícias, 12 mai. 2013. 2013a. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/2013/05/12/convocatoria-grande-ato-contr-o-aumento/>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

_____. **Nota nº 01: sobre a manifestação do dia 06.06**. Facebook. 10 jun. 2013. 2013b. Disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/passe-livre-s%C3%A3o-paulo/nota-n%C2%BA-01-sobre-a-manifesta%C3%A7%C3%A3o-do-dia-0606/528654787190777>>. Acesso em 22 mai. 2015.

_____. **“Primeiras chamadas”: os atos regionais que inauguraram as Jornadas de Junho**. Passe Livre, Vídeos, 13 set. 2013. 2013c. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/2013/09/13/primeiras-chamas-os-atos-regionais-que-inauguraram-as-jornadas-de-junho/>>. Acesso em 20 mai. 2015.

NETO, J. C. F. **Era no tempo do rei: mídia e oralidade no Brasil de Dom João**. Niterói: 2008. Anais do VI Congresso Nacional de História da Mídia. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Era%20no%20tempo%20do%20rei.pdf>>. Acesso em 17 jul. 2015.

NOBRE, F. **História da Imprensa de São Paulo**. São Paulo: Edições Leia, 1950.

NOUJAIM, J. **The Square**. Direção de Jehane Noujaim. [Filme-vídeo]. Cairo, 2014. 108 min. Color. Som.

OLIVEIRA, A. D. **Tropicália**. 2007. Disponível em: <<http://tropicalia.com.br/>>. Acesso em 23 out. 2015.

PAIT, H. O silêncio da televisão: desafios e esperanças da comunicação mediada. **FAMECOS**, Porto Alegre, n. 34, dez. 2007. 45-49. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3451/2713>>. Acesso em 18 jan. 2013.

_____. Abismo exposto. **Open Knowledge Brasil**, 3 jul. 2013. Disponível em: <<http://br.okfn.org/2013/07/03/abismo-exposto/>>. Acesso em 3 jul. 2013.

PAPACHARISSI, Z. **A networked selfie**: storytelling of the self in the age of digital reproduction. Medium, 23 abr. 2014. Disponível em: <<https://medium.com/@zizip/a-networked-selfie-cb4e929af3ee#.tjjaqaf76>>. Acesso em 20 fev. 2016.

PÉTONNET, C. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **AntroPolítica**, Niterói, n. 25, 2008. 99-111.

PM de SP diz que manifestantes não ficarão mais "à vontade" pela cidade. **Folha de S. Paulo** [online]. Cotidiano, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294300-pm-de-sp-diz-que-manifestantes-nao-ficaram-mais-a-vontade-pela-cidade.shtml>>. Acesso em 14 jun. 2013.

PORTAL BRASIL. IBGE: Metade dos brasileiros teve acesso a internet em 2013. **Portal Brasil**, Infraestrutura, 19 set. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2014/09/ibge-metade-dos-brasileiros-teve-acesso-a-internet-em-2013>>. Acesso em 17 jul. 2015.

PRONZATO, C. **PRIMEIRAS CHAMAS**: atos regionais das jornadas de junho. Produção e Direção de Carlos Pronzato. [Filme-Vídeo]. Ago. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ytqVbsMI6qs>>. Acesso em 20 mai. 2015.

_____. **A partir de agora** – as jornadas de junho no Brasil. [Filme-vídeo]. Produção de Carlos Pronzato, direção de Carlos Pronzato. 2014. 79 min. Color. Som. Disponível em: <<https://youtu.be/3dIPZ3rarO0>>. Acesso em 22 mai. 2015.

RECURSO à prisão de Rafael Braga, por portar frasco de desinfetante, chega ao STF. **Rede Brasil Atual**, Cidadania, 25 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/06/chega-ao-stf-o-recurso-a-condenacao-de-rafael-braga-presos-por-portar-um-frasco-de-pinho-sol-7542.html>>. Acesso em 18 dez. 2015.

REIS, J. J. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, dez./jan. 1995/1996. 14-39. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/28/02-jreis.pdf>>. Acesso em 11 set. 2015.

RETOMAR a Paulista. **Folha de S. Paulo** [online], Editorial, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>>. Acesso em 13 jun. 2013.

RIBEIRO, B.; ZANCHETTA, D.; MANSO, B. P.; COUTINHO, M.; CUDISCHEVITCH, C. Protesto fecha a Marginal e lentidão chega a 226 km. **Estadão**, Geral, 08 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,protesto-fecha-a-marginal-e-lentidao-chega-a-226-km,1040233>>. Acesso em 18 dez. 2015.

RICARDO. **Entrevista VII**: realizada pelo Skype [11 dez. 2014]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2014. 1 arquivo .mp3 (21 min.).

ROBERTA. **Entrevista XIII**: realizada pelo telefone [01 mar. 2015]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2015. 1 arquivo .mp3 (17 min.).

RODRIGUES, A. T. **Mobilização e conflito político**: a campanha das “Diretas Já”. 1993. 256 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

SANTOS, F. D. O que seria da Record sem o “Cidade Alerta”? **TV Foco** [online], 4 ago. 2014. Disponível em: <<http://otvfoco.com.br/o-que-seria-da-record-sem-o-cidade-alerta/#ixzz3dXKmIqRX>>. Acesso em 12 jun. 2015.

SÃO PAULO. Decreto Nº 36.767 - de 19 de março de 1997. Regulamenta a lei N. 12.151, de 19 de julho de 1996, que dispõe sobre o uso das vias públicas do município de São Paulo para o exercício do direito de manifestação através de passeatas, desfiles ou outro tipo de concentração popular, e dá outras providências. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/decreto/1997/3676/36767/decreto-n-36767-1997-regulamenta-a-lei-n-12151-de-19-de-julho-de-1996-que-dispoe-sobre-o-uso-das-vias-publicas-do-municipio-de-sao-paulo-para-o-exercicio-do-direito-de-manifestacao-atraves-de-passeatas-desfiles-ou-outro-tipo-de-concentracao-popular-e-da-outras-providencias-1997-03-19.html>>. Acesso em 20 dez. 2015.

SCHERER-WARREN, I. Novos movimentos sociais, a construção da democracia e o papel dos mediadores. In: SCHERER-WARREN, I. **Redes de Movimentos Sociais**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009a. Cap. III, p. 49-64.

_____. Redes de movimentos: uma perspectiva para os anos 90. In: SCHERER-WARREN, I. **Redes de Movimentos Sociais**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009b. Cap. VII, p. 111-124.

SELMA. **Entrevista X**: realizada pelo telefone [02 fev. 2015]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2015. 1 arquivo .mp3 (6 min.).

SEVOCÊENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, J. T. D. **São Paulo**: 1554-1880: discurso ideológico e organização espacial. São Paulo: Ed. Moderna, 1984.

SIMMEL, G. A aventura. In: SOUZA, J.; ÖELZE, B. (). **Simmel e a Modernidade**. Brasília: UnB, 1998. p. 171-187.

_____. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. p. 11-25.

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. **Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOARES, L. Fiança para presos em manifestação na Paulista será de R\$ 20 mil. **Pragmatismo Político**, São Paulo, 12 jun. 2013a. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/06/fianca-para-presos-em-manifestacao-na-paulista-sera-de-r-20-mil.html>>. Acesso em 13 jun. 2013.

_____. PM prende jornalista por 'porte de vinagre' durante protesto. **Pragmatismo Político**, 13 jun. 2013b. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/06/pm-prende-jornalista-por-porte-de-vinagre-durante-protesto.html>>. Acesso em 14 jun. 2013.

SP: 6º protesto tem lojas saqueadas e ao menos 47 presos. **Estadão**, 18 jun. 2013. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/estadao-urgente/sao-paulo-tera-sexto-protesto-contr-aumento-da-tarifa-de-onibus/>>. Acesso em 19 jun. 2013.

TAUNAY, A. D. **S. Paulo nos primeiros annos**: 1554-1601. Tours, França: Imprensa de E. Arrault et Cie, 1920.

_____. **Historia seiscentista da Villa de S. Paulo**: Escripta à vista de avultada documentação inédita dos archivos brasileiros e estrangeiros. São Paulo: Typographia Ideal, v. I, 1926.

_____. **Historia seiscentista da Villa de São Paulo**: Escripta à vista de avultada documentação inedita dos archivos brasileiros e estrangeiros - 1653-1660. São Paulo: Typographia Ideal, v. II, 1927.

_____. **Historia seiscentista da Villa de São Paulo**: Escripta à vista de avultada documentação inédita dos archivos brasileiros e estrangeiros. São Paulo: Typographia Ideal, v. IV, 1929.

_____. **Historia da Cidade de São Paulo no século XVIII**. [S.l.]: [s.n.], [195-?].

TELLES, V. D. S. Anos 70: experiências, práticas e espaços políticos. In: KOWARICK, L. **As lutas sociais e a cidade**: São Paulo, passado e presente. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. Cap. 7, p. 217-249.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2011.

TINHORÃO, J. R. **Música popular: do gramofone ao rádio e TV**. São Paulo: Ática, 1981.

TOLEDO, R. P. D. **A capital da solidão: Uma história de São Paulo das origens a 1900**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

TOLEDO, R. P. D. **A capital da vertigem: Uma história de São Paulo de 1900 a 1954**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

UEDA, V. A IMPLANTAÇÃO DO TELEFONE: O CASO DA COMPANHIA TELEFÔNICA MELHORAMENTO E RESISTÊNCIA -PELOTAS/BRASIL. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, N. 46, 15 ago. 1999. Disponível em: < http://www.ub.edu/geocrit/sn-46.htm#N_8_>. Acesso em 15 jul. 15.

VAGNER. **Entrevista XVIII**: realizada pelo telefone [19 mar. 2015]. Entrevistadora: Juliana Larissa de Laet Gomes. Marília, 2015. 1 arquivo .mp3 (14 min.).

VEJA pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes. **G1 Notícias**. São Paulo, 24 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html>>. Acesso em 24 jun. 2013.

VEJA O NÚMERO estimado de manifestantes em SP desde início dos protestos. **Estadão**, Dados, jun. 2013. Disponível em: <<http://blog.estadaodados.com/veja-estimativas-do-numero-de-manifestantes-em-sp-desde-inicio-dos-protestos/>>. Acesso em 20 dez. 2015.

WACHOWSKI, L.; WACHOWSKI, A. **V de Vingança**. Direção de Lana e Andy Wachowski. [Filme-vídeo]. EUA, Reino Unido, Alemanha, 2005. 132 min. Color. Som.

WHAT the heck has Occupy done so far. 2012. Disponível em: <<http://whattheheckhasoccupydonesofar.com/>>. Acesso em 20 mar. 2012.

WINTER, J. **Sem título**. 2013. Disponível em: <<http://aparesido.com.br/curiosidades/o-brasil-acordou-rise>>. Acesso em 18 jun. 2013.

ZENI, L. **Sem título**. 14 jun. 2013. Disponível em: <<https://lielson.wordpress.com/2013/06/>>. Acesso em: 14 jun. 2013.

ZMOGINSKI, F. Hackers derrubam sites públicos em ato pró manifestações. **INFO Online**, 17 jun. 2013. Disponível em: < <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/hackers-derrubam-sites-publicos-em-ato-pro-manifestacoes-17062013-29.shl>>. Acesso em 18 jun. 2013.

APÊNDICE A - ENTREVISTAS

Este apêndice contém a transcrição das entrevistas realizadas pela autora. Estão organizadas em ordem cronológica de realização.

Entrevista I: Entrevista realizada com Ana, pelo WhatsApp no dia 01 outubro de 2014.

Juliana Seguinte. Não sei se você lembra, mas a gente se conheceu lá na Roosevelt, num protesto contra o Feliciano. Faz um tempo já desde que os protestos rolaram e eu queria que você me falasse um pouco sobre os protestos de junho maneira geral.

Ana Naquele em si, era sobre o fato da homofobia e tal, eu ate cheguei a ir a um sobre a tarifa do bus, mas que pra mim não era só isso. O povo se uniu a principio pra isso e não foi aumentado, mas depois começou a querer outras coisas. Como saúde, educação, entre outras. No começo foi interessante porque realmente as pessoas estavam indo, mas sei lá, depois ficou muito zona e, na minha opinião, não surtiu muito efeito. É bacana ir às ruas, manifestar-se, mas aí tudo virou motivo para isso, e acredito que fugiu do controle.

Juliana E como foi essa sua experiência de ter ido às ruas nesses atos de que você participou?

Ana Foi uma questão de ir, contribuir, tentar melhor algo, sair da inércia, porque muita gente reclama mas não faz nada, nem vai atrás dos direitos. No do Feliciano em si, como forma de apoio à causa. Mesmo porque sou homo e existe o preconceito, hoje menos, mas existe. E quanto ao outro, a esperança de sensibilizar e fé de ver algo melhor mesmo.

Juliana Legal! Você usou os meios de comunicação durante os protestos? Como?

Ana Não entendi a pergunta. Tipo face, email?

Juliana Tipo: você usou a internet, celular, TV, qualquer meio e comunicação. Pra quê e como?

Ana Celular, essas coisas?

Juliana Isso.

Ana Usei a internet pra saber das manifestações, onde e como seria... à TV eu nunca assisto, hahaha. Então, não adiantou de muita coisa. Celular não, e qualquer rede social somente pra saber notícias. Agora me expressar ou falar algo sobre, não, não costumo fazer isso, pra nada.

Juliana Certo. E você conheceu gente durante os protestos ou depois por causa deles?

Ana Hum, não... só você. Se isso contar. Alias, até conheci um pessoal, mas nem converso. Não tenho contato nem nada, foi só de momento mesmo.

Juliana Como você conheceu essas pessoas? Em que contexto?

Ana Nada, era só amigo de amigo que ia junto, não tem nenhum acontecimento bacana. Tipo, socorrendo.

Juliana Você ia com quem geralmente?

Ana Amigos, precisa citar nome?

Juliana Não. E você discutia o que tava rolando com alguém? Onde normalmente?

Ana Falava pelo celular. Ou quando estava no grupo de amigos, ou na família quando surgia o assunto, na faculdade, na época ainda estudava.

- Juliana** Legal. E o que mais te marcou em relação a este movimento todo e o que significou pra você?
- Ana** O fato de ter participado em si, e ter tentado ...eu fui naquele q parou tudo mesmo, na Ponte Estaiada..aquele mar de gente. Acredito que isso.
- Juliana** Juliana Laet: E o que significou pra você? (ultima!)
- Ana** Foi fazer parte de um dos maiores atos e manifestos de rua, sentimento de ter tentado, de quem ainda assim acredita na mudança e nas pessoas mesmo porque eu trabalho e convivo com mesmo crianças todos os dias...pensando não somente no que será pra mim, mas pra eles, as coisas estão desandando e sei lá, ainda assim eu acredito... se for levar pro emocional a gente chora junto aqui. ahahha
- Juliana** Hahaha que massa! Obrigada, Ana, você foi incrível. Só me diga o bairro onde você mora aí em SP, sua idade e profissão. Se você quiser, claro.
- Ana** Eu moro na Vila Ema, zona leste, São Paulo. Tenho 23 anos, sou professora de educação física (escalada e esporte de aventura).

Entrevista II: realizada com Lúcio pelo Skype em 13 de outubro de 2014.

- Juliana** Não sei se você lembra-se de mim. São cinco perguntas. Queria que você me falasse um pouco sobre os protestos de 2013, o que você se lembra
- Lúcio** Lembro que um pouco antes de fazer o vídeo eu fiquei bem animado com os protestos. Aí eu fiz o vídeo, ainda a gente saiu pra gravar quando teve o segundo protesto, porque tava bem no calor do protesto. E falamos: “meu, vamos sair pra gravar”. Fizemos algumas imagens e fiz outro vídeo que não foi muito bem recebido. E depois ficamos nos perguntando se o protesto ia dar em alguma coisa. Lembro de ficar bem desanimado e não fazer mais nada.
- Juliana** Você participou de que jeito dos protestos?
- Lúcio** Além de fazer o vídeo, eu fui a acho que dois depois daquele primeiro do vídeo. Eu fui a mais dois. Um que a gente foi gravar e outro que eu fui sozinho. Acho que foi isso. Eu fiquei meio puto com o movimento passe livre falando que era só por causa da passagem do ônibus. Achei que eles podiam ter feito um monte de outras coisas.
- Juliana** Cortou um pouco, você disse que foi pra fazer o vídeo, né?
- Lúcio** Isso. A gente foi em um que a gente pegou bastante material e foi o primeiro protesto que eu fui. Depois eu fui com mais uma galera pra um segundo. Que foi muita gente na Ponte Estaiada. Foi bastante gente e eu fui gravar. E o material acabou não ficando tão bom. Depois eu fui a mais um, eu vi algumas coisas do Movimento do Passe Livre, mas não gostei do que eles falaram. Achei que o protesto não era mais uma boa.
- Juliana** Você chegou a ir a alguma reunião do MPL?
- Lúcio** Nunca fui a nada sério. Só fui como observador do protesto. Nunca me engajei a ponto suficiente pra ir. Até tem uma amiga minha que agora que teve o lance dos black blocs e ela tava envolvida com isso, mas eu sinceramente fiquei meio desanimado. Achei que ia ser uma grande coisa, que alguma coisa ia mudar e tal, mas acho que não. Depois deu uma desanimada grande.
- Juliana** Como foi sua experiência na rua?
- Lúcio** Eu não sei. Eu achei que foi legal, mas depois parecia que tava todo mundo protestando por nada. Achei que faltou foco, de repente. Faltou liderança. Não sei o que faltou. Parece que perdeu um pouco do sentido. Acho que foi

desestabilizando e as pessoas não sabiam o que elas queriam e o negócio foi sumindo.

Juliana Mas em relação a estar na rua, o que você sentiu?

Lúcio Achei legal. Foi uma puta experiência, mas achei que não foi nada, além disso, entendeu? Foi alguma coisa que aconteceu e teve motivo para acontecer, mas não rendeu nada. Muita gente que tava na rua nem sabia o que tava fazendo. Lembro da época em que tinha bastante propaganda política quando o protesto começou a ficar muito grande. Então era gente falando 'fora PT', gente falando 'põe o PT'. E tinha muito movimento político estudantil.

Juliana Você falou que fizeram vídeo e você me falou que vocês estavam gravando esse vídeo e no dia 17 vocês tinham ido lá pra gravar. A minha questão é de que modos você utilizou os meios de comunicação no geral, seja a internet onde vocês publicar o vídeo.

Lúcio Só no Youtube publicamos dois vídeos dos protestos.

Juliana Como é o nome da página?

Lúcio Mande o link no seu facebook.

Juliana Você assistia na TV as coisas, você discutia em algum outro ambiente, você só gravou esse vídeo, você fez mais alguma coisa em relação aos meios de comunicação?

Lúcio Eu vi algumas coisas na TV. Lembro que teve esse rumo de ter cobertura dos protestos e de tudo que tava acontecendo 24 horas. Eu assistia tudo pela TV, mas eu não via muito. Não vejo muita TV.

Juliana Facebook, celular...

Lúcio Recebia informação dos protestos. Sempre tinha que checar duas vezes tudo pra saber se era mesmo verdade. Os caras do Anonymous falaram comigo e pediram pra eu fazer umas coisas pra eles, uns vídeos, mas acabou que eu nem queria mais fazer. Muita gente me adicionou no facebook depois que saiu o vídeo. E muita gente me mandou coisa no Youtube. Eu mesmo dei uma filtrada. Chamavam-me pra participar de comunidades no facebook

Juliana Acabou que você conheceu bastante gente então

Lúcio Puta, não por conta do protesto. Tem gente que eu falei um pouco, gente que queria traduzir o vídeo, que eu fizesse mais vídeo. Que perguntavam: "e aí, vai morrer o protesto ou não?" e eu não sabia o que responder.

Juliana Isso através da internet.

Lúcio Uma menina na época eu dei uma entrevista porque ela tava muito interessada em porque eu tinha usado o dingle da propaganda da Fiat. A música do Rappa. 'eu falei que achei mó bosta, os caras tão fazendo uma música e tinha o lance da copa e tal e era pra vim pra rua pra vender carro, enquanto nego tava fazendo protesto e tava puto porque tava tudo uma merda'.

Juliana E o que significaram pra você os protestos?

Lúcio Eu achei meio foda, eu realmente tinha esperança de que ia mudar alguma coisa. Acho que o Brasil tá muito fodido e tem muita coisa que tem que dar certo e não dá. E agora teve eleição e nego podia votar em outras pessoas e mudar alguma coisa, fazer alguma coisa pra mudar a eleição. Não sei também o quanto dá pra fazer alguma coisa. Não sei mais o quanto eu acredito. Pra mim serviu pra achar que ir pra rua pra fazer barulho talvez mude uma coisa ou outra, mas não vai mudar o âmbito geral das coisas. Nem a eleição, nem nada. Talvez as pessoas

forem mais conscientes pode mudar um pouco. Estudar mais, pegar uma base de alguma coisa. Eu fiquei bem desgostoso com o país, com a cidade, com a nossa geração por não ter feito nada, comigo mesmo. Eu podia ter feito mais coisa, podia ter me ligado em mais coisa. Mas meio que entrei numas de desencanar. Sei lá, tentar ir embora do Brasil para algum lugar onde acho que as peso as se importam mais.

Juliana Mas você acha que o fato de você ter se decepcionado com o movimento que fez você querer ir embora daqui?

Lúcio Acho que já era uma coisa que eu pensava e eu achava, quando eu fiz o vídeo, que talvez me desse uma saída, tipo: 'talvez isso mude alguma coisa, talvez o Brasil mude, talvez eu possa fazer outras coisas aqui, talvez as pessoas vão acordar e coisas vão mudar a partir daí, a gente tá na era da informação, de repente dessa vez os protestos vão servir para algumas coisas e as pessoas vão tentar fazer mais coisas' e acabou que mesmo depois desse tempo e desses protestos, nada aconteceu, tudo continua na mesma. Eu acabei ficando com mais vontade de ir embora. Fazer outra coisa. Quem sabe voltar pra cá depois de um tempo e descobrir que alguma coisa mudou.

Juliana Com quem você fez o vídeo?

Lúcio Eu fiz sozinho, muita imagem que não é nossa e a gente pegou no Youtube no calor do negócio. A direção e a edição do vídeo foram minhas e as artes eu peguei pra um amigo meu render. O trovão. As partes pretas com os letterings, dei ideia da arte pra ele, ele usou. Aí dei ideia da música do comercial, cortei umas coisas, usei umas imagens nossas e bastante imagem da internet

Juliana E por que você fez esse vídeo?

Lúcio Porque eu queria fomentar isso, porque tava no calor do protesto e achei que podia mudar alguma coisa. Falei: 'meu, vamos fazer um vídeo pra chamar mais pessoas pra rua'. A ideia era boa, a ideia de usar a música era boa. De ser meio irônico. Tanto que a Fiat depois tirou a campanha do ar. Isso foi legal também.

Juliana Vocês conseguiram bastante acesso, onde que você publicou isso?

Lúcio Em lugar nenhum! Mandeí pras pessoas da minha lista. Mas isso tava tão em alta e eu nem sou uma pessoa com uma visibilidade tão grande na internet. Mas tava tão em alta que nego começou a republicar o tempo todo. E eu tinha encontrado o marco Gomes num evento e falei pra ele que tinha feito um vídeo e ele gostou. E publicou. De repente todo mundo foi republicando e deu acesso pra caralho.

Juliana Você o encontrou onde?

Lúcio Num evento do Maxxi Mídia. Aí alguém disse: 'olha, o marco Gomes tá falando muito do protesto no twitter'. Aí pensei 'vou mandar um tuíte pra ele e ver se ele assiste ao vídeo e se ele gosta'. Aí mandei, e ele falou que o vídeo tava bem legal e que ia retuitar. E aí de repente, ele por ter uma visibilidade maior... mas não sei porque quando ele retuitou já tava meio grande. Eu tinha... acho que uma pessoa foi postando pra outra, na época tipo tava muito quente. Pessoal precisava de um negócio, de um vídeo impactante. Aí usaram esse.

Juliana Onde você costumava conversar sobre o que tava acontecendo? Com quem?

Lúcio Em casa eu falava bastante. Eu moro numa república com outros quatro amigos e a gente conversava bastante. Na internet, com outras pessoas e no trabalho.

Juliana Dados

Lúcio 29 anos, mora no jardim São Paulo, perto de Santana, zona norte. Profissão, diretor e editor de vídeo.

Entrevista III: realizada com Bruna pelo WhatsApp, em 19 de outubro de 2014.

Juliana Pode falar se for mais fácil do que escrever. No áudio. Mas a primeira pergunta é: me conta o que você lembra dos protestos. Os de junho de 2013, não algum recente.

Bruna Bom, lembro que começou com coisa pequena, por um motivo específico e foi se popularizando, tomando uma dimensão muito maior. Não fui em muitos, tava bem sem tempo na época (e continuo). Mesmo tendo um motivo, cada um ia manifestar algo que achava justo, sei lá.

Juliana Como foi sua participação? Participou de que formas?

Bruna Minha memória é bem ruim. Não vou me lembrar da data nem do lugar, mas fui naquela "maior" que demos uma puta volta de umas 3h e acabou na Ponte Estaiada, contra corrupção, a dos "20 centavos". Fui em uma outra também, contra homofobia, preconceito. Na paulista.

Juliana Tranquilo. Tá ótimo. O que mais te impressionou nesses episódios em que você esteve? Se é que algo te impressionou.

Bruna Impressionou em que sentido? Positivo? Negativo?

Juliana Tanto faz.

Bruna Positivo e negativo, juntos.

Juliana Pode ser!

Bruna Embora tenha tido mtaaaa gente sem propósito, só pra fazer zona e quebra-quebra e porque virou "moda", acho que a proporção que tomou foi bem positiva, mesmo que a vitória aparente tenha sido os 20 centavos, a quantidade de pessoas e intensidade mostrou uma "força" da população, o governo meio que percebeu a dimensão que protestos assim poderiam tomar.

Juliana Legal. E você pode me falar um pouco da sua experiência na rua mesmo. Algumas coisas mais específicas que te marcaram e tal.

Bruna Hmm. A galera que não estava participando, nos prédios, nos carros... apoiavam, buzonavam, batiam palma. Incentivavam de alguma forma. Mas teve também a galera do quebra-quebra, fiquei triste com o povo mascarado quebrando as estações de trem, lojas, carros estacionados.

Juliana E você usava meios de comunicação durante os protestos? Quais? Como?

Bruna Só celular pra localizar meus amigos mesmo. Não publiquei foto, nem nada. Compartilho quase nada nas redes sociais. Mas todo mundo que tava lá gravou algo, tirou foto, essas coisas.

Juliana Você soube como dos protestos?

Bruna Facebook e amigos uspianos reações

Juliana Hahahaha e você se envolveu logo que soube de alguma forma, mesmo só debatendo em algum lugar, quis saber mais ou demorou?

Bruna Ah, questões de políticas, corrupção sempre estão em discussão, muitos amigos de GPP na faculdade. Logo no início já conversávamos, mas nas ruas mesmo, demorei por falta de tempo.

Juliana O que é GPP?

Bruna Gestão de políticas públicas (políticos basicamente). Eu faço Gestão Ambiental, governos e gestões sempre são importantes.

Juliana Ah tá. Você chegou a participar de debates na internet ou nem?

Bruna Debates? Tipo redes sociais?

- Juliana** Isso.
- Bruna** Alguns comentários no Facebook, Mas nada muito extenso. Mais pessoalmente mesmo.
- Juliana** Falta pouco. Você fez algum novo contato por causa dos protestos ou relacionado a eles?
- Bruna** Novo contato não. Me aproximei mais de conhecidos, amigos de amigos, mas não alguém que nunca tivesse falado antes.
- Juliana** Mas por que se aproximou dessas pessoas? Ia com elas ou algo do tipo?
- Bruna** Encontrei amigos que estavam com mais amigos, ficamos juntos nos protestos, depois continuamos saindo pra lazer.
- Juliana** Ah que legal isso. Última! O que ficou pra você dos protestos? O que significaram? Queria tipo Uma avaliação sua de tudo.
- Bruna** Tá. Ficou como uma puta experiência, embora tenha sido uma onde de modinha pra maioria, curti o momento, a sensação de ser ouvida. Espero que mais pessoas tenham sentido isso e tomado "gosto" por defender nossos direitos, não só por corrupção, mas tantos outros aspectos podem ser mudados com união desse tipo.
- Juliana** Legal, Bruna! Valeu mesmo! E, você teria alguém que você acha que toparia trocar ideia comigo? Ai, esqueci de te perguntar: qual sua idade, o que você faz e onde mora?
- Bruna** Vou ver com eles e te falo. 23 anos, Moro no Tatuapé. Faço Gestão Ambiental na USP leste e trabalho na IBL uma empresa de logística.

Entrevista IV: realizada com Laura pelo telefone em 29 de outubro de 2014.

- Juliana** Me fala dos protestos no geral, o que você lembra-se dos protestos de junho de 2013.
- Laura** O que eu lembro dos protestos, pensando em junho, foram protestos que começaram pelo transporte. Começaram, não lembro em que cidade, mas enfim, lembro que não começaram em São Paulo, mas quando tentaram aumentar a tarifa aqui em São Paulo que o movimento ganhou um pouco mais de força. E começou também a fazer com que outros lugares do país ganhassem força, vários cidades que estavam tentando aumentar a tarifa também. Mas eu lembro também que ao redor do mundo estava acontecendo, praticamente ao mesmo tempo, vários protestos. Primeiro começando nos Estados Unidos com o Occupy, depois vários países, na Turquia, Egito, a Primavera Árabe. Os protestos no Brasil, nas cidades onde durou mais, como Rio de Janeiro, São Paulo, tentaram incorporar outras questões, não só do transporte público, como corrupção, educação, saúde, foram questões que apareceram nas ruas também. Eram protestos que foram muito reprimidos aqui no Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro principalmente. Não só, no RS a repressão foi muito grande, muitas pessoas foram presas sem justificativa. Tem um rapaz que até hoje tá preso, um morador de rua.
- Juliana** Tá ótimo! Me fala um pouco como você participou, de que maneira participou, como se envolveu.
- Laura** Participei em São Paulo ativamente indo às ruas. Fui a todos os grandes atos contra o aumento da tarifa. A gente se organizava em blocos e saía pelas ruas com palavras de ordem até vir a repressão e a gente ter que fugir e resistir. Enfim, participei ativamente e também pelas redes sociais. Postando coisas sobre os

protestos, sobre o que acontecia.

Juliana Como era isso de se organizar em blocos? Como vocês se organizavam? Você estava envolvida com alguma organização prévia ou foi algo que surgiu ali na rua mesmo?

Laura Eu me organizava em blocos de uma organização que já era conhecida, uma organização partidária, eu não era organizada por essa organização, mas eu participava dos protestos, pelo menos dos protestos onde a gente sabia que a repressão seria maior eu procurava me organizar com o bloco dessa organização pelo fato de ter gente conhecida por perto a todo momento, de ser mais fácil se acontecesse alguma coisa, que as pessoas saberiam, sentiriam minha falta. Se eu estivesse sozinha e acontecesse alguma coisa até as pessoas saberem sei lá o que poderia acontecer. Então, por esse motivo e por concordar, pelo menos minimamente, politicamente com essa organização. Mas a presença nos atos e nos blocos era mais por segurança mesmo. Muitas das organizações partidárias e outras, lugares, por exemplo, FFLCH-USP, organizavam blocos, ou seja, as pessoas saíam juntas e iam pros protestos juntas. PSTU. A gente falava: "tem o bloco do PSTU, o bloco do PSOL, o bloco ali dos black blocs". Nos atos tinha esse tipo de organização. mas o que acontece em quase todo ato que a gente vê por aí. mas em junho apesar de isso estar presente, não era o que predominava. as pessoas iam, iam para o protesto. não era todo mundo que se organizava por blocos. do jeito que tô falando dá a impressão de que o protesto era todo organizado em blocos de organizações, mas não, não era. as pessoas iam também totalmente soltas, sozinhas, com amigos, com poucos amigos, até sozinhas.

Juliana Entendi. Você pode me falar o que você passou na rua, o que você sentiu, como foi sua experiência.

Laura Então, pessoalmente. Bom, nos atos era muito... não é emocionante que eu queria usar, enfim, vou usar essa palavra. Era muita tensão o tempo todo. Vários dias tive que correr muito da polícia. Passei muito mal com o gás lacrimogêneo. No protesto mais violento que foi na quinta-feira, dia 13 de junho, foi dos dias mais difíceis. Tava tudo muito tenso. Eu tava com muito medo. Tinha passado pela repressão dos outros dias, passado mal com o gás, ficado com muito medo de ser presa. Mas nessa quinta-feira foi uma coisa muito mais violenta. Eu fiquei por último das pessoas que estavam fugindo da polícia e o gás veio muito intenso em mim e eu desmaiei. Perdi os sentidos muito perto da GCM (guarda civil municipal) que tava prendendo e descendo o cacete em todo mundo. Então eu lembro que esse dia tinha sido o mais tenso porque teve uma hora que eu não lembro mais de nada; sei que eu acordei e tinham conseguido me levar para longe da polícia. Daí eu fiquei o resto da noite presa na rua porque não tinha como sair, eles estavam cercando todas as ruas. Então, o que eu lembro muito dos protestos era esse medo, muito medo da polícia. Mas ao mesmo tempo, quando a gente conseguia chegar a algum lugar que a gente queria, por exemplo, teve um dia que a gente queria chegar à Paulista e a gente não conseguia por nada. A polícia não deixava, não deixava. E teve uma hora que a gente conseguiu e todo mundo vibrava muito. E não deu 2 segundos e a polícia já tava atirando e jogando bomba de tudo quanto é jeito. O que eu senti, as principais coisas, era muito bom ver as pessoas na rua por alguma coisa. É algo que eu sempre pensei que podia acontecer e era muito bom ver essas pessoas aparecendo na espontaneidade. Aparecendo nas ruas por acreditar que aquilo daria certo. E quanto mais a gente era reprimida, mais aumentava os atos. Era uma

sensação de satisfação, de ver as pessoas juntas. Enfim, aí que esquisito, eu tô falando certo?

Juliana Você falou que postava coisas no facebook, como você utilizava meios de comunicação, pra que, você utilizava nos atos, com que objetivo?

Laura É estranho falar as coisas para uma amiga, tenho medo de ser ridícula.

Juliana Não tem nada de ridículo! Quero saber o que você passou, estou bem curiosa.

Laura Sobre os meios de comunicação. Primeiro que a gente organizava os atos pela própria internet, a gente só sabia quando os atos iam acontecer através do facebook. E a partir disso a gente começava a divulgar o ato, compartilhando o evento do ato e também a gente compartilhava muitas matérias sobre a repressão que a gente tava sofrendo nos atos, acho que esse era o principal conteúdo das coisas que eu postava. Denunciando a repressão e como o aumento da tarifa era abusivo. Durante os atos eu não postava foto, acho que eu nem tinha celular com internet na época. É, não tinha. Então eu não conseguia ver nada durante o ato do que acontecia. Mas muitas pessoas se informavam do que tava acontecendo. A gente tava num lugar e aí alguém falava: "ah, a polícia tá lá no centro". E as pessoas acabavam sabendo disso pelo facebook. Tinha a mídia NINJA que ficava durante os atos, filmando ao vivo e se as pessoas conseguissem ver, a gente recebia essas informações. Mas eu não. Eu usava o celular durante os atos para achar as pessoas, para perguntar quando tinha repressão, pra ver se as pessoas estavam bem. Eu sempre tentava levar o celular carregado, mas depois de um tempo, eu fui ficando com medo dos celulares. Teve até um ato que todos os celulares pararam de funcionar e a gente achava que não era por acaso. Alguns amigos meus que foram detidos a polícia ficou com os celulares deles. E tinha muita prova, combinando dos atos. Então eu fui ficando com medo de usar muito o celular. A gente mandava as mensagens e já apagava para não ficar nada gravado. Era muita paranóia, mas a gente fazia. Era assim, durante os atos era para comunicação. Teve uma vez que eu usei o celular para chamar uma ambulância, um rapaz na minha frente estava muito ferido e não deu certo. Porque a ambulância desligou na minha cara quando falei que estava na paulista.

Juliana Você via informações ou ouvia através de algum outro meio de comunicação que não seja a internet? E outra coisa por que você postava. Contava as coisas, você achava que era importante por quê? Isso em relação ao Facebook, pois você mencionou que postava o que estava acontecendo com vocês.

Laura Não, todas as informações que eu via era por internet porque até se aparecia alguma coisa na televisão, ah até via alguma coisa na televisão, mas de imediato eu já ia procurar na internet se aquilo que tava na televisão era verdadeiro, se tava acontecendo mesmo, como que era. Eu postava coisas, informações porque principalmente as coisas que apareciam na televisão, nos jornais em geral eram informações totalmente enviesadas. Não dava pra saber o que tava acontecendo realmente através da televisão ou através dos jornais. Então o que eu postava era sobre isso, as mentiras que eram faladas sobre o aumento da tarifa e até sobre a repressão. Por exemplo, falavam: a polícia agiu porque os manifestantes começaram primeiro. Aí foram aparecendo vários vídeos as pessoas estavam lá e gravavam e foi desmascarando muito as versões oficiais. O que as pessoas gravavam, o que as pessoas contavam do que elas estavam vivendo, foi desmascarando totalmente as versões oficiais do que estava acontecendo

Juliana E você fez algum novo contato depois que você se envolveu nos protestos?

- Laura** Algum contato pessoal? To aqui pensando... Se for nesse sentido, acho que não. Não consigo me lembrar. Sei que me aproximei bastante de algumas pessoas que não eram próximas de mim depois dos protestos.
- Juliana** Quem eram essas pessoas e por que você acabou se aproximando delas?
- Laura** Eram pessoas que já eram conhecidas, mas que não tinha tanta aproximação. Mas no protesto a gente acabava ficando junto e a gente tinha visões muito parecidas da dinâmica das coisas que estavam acontecendo. Então a gente acabou se aproximando, mas eram pessoas que já eram de certa forma, ah, não eram amigas, mas eram conhecidas. E a gente combinava de ir para os protestos junto e depois conversava sobre eles juntos então acabou gerando essa aproximação. Agora, contatos novos, até organizações e tal, eu não consigo lembrar de nada
- Juliana** então a relação que você estabeleceu com essas pessoas que já eram conhecidas era só em relação ao tema dos protestos mesmo, vocês não, depois, vocês continuaram próximos ou se afastaram, ou voltou ao que era? Voltou ao que era não, porque nunca volta, mas era algo mais direcionado à experiência de vocês na rua durante os protestos mesmo ou acabou desembocando em algum outro tipo de relação?
- Laura** Não, acabou se aproximando mais pessoalmente. Eu acabava saindo com essas pessoas pra beber, pra comer alguma coisa. Até depois que acabaram nos aproximamos mais de amizade mesmo, uma amizade normal, não uma amizade política só. Acabou acontecendo isso sim.
- Juliana** Legal. Agora a última coisa: o que os protestos significaram pra você? O que ficou pra você disso, da sua experiência.
- Laura** Foi um processo de aprendizagem muito grande. De ver mesmo como funciona uma dinâmica social acontecendo tão na minha cara e de fazer parte desse processo. Foi um processo extremamente importante para a construção dos movimentos sociais, da política brasileira. A gente consegue ver influências disso até hoje. De saber que eu tava fazendo parte daquilo. Então significou muito. Não sei descrever. Mas a sensação de fazer parte de um processo histórico significa bastante. Fazia muito tempo que eu não falava sobre junho. E agora falando eu percebo que as coisas ainda estão muito frescas na minha memória. E vejo o quanto foi importante para a percepção de mundo. Acho que muita coisa que eu via antes só na teoria e só imaginava e analisava através da teoria mudou depois disso. Então, profissionalmente como cientista social isso mexeu bastante comigo. E pessoalmente senti uma satisfação de ver que o que eu faço no meu dia a dia também pode interferir na vida de outras pessoas.
- Juliana** Quantos anos você tem, onde você mora e o que você faz?
- Laura** Eu tenho 26 anos, moro em São Paulo, na zona oeste. Sou professora da rede estadual.

Entrevista V: realizada com Janaína pelo telefone em 02 de dezembro de 2014.

- Juliana** O que você lembra dos protestos de junho de 2013?
- Janaína** Eu me lembro que era mais um aumento de passagem e que houve uma mobilização popular que apoiava diminuição da tarifa e que isso ganhou uma proporção muito grande no protesto do dia 11 de junho, numa quinta-feira aqui no centro. E que a polícia foi muito agressiva com os manifestantes e isso ganhou uma repercussão gigantesca.
- Juliana** Você pode me falar como foi sua participação e de que formas você participou?

- Janaína** Acho que participei muito mais no diálogo, muito mais conversando, muito mais pensando, muito mais escrevendo sobre isso do que com uma participação mais na rua. Isso eu não senti essa necessidade.
- Juliana** Em que lugares você conversava, o que você escrevia?
- Janaína** Em círculos de amigos, usei muito o facebook para criar esses diálogos, esses debates. E em círculos de amigos que não estavam muito interessados principalmente. Ou que estavam com as informações exclusivas da imprensa. Círculos de amigos que não estavam buscando outras fontes.
- Juliana** Aí você conversava pessoalmente mesmo ou mais pelas redes sociais?
- Janaína** Com eles pessoalmente também. Pessoalmente bastante.
- Juliana** Como você ficou sabendo dos protestos, acompanhava por onde?
- Janaína** Eu acompanhei por facebook.
- Juliana** Você chegou a ir pra rua?
- Janaína** Fui, eu fui no protesto contra a repressão policial no dia 18 e aí fui no dia 19. Nos outros atos contra o Feliciano, contra a criminalização do aborto, eu já tinha ido de boa. Mas nesses especificamente que vieram desse boom, tanto da tarifa quanto dos que se seguiram, eu fui só no dia 18 e 19. E depois eu já não fui mais porque não dava mais.
- Juliana** Como foi sua experiência nas ruas?
- Janaína** Foi muito marcante. Dia 18 foi muito histórico para quem participou porque tinha gente de absolutamente todos os setores e pras pessoas era muito clara a pauta. Queríamos a redução da tarifa. E tinha muita gente, me lembro disso. Tinha muita gente do teatro. O pessoal do teatro oficina foi em peso. Na paulista eles estavam todos juntos, fantasiados, cantando e foi muito bonito. Me lembro que foi um dia muito bonito, foi muito marcante. Já nos demais protestos ocorreu uma cooptação pela imprensa, foi muito estranho. Depois daquele dia que muitas pessoas foram pra rua, foi muito estranho voltar pra rua, muito estranho mesmo.
- Juliana** Você chegou a fazer algum novo contato depois que você se envolveu de todas as formas, mesmo pela internet ou na rua? Estabeleceu alguma nova relação?
- Janaína** Eu estreitei relações talvez pelo posicionamento. Eu tinha acho que como todo mundo muitos amigos no facebook em muitas dessas pessoas a gente encontrou uma vez ou outra. E não tem muito contato, né. E aí conforme você vai expondo suas opiniões ou as pessoas vão deixando de ser seus amigos ou elas vão ficando mais próximas. Então isso aconteceu sim. Acho que não conheci, conheci você neste contexto. Acho que só porque eu sei pouco, mas eu já conhecia e que eu estreitei relações ou desestritei relações completamente.
- Juliana** Como assim? Você discordava tanto da pessoa que, meu, não vai dar.
- Janaína** Nossa, discordei muito de algumas pessoas e, 'não vai dar'. Tinha uma pessoa especificamente que era do meu círculo de amigos, alguém que viajava sempre, estava sempre em todos os encontros e que disse coisas tão preconceituosas e tão agressivas que eu não encontrei mais e não faço questão de encontrar mais.
- Juliana** Você já falou um pouco, mas você pode falar um pouco mais sobre como usou os meios de comunicação durante os protestos. Seja na rua, em casa ou no trabalho.
- Janaína** Eu acho que o facebook foi um grande articulador. Acho que foi a principal rede por onde as pessoas conseguiam dialogar e trocar informações. E o facebook conseguia linkar outras redes, ou outras mídias que também estavam trabalhando ou fazendo essa cobertura do que tava acontecendo ou pensando o que tava

acontecendo. E eu acho que foi um momento também de descobrir blogs, porque alguém posta um texto interessante e aí você vai ao blog e vê que tem vários outros textos interessantes. Ou então começa a curtir várias páginas porque um amigo curtiu, uma notícia relativa aos protestos do dia anterior. Acho que foi mais no sentido da exposição da rede. E os meios de comunicação pra mim foram a internet, especificamente o facebook como um articulador. Como uma rede que articulava a outras.

Juliana De tudo que você viveu o que isso significou pra você, o que ficou pra você disso tudo.

Janaína Pra mim ficou muito marcada a maneira como mesmo dentro de um contexto de liberdade de expressão e de veiculação de informação mais autônomo a gente não lida só com uma grande imprensa hoje em dia, muitas pessoas produzem conteúdo na internet, de boa qualidade, mas isso não foi suficiente. A impressão que me deu é de que a capacidade ou dimensão, alcance que a grande imprensa tem, é tão grande e é algo que as elites e a burguesia fazem há séculos e fizeram de novo que é cooptar uma causa popular e transformar isso numa causa burguesa. Isso ficou muito claro pra mim e me deu certa maneira uma desilusão da rua. Porque ou o protesto é para quem milita e a gente tava falando de 500 pessoas e isso não repercute ou o protesto é para milhões de pessoas que estão de acordo com as pautas que o William Bonner coloca no jornal nacional. E ficou muito marcado isso. Que existem muitos outros espaços de diálogo e que a rua pode ser um lugar muito potente para alguns grupos mas que existe uma capacidade de manipulação muito real e mesmo que se tenham muitas mídias alternativas em função da grande imprensa e a grande imprensa ainda tem uma capacidade de convencer as pessoas que ninguém consegue conceber, pelo alcance né.

Juliana Dados

Janaína 26 anos, moro no centro, trabalho no SESC como instrutora de atividades culturais.

Entrevista VI: realizada com Flora pelo Skype em 02 de dezembro de 2014.

Juliana Você pode me falar um pouco sobre os protestos de junho de 2013 de maneira geral. O que você lembra?

Flora O que eu lembro é que antes de acontecerem os protestos do ano passado o MPL já tinha organizado várias vezes protestos em outras ocasiões e, de modo geral, não conseguindo muitas pessoas. E quando teve o aumento do valor da passagem começou a ter um aumento progressivo de pessoas e, de repente, houve adesão muito grande. Eu lembro que, no dia em que teve a maior adesão eu escutei alguém falando que a TV começou a apoiar, que antes não estava apoiando. Teve até aquela coisa do Datena que ele falou na TV e tal. Que a mídia começou a ser a favor. Me falaram alguma coisa de que convocaram torcida de futebol. Não sei se você ouviu falar.

Juliana Sobre torcida eu lembro de alguma coisa.

Flora Torcida organizada, né?

Juliana É, mas não sei se era verdade ou só boato.

Flora E teve esse dia que foi o ápice que a gente foi pra Marginal, parou a Ponte Estaiada e depois disso continuou tendo ainda bastante gente que ia. Mas o perfil foi mudando bastante porque como o Movimento Passe Livre recebeu uma adesão muito grande de pessoas que não necessariamente tinham consciência do que era

esse grupo e quais eram as ideologias, as ideias envolvidas na formação daquele grupo. Envolveu pessoas por causa do interesse comum, da insatisfação, do ônibus, mas não só isso, uma insatisfação de modo geral. Daí ele acabou ficando um pouco descaracterizado. Acho que estas são as coisas mais faladas provavelmente pelas pessoas que você entrevistou. Tem algo específico?

Juliana Queria saber como foi sua participação, de que maneiras você participou?

Flora Como eu falei, eu já conhecia um pouco as manifestações do Passe Livre, mas eu nunca fui uma pessoa que fez parte dessas manifestações de uma maneira mais organizada. Até tenho uma simpatia, etc., mas nunca me envolvi quanto poderia. Só que, de um modo geral, eu sempre, em algum momento da minha vida, participei de uma passeata ou outra, principalmente depois que eu entrei na faculdade.

Juliana Isso quando?

Flora Durante minha vida, desde 2007 quando entrei na faculdade, já participei de alguma passeata ou de algum outro movimento político, mas nunca me organizei, nunca fiz parte de um grupo. Então, minha participação sempre foi bem marginal. E no momento em que eu vi que tava ganhando força eu fiquei empolgada, participei, cheguei até a tocar maracatu numa passeata, mas aí eu já tinha achado chato. Porque foi muito estranho. Foi logo depois dessa grande passeata, teve uma outra um pouco menor, mas ainda bem cheia, que foi lá na Paulista. E tava uma loucura porque tava todo mundo apoiando uma passeata que é uma coisa super estranha. Por exemplo, tinha aquele prédio triangular... como chama?

Juliana Da FIESP?

Flora Isso, da FIESP. Estava com bandeira do Brasil, eu achei super estranho porque não era um movimento nacionalista. Então, você já via lá como o movimento tinha sido apropriado e se descaracterizado totalmente. E uma das músicas que a gente canta no maracatu, como a gente cantou música de maracatu mesmo que é música tradicional, a gente fez uma menção a uma figura que não tem nada a ver com política cujo nome é Erundina, mas percebi que quando a gente fez essa menção, as pessoas já fizeram associação com a ex-prefeita e teve gente que não gostou muito. E eu percebia que tinha gente gritando “Fora Dilma, fora Dilma” e não era uma coisa que eu achava que estava em pauta. Eu percebi muito uma esquizofrenia do movimento, na falta de uma palavra melhor. Muitas pessoas com visões muito diferentes que estavam lá por causa de uma insatisfação. Não acho nem que era só pelos 20 centavos como todo mundo fala. Tinha gente que tava envolvido na luta que entendia que 20 centavos não eram só 20 centavos que existia toda uma questão de pensar o transporte público, mas no geral, as pessoas achavam que lutar pelos 20 centavos era pouco e queriam que aquele lugar virasse um palco da revolução onde tudo aconteceria: o impeachment da presidente, sei lá, que tudo ia mudar com aquela uma ida na rua sem nenhum direcionamento claro. e eu me lembrei muito da passeata de uns outros movimentos que pra mim esses movimentos todos foram uma continuidade de outras passeatas e movimentos que vieram antes, por exemplo, teve aquela passeata pela paz que, na verdade, começou quando teve uma repressão do pessoal que tava na rua pela descriminalização da maconha, houve grande repressão policial.

Juliana Eles até mudaram o nome né, ficou sendo Passeata da Liberdade.

Flora Isso, exatamente. Falaram que tinha coca-cola apoiando, não sei. Teve aquele grupo que ajudou, um grupo bastante organizado e complicado, que é o Fora do

Eixo, que organizou essa passeata. E essa passeata já foi uma passeata que já muito tempo juntou muita gente de vários lugares, várias vertentes, mas normalmente, pelo que entendi, ainda eram pessoas envolvidas com movimentos de esquerda. Mas era algo que virou um guarda-chuva de muitas outras coisas, outras questões. Tinha pessoas gritando contra homofobia, contra machismo, várias outras reivindicações super válidas, mas que não estava no cerne daquele movimento em si. Como se a história daquele movimento perdesse o sentido e as pessoas simplesmente usam aquele espaço talvez por falta de outros, por falta de força e como aquele espaço é o que teve força é usado pra falar de tudo e aquele espaço fica um pouco descaracterizado na minha visão. então, você já teve esse movimento que já teve a internet com o grande pivô de organização. Você teve o churrasco da gente diferenciada que inclusive eu fui também. Eu fui a todos esses. Só que em todos esses eu percebia... O pessoal da gente diferenciada o pessoal já tinha mais clareza só que também ainda é questionável aquele próprio movimento porque as pessoas estavam reclamando que, é claro, uma coisa também muito legítima que é uma certa parte da população que quer que seu bairro seja restrito, que não quer que tenha pessoas 'diferenciadas', ou seja, pessoas pobres, negras que é um baita de um preconceito, mas por outro lado você não tem um questionamento do que significa uma linha de metrô que só passa por lugares ricos ou lugares de acesso já fácil que já tem outras linhas de metrô. Então é sempre um movimento que eu acho que parece sempre muito raso. Enfim, estou com uma visão um pouco negativa e ao mesmo tempo não estou com uma visão tão negativa quanto parece porque eu acho que o fato de as pessoas já estarem dispostas a irem para esse espaço e terem esse tipo de envolvimento, já significa que elas estão vendo a necessidade dessa mobilização e, portanto já está tendo uma mudança de pensamento, mas ainda acho que é uma coisa que tá acontecendo muito lentamente e precisa de uma maneira muito grande.

Juliana Você falou que em junho você chegou a ir pras passeatas. Como foi pra você estar na rua, o que você sentiu? Você pode me falar também de coisas práticas que aconteceram. Por exemplo, “tomei uma bomba”, essas coisas. Como foi estar na rua pra você?

Flora Primeiro que foi uma loucura conseguir chegar porque eu trabalhei antes então eu fui direto do trabalho, não consegui pegar do começo e meu namorado já tava lá. Ele tava no telefone me falando onde eles estavam para eu conseguir chegar. Mas acabei conseguindo chegar só na hora que estavam na Berrini.

Juliana Essa foi a que saiu do largo da batata?

Flora Isso. Que pegou a marginal. E aí a gente

Juliana Você trabalha onde?

Flora Eu sou professora e trabalho em vários lugares. Sou professora autônoma então dou aula particular. Não lembro exatamente onde eu estava naquele dia. E eu lembro que eu fui a pé por uma via que... pela Roberto Marinho que não é nem tão legal de ir a pé. E no meio do caminho encontrei pessoas que estava indo. Tinha um clima de pessoas muito alegre e muito feliz. E eu vi um menino de rua com quem eu conversei também lá. Ele conversou comigo de igual pra igual que não é uma situação que também que eles se sintam confortáveis de falar de igual pra igual. Não de minha parte, mas da dele. Senti que ele estava confortável de falar comigo como se todos nós estivéssemos juntos no mesmo movimento. O que era muito legal porque a gente tinha algo em comum nos unindo. Uma identidade em

comum, que era o fato de estar indo pra lá. Agora, até que ponto ele tinha clareza do significado político já não sei. Só sei que achei bastante interessante esse aspecto. Aí eu lembro que comecei a subir a Ponte Estaiada e eu tava do lado errado. E eles estavam do outro lado. Aí que aconteceu, algumas pessoas estavam atravessando de uma ponte pra outra por um vãozinho que tinha entre os dois, ou seja, super perigoso. E eu fiz isso também. Tinha uma pessoa fumando. Uma pessoa me ajudou a atravessar esse vãozinho pro outro lado. Aí foi uma odisseia até eu consegui finalmente chegar. E quando eu finalmente cheguei eu ouvi aqueles gritos, as pessoas cantando que parecia mesmo uma torcida organizada. Você escutava muita música 'ah sou brasileiro...' essas coisas mais que você já percebia que tinha um nacionalismo chegando lá. Muito irônico que, ao mesmo tempo em que você é nacionalista, você tá criticando todas as coisas que o próprio povo elegeu. Enfim, é uma coisa complicadíssima. O próprio movimento agora contra a Dilma, de querer fazer o impeachment, é bem compatível cm isso. E fomos indo até o palácio dos bandeirantes. Só que quando chegou na parte que tava bomba mesmo, quando começou a ter bomba começou a dispersar e a gente ficou um pouco pra trás. e quando a gente ficou sabendo que já estava tendo a gente nem chegou a ir pra lá. Você começa a ver as pessoas voltando você já desencana de ir.

Juliana Como você utilizou os meios de comunicação?

Flora Eu sabia quando ia ter alguma coisa, quando algo estava combinado por causa da internet, por causa do facebook. Mas também por causa de amigos, de um modo geral eu usei os meios de comunicação mais pra saber quando que era. Achava interessante ver como as pessoas ficavam conversando nos eventos. Mas eu pessoalmente usei mais pra esse sentido mesmo de saber onde estava acontecendo, quando ia acontecer e o resto era mais eu entre meus amigos, conversa com meus amigos, telefone, mensagem. A internet foi mais esse sentido de saber quando ia acontecer e quando.

Juliana Você não chegou a se posicionar ou participar de alguma discussão nas redes sociais?

Flora Eu devo ter comentado coisas, discutido coisas de maneira...

Juliana Mas não te marcou?

Flora É, nada de muito importante. Eu sou assim, faço isso com tudo. Sempre que tem uma discussão política eu falo minha ideia. Sempre tem alguma discussão. Aliás, ultimamente eu tenho feito isso menos, mas naquela época eu tava fazendo bastante. Então devo ter feito esse tipo de debate via comentários de posts.

Juliana Você falou que conversava com seus amigos. Em quais ambientes que você costumava falar a respeito do que tava acontecendo?

Flora Hum. Faculdade, quando eu ia na casa de alguém, quando saía. Em qualquer lugar, algo bem informal. Eu fiz faculdade de ciências sociais lá na USP e muita gente era de movimento estudantil ou de algum partido político. Então essas conversas acabam acontecendo de uma maneira até cotidiana.

Juliana Você fez Sociais?

Flora Terminei já. Fiz sociais.

Juliana Você fez algum novo contato depois que você se envolveu ou aprofundou contatos que já tinha?

Flora Você diz com o MPL, com o quê?

Juliana Com pessoas, com movimentos, qualquer coisa.

- Flora** Sempre de maneira marginal. O que agora eu tô mais envolvida é com a cultura popular. Então, eu sou uma pessoa que gosta de discutir no dia a dia com meus amigos, sejam eles de movimentos ou não, muito sobre machismo, por exemplo, é uma coisa que discuto muito, mas isso é uma coisa que faço na prática do dia a dia, não é uma militância organizada, apesar de eu ter contato com pessoas que são de militâncias organizadas. Então, dentro do movimento da cultura popular já fiz apresentação em vários lugares, inclusive com o Fora do Eixo, esse tipo de coisa, mas é sempre como modo de falar da cultura popular. Politicamente eu me posiciono de uma maneira individual, por exemplo, quando teve a questão da disputa presidencial e dos outros também eu sempre discutia isso muito, conversei com as pessoas, mas sempre de maneira desorganizada. Com relação ao MPL meu contato continua o mesmo que eu já tinha. Conheço, sei de algumas pessoas que fazem ou fizeram parte, mas não me organizo, não participo de reunião deles, nem nada do tipo. Se eles chamarem passeata é possível que eu vá se eu achar que é relevante.
- Juliana** Vai aumentar de novo, né? O Haddad tá falando aí. Você não fez nenhum contato novo. Conheceu gente, falou do menino, mas não foi uma coisa...
- Flora** Foi só naquele espaço
- Juliana** Naquele momento mesmo.
- Flora** Não expandi minha rede de amigos. Até porque as pessoas que eu encontrava lá e conversava eram pessoas que eu já conhecia, que já são envolvidas.
- Juliana** Você ia com o pessoal amigo seu, pessoal da faculdade? Gente mais próxima mesmo
- Flora** Namorado, amigos também da faculdade, amigos do meu namorado, enfim.
- Juliana** Em qual ato que você tocou maracatu?
- Flora** Na paulista, logo depois. A gente foi também bastante gente, mas aí já tava bem claro que o movimento já tinha mudado de direcionamento, virou uma coisa muito de protesto contra a Dilma.
- Juliana** Você faz parte de um grupo de maracatu?
- Flora** Faço parte de vários.
- Juliana** Por que vocês resolveram tocar no dia do protesto?
- Flora** Foi um convite de dois grupos, o Arrastão do Beco e o Mucambos de Raiz Nagô que são dois grupos que trabalham na zona sul. E que são pessoas que estão envolvidas de uma maneira geral com política, mas sempre também de uma maneira geral. A maior militância é sempre a cultura negra, a cultura do candomblé, das religiões afro, muito nesse sentido, mas como você trabalha com cultura negra, outras coisas acabam entrando, obviamente, a questão social. São pessoas que normalmente, muitas delas fazem trabalhos, trabalhos na fundação casa, são pessoas envolvidas nesse sentido, mas profissionalmente mesmo, mas não são pessoas de grupos políticos organizados. E eles fizeram esse convite de tocar nessa passeata porque eles sentiam, tinha todo aquele ideal 'Brasil acordou, o povo acordou' e tava aquele sentimento de 'vamos fazer nossa cidadania'. Eu vou dizer que eu não fiquei 100% satisfeita com a ideologia, pessoal falou: 'vamos todos de branco, pela paz'. Não é exatamente o que eu penso. Mas como eu gosto do maracatu e sou envolvida politicamente, falei 'não, vou dar uma força'. E aí a gente foi, a gente tocou, mas era uma coisa bem, foi legal, mas a gente percebeu que era bem isso mesmo. Mas a gente não discutiu entre si, entre os grupos, eu fui como convidada mesmo.

Juliana Queria saber hoje o que ficou pra você, o que significou ter participado, o que significaram os protestos de um modo geral pra você, pessoalmente.

Flora Eu pessoalmente eu vi os movimentos como continuidade de outros movimentos que já estavam acontecendo antes disso. Por ex, 2007 eu entrei na faculdade e foi quando teve ocupação da reitoria. E pra mim eu senti muito que aconteceu logo depois disso que teve ocupações de várias reitorias. A questão da marcha da maconha, o churrasco da gente diferenciada, como uma continuidade dessas pessoas percebendo essas insatisfações e se mobilizando pra fazer algo em conjunto. Só que ao mesmo tempo um pouco desviadas cada vez mais sem uma identidade, desculpa tá falando assim, tá tendo delay, eu to escutando eu mesma falando.

Juliana É porque tô gravando.

Flora Fui percebendo que as pessoas estavam interessadas em se mobilizar, principalmente os jovens, pra mim foi uma coisa muito jovem mesmo, de pessoas insatisfeitas. Só que apesar de ser sempre um motivo inicial, outras insatisfações eram trazidas pra junto disso e acho que é um movimento que ainda não acabou. Eu lembro que falaram da Revolução da Salada porque pessoas que foram presas porque estavam com vinagre. Enfim, muita comédia em cima disso tudo. Muitas pessoas fazendo zuera. Só que você tem ao mesmo tempo pessoas que são realmente envolvidas que vão presas, que sofrem abuso policial de alguma forma e essas pessoas não se identificam com esses movimentos. Então isso pra mim é muito significativo, pessoas que vão fazer algum movimento real de ocupação no centro por algum motivo politizado, pessoas realmente reflexivas e eu acho que é um movimento que ainda não acabou e que ainda vai acontecer alguma coisa como continuidade disso. Que ainda vai amadurecer mais. Não sei até que ponto não ter uma liderança é algo real ou algo positivo como era o discurso de que não existia liderança. Enfim, acho que ainda a gente vai descobrir mais coisas disso.

Juliana Você acha que significou alguma coisa na sua vida pessoal ter participado disso?

Flora Pra mim significou muito como disseram, nenhum movimento tão grande aconteceu. Acho que a última vez que aconteceu tinha sido na época de 90. Pra mim nesse sentido de saber que pode chegar nessa extensão, com essa expressão é algo muito impor ante. Por outro lado, acho que é um pessoal que ainda tá aprendendo, a gente, inclusive eu mesma, estou aprendendo a lidar com o que é ser cidadão, com a cidadania, o que é democracia, com o que é ser politizado, a gente tá aprendendo, mas ao mesmo tempo é uma coisa que não é contínua. Porque você participa desses movimentos como uma grande festa e lida com aquilo como se fosse a balada mesmo e esquece no dia seguinte até que ponto não tem uma questão do status social aí, da aparência, do facebook, 'ah, fui à passeata de que tá todo mundo falando' e até que ponto isso é um significado político. Pra mim é um significado político, tenho essa consciência de que não é generalizado. É um começo, é uma possibilidade. Enfim.

Juliana Pode me informar sua idade, profissão, local onde mora, por favor?

Flora 26 anos, sou professora, moro perto do aeroporto de Congonhas.

Entrevista VII: realizada com Ricardo pelo Skype em 11 de dezembro de 2014.

Juliana Você pode me falar um pouco sobre o que você lembra dos protestos de junho de 2013?

Ricardo Não lembro muita coisa porque sei lá tava meio estranho tudo lá. Mas eu lembro que tava rolando todas essas movimentações de manifestação que tinha começado com o passe livre. Aí o passe livre tomou porrada. De repente, eu lembro que me encontrei na rua e tinha muita gente. Basicamente isso que eu lembro, eu me perdi da minha companheira. Não consegui encontrá-la então fiquei sozinho a maior parte da manifestação, tava meio como observador, não tinha com quem comentar, não tinha acesso a telefone, a nada então eu tava meio, tava seguindo aquela marcha, aquele grupo e fui andando. Eu lembro que devo ter andado uns 5,6 km.

Juliana Você chegou a ir com ela e vocês se perderam ou não conseguiram se encontrar?

Ricardo A gente combinou de se encontrar num lugar e aí depois a gente tentou se comunicar, o meu telefone ou dela tava morrendo, não lembro. A gente tentou se encontrar um pouco mais pra frente e o único lugar que a gente conseguiu se comunicar foi naquela ponte que fizeram atrás da Globo, a Ponte Estaiada. Foi o último lugar que a gente conseguiu se comunicar e eu esperei ela lá, um bom tempo. Então eu fiquei ali na região daquela ponte até meio que minguar ali. Ali a galera começou a seguir para outros lugares. Teve gente que falou que tava indo pro centro, teve gente que falou que tava indo pra casa do governador. Eu sei que esperei ela lá depois eu fiquei sabendo que ela foi pro outro lado e aí a gente só foi se ver no dia seguinte. Mas ali eu fiquei bem na marginal então a marginal tava bloqueada naquele momento. Ela ficou bloqueada pelo menos uma hora e meia. Bloqueada. Não vi nenhum estresse por parte dos carros. Com certeza a galera tava estressada, mas ninguém ficava buzinando nem nada. Tinha uma galera bloqueando deitada ou sentada no chão. E de repente todo mundo se levantou, começou a se mover e aí já foi aberta aquela parte ali.

Juliana De que formas que você participou? Fala um pouco da sua participação na rua. O que você fez.

Ricardo Sempre fui apoiador dos movimentos sociais, apesar de nunca ter tido uma militância tão eloquente. Eu tinha alguma amizade com várias pessoas do passe livre porque tinha uma galera do passe livre que estudava na mesma universidade que eu. Então eu sabia muito da treta deles já fazia muito tempo, da luta deles já fazia alguns anos pelo menos que eu acompanhava o passe livre fazendo manifestação com menos de 15 pessoas. E de repente chegaram num negócio e ter, mesmo que obviamente não foi só por causa da movimentação do passe livre que rolou aquilo, na minha leitura. Mas quer queira quer não, o Passe Livre foi o Franz Ferdinando de 2013. Foi o cara que foi assassinado ali e explodiu o negócio. eu fui tentando observar, vendo o que as pessoas tavam falando, vendo o que as pessoas cantavam, eu tava meio deslumbrado, na verdade, nunca tinha visto tanta gente na rua. foi mais ou menos assim.

Juliana como foi pra você estar ali no meio da rua com aquele monte de gente? Como você sentiu? Em relação a estar no ponto, a marginal que tava fechada. Como foi pra você essa experiência.

Ricardo Foi muito chocante. Foi uma coisa muito. Tudo que é novo é estranho, é difícil de. Eu, na verdade, essas manifestações, principalmente essa gigante de 2013, eu fiquei tentando entender durante os próximos seis meses. Tenho algum entendimento meu em relação ao que aconteceu. Mesmo assim eu não acredito muito nos meus entendimentos. Tenho muitas dúvidas. Tava lá como observador então eu ficava olhando, maravilhado, será que vai acontecer alguma coisa diferente? A meu ver não aconteceu nada depois. Foi um movimento grande, um

dia, óbvio que rolaram várias manifestações com. se você pega depois, antes e depois, pega a quantidade, número de manifestantes manifestando por qualquer coisa, o número de manifestações. As pessoas que aderiram a manifestações quem era a galera que fazia manifestação antes e a galera que fazia manifestação depois, digamos que o público ficou mais variado. E naquele dia parecia que tava todo mundo lá. Tava todo mundo, a galera do Passe Livre, os tiozinho que quer a revolução militar de novo, ditadura de novo. Os caras que querem tudo lá naquele mesmo lugar. Pra mim é isso. Fizeram uma grande manifestação. Essa grande manifestação ficou automática. Depois parece que foi se dividindo. Cada grupinho foi escolhendo: 'ah não, eu quero isso, quero a bandeira do Brasil, quero o PT, quero o PSDB', toda essa porra aí. Não sei se estou fugindo muito da pergunta.

Juliana Uma pergunta mais específica, como você utilizou os meios de comunicação durante sua participação nos protestos?

Ricardo Como eu falei, eu tava com meu telefone, a Flávia também, minha companheira e a gente tava tentando se comunicar, mas um dos dois telefones estava acabando a bateria, tava morrendo. E, na verdade, eu naquele dia eu não usei meio de comunicação nenhum. O único meio de comunicação que eu tinha era meu telefone com mensagem e ligação, sem crédito. Então alguém me ligava, eu, sei lá, eu fui pegar um smartphone agora. Esse negócio que tem internet e tudo mais, na época, até hoje não me ligo muito nesses negócios, mas na época não tinha. Simplesmente não tinha. Não tinha. Então eu realmente não utilizei muito, mídia social, nada.

Juliana Mas como você ficava sabendo do que tava acontecendo?

Ricardo Naquele dia exato eu só ficava sabendo das coisas que estavam acontecendo através dos relatos que eu ouvia das pessoas ao meu redor. Então, eu perguntava. Tinha várias pessoas com telefone o tempo inteiro. Foi uma coisa que marcou essa manifestação realmente. O lance das mídias sociais e da utilização em tempo real da comunicação virtual. Então meu, a galera tava o tempo inteiro falando: 'nossa, meu, tem 20 mil na Paulista, tem 30 mil não sei aonde'. Eu ficava perguntando as coisas que tavam acontecendo. Eu também tentava caçar informação pra tentar entender: 'a Flora* tá lá, tem essa galera lá então eu preciso fazer tal caminho'. Foi meio assim, a minha relação com as mídias virtuais foi meio por tabela.

Juliana Entendi, alguém sabia e contava pra você.

Ricardo Parecia que todo mundo sabia. Eu ouvia o tempo inteiro. O tempo inteiro eu ouvia gente falando, gente com celular, acompanhando e falando de coisas. Tinham uns drones também voando. Que devia ter drone de mídia grande, mas também drone não é a coisa mais cara do mundo. Já devia ter alguns drones desses grupos independentes, mídia ninja, essas paradas aí.

Juliana Você tinha falado que tinha contato com o pessoal do MPL, as informações que você teve sobre os protestos eram pessoais, no começo, quando começaram a sair pra rua, qual era sua fonte de informações?

Ricardo Você tá perguntando antes do dia da manifestação?

Juliana Isso. Antes do dia, como você ficou sabendo das coisas desde o começo

Ricardo Eu fiquei sabendo, como eu te disse, eu sempre acompanhei o MPL. Tenho vários amigos do MPL. Tem uma galera. Eu estudei na ESP, escola de Sociologia e Política de São Paulo. Tinha um cara que chama Pedro que é um cara forte. Não sei se ele ainda tá no MPL, faz tempo que eu não falo com ele. Mas na época ele fazia as movimentações do MPL. Através de conversas com ele, através de

conversas de outros simpatizantes do MPL eu acabava das coisas que estavam acontecendo. Aí eu fiquei sabendo que teve essa manifestação do MPL que já foi um número maior de pessoas. Na verdade eu acompanhei o movimento do MPL três anos antes e de três anos antes eu vi, de sair de 15 pessoas até chegar, meu, os caras comemoravam, vibravam, tinha 400 pessoas na rua. Eles vibravam quando tinha 100. Eles falavam: 'nossa, hoje a gente levou 100, foi muito louco, teve gente que parou e ficou com nos'. Então eu fui acompanhando, mesmo como observador esse crescimento da quantidade de gente que colava nas manifestações do MPL. De repente rolou aquela treta toda e aí todo mundo comprou uma briga mais ou menos, todo mundo comprou uma briga, sei lá, todo mundo puto com alguma coisa. Não se sabe o que direito. Até hoje não sei exatamente o que direito. Mas todo mundo bravo e todo mundo foi pra rua. Então assim, minha fonte de informações sempre foi muito boca a boca. Hoje eu utilizo mais facebook, mídia virtual e tal. Mas nessa época era mais perguntando, trocando ideia.

Juliana Você chegava a discutir isso na faculdade, sala de aula, era mais entre vocês por serem amigos e participarem dessa movimentação?

Ricardo Em sala de aula, não. Eu abandonei meu curso de sociologia, mas continuei frequentando a ESP basicamente até hoje. Isso já faz que eu entrei na ESP em 2007, 2008, mas continuei frequentando a ESP então eu acabava ficando no círculo de discussão dos amigos mesmo, na verdade. Do CA, a galera sempre sentava lá pra trocar ideia, falar sobre a luta de cada um. E tudo mais. Mas em sala de aula, nunca vi muita coisa. Já vi professores também nos círculos nossos de amizade, tomando uma cerveja junto e conversando sobre e falando o que acha.

Juliana Você chegou a fazer algum contato novo depois que você se envolveu, ou aprofundou contatos antigos por conta do seu envolvimento com os protestos?

Ricardo Não entendi.

Juliana Você chegou a conhecer ou se envolver com alguém por conta do seu envolvimento com os protestos.

Ricardo Não. Eu conversava assim, eu caçava uma conversa e perguntava alguma coisa. Ia trocando ideia nesse sentido, mas meu, conhecer alguém eu não conheci. Conversei na hora. Sobre as coisas que estavam acontecendo naquele momento. Era um fator comum entre todo mundo que tava ali. Então, quer queira, quer não, é muito mais fácil mesmo pra um anti-social você formar um laço. Mas é isso, mas não conheci ninguém. Não continuei. É isso.

Juliana Mas você chegou a conversar com as pessoas na rua enquanto você tava sozinho?

Ricardo Na rua sim. Na rua eu conversava com as pessoas. Principalmente sobre o que tava acontecendo naquele momento. Eu ouvia as mesmas coisas várias vezes. O que eu mais ouvi a galera falando, a galera que tava com o celular na mão era: 'tem tantas pessoas indo pra tal lugar, a gente tem que ir pra tal lugar'. Mesmo assim, tinha muita gente na rua, mas tava muito, tava tudo conectado, mas mesmo assim, é difícil pra porra, difícil de controlar, não foi uma coisa organizada de ir pra tal caminho. Era uma bagunça. Foi muito louco, foi doidera. No final tinha gente indo pra casa de sei lá quem, tinha gente indo pro centro, gente indo pra paulista, gente indo pra sei lá onde. Tinha gente indo pra câmara. Eu fiquei esperando minha companhia, ela não apareceu, fiquei sozinha.

Juliana O que você acha que ficou pra você de tudo isso que aconteceu, o que significou esse acontecimento pra você pessoalmente?

Ricardo Pra mim facilitou algumas coisas, pra mim foi um grande movimento de um monte

de gente que queria pedir coisas e bom, a gente não pede muita coisa dessa forma. Tradicionalmente, brasileiro não pede coisa dessa forma. De sair na rua e não sei o que. Não era uma coisa que a dona de casa, que minha mãe, meu pai ia fazer, talvez quando ele tivesse 17, 18 anos, tenha feito. Não é uma coisa que uma pessoa na faixa dos 50, 60 anos ia fazer, por exemplo, mas lá você tinha pessoas de todas as faixas etárias, todos os estratos sociais e econômicos e você tinha tudo. Tinha tudo ali. E pra mim foi isso. Hoje a gente vê que tem manifestação de tudo, churrasco sei lá o que, manifestação não sei o que, tem os caras que querem pedir os militares. Tem de tudo. Dentro da minha visão eu sinceramente não vejo problema um grupo ficar pedindo de volta a ditadura militar mesmo que eu ache uma coisa besta e idiota que não vai acontecer. Então tanto faz. Tudo bem. Beleza, pede, contanto que não bata em ninguém ou fira o direito dos outros, faz o que você quiser. Não tenho problema com isso. Então pra mim o grande mérito dessas manifestações foi isso, foi a possibilidade de enxergar os grupos ideológicos que a gente tem no Brasil. não interessa o quão minoritário, quanto de esquerda ou de direita eles sejam. Tanto faz. Isso é bom pra democracia de qualquer jeito.

Juliana Você pode me informar sua profissão e bairro onde mora?

Ricardo Sou cozinheiro, mas também toco, já trabalhei com um monte de coisa, dou aula de inglês, estudo também. No momento não tô fazendo nada. Moro na vila mariana.

Entrevista VIII realizada com Marcos pelo Skype em 16 de dezembro de 2014.

Juliana O que você lembra dos protestos de junho de 2013 em São Paulo?

Marcos Lembro que foram vários protestos do MPL primeiro. Acho que uns quatro ou cinco. Aí teve um mais forte que foi numa quinta-feira. Foi o que teve o conflito com a polícia, pelo menos aqui em São Paulo. E aí, com a questão de tecnológica, sei lá, de celular, vários vídeos foram gravados e foi passado tanto no facebook quanto na mídia também. Lembro que até aquela quinta-feira foi um perfil de manifestação, com certo número de pessoas razoável, mas bem pouco ainda. E em três ou quatro dias que passou o final de semana e na outra semana parou o país inteiro, praticamente. Mas eu percebi que mudou o perfil. O perfil das pessoas, o perfil do protesto. E isso que falei desse ato mais forte, foi numa quinta-feira e na outra quinta-feira, em questão de uma semana, foi revogado o aumento de 20 centavos e aí as manifestações deixaram de ser contra o aumento e viraram, não sei como dizer, mas viraram contra os governos. Tanto contra o governo do PT quanto do PSDB. Mudaram os gritos na rua, mudando o perfil mesmo da manifestação, né. E o perfil das pessoas também. Tanto que nessa própria quinta-feira quando foram revogados os 20 centavos as pessoas de partidos políticos de esquerda e grupos de esquerda foram hostilizados por vários grupos de pessoas numericamente maiores, inclusive aqui na Paulista chegou a ter conflito físico mesmo. E aí depois aos poucos o movimento foi caindo. Outras bandeiras vieram, mas nenhuma delas foi muito pra frente e em questão de algumas semanas... a gente percebe resquícios até hoje, as pessoas participam de alguns atos. Mas aquele movimento todo durou algumas semanas e aí acabou.

Juliana Como você participou? Você chegou a participar, de que formas você participou?

Marcos Eu participei ativamente indo nos atos e em manifestações e também bastante pelo

facebook. Acredito que muita gente fez essa participação. Ajudou a divulgar os materiais pelo facebook e isso acabou contribuindo aí no número de pessoas. Fisicamente eu fui, principalmente nesse ato que eu falei que foi quando mudou. Na quinta-feira que teve conflito com a polícia em vários pontos da cidade, perseguição. Nesse eu participei bastante e nos outros também. Mas aí nos outros já não tinha polícia na rua, já não tinha conflito e tinha mudado o perfil da manifestação.

Juliana Você pode me falar sua experiência nas ruas, coisas que você lembra?

Marcos Na verdade assim, pra mim foram dois momentos. Até aquela quinta-feira que deu conflito com a polícia e dali pra frente. Até ali a experiência era isso: na rua você já sabia que podai acontecer alguma coisa com a polícia pela perseguição aos movimentos sociais. O diálogo com as pessoas era diferente. Muitas pessoas de esquerda de verdade, muitos anarquistas até essa quinta-feira. Então você ia e era um movimento mais ativo, digamos. Palavras de ordem variadas, e pessoal de esquerda mesmo. Era um movimento mais... me agradou mais. Porque era um movimento de contestação do que estava acontecendo mesmo. Aí teve esses quatro dias que foi questão de um final de semana. Principalmente a mudança de posição da Globo. Então a gente percebe que aquele movimento todo que invadiu o Brasil, na minha opinião, ele só aconteceu porque a mídia mudou de lado. Depois de todo o ataque policial, de todo o abuso do poder policial aí a mídia acabou tendo que mudar de lado e no que ela mudou de lado, muita gente foi pra rua. E essa é a segunda parte da manifestação que começou numa segunda-feira. E nessa segunda-feira eu chuto que aqui em São Paulo foram mais de um milhão de pessoas pra rua. Porque a gente fechou a cidade inteira, todas as principais vias, desde marginal até as Bandeirantes, tudo. Tudo foi fechado, então, a partir daí já foi um movimento de cunho nacionalista. Eram outros tipos de palavras de ordem, muita coisa do Brasil. Não era mais uma coisa preto e vermelho. Eu nem quero julgar, sei lá, quando fala nacionalista é um peso muito forte. Factualmente, era uma manifestação mais verde e amarela. Impressionante né, porque a gente até subiu na paulista e na FIESP que é a cúpula das indústrias, altamente mercadológica apoiando o movimento, você percebe que mudou muito o perfil e o que chegou a me chocar até né, declaradamente me coloco à esquerda, mas nessa segunda-feira e também na quinta-feira quando foi vitorioso eu cheguei a ver manifestações, faixas apoiando o golpe militar. Então acho que em momentos, nossa geração não teve muita experiência nas ruas, mas em momentos como esse, principalmente depois que a mídia mudou de lado, você percebeu que veio uma ideologia mais de direita pra rua. Então minha experiência foi essa. Eu fiquei chocado. Até cheguei até ver um pai e uma mãe. O pai era careca, bem forte, a gente pode até julgar um agrupamento político de direita, mas enfim, factualmente o perfil do cara era esse e tinha um filho de uns 5, 6 anos todo vestido de militar. Então foi uma coisa que me chocou porque foi muito bom como experiência, nunca pensei que fosse ver isso na rua. Mas você percebeu que houve dois momentos. Até aquela quinta-feira e depois. E quando virou esse movimento mais nacionalista, virou mais festa, as pessoas bebendo na rua. Até aquela quinta-feira não tinha isso, era uma coisa mais aguerrida. E eu acabei brochando. Veio essa bandeira da PEC 37 e até hoje não se sabe por que lutaram contra a PEC 37. E na minha opinião acabou desvirtuando.

Juliana Por que você chegou a ir pra rua, por que você participou, no geral, não só na rua?

Marcos Porque a gente percebe isso, porque foi uma manifestação que teve muita

participação digital. Infelizmente a gente sabe que participação digital se não for pra rua não significa nada, mas as pessoas se posicionaram, falaram muito pelo facebook. Na rua em si eu acabei participando infelizmente na quinta-feira no conflito com a polícia, bomba de gás, arma. A gente fala sempre, mas as pessoas que não vão às manifestações não acreditam, mas dessa vez não foi diferente, eles que começaram toda a baderna. Já passam no meio da manifestação empurrando todo mundo pra ver se alguém fica contrário e aí começa toda a briga. Na segunda-feira, que foi quando foi mais um milhão de pessoas não tinha absolutamente nenhuma polícia na rua. A gente participou andando mesmo, manifestação normal. Andamos a cidade inteira, pra caramba, desde o Largo da Batata até a Paulista, Marginal Pinheiros, uma loucura. Na quinta-feira que foi vitorioso, aí foi mais festa mesmo. Aí virou festa. Tinha bebida. Essa foi minha participação. Não ajudei a organizar, nem nada. Nem o MPL, nem nada. A gente ia mais pras ruas mesmo.

Juliana Sua motivação era a questão dos 20 centavos, tinha alguma coisa além disso?

Marcos Minha motivação, antes de tudo, na verdade, é pelo coletivo mesmo. Minha ideologia é que enquanto o coletivo não for pra rua e as pessoas não pressionarem as autoridades políticas, nossos representantes de fato, se a gente não for pra rua, nada muda. E ali começou o mote de 20 centavos, mas você percebeu que acabou tomando outras proporções para todos os lados. Pra mim eu via vários agrupamentos de esquerda, contestando a prefeitura, contestando a força policial, a militarização da polícia. Essas bandeiras acabaram vindo à tona. Mas minha motivação é de esquerda nesse sentido. Nada revolucionário porque também não é assim. A gente não sabe né. Quando as pessoas vão pra rua você não sabe o que vai sair dali. Eu fui motivado por isso, pelo coletivo. 'Se tá todo mundo na rua, eu vou pra rua porque é nesses momentos que as coisas acontecem e as mudanças acontecem'. Mas acabou tomando um perfil totalmente nacionalista pra mim. E aí perdeu o sentido, porque lutar contra a corrupção pra mim é impossível, é estrutural.

Juliana A gente até luta, mas ninguém gosta de corrupção, só quem é corrupto.

Marcos Absolutamente ninguém gosta de corrupção. Ela é estrutural. É igual você lutar contra a raiva.

Juliana Me fala um pouco como você utilizou os meios de comunicação em geral durante os protestos.

Marcos Durante os protestos... na época eu não tinha ainda celular com câmera. Ou tinha? Não lembro. Eu acabava participando mais em casa compartilhando vídeos. Acho que foi isso, inclusive alguns vídeos sumiam no facebook, na internet. Teve um videozinho com várias coisinhas da polícia, eram 10 fatos, se não me engano, em que aconteceram nessa quinta-feira que houve conflito policial. E esse vídeo sumiu na internet. Enfim, a militância na internet era mais isso, compartilhar vídeos rápido para todo mundo ter acesso à informação e saber o que tava acontecendo na rua. Porque, infelizmente, a mídia, enfim, o facebook acabou fazendo esse contraponto. A Globo, a mídia é vendida, a gente sabe. Então, ali acabou tendo que fazer um paralelo que foi muito interessante. Inclusive, enfim, aí é um a mais, mas eu sinceramente acho que o perfil, o contato do facebook mudou. Porque naquela época você postava coisas e seus posts alcançavam todo mundo. E me parece que os posts hoje alcançam mais quem tem contato com você. Então, sei lá, você tem 800 pessoas no facebook seus posts acabam atingindo as 50 pessoas mais próximas, que conversam com você e tal. Enfim, não sei por que entrei nisso, mas acredito que não teria hoje o mesmo poder do alcance que teve em junho do ano passado. Mas isso é

opinião minha e nem tenho base empírica nenhuma pra falar disso. É mais um achismo.

Juliana Tem um esquema de algoritmos do facebook que faz você ver aquilo com que você mais interage, mas não sei quando começou a ser aplicado.

Marcos Os cookies, né? Aquele negócio, né, você entra no site 'x' de pesca e aí aparece propaganda de pesca no facebook. Mas não sei, as pessoas em si.

Juliana Você só vê as atualizações de quem você interage mais.

Marcos Exatamente. Então, acredito que aquele uso político que a gente fez que expandiu demais os vídeos, as fotos, não sei. Parece que hoje não teria esse poder.

Juliana Você chegou a fazer algum contato novo por conta dos protestos, você conheceu alguém?

Marcos Sim, sim. Na verdade, a gente ajudava né, porque as pessoas, percebo até algumas formas de organização anarquistas, então você não tem líder, então você se aproximava das pessoas mesmo, perguntava se tinha alguma tarefa e um ia passando pro outro. Eu acabei não me envolvendo muito nas organizações. Quais seriam as organizações? As faixas, as bandeiras, pra onde vai o movimento, a forma de comunicação que um fala e todo mundo repete e vai passando pra todo mundo. A forma de organizações em si eu não participei muito, mas você percebe que quem participou acabou fazendo vínculos, eu conheci várias pessoas. Acabei levando amigos meus que eu nem esperava que fossem. Você percebe que é uma liga. As pessoas quanto mais pessoas quanto mais amigas, quanto mais pessoas elas conhecem no movimento popular, no movimento social, mais forte ele fica, parece.

Juliana Essas pessoas com quem você entrou em contato, isso foi mais ali na hora do protesto?

Marcos Também. Teve nesse sentido. Eu não cheguei a fazer festa. Teve muita gente que foi fazer festa, encher a cara e rolou até pegação, mas longe disso. Eu acabei indo mais com pessoas, incentivando mais pessoas que eu já conhecia a ir e que em outros momentos não iriam. Mas eu não cheguei a fazer nenhum amigo profundo, mas rolava a interação do momento, da organização mútua, da ajuda.

Juliana Esse pessoal com quem você falou que incentivou a ir, você aprofundou mais o contato com eles?

Marcos Ah, a maioria deles era ou amigos da minha vida, amigos de criança ou amigos do trabalho. Então, na verdade, acabou ficando o mesmo relacionamento. Não se intensificou ou não. O que acabou acontecendo foi o contrário. Com essas manifestações nas ruas as pessoas começam a se colocar politicamente e acabou acontecendo algumas discussões políticas com colegas e amigos que às vezes, as pessoas com ânimo aflorado ficam chateadas ou qualquer coisa assim. Mas nada muito profundo não. Tudo já se passou.

Juliana Em que ambientes você discutia o que estava acontecendo? Você discutia com alguém?

Marcos Ah, basicamente facebook. 80% facebook, um pouco no trabalho. A gente tava em greve e eu discutia um pouco na greve. Mas 80% das discussões eram no facebook.

Juliana A última já. Queria que você falasse um pouco do que ficou pra você disso, o que significou ter participado, uma avaliação sua, geral.

Marcos Cara, acho que foi um reflexo daqueles movimentos do Wall Street que vem acontecendo no mundo, a Primavera Árabe, foi um reflexo e a galera foi pra rua. Tudo isso, a nossa geração da década de 90, a gente fica meio desiludido politicamente porque a gente olha pros nossos pares de geração e é todo mundo

muito individualista, ninguém quer saber de agrupamento político, ninguém quer saber de participar ativamente de qualquer grupo que seja, desde um partido político até um CA. Então, nessa desilusão toda quando aconteceram esses movimentos de rua que começaram fora e depois vieram pra cá eu me senti muito animado, falei: 'poxa, finalmente, vamos lá, vamos pra rua, vamos fazer alguma coisa'. Então teve esse primeiro momento que eu achei maravilhoso, que eu falei 'vamos todo mundo pra rua', só que assim, teve um segundo momento que eu percebi que o movimento aqui no Brasil, lógico que é muito difícil de julgar as pessoas porque, como eu falei, a maioria nem quer saber nada de política, mas me pareceu que o movimento pendeu pro nacionalismo. Ele acabou indo mais à direita do que à esquerda. Mais pra uma coisa nacionalista, sei lá, contra impostos, contra a corrupção que é uma coisa estrutural sem contestar de fato onde está o problema, ele acabou indo mais pra direita do que um movimento mais pra esquerda, mais coletivo, de mudança estrutural de fato. Então, pra mim, passado tudo isso, eu falo: tem que ir todo mundo pra rua? Tem que ir todo mundo pra rua. Mas eu não sei mais se basta as pessoas irem pra rua porque a ideologia das pessoas majoritariamente não é uma ideologia que eu esperava. Eu achava assim: basta todo mundo ir pra rua como estava acontecendo no mundo, como tá acontecendo lá na primavera árabe, como tava acontecendo em Wall Street, Nova York, como aconteceu em vários lugares, basta todo mundo ir pra rua que as coisas acontecem, que as mudanças vão acontecendo. Aí teve uma segunda desilusão, eu já era desiludido com as pessoas, e quando foi todo mundo pra rua, claro que é difícil falar que foi cooptado pela mídia, mas rapidinho esse movimento de massa se tornou nacionalista. Então não sei. Hoje em dia eu fico com um pé atrás porque não sei se um movimento desse acontece de novo você consegue legitimar até um golpe militar, uma tomada do Estado mais à direita. Tem a Dilma aí. Esse ano provavelmente a gente vai ter recessão econômica. Não sei se às vezes um movimento desse pode fazer uma guinada à direita. Mas não sei. Foi muito bom, mas ao mesmo tempo, criou novos receios, mas antes de tudo, tem que ir pra rua. Então se tiver que ir pra rua, vamos pra rua de novo.

Juliana Você pode me falar sua profissão, local em que mora em São Paulo e sua idade?

Marcos Sou técnico judiciário, trabalho na Justiça do Trabalho em São Paulo, moro na Vila Prudente, 29 anos.

Eu acho que você pode acrescentar que, na verdade, eu sou sindicalista, não sou mais diretor, deixei de ser, mas a gente faz parte do sindicato, a gente atua. E a gente entra em greve e a gente percebe que o número de pessoas que querem participar politicamente pelo facebook é enorme. As pessoas falam um monte de coisa, mas a gente percebe que isso só atrapalha a gente, porque o que a gente precisa é de grevista, precisa de gente na rua pra fazer manifestação. Então, acho que a internet é boa pra organizar, mas essa discussão de gabinete, ficar dentro do quarto discutindo politicamente pelo facebook em nossa experiência prática é que só atrapalha a greve.

Juliana Mas por quê? Porque a pessoa não entra em greve só fica falando?

Marcos Exatamente, às vezes ela não entra em greve, fica só no facebook e não vai às assembléias, não vai aos atos. Aí você precisa levar 500 pessoas pra dar um choque lá no patrão 'x', no nosso caso é o tribunal, ficar temeroso pra negociar e chega lá tem 50 pessoas e todo mundo fica dando opinião pelo facebook, então não ajuda. Mas é aquele negócio, são os dois lados. Tem muitos locais que conseguem fazer

organização pela internet e aí ajuda. Mas é esse negócio, precisa dar esse passo, organizar e ir pra rua ocupar de fato o espaço.

Mas eu sinceramente acho que... exatamente, o espaço público que é um dos teus objetos. Eu sinceramente acho que as pessoas muitas se dão por satisfeitas em compartilhar alguma coisa. Em alguns momentos até eu, 'ah compartilhei tal vídeo e essa é minha opinião, tô de boa. Já falei pra 50 pessoas o que eu acho'. Lógico, você tá dialogando, passando sua opinião política e isso é importante. Mas não pode substituir de forma alguma a ida de fato à rua e ao espaço público.

Entrevista IX: realizada com Gabriel pelo telefone em 15 de janeiro de 2015.

Juliana Me fale do que você lembra do que aconteceu nos protestos de junho de 2013.

Gabriel Vai demorar porque eu lembro de bastante coisa. Você quer que eu descreva os atos? Porque eu lembro dos atos.

Juliana O que mais te marcou, o que vier à sua cabeça.

Gabriel O que mais me marcou foram os quatro primeiros atos. O primeiro começou entre a Prefeitura e o Palácio municipal. Nem deu tempo de começar, na verdade. O ato seguia para a Nove de Julho e a polícia já tentou destruir o ato no momento em que ele saiu. Eu não consegui chegar ao ato. Cheguei um pouco atrasado e acompanhei o ato de trás dele porque a polícia fez um bloqueio que não deixava a gente passar. Então, eu fui correndo junto com a tropa de choque o tempo todo. Eu tava com a Laura²³, a gente ficou muito assustado quando a gente chegou porque a gente nunca tinha visto tanto Estado na nossa frente. Estado é o monopólio da violência legítima. E polícia... mano, muita polícia. E bomba, bomba, bomba. E a gente seguiu a Nove de julho inteira e no meio do caminho a gente começou a perceber um fogo. Uns sacos de lixo no chão incendiados e o corpo de bombeiros veio atrás apagando os pequenos foguinhos. Até que o ato conseguiu chegar à Paulista e a gente conseguiu se somar com as pessoas e a repressão não parou e a gente foi até o fim da Paulista no sentido Paraíso e ficou ali tensionando muito até que uma galera entrou no shopping e a polícia trancou o shopping. Se não me engano jogou bomba até dentro do shopping para pegar quem tava lá dentro. Óbvio que não conseguiu, mas já tinham alguns presos naquela noite. A repressão foi tão, tão forte que o segundo ato foi no dia seguinte.

O ato do dia seguinte foi muito da hora. Inclusive...tenho que achar, mas escrevi dois textinhos na época e coloquei no Facebook. Tem que achar, mas não é difícil.

Juliana Vou procurar sim. Sobre o que você costumava escrever no Facebook?

Gabriel Eu escrevia o que eu tava vendo, a minha impressão sobre isso. Escrevi no segundo ato e um depois do terceiro. No segundo ato saí com a impressão de que o bagulho ia virar muito explosivamente. O ato começou no Largo da Batata. Foi um ato convocado de um dia pro outro. No Largo a gente começou o ato, pegamos a Faria Lima, viramos na Rebouças, até aí eu já estava achando o máximo. A Faria Lima e a Rebouças. Aí eu pensei: “puta, para onde a gente vai? Será que a gente vai ocupar a reitoria da USP? Estamos indo em direção ao Palácio do Governo?” E de repente a galera toma a Marginal. Tipo, eu nunca tinha visto uma manifestação parar a Marginal.

²³ A Laura que ele menciona também foi entrevistada pela pesquisadora, o nome dela também é fictício.

Juliana E como foi isso para você?

Gabriel Nossa, foi animador demais. E aí a gente chegou na Marginal, e na hora que a gente chegou na Marginal começou uma repressão muito mais leve do que tinha sido no dia anterior. E naquela hora a polícia jogava bomba de trás da gente. E jogando de trás eles só conseguiam fazer a gente correr. Eles não estavam de frente pra gente obrigando a gente recuar. Na verdade, a gente foi andando, andando. Até que num determinado momento a gente voltou sentido bairro e teve um momento em que a tropa de choque estava de frente pra gente. E no que ela tacou a primeira bomba, a galera ameaçou voltar, deu aquela corrida, mas todo mundo gritou na hora: “para, para, para”. Aí a galera parou e voltou a correr para cima da polícia e a polícia teve que dar espaço pra gente. E o ato foi isso. Foi indo até o final e a polícia não conseguiu acabar com o ato naquele dia. Ele acabou onde começou: no largo da batata. E aí no fim do ato aconteceu uma coisa muito interessante. Um cara do MPL foi fazer um jogral dizendo: “acabou o ato”, basicamente. Fez todo um discurso, mas tipo “agora vamos pra casa, blablabla, acabou o ato”. E uma galera começou a gritar: “Vamos pra Paulista. Vamos pra Paulista”. Aí beleza. Depois de um tempo, nada da galera ir embora. Foi o PSOL e fez o mesmo jogral: “acabou o ato, vamos pra casa”. E nem assim conseguiram acabar plenamente, deve ter sobrado muito pouca gente, mas as pessoas foram pra Paulista. Nesse dia eu não fui. Mas fiquei impressionado de ver que tinha pessoas espontaneamente querendo ir além do que a esquerda tradicional deixava, do que o MPL, o pessoal do PSTU, diziam que horas acabava o ato e muita gente tava dizendo, “não, vamos além disso”. Aí eu pensei: “puta, isso é o grande potencial”, que era a disposição de ir além do que as direções tradicionais do movimento estavam afim de fazer. Porém, no fim, isso se tornou um problema, não ter direção nenhuma. É dialético porque o que é justamente seu maior potencial era seu maior problema. Era a falta de direção. E as pessoas foram para a Paulista e se enfrentaram com a Paulista. E a gente viu no jornal que de madrugada teve ato na Paulista com a galera se enfrentando. A gente achou o máximo. E aí fomos pro terceiro ato que foi onde a gente se encontrou. No terceiro ato começava na Praça do Ciclista, descia a Consolação e ia para o Terminal Bandeira ou Dom Pedro. Não lembro qual era.

Juliana Era o Dom Pedro.

Gabriel Isso, verdade, ali perto da Sé, né? A gente se encontrou inclusive nessa hora. Quando estava na descida pro terminal. Bom, aí você se lembra da história. Você quer que eu conte a parte que você lembra?

Juliana Você pode contar o que você lembra, eu tenho a minha versão.

Gabriel Acho que esse momento é parecido porque a gente estava do lado quando a gente apanhou.

Juliana Sim, a gente estava junto.

Gabriel Até que começou um bum, bum bum e seguimos correndo. Ali também foi um momento em que eu fiquei encantado. Porque a repressão não apenas não acabou com o ato, como ela fez com que eu tivesse uma dimensão muito maior do que era o ato. Quando a gente tava só ali descendo pro terminal parecia pequeno. A hora que a gente começou a subir as ruas do Glicério e quanto mais a gente subia, a gente via que na rua onde a gente tinha entrado o ato não tinha acabado e tinha gente virando pra subir com a gente e não acaba nunca. Eu fiquei: “puta que o pariu, é muita gente”. Foi a primeira vez que eu falei: “não são só 5 mil pessoas, foi pra 10 mil ou mais já”. E enfim, seguimos o ato, vamos pra praça da sé. Lembro que eu fui

amarrar o cadarço na igreja e a Laura começou a me xingar e eu falei: “o que foi?” E, de repente, eu vi cinco bombas vindas do outro lado. Na escadaria da igreja a polícia tacou bomba. E também aconteceu a mesma coisa que tinha acontecido no segundo ato. Uma galera foi pra trás da Praça da Sé e teve jogral dizendo: “o ato acabou”. E muita gente começou a gritar: “não acabou nada, vamos pra Paulista”. E nesse dia eu tava afim de ir para a Paulista para ver o que ia acontecer. Você chegou a ir pra Paulista?

Juliana Eu fui pra Liberdade, mas de lá eu desencanei. Mas esse dia a gente deu muito rolê.

Gabriel Deu muito rolê. Foi o mais animal.

Juliana Foi enorme, a gente foi pela avenida da Liberdade.

Gabriel Sim, uma galera foi pela Liberdade em ato e inclusive apanhou no metrô. Eu fui com outra galera que decidiu subir a Brigadeiro. Aí nesse ato começou a ter essa dinâmica de não ser somente um ato, mas de ter outros atos acontecendo em outros lugares. Bom, depois desse fim de ato na Praça da Sé, teve uma galera que foi pro metrô Liberdade. Eu segui pela Brigadeiro Luís Antônio. Não tinha muita gente. Tinha, vai, umas 800 pessoas nesse grupo subindo. E eu comecei a ficar meio de cara porque a galera foi quebrando todos os bancos no meio do caminho.

Juliana Na liberdade mesmo já estavam destruindo.

Gabriel Mas foi interessante. Porque tinham várias, por exemplo, academias de ginástica que eram todas de vidro, ninguém quebrou. Eram exclusivamente bancos. A galera não quebrou mais nada. Foram só bancos. A minha preocupação não era com o banco, mas era como que ia ser a recepção das pessoas a isso. Mas enfim, subimos. A hora que a gente chegou à Paulista foi o máximo. Tinha outros grupos de 800 pessoas chegando por outras ruas. Até que, de repente, a gente tava quase se concentrando de novo virando umas cinco mil na frente do MASP. Bomba, bomba, bomba, bomba, bomba. A polícia desceu a bolacha e não deixou a gente se reunir e ficar na Paulista por nada. Aí, foi divertidíssimo o resto da noite porque não deixaram a gente se concentrar na Paulista. A galera foi para as avenidas laterais, para as paralelas da Paulista. E para as transversais. Fugiu das bombas, mas toda hora a gente tentava voltar pra Paulista. Mas isso fez com que a gente ficasse num conflito permanente com a polícia. E a galera foi fazer conflito não só de apanhar, mas de se defender. De tacar coisa em cima da polícia. Passou a ter não só mais lixo no chão queimando e pegando fogo. Eu lembro da galera... Na Paulista tem aqueles guichês da polícia em cada esquina e a galera derrubava, tacava fogo neles e os botava pra rolar. E de repente eu tava na Augusta e a Augusta tava em chamas. Estavam todas as ruas pegando fogo. E foram horas ali. Até que uma hora a gente foi obrigada a dispersar, mas demorou muito pra dispersar todo mundo. Ali a gente ficou: “mano, tá crescendo”. Até que dia 13 foi o fatídico quarto ato.

Juliana Eternamente nos nossos corações

Gabriel Eternamente em nossas mentes e corações. Nossa, nunca vi tanta brutalidade. Bom, o quarto ato começou também na prefeitura. No Teatro Municipal. Não dava para ter uma dimensão de quantas pessoas eram, só dava pra ver que tinha muita gente. Mas depois que o ato começou a andar, ele andava, andava, andava e não dá pra saber quantas pessoas tinham certamente, mas tranquilamente, umas 20 mil, no mínimo, porque era muita gente. Não sei se você compartilha dessa opinião.

Juliana Sim, tinha muita gente. Eu fiquei chocada.

Gabriel A gente está sendo modesta em dizer 20 mil. Porque foi o último ato antes de virar aquela explosão nacional, então já devia ter muito mais que isso.

Juliana Eu lembro que tinha uma polêmica nisso. Não dava pra saber.

Gabriel É, não dava pra saber. Mas até o Estadão e a Folha já estavam dizendo que era 20 mil.

Juliana Então devia ser mais.

Gabriel Então devia ser muito mais. Foi inclusive o dia em que o Datena tentou fuder a gente na TV e ele que se fudeu.

Juliana Exatamente.

Gabriel Aí o ato foi, a gente deu uma voltinha ali na República. Na hora em que chegou à Praça Roosevelt e virou na Consolação tinha polícia pra tudo que é lado e não dava pra seguir para nenhum lado. Lembro até que nesse dia o senhor Fernando Haddad elogiou a polícia do Alckmin em todos os momentos. Defendeu a ação da polícia do Alckmin e chamava os manifestantes de vândalos e baderneiros. O prefeito gato menos pior. E chegou à Praça Roosevelt tinha bloqueio para todos os lados pra gente não conseguir sair. Só que o bloqueio na Praça Roosevelt era inclusive da guarda municipal, quer dizer, do Haddad. E na hora que começou aquela repressão ali, eu tenho dificuldade de lembrar o que aconteceu porque eu quase desmaiei na hora porque era tanta bomba caindo. Eu e a Laura fomos de besta ficar com o bloco da LER-QI que não parava de andar. E a gente ficou no fim da Consolação. Começou a treta lá na frente, mas depois tinha polícia do nosso lado descendo a bolacha. Tinha polícia de tudo que é lado. E a hora que a gente foi tentar fugir pela Praça Roosevelt não tinha espaço pra correr porque tinha muita gente lá e não tinha como chegar por aquele canto da Consolação na Praça Roosevelt porque tem aquele buracão lá, o túnel. E de repente, caiu uma, duas, três, dez bomba de gás e não dava pra respirar. Uma hora eu e a Laura nos olhamos e falamos assim um pro outro: “meu, acho que vou desmaiar”. A gente falou isso junto. Nos seguramos e saímos correndo. E o ato seguiu, mesmo com a repressão, a Augusta. Outra parte foi pra Angélica. E aí começou a e dividir porque a polícia não parou de atacar. E foi o dia daquela coisa linda: “Polícia fecha a Avenida Paulista para impedir que manifestantes fechem a Avenida Paulista”. A esquizofrenia mandou “oi”. E a polícia não deixou chegar à Paulista. Eu lembro que eu fiquei o tempo todo tentando me achar em algum dos atos que aconteciam e a hora em que finalmente a gente conseguiu chegar à Paulista foi como indivíduo, sozinho, sujeito ali desbaratinando. A polícia não deixava chegar lá de jeito nenhum e era muita polícia na Paulista. Eu tive a impressão de que eu tinha caído em 1934 na Alemanha nazista porque tinha um desfile de policiais e de muitos ônibus da polícia que passaram prendendo a galera do nada. Tipo, olhava para as pessoas, pegava, puxava e prendia. Foi aquele dia em que teve mais de 250 presos. Inclusive os presos por porte de vinagre.

Juliana Você chegou a ver a galera sendo presa?

Gabriel Cheguei a ver. Inclusive desbaratinando pra não ser eu. Ficou um clima muito louco na Paulista porque tinham os engravatados saindo dos bancos, dos escritórios e eles estavam putos, pela primeira vez, não com o movimento, mas com a polícia. Porque era de uma brutalidade tremenda. E uma hora todo mundo que tava na Paulista era subversivo. As pessoas se olhavam e se davam um sorrisinho do tipo: “eu estou aqui pelo ato”. Isso era uma coisa que eu nunca tinha visto. Sempre tem ato de duas, três mil pessoas. Agora, uma coisa que tinha contagiado todo mundo de uma forma tão generalizada foi único. E era louco. A gente olhava na cara de cada pessoa e todo mundo se cochichava alguma coisa pensando o que fazer. Bom, não teve o que fazer a não ser depois ir pro DP ali descendo a Augusta pra ver se conseguia soltar uma

parte dos presos.

Juliana Teve amigo seu preso?

Gabriel Teve, claro, vários. Os militantes organizados. Dos meus amigos que são militantes organizados muitos foram presos. Pra mim esse foi junho. Foi dia 13. Depois disso a gente virou o tabuleiro, mas já não era mais a mesma coisa. Não acho que endireitou e nem teve uma onda conservadora depois disso, mas claramente o movimento tava tão forte, mas tão forte que até as classes dominantes viram que elas precisavam adotar a voz das ruas para se assegurar. Foi o que a Veja fez, a Globo fez. Depois de chamar a gente de vândalo, baderneiro. Inclusive, no dia 13, tanto a Folha quanto o Estadão pediram para a polícia fazer exatamente o que ela fez. O editorial da Folha do dia 13 falava: “Retomar a paulista”. E o Estadão dizia a mesma coisa, que a polícia tinha que descer mais a porrada porque ela tava muito frouxa. E quando um de seus jornalistas acabou se fudendo, no dia 14, eles tinham mudado de ideia. E toda a grande mídia passou a defender as manifestações porque ela não conseguia mais conter. Isso ficou claro com o Datena na tarde, né. Ele tentou jogar a população contra o ato e mesmo com a manobra dele, a galera ligava votando contra ele e a favor das manifestações. Foi a dinâmica geral da mídia de ver que ela não conseguiu mais marginalizar o movimento e ele explodiu. Irradiou para toda a sociedade e a única forma que ela tinha naquele momento era assumir as bandeiras do movimento e tentar dar uma nova pauta pra ele. Coisa que ela conseguiu fazer relativamente bem. Justamente pelo problema do começo e que era a vantagem do começo que era a ausência de direções, a ausência de partidos, o que permitiu que o movimento fosse tão longe. Mas nesse momento em que a imprensa tentou ganhar o movimento, quem sempre participou do movimento foi escoraçado de alguns atos inclusive, depois. Com o “abaixa as bandeiras” e tudo mais. Teve ainda depois alguns atos interessantes, por exemplo, aquele ato de sei lá quantas milhões de pessoas que foi no país inteiro ao mesmo tempo. A gente decidiu fazer uma maratona por São Paulo saindo do metrô do Largo da Batata indo até a porra da ponte Estaiada, voltando e subindo pra Paulista pela Nove de Julho.

Juliana Você foi até a ponte?

Gabriel Fui. A coisa mais insana da minha vida. Se eu quisesse fazer triatlon eu teria me inscrito nas Olimpíadas e não nos atos.

Juliana E qual a sua lembrança quando você chegou à ponte?

Gabriel Era legal. Mas eu ainda tava muito feliz com o que tava acontecendo. Na verdade, eu só fui ficar desgostoso no ato seguinte. Mas na ponte eu já achei algo que me incomodou. Que foi ver de um lado da ponte que eu tava a galera começou a xingar pessoas que estavam passando do outro lado da ponte porque estavam com uma bandeira do PSTU. Por mais que o PSTU seja mala pra caralho, eles estavam somando. Na verdade, esse momento na ponte eu fiquei mais incomodado do que feliz por estar fazendo parte da foto. E na hora de subir a Nove de Julho eu já tava morto. Mas a gente chegou à Paulista e a Paulista tinha virado uma festa. Era isso, uma festa. Não existiu polícia nesse dia. A polícia se escondeu nas suas casas, não saiu. Não tinha polícia em nenhuma parte do trajeto. Neste dia, se eu não me engano, teve tanto ato em São Paulo que toda as rodovias para chegar à cidade de São Paulo foram bloqueadas. Quer dizer, estavam acontecendo atos na periferia também e não só no centro. Tinha ato na cidade inteira. Bom, depois desse teve ainda outros atos. Inclusive um outro ato grande que foi no centro da cidade também. O último antes do governador e do prefeito anunciarem a redução da tarifa,

a primeira vitória do movimento contra a tarifa na cidade de São Paulo desde que ele existe. É isso.

Juliana Legal, gostei da explanação. E você participou de algum outro tipo de organização...

Gabriel Black bloc?

Juliana De que outras formas você participou além de ir pra rua?

Gabriel Ir pra rua, mídias sociais, conversando com as pessoas, sala de aula, tentando convencer as pessoas a se somar. O que era muito fácil porque foi um movimento de milhões.

Juliana Qual era sua fonte principal de informações?

Gabriel YouTube e Facebook. Foi uma característica também, porque a imprensa mentia, mentia, mentia, e a internet desmentia, desmentia, desmentia.

Juliana Como foi o seu uso dos meios de comunicação durante os atos, durante o movimento todo?

Gabriel Meu uso de mídias sociais?

Juliana Meios de comunicação no geral. Se você pensa imediatamente na mídia social, tudo bem.

Gabriel É que não tem como pensar em junho e não pensar em Facebook. Acho que essa dinâmica é pós-2008 que foi a mesma coisa da Primavera Árabe aqui. O que eu penso é Facebook. O celular também. Mas celular é totalmente secundário: “ah, em que parte do ato você está?”, “estou aqui e você?” Tipo, para localização imediata. Mas o Facebook tem o papel de conversar com muita gente ao mesmo tempo. Eu passo uma ideia e ela chega em várias pessoas. O telefone é de um para um.

Juliana Você disse que o telefone era mais para conversar com quem estava lá no ato já para saber o que estava rolando?

Gabriel Sim.

Juliana Qual era a dinâmica? Para quê? O facebook era mais para falar pros outros.

Gabriel Tá. Vamos pensar. Você quer que eu fale do celular? Ele era basicamente pra isso, para combinar com as pessoas aonde ir, onde se encontrar, e, principalmente depois, para saber quem estava preso. Essa foi a parte mais importante do celular. Saber se não tinha nenhum amigo preso e o que fazer para ajudar quem tinha se fodido. Esse foi o principal uso do celular. O que eu mais lembro também foi o Facebook, claro, no qual eu escrevia diariamente coisas sobre o que tava acontecendo. Aliás, eu era monotemático naquele mês. Acho que eu só postava coisa sobre isso. Provavelmente não só eu. Mas era só isso. Criando grupos, chamando as pessoas para irem aos atos, tentando fazer as pessoas se juntarem ao movimento e tentando finalmente convencê-las da pauta.

Juliana Certo. E você fez algum contato novo depois de se envolver nos protestos? Fez alguma nova amizade? Alguém que rolou de você conhecer depois que você começou a participar?

Gabriel Posso ter me aproximado de uma ou outra pessoa, mas ter criado novas relações a partir de junho não me lembro de ter criado. Provavelmente, deve ter havido um momento meio impactante na discussão com meus alunos, mas aí não tenho como saber como foi pra eles.

Juliana Essas pessoas de que você se aproximou eram ligadas a algum movimento, eram colegas seus?

Gabriel Eu procurava as pessoas das organizações que eu conheço. Principalmente da LER-QI nos atos. Sempre é melhor estar junto do que estar sozinho. Ainda mais em momentos em que você pode ser preso.

Juliana E de tudo que você viveu o que ficou para você do que aconteceu em 2013? Uma avaliação pessoal sua.

Gabriel Primeiro, foi uma comprovação prática de uma coisa que eu já sabia na teoria de que é se organizando que a gente pode vencer. Ainda que junho seja justamente o contrário de se organizar. É o ato da desorganização. Acho que essa verdade não é uma visão que ficou pra mim. Ficou pra milhões de jovens desse país justamente a ideia de que lutando é possível vencer. Acho que essa é a lição de junho. Inclusive, acho que esse era o maior medo do Alckmin e do Haddad em ceder os 3 reais. Era saber que aquela vitória podia abrir um precedente e que incentivaria novas manifestações em todos os lugares e foi exatamente isso que aconteceu. Acho que os garis no começo de 2014 só aconteceram porque aconteceu junho. Acho que era inimaginável pensar que a categoria negra do setor mais explorado da classe trabalhadora brasileira, mais oprimido de todos os pontos de vista, ia se revoltar no meio da maior festa nacional e ia ganhar o apoio da população no meio do carnaval. Ganhar o apoio, ainda que passivo, mas que ia permitir que eles praticamente dobrassem seu salário. A vitória dos garis da forma como foi era impossível sem junho. Mas também, por outro lado, junho mostra que é necessário se organizar pela falta de organização. Junho era democrático na medida em que éramos milhões dizendo que a gente não aceitava a nova tarifa e isso fazia com que fosse muito democrático porque éramos milhões na rua dizendo o que queríamos. Por outro lado, junho não criou nenhum espaço democrático de discussão das massas que estavam na rua que permitisse a elas expressarem seus anseios para além dos 20 centavos. Todos dizíamos: “não é só pelos 20 centavos”. Mas qual o conteúdo de “não é só pelos 20 centavos”? Cada um assumiu um conteúdo diferente. Para mim “não é só pelos 20 centavos” significava que era contra todo esse sistema que vem desde o final dos anos 80 pelos anos 90 sucateando os serviços públicos e essa perspectiva que o neoliberalismo deixa pra gente de vida sem futuro. Pra mim o “não é por 20 centavos” é por isso. Mas depois a gente viu que tinha vários outros conteúdos que isso podia assumir. E como não tinha nenhum espaço de decisão comum das pessoas isso acabou virando qualquer coisa depois.

Juliana Qual a sua motivação pessoal?

Gabriel Eu tinha claro que a gente tava na rua, apesar de dizer que não, eu sabia que a gente tava na rua pela tarifa. Essa era a bandeira imediata. Mas a minha motivação pessoal também era... Já faz muito tempo que participo de lutas, já tinha participado de outras lutas pelo passe livre em anos anteriores e esse era o fenômeno mais importante da política nacional que eu vi. Não dava pra ficar de fora. Não que eu fizesse isso com essa consciência, mas era um negócio que te puxava. Mas o negócio da organização, por exemplo, quem determinava onde ia começar e onde acabavam os atos?

Juliana Aonde ia começar era o MPL, aonde ia acabar...vai saber

Gabriel Era a polícia. Mas o trajeto do ato. Era o MPL, uma reunião de quantas pessoas?

Juliana Isso era meio decidido na hora. Eles até decidiam...

Gabriel Mas depois as ruas davam outros caminhos. O MPL é o quê? Umas 100 pessoas, que seja. Chutando alto, que sejam 100 pessoas. Éramos centenas de milhares nas ruas. E uma centena de pessoas negociava com o governo do estado em nome de milhões sem ter sido decidido que eles iriam negociar. Não que tivesse como ser diferente. Acho que não tinha como ser diferente. Mas acho que, hoje, a gente pode fazer a crítica de que o movimento não construiu nenhum mecanismo democrático

de se organizar. A reunião do MPL decidia onde ele começava, decidia o caminho que ele ia seguir mais ou menos e tudo. Quem fala tudo por aquelas milhares de pessoas era o pessoal do MPL. Acho que faltou isso: um lugar que conseguisse organizar todo mundo. Acho que faltou isso. Que fosse nos bairros, nas escolas, nos locais de trabalho, mas que tivesse algum instrumento de organização de todo mundo. Pra mim essa é a maior debilidade de junho.

Juliana Você acha que isso teria condições de ser feito?

Gabriel Em 2013 não, mas hoje acho que sim. Por exemplo, agora o MPL chama o ato pra sexta-feira às 17h marcando uma assembleia pra decidir o trajeto.

Juliana Eles estão estimulando o pessoal dos próprios bairros para fazerem atos.

Gabriel Exatamente. Até eles estão assumindo essa postura. Não estou criticando os 100 indivíduos do MPL, mas a estrutura como ela se organizou. Acho que eles tomaram consciência de que não pode ser assim, de eles estarem tão descolados dos milhões que estão nas ruas. Aí eu acho que é capaz de fazer diferente. Inclusive acho que já está sendo diferente. Não que a gente esteja prestes a ter um novo junho. Mas neste momento, acontecem manifestações em São Paulo, no país inteiro e já tem organização nos bairros, atos nos bairros. Você tem, além do passe livre, acontecendo, ao mesmo tempo, greves de trabalhadores. Da Volkswagen, da Mercedes, é um outro cenário. Um cenário que é muito mais fácil de organizar.

Juliana Me fala seus dados, por favor, nome, idade, profissão.

Gabriel Gabriel, 30 anos, professor de história e sociologia, formado em Ciências Sociais, mestre em Ciências Sociais pela Unesp de Marília. Curso história na USP. Vila Butantã, Rio Pequeno.

Entrevista X: realizada com Selma pelo telefone em 02 de fevereiro de 2015.

Juliana O que você lembra dos protestos de junho de 2013?

Selma Bom, eu lembro que o povo ficou revoltado e eu acredito não foi só pelos 20 centavos, pelo aumento da condução, né. Eu acredito que foi mais uma série de acontecimentos e o povo resolveu reagir dessa maneira e acabou virando aquela guerra. Destruição e tudo mais. Não aumentaram naquela época os 20 centavos e estão aumentando agora, o povo tá querendo reagir, mas tá bem fraquinho agora, né. E eu me lembro que eu tava trabalhando e até as meninas que trabalhavam comigo e diziam 'ah, eu vou, eu vou', então foi uma coisa assim que mesmo pessoas que nunca participaram de nada, naquele ano resolveram sair. Então pessoal ia, já levava bandeira de manhã e já ia preparado. Tinha uma que era casada, encontrava com o marido e ia. Então, foi uma coisa meio... eu nunca tinha visto né, essa abrangência toda eu nunca tinha visto.

Juliana Você participou de alguma forma, como foi sua participação?

Selma A minha participação foi ficar curtindo as coisas no facebook. Eu via alguma coisa, eu curtia, eu compartilhava, mas eu não dava opinião não. Não entrei nisso não.

Juliana O que você achava da situação que tava acontecendo, porque você achava importante compartilhar as coisas e curtir?

Selma Eu acho assim que não só pelos 20 centavos, mas acho que deveria haver mais manifestação e não aquela baderna que virou no final. Que entraram os baderneiros e aquela coisa de ficar depredando, destruindo as coisas, isso eu não concordo. Mas eu acho que se o brasileiro tivesse o hábito de rejeitar o que eles fazem lá não

estaria essa roubalheira toda. Aconteceu alguma coisa, vamos protestar. Exigir mais os direitos mesmo. Eles estão lá pra representar e não pra roubar. Mas o brasileiro não, ele vota, deixa lá. Eu acho que foi só um fogo de palha, uma coisa que começou com os jovens e foi e atingiu até pessoas de idade que foram também. Mas ficou por ali, foi um movimento, infelizmente foi só um movimento. Acho que deveria ser mais cobrado e o povo tem direito né. Se eles estão lá e se foram eleitos pelo povo, o povo deveria exigir, deveria haver mais esse tipo de manifestação.

Juliana Qual era sua principal fonte de informação a respeito, como você sabia o que tava acontecendo?

Selma Jornal. Internet. E mesmo era o assunto da época, todo mundo só falava isso. Eu tava trabalhando o pessoal falava sobre isso, você entrava na internet, era sobre isso. À noite, no jornal, era sobre isso também. Mas como tava trabalhando naquela época era mais no jornal à noite.

Juliana Na TV, né?

Selma Isso, na TV.

Juliana O que ficou pra você de tudo isso, o que você lembra ontem, o que significou pra você ter participado de alguma forma, por mais que não tenha ido pra rua

Selma O que ficou que quando o povo realmente se uniu, eles conseguiram. O que eles queriam? Queriam que não houvesse o aumento da condução, os 20 centavos. Por se unirem e por manifestarem e por não aceitarem, eles acabaram ganhando isso. Por isso que te falei aquela hora. Sou a favor mesmo da pessoa se manifestar e pra ver se consegue um pouco mais desse governo corrupto nosso.

Juliana Pode me falar sua profissão, onde mora e sua idade?

Selma Gerente na loja de roupas, Cidade Ademar, 54 anos

Entrevista XI: realizada com Felipe pelo telefone em 18 de fevereiro de 2015.

Juliana Me fala um pouco sobre os protestos de maneira geral, o que você lembra, o que te marcou?

Felipe Naquele momento eu estava um pouco, como todos nós, muito envolvidos com aquilo e eu não sabia muito o que pensar sobre isso. Então, quando eu falei pra você que é difícil analisar eventos no momento, estou falando um pouco de mim também. Eu ainda não tenho. Não é nada conclusivo o que penso sobre aquilo, mas o percurso mudou na minha cabeça o que eu via sobre isso. Claramente, aquela potência dificilmente a gente vai ver de novo. Não sei se sou eu, mas os setores mais interessantes da esquerda talvez tenham perdido um certo tempo para potencializar aquilo

Juliana Em que sentido potencializar?

Felipe Porque ali você tinha uma potência, uma série de enunciados e faltou alguém ou um grupo ou algum saber pra organizar esses enunciados todos. E transformar isso em algo de fato, claro que você teve avanços, por exemplo... não é avanços, houve mudanças no nível da percepção mesmo. Se você pensar que, por exemplo, apesar do aumento da passagem abusivo que ocorreu agora há pouco. Ontem eu tava vendo o jornal, aquele cartaz que colocam no ônibus, o jornal do ônibus, com o enunciado "passe livre". Isso está presente ainda. Toda essa ideia, toda essa consciência que o MPL trouxe ainda está presente. Nunca mais vai ser o mesmo, acho que sempre vai ter conflito quando o assunto for transporte público a partir

daquele momento. Acho que o MPL está um pouco à frente do que ainda hoje é permitido, ele é pouco compreendido em função disso. Toda ideia de horizontalidade é louvável. Mas nós não estamos ainda conscientes e que essa é uma maneira de fazer política. A gente ainda precisa de hierarquização, de uma série de coisas que são abomináveis para conseguir um espaço, de linguagem mesmo, um processo dialético de fato. Ainda precisamos de lideranças para que se alcance esse espaço de horizontalidade, de não-liderança que o MPL prega. Esse foi um dos impedimentos de que aquilo que ocorreu em junho de 2013 avançasse. Como esses enunciados que surgiram lá em junho de 2013 não foram organizados no sentido de se ter uma força de esquerda, acho que você teve uma reação de direita mais feroz porque a direita, essa sim, por ser conservadora nos seus tratos, o que é conservadora nos seus tratos? Por ela já trabalhar com tudo isso que está presente, ela consegue fazer isso com mais facilidade.

Juliana Ela não quer desvirtuar a ordem

Felipe Exato. Como é a manutenção, como é a reação a algo que prega uma mudança ela consegue organizar porque isso já está organizado na percepção. Então aí ela vem com esses enunciados que já estão presentes ou com essa linguagem que já é presente e atravessa isso. Que quer pregar um outro modelo, um outro modo de organização. Então, por isso que a reação foi feroz, por isso que eu não vejo muita saída para o PT. Nesse sentido, o governo Dilma está nos mostrando isso. Eu não culpo as pessoas, mas eu acho que a linguagem reduz, impõe, ela diz o que deve ser feito. Todas essas medidas conservadoras que vão dar resposta... agora você tem essa onda de impeachment que não vai dar em nada, enfim, mas tudo isso vai se diluir aos poucos porque a proposta deste governo Dilma é de fato amansar isso e manter o que aí está, manter essas...aos poucos os meios de comunicação que também são conservadores na sua linguagem e nos enunciados eles vão...como já estão fazendo. Tenho percebido que as manchetes não são tão violentas em relação ao governo Dilma como em outro momento. Os jornais de uma forma geral já estão entendendo que... claro que se houver um estouro da inflação, mesmo a crise energética de fato se transformar numa crise, isso vai se desfazer. E aí você vai ter uma oposição por parte dos grupos midiáticos muito forte. Nesse momento, há um contrato. Um trato de não se... os governos de uma forma geral, né. De não se intervir tanto porque o que Dilma e Alckmin e todos estão fazendo nada mais é do que permitir essa continuidade do que aí está. Então eu acho que isso explica um pouco, voltando, como a. por já estar organizado, como isso despotencializou esse grupo que era do passe livre e isso foi o estopim para aquilo tudo que aconteceu em 2013 e este ano, por exemplo, os eventos não tiveram a mesma proporção do que foi aquilo porque tudo já tá organizado, já existiam os black blocs, já existia a dita violência dos grupos organizados de esquerda então tudo isso já estava organizado e causou a despotencialização, eu acho. Eu acho que não há culpados, nesse sentido, o grupo o MPL, não os culpo. Acho que faltou apenas esse saber que organizasse esses enunciados para que... Como aconteceu na Espanha com o Podemos ou com o Syriza na Grécia. Essa coisa que organizou esses enunciados todos que surgiam a partir de um estado de crise e você têm essa resposta da esquerda com uma proporção grande. Acho que faltou de um partido político, de um partido que propõe outra coisa como o Podemos, mas ainda é um partido. Não sei como que faria isso no Brasil, se podia ser a Rede, mas é confuso ali também. Podia ser o PSOL, mas o PSOL é um partido muito restrito ainda. Podia ser outros

partidos de esquerda. Mas precisava, eu acho, esse foi a principal pisada na bola da esquerda. Você tinha uma potência viva e essa potência não... é claro que tá chegando uma crise mais profunda isso pode servir como um processo pra se pensar tudo isso também. E ter resultados como teve na Grécia, na Espanha.

Juliana Queria saber em 2013 como foi sua participação? De que maneiras você participou?

Felipe Eu cheguei a ir em alguns atos. Acho que aquele que foi o anterior ao grande ato que reuniu 100 mil pessoas. Eu fui. Não cheguei a subir até a Paulista então fiquei livre da tropa de choque. As coisas estavam meio complicadas ali na Roosevelt. Por isso que eu saí também. Fiquei lá pelo centro. Queria, na verdade, mais perceber o que tava acontecendo. Porque ninguém sabia ao certo o que era aquilo e aí um pouco a percepção era que os enunciados estavam soltos... Tinha coisa de todo tipo. Tinha gente pedindo a destruição do governo, da presidente naquele momento, do governador, do prefeito. Quase pregando um golpe. Mas dos dois lados acho que os enunciados mais à direita também. Acho que tinha uma série de coisas e eu queria perceber o que era aquilo. Até um dos equívocos da minha análise naquele momento era dar muito valor a isso e não pensar o que estava acontecendo de forma mais estrutural. Isso que eu chamo de potência que estava surgindo que agora eu faço essa análise a partir disso. Então, se pensarmos nos dois momentos, naquele momento eu achei que as coisas eram muito confusas e de fato eram, mas essa confusão que eu penso agora que era uma potência que se tinha e que não foi organizada. E aí a minha mudança de análise para o que foi aquilo naquele momento e o que eu vejo hoje daquilo estando agora aqui. Eu vejo que a diferença é essa. Não se tinha uma organização porque não era essa... As pessoas só queriam dizer algo. E elas tinham suas... elas estão insatisfeitas com o modelo político. Acho que é mais isso que necessariamente uma forma de querer que o partido a ou b saiam... acho que não tem nada a ver com isso. Era mais a destruição do modelo político e naquele momento não percebi isso e hoje essa potência se perdeu. Ela tá aí, mas ela não tá mais...

Juliana Qual era sua motivação pessoal?

Felipe Era essa, na verdade. Minha motivação era a de saber o que tava acontecendo. Só que eu sou um usuário do transporte público e isso também... não é legal pagar 3,50. É caro. Quando você integra com o metrô fica mais de cinco reais. Claro que eu tinha também essa motivação. Mas eu não fui na intenção de... naquele momento não foi pela intenção de ser parte do protesto. Mas encontrei alguns amigos então a gente trocava ideia, eu me colocava partidário à causa. Mas eu tava mais na ideia de perceber o que estava rolando. Até agora eu não sei o que rolou... era só mais isso para me aproximar mais disso tudo e perceber isso que ali se tinha uma potência que não foi bem aproveitada, pensando na esquerda, pensando naquilo que a gente acredita de fato.

Juliana Você chegou a se envolver com alguém ou algo depois da sua participação? Aprofundou algum relacionamento?

Felipe Logo depois eu tenho inclusive um amigo que é do MPL em São José dos Campos, então a gente conversava. Nem sempre concordava. O que eu percebi é que houve um depois, até na tentativa de quem sabe contribuir mais. Não sei dizer de fato se era isso, mas eu tava procurando diálogo sobre isso. O que eu percebo por ele é que o MPL de forma muito justa eles estavam com uma pós-junho de 2013, eles estavam muito intransigentes... mas com uma certa violência na forma de conduzir.

Não sei avaliar se isso é produtivo ou contraprodutivo para aquele momento. Mas eu tinha muita dificuldade em conversar porque ali você tinha um discurso militante muito fechado mesmo, quase que impenetrável o diálogo. E em função disso aos poucos eu fui saindo disso.

Juliana Aonde de você conversava com o pessoal? Você participava de reuniões?

Felipe Era ele e mais alguns que estavam participando. Eu não, eu não queria participar efetivamente do grupo. Mas a gente se encontrava em bar ou mesmo pela internet e dialogava sobre o que tava rolando. Eu ia atrás, eu perguntava. 'como tá lá em São José? Porque ele identificava em mim um certo partidarismo, mas eu não via dessa forma e aí em função disso esse meu amigo criou uma barreira no diálogo e não conseguia dialogar. E isso talvez seja um equívoco. Porque assim, ainda que eu nunca tivesse sido filiado a partido político, mas naquele momento eu estava próximo do PT. E em função disso é que tinha também essa barreira. Mas eu era uma pessoa potencialmente, poderia ser ativo dentro do movimento. E existem outras pessoas, mesmo no PT. Mas não sei dizer a causa, mas há também certa, vou usar essa palavra, mas não é essa a palavra, intransigência, por parte dos movimentos que não entendem que a coisa é mais estrutural de fato. Não só causas pequenas. Não era só o preço da passagem de fato. Não vou usar esse enunciado 'não são só os 20 centavos'. No sentido que é mais estrutural a questão mesmo. É o transporte público, é o serviço público de uma forma geral. É a forma de organização política e eu acho que é louvável o que o MPL propõe da horizontalidade, por exemplo, só que não dá. Quando se coloca a horizontalidade dentro de uma barreira no diálogo que ele me propôs que eu acho que era um pouco que eu percebia conversando com outras pessoas também, conversando com várias pessoas que conversavam com pessoas do MPL uma certa dificuldade em dialogar com o movimento depois de junho de 2013. Talvez um pouco cheios de si, não sei dizer o que era, mas eles estavam... não sei como tá hoje, faz tempo até que não converso com esse meu amigo. Nem sei se ele tá ainda envolvido. Mas naquele momento uma coisa muito forte de encontrar resposta.

Juliana E o que mais te marcou na sua experiência nas ruas?

Felipe O que quase marcou foi uma bala de borracha (risos). Como de fato no nível da linguagem, como ela reduz, é difícil compreender o que foi aquilo e o que é o MPL e o que são estes movimentos mais recentes, horizontais, etc. não são os policiais, como o estado mesmo, como nós como sujeitos dentro deste estado, não sabemos o que é aquilo de fato. Não conseguimos alcançar porque isso não nos é colocado. Isso nunca foi feito. Nunca ter sido feito. É que agora você tem um processo, pois isso já está. Isso aos poucos vai começar a ganhar um lastro. Aquilo lá tudo era muito novo. A forma como era organizado.

Juliana Na rua você diz?

Felipe Na rua exatamente. Você não tinha líder. Até tinha uma certa dificuldade dos meios de comunicação quando foram fazer as suas reportagens, aquilo que eles fazem, objetividade, a idiotice da objetividade, quando eles foram: 'ah, quem é o líder?'. O roda viva convidou dois, mas não existia na verdade e era difícil perceber isso. Outra coisa que marcou foi a direita tentando capturar aquilo naquele momento, mas sem conseguir. Tinham grupos ultra-direitistas que saíam batendo em pessoas de vermelho. Mas foram essas duas coisas que espero mesmo que aos poucos isso vá se organizando na percepção, nos enunciados, nas significações para a gente ter de fato a construção de um outro modelo, de outro processo de

organização de estado e de organização de sujeitos políticos. Acho que isso foi novo naquele momento e ainda é e espero que seja, que continue um processo em relação a isso.

Juliana Como você utilizou meios de comunicação durante os protestos?

Felipe Eu lia o que era posto pela mídia hegemônica, mas no sentido pra saber como eles estavam, como estudo isso também, gostaria de saber como estavam organizando isso. Eu faço mestrado, estudo essa coisa da linguagem eu queria saber como a mídia estava organizando isso, mas eu tentava acompanhar mais o que o próprio MPL dizia. Então eu entrava no blog deles e mesmo no Twitter, página de facebook, etc. pessoas das mais variadas que estavam falando sobre aquilo, então, por exemplo, prestava atenção no que o Eduardo Viveiros de Castro escrevia, o Jean Wyllys, a Eliane Brum, enfim, uma série de pessoas e o que eles estavam dizendo sobre aquilo, mesmo o Sakamoto, etc. e esses blogs estão cada vez mais governistas, mas naquele momento estavam fazendo suas análises.

Juliana Mais informativo mesmo né?

Felipe Isso. Informativo e opinativo.

Juliana Mas você chegava a emitir opiniões ou você mais lia opiniões alheias?

Felipe Eu cheguei a opinar, devo ter feito textos no facebook. Mas não, eu tentava não me envolver tanto. Até porque eu não tinha convicções no que eu tava tentando, então eu não cheguei a escrever coisas e nem alimentar nenhuma página de blog com textos meus não escrevi nada. Claro que no diálogo eu conversava com pessoas então acabava emitindo opiniões e tal, mas não textos gerais, etc.

Juliana Por favor, me informe sua idade, profissão e local onde mora em São Paulo.

Felipe 28 anos, sou bolsista, estudante de mestrado na ECA. Profissão jornalista, mas não exerço. Sacomã.

Entrevista XII: realizada com Marina pelo telefone em 20 de fevereiro de 2015.

Juliana Quero que me fale um pouco do que você lembra dos protestos de 2013

Marina Em 2013 eu comecei a participar das manifestações na terceira manifestação, foi quando teve aquela repressão na quinta feira. Antes disso eu só tava acompanhando, mas eu não tava conseguindo ir por conta do horário do trabalho que eu saía na hora que as manifestações começavam. Mas tava ganhando uma repercussão grande e nesse dia eu fui inclusive com colegas do trabalho diretamente pro ato. Pra mim foi a minha primeira experiência numa manifestação massiva. Num ato de rua, por exemplo. Foi minha primeira experiência também com uma repressão policial tão forte né. Teve até uma hora depois que a manifestação acabou com a repressão pra poder conseguir ir embora. E ver a força das pessoas na rua foi muito impactante porque nesse dia o ato estava bastante grande. E teve momentos em que o ato quebrou no meio, se dividiu. E momentos bastante marcantes em que o ato se reencontrou em algumas ruas. Foi bastante emocionante.

Juliana E como foi sua participação, de que formas você participou?

Marina Participei desde tentar construir as mobilizações dentro do museu que eu trabalhava na época e também na faculdade, no curso de pedagogia. Então nos locais onde dava eu tentava trazer essas questões para as assembleias, para dentro das salas de aula, inclusive. Tentar pensar formas de discutir dentro da faculdade de pedagogia o que o curso pensava sobre a manifestação e ir junto, em bloco, com o bloco da faculdade de educação. Tentando pensar como a gente podia intervir no ato de forma a poder

garantir nossa segurança, formas de poder tentar chamar mais pessoas e tentar mostrar nossa posição para um setor mais amplo.

Juliana Qual era sua motivação? Por que você achou que era importante participar?

Marina Minha motivação primeira é porque não tinha como aceitar um aumento das passagens sem contar que era emocionante ver a possibilidade de ver todo um setor da juventude decidindo se levantar por conta disso. Foi algo contagiante. Além de já ter participado de outras mobilizações anteriores que sempre foram muito menores do que essa, nos anos de 2011, mas foi a chance de ter uma experiência política muito grande.

Juliana Você tinha participado em 2011?

Marina Em 2011 de manifestações menores em apoio à greve do Chile que tava acontecendo, mas nada dessa magnitude.

Juliana Você pode me falar um pouco mais da sua experiência na rua, com as pessoas, enfim. No próprio protesto.

Marina Minha experiência na rua... vamos ver. Achei que as pessoas em geral, assim, as manifestações sempre causam um efeito de solidariedade com o próximo, parece, na maior parte das vezes. Por exemplo, chega o momento em que tem repressão e as pessoas se ajudam. Isso é uma coisa que pode acontecer normalmente, mas quando você está numa manifestação parece que isso realmente se torna tudo um grande bloco em que as pessoas todas estão tentando se ajudar para que todos consigam resistir. Tive experiência de fugir, nunca me machuquei de fato na manifestação, também nunca fui a primeira a querer sair correndo quando vem uma bomba, mas sempre tentar manter todo mundo junto, sempre tentar resistir, por isso fiquei muito mais confiante na ferramenta atos de rua, manifestação, acho que foi uma coisa que se abriu para a gente aqui no Brasil como não tinha há muitos anos.

Juliana Você fez algum contato novo após seu envolvimento com os protestos?

Marina Contato novo em relação a outras pessoas?

Juliana Isso.

Marina Eu acho que fez com que eu aprofundasse relações com várias pessoas da faculdade, por exemplo, pessoas que eu conhecia mais de vista e com quem eu não tinha muito contato e quando a gente começou a organizar os atos, às vezes, acontecia de alguém não ir e ficar mandando mensagem pelo celular, vendo, por exemplo, as notícias na televisão, pra todo mundo que tava no ato. Fez com que criasse um laço de solidariedade bem grande entre as pessoas, algumas com quem eu nem tinha muito contato. De você chegar de um ato e mandar mensagem para todo mundo que você conhece e nem viu no ato, mas você imaginava que tava lá. Assim como fez com que eu conhecesse pessoas na manifestação. Algumas de manter contato e outras que se perderam nisso tudo.

Juliana Você falou do celular... Como você usava os meios de comunicação durante os protestos? Em geral, o celular inclusive.

Marina Eu sempre na manifestação eu levava uma mochila vazia porque eu achava que poderia me proteger de alguma bomba, alguma bala de borracha nas costas. Onde eu deixava o celular. Ou então na mão mesmo. E sempre que possível. Se tinha alguma repressão, eu mandava mensagem pras pessoas que podiam estar em outros blocos dentro do ato. No facebook também mudei meu nome, tirei o nome original para dificultar ser encontrada caso eu fosse presa ou qualquer coisa do tipo. Mas mandava mensagem via SMS. Na época eu ainda não tinha whatsapp. Mas usava irrestritamente.

- Juliana** Você disse que ia em blocos. Você ia de organizadora do bloco, você que surgiu com a ideia? Como foi?
- Marina** Não. Eu normalmente compunha os blocos junto com o Juventude às ruas, que é um coletivo de juventude. Mas a intenção não era formar um bloco da juventude, mas a gente estimulava que cada local de estudo levasse suas demandas. E chamasse mais pessoas para participar em blocos próprios. Era isso que eu tentava fazer na época. Tentei levar essa discussão também na época das manifestações contra a Copa. Mas foi em junho de 2013 quando a gente conseguiu fazer os maiores blocos na faculdade de educação.
- Juliana** Você estuda onde?
- Marina** Faço pedagogia na USP.
- Juliana** A última pergunta: queria saber pra você o que significou participar disso. Uma análise sua pessoal. O que ficou pra você das suas vivências e experiências.
- Marina** Pra mim participar das manifestações de junho fez com que, primeiro, eu conhecesse uma força interna minha que eu não conhecia. De poder resistir num momento de repressão, por exemplo, poder.
- Juliana** Resistir fisicamente?
- Marina** Fisicamente, tanto de ter calma, de não me desesperar. De tentar pensar como seria melhor. Seria melhor não sair correndo desesperada, mas tentar pensar um pouco mais estrategicamente. Foi algo novo que conheci em mim. E as manifestações de rua me deram muito mais esperança. Não só pelo resultado que foi positivo, das manifestações terem conseguido enfim barrar o aumento dos 20 centavos. Mas mostrar que poderia ter ido muito mais para além. Dá muito mais esperança saber que essa ferra mente de ir para as ruas, de massificar mobilizações, acordou também uma grande parte da população.
- Juliana** Você consegue falar algum efeito que você acha que tenha tido para além do imediato ali da passagem que conseguiu ser baixada
- Marina** Então, um efeito que trouxe foi isso. Trouxe de volta para a subjetividade das pessoas, ações como atos de rua.
- Juliana** Pessoal voltar pra rua?
- Marina** Isso, voltar para a rua. Porque isso faz efeito, tem significado e dá resultado. Acho que isso não tava colocado tão claramente antes pra juventude e hoje tá muito mais.
- Juliana** Legal. Obrigada então. Quantos anos você tem?
- Marina** 26
- Juliana** Você trabalha com o quê?
- Marina** Hoje eu dou aula no estado.
- Juliana** E onde você mora em SP?
- Marina** Perto do Butantã, no Morro do Querosene.

Entrevista XIII: realizada com Roberta pelo telefone em 01 de março de 2015.

- Juliana** Você lembra que teve uns protestos em junho de 2013?
- Roberta** Ah, protesto. Eu tava entendendo processo.
- Juliana** Vocês trabalham com isso né.
- Roberta** Não, não, é que eu venho de violência doméstica.
- Juliana** Ah não. Sobre os protestos mesmo. Contra a tarifa do ônibus lá de 2013.
- Roberta** Ah bom, como eu moro aqui no centro foi um vandalismo que só. Você mora

onde?

Juliana Eu morava na vila mariana.

Roberta Ah então, e como eu moro no centro perto da câmara, existe muitos protestos aqui, viu.

Juliana Imagino.

Roberta Eu até, na verdade, gostaria de participar, de fazer algo, algumas reivindicações sobre saúde, por exemplo. Mas eu tenho medo, nunca saí com medo por causa dos vândalos, existem os vândalos. Junto dos bons intencionados pra reivindicar os seus direitos, tem o vandalismo. Pode fazer a pergunta que você quiser, minha querida.

Juliana Queria que você falasse mais um pouco do que te marcou nessa época. Você lembra mais do pessoal que tava vandalizando mesmo?

Roberta Gostaria de participar, só que não participei reivindicando saúde, reivindicando segurança por causa do vandalismo que existe de montão. Inclusive agora nessa semana na paulista que aconteceu pro causa da passagem de ônibus de novo.

Juliana Como você ficava sabendo?

Roberta Eu ficava sabendo pela minha janela eu via. Pela janela porque como eu moro na Maria Paula eu via tanto os protestos da Maria Paula vindo da câmara. Além de deixar a televisão ligada. E também na 23 de maio na Prefeitura. Era bomba, helicóptero voando. Teve um dia que tinha quantidade pela minha janela. Eu moro ali no décimo andar e as minhas janelas dão pra 23. E pra prefeitura. Então, era muitos helicópteros de antes da situação né.

Juliana Você chegava a conversar com as pessoas sobre o que tava acontecendo

Roberta Ah sim, os comentários eram assim. Aonde você ia, em posto de saúde, vizinhos, sair na rua, aonde você ia, os comentários eram sobre o vandalismo, o quebra-quebra.

Juliana Você via notícias na TV também?

Roberta Muita notícia. Só se falava isso viu. Inclusive pegaram gente de bem, prenderam porque tava um quebra-quebra. Eu sou a favor das reivindicações, mas eu não sou a favor do quebra-quebra, sabe

Juliana Complicado. Você costuma usar a internet, não?

Roberta Não. Não costumo, não uso. Só a televisão mesmo ligada. Eu fico muito com a televisão ligada porque eu fico muito tempo bordando na máquina então eu fico muito tempo com a televisão ligada.

Juliana O que você acha que significa pra você esse tipo de situação, esse tipo de reivindicação política

Roberta Eu acho que a reivindicação política tem sim que existir porque nossos políticos são uns porqueira pra falar da barbaridade porque eles só querem se promover, e muito roubo desses políticos porque acho um absurdo. Eles já têm a profissão deles que ganham muito bem, pra reivindicar os direitos deles, os salários deles da noite pro dia, da meia noite que eles colocam o dinheiro na conta deles, o aumento. E pra gente, eu tô inclusive reivindicando uma aposentadoria porque eu já tenho 70 anos, do INSS e não consigo me aposentar e a aposentadoria deles é da madrugada pro dia e pronto. E o direito do idoso ou do povo de qualquer idade, não tem direito não. Então eu acho um absurdo esses políticos prometerem, prometerem e na hora que ocupam os cargos não fazerem nada.

Juliana Quando você saía na rua nessa época você via as coisas quebradas?

- Roberta** Muito quebra-quebra e na verdade eu evitava sair porque a gente sabia que todo dia não tinha apenas uma reivindicação, um quebra-quebra, uma passeata. E da minha janela eu via dois inclusive. Porque eu via da 23 e também da Maria Paula porque eu tenho janela pras duas ruas. Eu tinha até medo, só saía mesmo por necessidade. Pra buscar remédio, ou pra médico, ia correndo pra padaria. Teve muito quebra-quebra, inclusive na minha porta colocaram uma barreira e tocaram fogo. Na porta do meu prédio.
- Juliana** No dia seguinte quando você saiu na rua devia estar uma bagunça.
- Roberta** Uma bagunça, porta de banco quebrada, inclusive a prefeitura quebraram, a porta da prefeitura. Muito quebra-quebra.
- Juliana** Mas você falou que tava acostumada que vira e mexe tem coisa aí.
- Roberta** Vira e mexe, ontem mesmo teve na Paulista.
- Juliana** Foi, sexta-feira.
- Roberta** Ontem mesmo teve também na Paulista. É, foi ontem né?
- Juliana** Sexta-feira. Pra além dessa violência teve alguma coisa que tenha te marcado?
- Roberta** Sobre as passeatas?
- Juliana** Isso, de 2013.
- Roberta** Sobre as passeatas. Tem sim. Porque eles prometem uma coisa e não cumprem né. As promessas cumpridas em matéria de segurança. O Alekmin, por exemplo, eu não sei como esse homem ganhou de novo. Nossa saúde tá muito ruim. É prefeitura, é estadual. Então tá muito ruim a área da saúde e a área da segurança. São essas coisas que marcam muito, muito.
- Juliana** Qual sua profissão?
- Roberta** Hoje eu fico mais em casa, mas dou aulas de bordado, de patchwork.

Entrevista XIV: realizada com Cláudia pelo telefone em 01 de março de 2015.

- Juliana** Queria que você me falasse o que você lembra dos protestos de junho de 2013 de maneira geral
- Cláudia** De maneira geral? Eu comecei a ir eu era militante organizada de partido na época, hoje eu não sou mais.
- Juliana** De que partido você era?
- Cláudia** Da liga estratégica revolucionária, a LER-QI.
- Juliana** Tá.
- Cláudia** Eu era organizada pela LER-QI e a gente começou a ir aos atos organizados da tarifa, como sempre fomos. E que eu me lembro é que chegou um momento em que eles começaram a ficar muito maiores do que eu sempre tinha presenciado e eu vou desde 2010, 2009 nesses atos da tarifa. E eles começaram a ficar muito maiores e ter muita repressão. Então eu lembro que a partir do terceiro ato, acho que foi no terceiro, teve uma repressão muito forte na Praça Roosevelt, o ato não chegou nem a começar praticamente, a gente tinha acabado de começar e a polícia já reprimiu de maneira muito brutal. E aí os protestos começaram a crescer e ganhar mais apoio de outros setores que não são os que a gente estava acostumada a ver nos atos em que geralmente eram sempre as mesmas pessoas todos os anos. Coletivos, pessoal da USP, mais esse pessoal aqui. Acho que a partir da repercussão da mídia que teve da repressão policial etc., começou a virar uma coisa mais generalizada. A partir do terceiro ou do quarto ato, que começou contra

a tarifa. E depois acho que foi virando uma coisa mais, mesmo que o nome fosse de grandes atos contra o aumento da passagem, mas acho que as pautas começaram a ficar bem variadas.

Juliana Como foi sua participação? De que formas você participou?

Cláudia Participei indo e, na verdade, eu, a gente da LER-QI, tinha um bloco grande até com materiais, bandeiras, cartazes, etc. e eu era uma das que organizava o bloco e ia fazendo a agitação durante todo o protesto. Essa foi minha função durante todas as manifestações, eu fiz sempre a mesma coisa. Acho que não foi diferente de muita gente.

Juliana O que mais te marcou na sua experiência na rua? Como foi a experiência de estar na rua?

Cláudia O que mais marcou os tamanhos dos atos. Teve ato que eu nunca tinha visto tanta gente junta, principalmente aquele da Paulista. E eu acho que pra todo mundo foi mais ou menos a dimensão que tomou e o fato da gente ter conseguido revogar o aumento e também a experiência... Eu já tinha tido experiência com a repressão policial principalmente dentro da USP, mas uma experiência mais dura de repressão policial. Pra mim foi muito impactante os tamanhos e, na verdade, o clima das pessoas muito aguerridas e muito fechadas com o objetivo.

Juliana Em que sentido muito fechadas?

Cláudia No sentido de estar todo mundo no mesmo objetivo, apesar de depois de um tempo começar a aparecer gente até de direita nos atos e tal. Acho que boa parte das pessoas estava lá pelo mesmo objetivo.

Juliana Você participou desde o primeiro ato?

Cláudia Sim, desde o primeiro.

Juliana Durante os protestos, você chegou a fazer algum novo contato?

Cláudia Conheci várias pessoas a partir daí sim.

Juliana Mas que acabaram se filiando ao partido, que eram de dentro do partido ou coisa que acontecia de uma maneira... na rua, como que foi?

Cláudia As pessoas que eu conheci acabaram entrando no partido sim.

Juliana Você conheceu como? Na rua ou em alguma reunião?

Cláudia Em reuniões. Nas ruas eu fiz contatos que não foram pra frente.

Juliana Mais com o que tava acontecendo na rua.

Cláudia Isso.

Juliana E em que ambientes você costumava conversar sobre o que estava acontecendo?

Cláudia Como eu sou professora era dentro da sala de aula onde eu mais conversava.

Juliana Mais algum local?

Cláudia Acho que em casa com a minha família. Mais em sala de aula.

Juliana Como você utilizava meios de comunicação durante os protestos?

Cláudia Olha, eu usava bastante o facebook pra divulgar os próximos. Pra fazer chamadas. E pra contar e também relatando as experiências de cada ato.

Juliana Ah você costumava fazer posts falando como tinha sido sua experiência?

Cláudia Isso.

Juliana Ah legal. Será que eu posso então te adicionar e ler seus posts?

Cláudia Pode, claro.

Juliana Queria que você me falasse um pouco o que ficou pra você, da sua experiência, uma análise pessoal sua do que você viveu, o Brasil viveu. O que ficou pra você

disso?

Cláudia Pra mim ficou uma experiência muito marcante. Eu tava até vendo esses dias um documentário, alguns documentários que saíram sobre. E para mim foi uma experiência marcante porque durante toda minha história de militância eu nunca tinha participado de algo tão grande e significativo mesmo. Para fora dos espaços da universidade e que alcançasse algum objetivo real. Porque acho que na militância às vezes a gente fica muito dentro da USP, dentro das universidades e, na verdade, nunca acontece nada de fato. E pra mim ficou marcante isso, foi impactante ter participado de um processo histórico, que o Brasil inteiro viu que saiu nas mídias do mundo inteiro e que acho que vai entrar pra história, sei lá. Que entrou já pra história, vai ser um fato que vai ser contado. E ter sido sujeito disso pra mim foi bastante marcante.

Juliana Você acha que teve algum resultado para além do aumento ter sido revogado.

Cláudia Acho que teve um resultado de politização de uma juventude um pouco mais nova e que era mais alienada e que teve contato, não só indo, mas também vendo através da televisão, com um movimento que às vezes nem sabia que existia. Eu digo pelos meus alunos que até então nem sabiam o que era um ato, uma manifestação e agora são bem mais politizados. Mas acho que foi só nesse sentido mais subjetivo porque acho que objetivo, tirando a revogação do aumento, mas que já ficou pra trás, acho que não teve muito resultado não.

Juliana Teve aluno seu que chegou a ir? Você fala com eles sobre isso?

Cláudia Eu falava bastante, era um assunto recorrente. E teve aluno que chegou a ir inclusive comigo.

Juliana Mas você ia cuidando deles?

Cláudia Eu ia bem cuidando.

Juliana Quantos anos você tem?

Cláudia 24

Juliana Você é professora do que?

Cláudia História

Juliana Você mora onde?

Cláudia Jaguaré.

Entrevista XV: realizada com Lucas pelo telefone em 11 de março de 2015.

Juliana Queria que você me falasse sobre os protestos de 2013 de uma maneira geral o que você lembra.

Lucas Mas como assim? Não tem nenhuma pergunta mais específica?

Juliana Essa aqui é mais geral mesmo, o que você lembra, o que te marcou...

Lucas Tá. Eu comecei a ir desde o primeiro ato aqui em São Paulo. Não lembro as datas direito. Mas foi um ato convocado pelo MPL como acontece desde que eu me conheço por gente quando tem aumento de tarifa. E aí, eu fui aos atos em 2011, aí eu fui em 2013 esperando a mesma coisa, que dificilmente a gente ia conseguir barrar o aumento da tarifa, mas que era importante dar uma resposta a isto independente da força que tivesse o movimento. Mas aí eu lembro que pegou todo mundo desprevenido, a repressão policial foi brutal, mais que em 2011. Só que ao contrário de 2011, a repressão, ao invés de esvaziar, foi aumentando. dando mais força pros atos. Eu lembro que chegou junho... lembro do ato na consolação que

aconteceu. Era uma quinta ou sexta. Um ato gigante na consolação. Foi aquele que o Datena cobriu ao vivo e ficava falando que era uma coisa bonita. Se não me engano foi esse que ele botou aquela enquete de que se a população apoiava ou não o protesto violento e ele acabou perdendo. E eu lembro que nesse dia a repressão foi especialmente brutal, foi sinistro. Eu tava com uma amiga minha que é asmática e quase morreu na Praça Roosevelt. Foi levar ela na casa dela em São Caetano, voltei para a Paulista era bem tarde, umas 11 horas da noite e ainda tava bizarro o clima. Tinha várias pequenas concentrações de pessoas e a polícia ia reprimindo grupinho por grupinho que tava na paulista. Eles nem viam se tava na manifestação ou não. Eles chegavam jogando bomba. Era bizarro. Aí na semana seguinte, aí pegou todo mundo de calça curta de vez. No fim de semana a mídia mudou o discurso, começou a querer colocar a pauta da corrupção e a falar que tinha que ir pra rua mesmo. Começou a fechar mais aquela linha de separar manifestante violento de manifestante pacífico. Na semana seguinte desse ato foi aquela, não consigo nem chamar aquilo de manifestação, não sei o que foi aquilo, que parou a cidade inteira. No fim de semana, a globo, a folha já estavam mudando o discurso, colocando as pessoas para irem pra rua contra a corrupção, tentando seqüestrar as pautas das manifestações que estavam tendo. mas aquilo acho que foi uma segunda-feira. O que aconteceu na segunda foi uma coisa meio bizarra. A nossa geração nunca viveu nada parecido. Eu lembro que um professor lá da história da USP chegou a comentar que só tinha visto aquilo nos anos 80, nas diretas já. O problema é que aquilo que aconteceu aqui deixou todo mundo meio confuso. As pautas que tavam levando a gente pra rua, contra repressão policial, contra o aumento da tarifa, se perderam totalmente no meio daquele negócio. Um negócio difuso. A galera gritando 'fora Dilma' onde eu tava. Mas enfim, independente disso não dava pra negar que eram milhões e milhões de pessoas na rua. Uma manifestação realmente de massa. Eu lembro que tinha muita relação com gente do PSOL, do PSTU, da LER-QI, enfim, um monte de organização de esquerda pequena e ninguém conseguia entender o que tava acontecendo. Tinha umas que pendiam mais pra ficar falando que só tinha coxinha na rua, mas eram milhões e milhões de pessoas na rua. Era algo muito complexo. Uma coisa que até hoje ninguém consegue entender muito bem.

Juliana Como foi a sua participação? De que formas você participou além de ir pra rua ou indo pra rua também? Como foi na rua?

Lucas Eu fui a todos os atos desde o começo, desde os chamados pelo MPL. Eu participava indo nas manifestações. Às vezes ficava sozinho, às vezes, nos blocos da LER-QI e do PSTU com quem eu tenho mais contato. Na verdade, no começo do ato eu ainda militava organizado na LER-QI. Mas o processo de junho fez eu me afastar. Eu estudava na história e era funcionário de uma empresa pública que chama São Paulo previdência. Tentava discutir os atos lá onde eu estudava, na USP, e no meu trabalho e tentar levar gente desses lugares para não ficar solto lá no meio. No trabalho foi meio difícil, mas lá na USP a gente até conseguia levar blocos do curso. E a gente se dedicava mais a isso.

Juliana Mas como você tentou conduzir essas discussões no trabalho? Era com seus colegas ou era algo mais organizado?

Lucas Esse negócio foi criado em 2007 para tentar unificar a previdência do estado. E como era uma repartição bem nova, os caras abriram concurso, uma prova meio fodinha e só entrou aluno da USP. Quase todo mundo que trabalhava no meu andar

eu conhecia lá da FFLCH ou de outras faculdades lá da USP. Então a gente tentava organizar atividade na hora do almoço para discutir os atos e acabava colando uma galera, porque era mais a juventude que trabalhava lá mesmo.

Juliana Quais as suas motivações pessoais para participar?

Lucas Tinha o acordo com as pautas. como eu disse, fui em 2011 também nos atos do MPL. Pra gente que mora aqui em São Paulo o negócio do transporte pega demais. Subir pra 3,20 era mais de seis reais para ir e voltar da faculdade e eu ainda tinha três conduções porque eu trabalhava longe de casa também. E, além disso, tinha a motivação mais ideológica. Como falei no começo eu militava num partido. A gente tinha discussões de tentar intervir nesse processo.

Juliana Qual o partido de que você participava?

Lucas Eu era da LER-QI.

Juliana Como você ficava sabendo o que tava acontecendo? Como você obtinha informação sobre os protestos?

Lucas Tava muito presente no dia a dia. No meu círculo social quase todo mundo ia. Estudante da história, trabalhador de onde eu tava que era tudo estudante da FFLCH também. Então era algo muito comum as pessoas comentarem nos lugares onde eu tava. Isso no começo. Depois tomou uma proporção que qualquer lugar que você ia tava todo mundo conversando. Era meu pai me procurando pra tentar entender o que tava acontecendo, se valia à pena ir pra rua. Meus primos tudo indo à manifestação no bairro deles.

Juliana Seu pai chegou a ir pra rua?

Lucas Meu pai não. Mas meus primos... tenho uns 10 primos aqui e todos foram. Tem um primo meu que mora numas bibocas da penha que até hoje nem sei chegar. Ele chegou a organizar o bairro dele pra ir às manifestações. E uma galera.

Juliana Mas eles ficavam mais no bairro ou iam pra paulista?

Lucas Eles ficavam mais no bairro e às vezes iam pra paulista.

Juliana Legal. E como você utilizava os meios de comunicação durante os protestos? Seja em casa, seja na rua.

Lucas Eu lembro o medo da repressão e ela sempre acontecia, forçava a gente a estar sempre em contato. A galera que se conhecia, meus amigos, pelo whatsapp. Não lembro nem se era whatsapp ou se era por SMS. A gente ficava mandando mensagem no celular pra ficar se achando, tentar entender o que tava acontecendo. Nessa de segunda-feira eu lembro que eu tava na Berrini e tinha gente na Paulista. Tava tudo lotado e a gente ficava trocando informação pelo celular. E a comunicação muito pelo facebook. Esse meu primo que organizou as coisas lá na parte que ele morava era tudo por facebook e colava uma galera.

Juliana Você chegou a postar algo na época no se facebook?

Lucas Postava o que eu tava achando. Eu nem lembro muito bem. Isso não me marcou muito.

Juliana Você fez algum contato novo, contato com pessoas que você não conhecia antes depois que você se envolveu nos protestos?

Lucas Olha, eu fiz, eu fiz. Conheci gente correndo da polícia, dividindo vinagre. Lembro que teve um ato que a gente ficou preso uma cota no shopping paulista. Uma parte desceu para a Vergueiro correndo e alguém teve uma brilhante ideia de invadir o shopping e eu fui atrás. Eu e minha galera. Daí lá foi foda. Porque todo mundo ficou trancado lá e a polícia começou a jogar gás dentro e eu conheci um monte de gente lá dentro.

Juliana Você pode me contar um pouco dessa experiência do shopping?

Lucas Como eu disse, eu não lembro a ordem e as datas dos atos. Eu lembro que a classe média inteira foi pra rua e antes não. Esse ato foi um dos antes disso. Eu lembro que a gente tava na Paulista, tava um clima tensíssimo. A gente andando na Paulista e as luzes iam apagando. Você via que a prefeitura tava no meio tentando minar o ato ajudando a PM a tocar o terror. A prefeitura ia desligando a luz da Paulista e o helicóptero da PM atrás com aquele barulho e aquela luz bizarra deles em cima da manifestação. Bem clima de terror. A manifestação ia acabar na Praça Oswaldo Cruz que é a praça que fica em frente ao shopping. Ela não ia continuar depois. E a gente chegou lá e de fato ela começou a dispersar. Só que a polícia começou a tacar muita bomba e não deixou dispersar. Ela começou a tacar bomba da Paulista em direção ao shopping pra gente não conseguir correr pra Paulista pra pegar metrô até porque tava tudo fechado. Aí no impulso uma galera desceu correndo em direção à Vergueiro e lá teve uma confusão parece, eu não tava lá. Aí eu fui com outra galera que arrombou a porta do shopping e ficou lá dentro. A gente entrou correndo e os seguranças fecharam a porta do shopping, só que a polícia começou a jogar bomba de gás, pedir pros seguranças abrirem a porta e jogar bom de gás lá dentro. Mas não tinha nenhuma saída, era bem sádico da parte deles. Teve uma hora que o próprio segurança chegou pra gente e falou: 'tem uma saída de emergência, foge logo antes que os caras entrem aqui e prendam todo mundo'. Aí ele abriu a saída de emergência pra gente sair por trás. Aí uma galera que moscou lá dentro acabou sendo presa, eu saí. Foi foda. A gente entrou tinha trabalhador do shopping lá dentro ainda. Tinha um quiosque do Starbucks e duas minas ficaram por lá, talvez com medo de largar o posto de trabalho. Aí uma delas desmaiou e um amigo meu que emprestou vinagre pra ela, ajudou ela. A polícia não tava nem aí.

Juliana Você manteve algum contato ou foi algo só do momento?

Lucas Eu não mantive nada. A galera que eu conheci naquela época, assim, eu conheci muita gente nos lugares que eu tava por causa de junho. Na faculdade e no trabalho. Conversar sobre os protestos aproximava socialmente pessoas nos lugares onde eu tava cotidianamente. Essas pessoas eu mantive contato porque eu tava no mesmo lugar que elas todo dia. Mas gente que eu conheci em ato não manteve nenhum contato não.

Juliana Queria que você falasse pessoalmente o que ficou pra você dos protestos, o que significou a sua participação. O que significou para você ter vivido isso.

Lucas Ah cara, pra mim foi um negócio bem marcante. Não só a experiência com a repressão policial no nível que foi participar de uma luta que no fim foi vitoriosa, uma coisa que nunca tinha acontecido comigo. Sempre tomando na cabeça só. Isso marcou bastante. Mas o que mais me marcou mesmo foi justamente o que a maioria das pessoas acha que foi o que estragou isso. Que foi o momento que massificou tudo e virou uma confusão de pauta e um grupo heterogêneo fazendo um monte de coisa na cidade inteira e o negócio ficou puta confuso. Porque realmente não tinha uma direção aquele processo tanto que depois que a revogou o aumento da tarifa o negócio foi morrendo aos poucos. Mas aquilo mudou. Pra mim foi uma experiência muito interessante ter contato com o processo político de massas pela primeira vez. Quebrou um certo pedantismo que eu tinha. Eu militei organizado por três anos na LER-QI. Sempre muito convicto do que tava fazendo, mas participar daquilo em junho me mostrou que, na real, eu tinha uma perspectiva

bem pedante de como fazer as coisas. Isso muito porque muita gente... você perguntou se eu conheci gente nova, até conheci algumas pessoas, mas o que mais me marcou foi que muita gente que eu conhecia antes despertou pra vida política naquele processo. E normalmente de um jeito muito diferente do que a galera que militava onde eu tava na universidade via como militância. Esse meu primo que organizava as coisas lá na penha criava um evento com a bandeira do Brasil e falava 'vamo pra rua contra a corrupção'. Só que aí você trocava ideia com ele e com a galera que ele mobilizava lá era um bagulho muito louco. Era a galera falando: 'tô aqui me fudendo, a galera aumentando o busão, não tem aparelho de saúde pra gente usar, mas os caras tão lá desviando milhões então vamos pra rua pra ver se a gente detona essas caras'. Era um bagulho muito da hora. Só que o problema era que muitas vezes era confuso porque acaba indo na linha da Globo. Acabava sendo dirigido por setores oportunistas de direita. Mas o processo de fazer política no cotidiano onde essas pessoas moravam era muito da hora. Então pra mim foi muito louco ter contato com isso. Imagina, na SP Prev eu dividia minha baia no trabalho com uma moça evangélica e ela morava em Poá. Ela era da igreja batista, muito evangélica. Eu nunca tinha conseguido conversar com ela até junho. Mas aí depois de junho a igreja dela organizava coisas no bairro dela. Era muito doida! Ela nunca largava o discurso religioso, mas indo pra rua, indo pra luta. Ela pensando como organizar os irmãos da igreja pra fazer luta com ela também porque tava tudo uma bosta onde ela morava e tinha que lutar mesmo. Era muito louco! E o pedantismo que eu carregava da minha militância da LER-QI na universidade antes não deixava eu ver essas pessoas como agentes políticos. Ouvi-las de igual pra igual e a partir de junho comecei a repensar várias coisas nesse sentido. Foi um processo bem rico pra mim e é o que eu carrego de principal.

Juliana Me fala sua idade, onde você e sua profissão, por favor.

Lucas 24, Pirituba, na época, funcionário da USP.

Juliana Queria te pedir uma indicação de alguém, por exemplo, esse seu primo e também essa moça do seu antigo trabalho.

Lucas Eu falo com você pelo whatsapp, vou falar com ele primeiro. Eu posso até te indicar alguém da USP. Mas acho que vai ser da hora entrevistar ele.

Juliana Obrigada.

Entrevista XVI: realizada com Carlos pelo telefone em 13 de março de 2015.

Juliana O que você lembra dos protestos de uma maneira geral?

Carlos O que ficou marcado, na verdade, foi o transporte público, o preço da passagem. Mas acabou entrando outras coisas, o contexto, questão de, não sei eu estou contaminado pelo que tá agora, tinha também a questão da corrupção por conta do mensalão que ainda estava mesmo próximo. Lembro que tinha isso também. E tinha não sei se era a PEC 90.

Juliana 37

Carlos Isso 37, que acabou entrando. Mas quando eu fui mesmo, foi no pico do transporte que tava pegando, os 20 centavos. O que me moveu não foi só os 20 centavos, mas o que movimentou a maioria da galera foi principalmente isso.

Juliana Como você participou, de que maneiras você participou desse movimento?

Carlos Na vez que eu fui. Aí que tá né. Acho bacana a forma como você coloca a pergunta porque não necessariamente é indo pra rua, né. Acho que o principal foi

ir mesmo numa passeata que teve que acho que foi numa quarta-feira. Foi no dia que saiu praça da sé e parou no Trianon e aí foram por várias frente e a frente que eu fui foi pela Brigadeiro. Mas todo dia que tinha eu divulgava pros amigos, tentava ir também, mas acabava não rolando. Teve uma que começou do lado de casa aqui, só que eu tava trabalhando e não ia adiantar muito ser do lado de casa.

Juliana Onde você mora?

Carlos Moro na região da Penha, próximo a Tiquatira.

Juliana Você trabalha onde?

Carlos Na época eu trabalhava. Eu tava na Camicado em 2013, na Água Branca, eu acho. No prédio da água branca.

Juliana Mais perto do centro que sua casa, né

Carlos Sim, até dava né. Eu ia participar nesse dia só que quando eu cheguei aqui não tinha nada no ponto inicial. Começou 5 horas e eu cheguei umas seis e meia, 7 horas. Aí já não tinha mais nada. Aí pensei: o pessoal já tava mais longe. O lugar aqui não é igual metrô que o pessoal desce e já tá lá. Mas foi uma manifestação que foram saindo de vários pontos da zona leste e um deles era aqui do lado de casa. Aqui acho que juntou sei lá... parei no posto até que foi perto de onde saiu e o pessoal falou que teve umas 100 pessoas no máximo.

Juliana Você disse que divulgava... como era?

Carlos Divulgava via face. Comentava com o pessoal. Na época até me propus bastante a incentivar e mostrar que não era nada violento. Porque tinha muita gente ainda que ficava com receio por conta de violência, que "ah, o protesto vai ser violento". Então eu tentava levar esse outro lado. principalmente depois que eu fui a um dos dias e eu disse: 'eu fui, foi super tranquilo e é bacana sentir e ver o poder da população quando junta'. e era mais assim, conversando com quem era próximo e divulgando mais pras pessoas próximas. agora eu tô pensando. foi mais divulgação mais de contato presencial do que via face e essas coisas.

Juliana Como foi pra você a sua experiência nas ruas? O que te marcou mais?

Carlos Olha, acho que o que marcou mais foi ver as pessoas comuns do lado. Não era gente que era manifestante assíduo. Eu me identificava ali no grupo porque eu via bastante gente como eu, gente que tava trabalhando insatisfeita com a forma que tava e encontrou um caminho de expor a insatisfação para mudar alguma coisa.

Juliana E você costumava ir com quem quando você ia pro protesto?

Carlos Fui com minha esposa, amigos. Um irmão dela, um tio dela.

Juliana Você lembra a data?

Carlos A data exata não vou saber te falar. Mas eu lembro que foi numa quarta-feira.

Juliana Nesse dia que você foi não teve violência?

Carlos Não, foi super tranquilo. A única coisa que complicou um pouco foi na hora de ir embora e tinha muita gente no metrô e aí o pessoal já tava naquela de 'eu tô protestando contra o aumento do transporte então eu me recuso a pagar o transporte'. Então o metrô acabou abrindo as catracas e a gente acabou entrando tranquilo.

Juliana Você entrou de graça?

Carlos É a gente acabou passando.

Juliana Como você ficava sabendo quando ia ter protesto, o que tava acontecendo na rua?

Carlos A gente se informava mais pelo face mesmo. Acabava recebendo via face. Mas eu confirmava com amigos. Vai ter mesmo, vai ser em tal local e tal.

- Juliana** Você chegou a fazer algum contato por causa de tá participando ou algum novo contato depois de ter entrado no movimento?
- Carlos** Como assim?
- Juliana** Você conheceu alguém por causa disso?
- Carlos** Ah entendi. Deixa-meeu pensar. Acho que não. Não fiz não, porque... primeiro porque meu primo já dava alguns caminhos. Até antes de estourar a manifestação ele tava bem freqüente no movimento passe livre e depois que ele viu que tomou uma proporção maior ele saiu e tal. Mas era ele que eu tinha de contato mais próximo.
- Juliana** Com quem você costumava conversar a respeito e em que ambientes você falava a respeito?
- Carlos** Eu sou uma pessoa bastante preocupada e informada até sobre o que acontece. Mas não é todo ambiente que eu vou falar por conta de... Às vezes, o pessoal tem uma visão tão cega e eu não tenho a contribuir a ela porque ela não permite e ela não tem a contribuir a mim. Mas geralmente era mais no trabalho e em roda de amigo.
- Juliana** Você pode me dizer como você usava os meios de comunicação durante os protestos?
- Carlos** Você diz, como assim, redes, facebook?
- Juliana** Facebook, TV, telefone, no geral.
- Carlos** Ah, no jornal passava na TV, na época eu acessava mais páginas de jornal na internet. E só praticamente. Facebook e normal. Na época também tava...
- Juliana** Era mais pra informação então?
- Carlos** Mais pra informação. Não era tanto... você diz pra comunicar?
- Juliana** É. De forma geral. Vamos supor, durante o protesto tava lá na rua e usou o celular?
- Carlos** Ah não. Tava lá pra falar só.
- Juliana** ou então assistia ao jornal pra saber a respeito. Ou você usava a internet pra saber mais ou pra divulgar alguma coisa. Você já falou um pouco.
- Carlos** Na hora ali você diz?
- Juliana** Na hora ou em casa, tanto faz.
- Carlos** Não. Eu acompanhava mais as notícias no geral. Comunicar-me também não. Não sou poser.
- Juliana** Eu queria saber o que ficou pra você disso hoje, qual sua análise pessoal, o que significou sua participação pessoal nisso?
- Carlos** Eu cheguei numa conclusão depois de tudo que aconteceu que a voz do povo causa mudança, mas se não tive foco, não vai pra lugar nenhum. Ali foi aquele negócio, por mais que a gente tenha mostrado que a revolta não era só pelos 20 centavos, este era o foco central e depois que abaixou, virou bagunça de black bloc. Ainda tem uma, não sei exatamente, até movimento político pra discriminar a manifestação. Vai ter agora no dia 15 (de março de 15). Fica todo mundo naquela, “ah, vamos manifestar”. Mas ainda tá muito nebuloso o foco central. O Brasil inteiro está muito dividido por várias coisas, e muita coisa errada só que não dá pra protestar por todas as coisas erradas do mundo. Ali foi um exemplo, junho foi o exemplo disso, tinha uma coisa errada que tava errada pra todo mundo e todo mundo foi e protestou e deu certo.
- Juliana** A passagem você diz?

- Carlos** É, então. Muita coisa errada, mas se não focar não vai pra frente.
- Juliana** Você gostou de ter participado, você acha que foi importante?
- Carlos** Gostei. Foi muito importante. Acho que foi fundamental pra gente que é de outra geração ver que você tá num país tem muita coisa pra fazer e se ficar parado não vai mudar.
- Juliana** Informe sua idade, profissão e local onde mora em São Paulo.
- Carlos** 27 anos, profissão: consultor de treinamento, na época eu era analista de treinamento de uma empresa. Moro na penha

Entrevista XVII: realizada com Maurício pelo telefone em 18 de março de 2015.

- Juliana** O que você lembra dos protestos de junho de 2013 em São Paulo?
- Maurício** Olha, eu lembro que pra mim foi mágico aquele momento porque eu sempre achei que na minha geração sempre foi muito acomodada. Então quando eu vi aquela onda, aquela euforia do pessoal querendo ir pra rua por causa de inicialmente aqueles tais 20 centavos e a revolta do povo por aquela questão dos 20 centavos. Então, como eu sempre quis viver isso, acho que a gente era muito acomodada, eu achei aquilo mágico, sensacional e quis fazer parte. Mas eu acho que inicialmente foi bacana, mas depois com o passar do tempo nos protestos, nas manifestações, achei que foi muito raso, essa visão genérica.
- Juliana** Mas em relação a que?
- Maurício** Acho que quando a manifestação tomou força e foi ouvida e aquilo que estava sendo exigido pelo grupo do transporte, o MPL, se não me engano, alguma coisa assim, não lembro a sigla agora. Quando atingiu o objetivo deles e a força tava muito grande, acho que se dispersou. Acho que faltou liderança talvez. Acho que no todo foi raso. Pegou uma migalha e ficou naquilo, entendeu?
- Juliana** Quais eram as suas motivações pessoais pra participar?
- Maurício** Eu acho que tá tudo errado. Aquilo foi um gancho e eu quis fazer parte para que fosse volumoso mesmo, pra que ganhasse força, porque acho que era uma oportunidade enorme de fazer uma mobilização para mudar realmente o país. Quando, no primeiro momento, eu me emocionei quando eu vi aquela situação e pensei comigo: 'meu, eu tenho que fazer parte disso'. Mas não apenas por causa da questão do transporte, acho que a questão do transporte era uma coisa muito pequena. Acho que se todos fizessem parte daquele movimento contra o aumento do transporte público, da tarifa do transporte, seria uma mobilização grande e a partir dali pegaria outros temas: corrupção, rever todo o sistema das licitações que sempre tem corrupção em licitação, acho que esse era um tema que deveria ser revisto e que deveria ser colocado em pauta, ainda mais no transporte público que é muito corrupto. Inicialmente eu fui pra dar força com esperança de que aquele movimento não ficasse só na questão do transporte. Então a minha motivação era essa: tentar arrumar maneiras, exigir que o governo arrume maneiras de diminuir a corrupção em licitações que é um absurdo.
- Juliana** Você pode me falar da sua participação: de que formas você participou?
- Maurício** Eu fui, se não me engano, em três manifestações. A partir da terceira eu já me desmotivei porque eu vi que não fazia parte daquilo contra o que eu protestava. Mas no momento que eu soube, teve aquela violência toda nos protestos, nas manifestações. E pessoalmente eu tinha um filho de quatro ou cinco meses pra mim foi tipo meio que entre a cruz e a espada. Mas minha esposa, tenho certeza

que se ela não estivesse com um bebezinho, ela também teria ido. Mas eu fui sozinho. Até alguns amigos do trabalho falaram que iam também, 'vamo se encontrar em tal lugar', mas acabou não rolando, então eu fui sozinho. E em uma delas um amigo meu também quis ir, eu falei que iria e ele foi, mas eu acho que ele era uma das pessoas que depois me desmotivou.

Juliana Por quê?

Maurício Porque a gente chegou na Paulista, começou a andar, 300, 500 metros: 'mas po, pra onde vai? Meu, já tá bom'. Depois que andou 1 km, "ah, mas tá indo pra onde?" Meu, você tá ali por quê? Tipo, a gente passou por um lugar, a gente tava no metrô república se não me engano, uma estação nova que tem uma enorme escadaria, e achei sensacional que a escadaria tava tomada de gente, o metrô tava tomado e ele: "meu, e aí, vamo pra onde agora? ah vamo pegar uma cerveja ali?" falei: "cara, me desculpa, eu não vim aqui pra beber". E esse tipo, até da última vez que eu fui, esse tipo de coisa que me desmotivou. Porque eu percebi que pra muitas pessoas ali não fazia o sentido que fazia pra mim.

Juliana Você chegou a conhecer alguém nesses dias que você foi sozinho pra te acompanhar ou ficou sozinho mesmo?

Maurício Eu acabava me agrupando com pessoas que cantavam o coro que eu achava que faziam sentido que não ficavam só naquela questão rasa do transporte. Então acabava me agrupando, mas não conhecer a pessoa, conversar sobre alguma coisa, não.

Juliana Como que foi a sua experiência na rua, fala um pouco mais, você falou do seu amigo, algumas coisas que te marcaram estando na rua.

Maurício Uma coisa que me marcou muito negativamente e logo em seguida positivamente foi que eu vi grupos andando e tinha uma máquina de refrigerante ao lado de uma banca de jornal e eles começaram a bater e tentar quebrar, arrombar aquela máquina e eu achamos aquilo um absurdo. Aí eles derrubaram a máquina, tentando arrombar e achei aquilo: 'meu, o que você tá fazendo aqui?' mas de positivo foi que, logo em seguida, todo mundo aglomerou naquele grupo e impediu que eles continuassem com isso. Depois mais à frente o grupo tentou arrombar uma loja, começou a dar chutes na porta de aço da loja, começou a arrombar a loja e outras pessoas que estavam perto também, nesse momento até quase saiu briga entre quem realmente estava ali com um sentido e quem estava ali por causa da baderna. Achei isso um ponto marcante. Outra coisa, em alguns momentos eu vi senhores, um senhor de uns 60 anos, com, sei lá, devia ser filho, de 40 ou 30 e poucos anos gritando em coro e isso achei fantástico. Só que assim, no fundo acho que foi tudo muito raso. Acho que o movimento começou pelo MPL, mas eu acho que não sei se é muito teoria da conspiração, acho que depois da última reunião que eles tiveram com o governador e com o prefeito, acho que o governo acabou abrindo mão, revogando o aumento e eles simplesmente 'ah, tá bom, tá tudo bem'. Mas alguns dias depois tiveram outras manifestações só que eles não acompanharam e falaram que o que eles reivindicaram tinha sido atendido e que eles não iam fazer parte. Isso achei que foi mesquinho, tipo: 'resolvi a causa que eu conheço...', tudo bem que eles podiam não ter conhecimento de causa sobre licitações e corrupção, mas acho que eles poderiam ter dado força. No fundo acho que o que faltou foi uma liderança, alguém que quisesse alguma coisa além de um aumento de transporte. Porque naquele momento a população tinha muita força e se tivesse uma liderança ali pra guiar.

Eu achei ridículo, por exemplo, tem aquele grupo Anonymous que provavelmente é um grupo de nerds, não tenho nada contra nerd, eu sou nerd, mas era um grupo de nerds anônimos que simplesmente estava pautando reivindicações e achei aquilo bacana, mas ao mesmo tempo frustrante porque "como assim? vocês nem sabem quem são as pessoas!" mas eu lembro que eles pontuaram: 1) renúncia do Renan da presidência; 2) sei lá... eu não lembro quais eram os temas.

Juliana Tinha 5 pontos, né?

Maurício Eram 5 pontos. Se eu não me engano o primeiro era o Renan abdicar da presidência e os outros eu não me recordo quais eram. Achei aquilo bacana, mas de certa forma só aconteceu aquilo com esse grupo Anonymous porque não tinha uma força, um guia, um líder político para pegar essa galera e levar em frente. Ou talvez a nossa geração seja fraca politicamente falando e não conseguiu se unir por um objetivo além daquilo do MPL.

Juliana Você citou o Anonymous. Como você ficava sabendo das coisas que estavam acontecendo?

Maurício Facebook, internet. O principal canal era o facebook

Juliana Você lembra de alguma página específica que você seguia ou era algo mais relacionado a pessoas que compartilhavam informações e você acompanhava? Quais eram suas fontes dentro do facebook, que páginas você via pra saber o que estava rolando?

Maurício Inicialmente MPL, Anonymous, canal ninja, se não me engano.

Juliana A mídia NINJA?

Maurício Mídia NINJA. Além de amigos meus que também participaram, não fomos juntos, mas tinha amigos que foram também e iam repassando informação que eles iam captando.

Juliana E você postava coisas também ou era também mais pra você saber o que tava rolando?

Maurício Eu repassava informação. Algo confiável. Eu não pegava informação do blog do Zezinho. Até confesso que em certo momento eu comecei a pegar informação sabendo que não era verdadeira e repassando pra ver se o pessoal se mexia. Tenho um irmão que é GCM (guarda civil municipal) de diadema e teve um protesto em diadema e ele me ligou ou o postou alguma coisa no facebook: "meu, isso é um absurdo, vão parar o centro de diadema pra protestar, vai ter quebra-quebra". eu fiquei indignado com aquilo, porque eu acho que ele deveria fazer a parte dele, é claro que ele tá trabalhando e ele vai ter que promover a segurança, mas ele deveria estar dando apoio: 'po, que legal que aquele pessoal, aquele grupo tá tentando fazer diferença'.

Juliana E ele não apoiou, ele tava contra?

Maurício Ele não apoiou. Aliás, muitas pessoas que eu conheço não apoiaram. Estações de rádio, programas de rádio que eu escuto, achavam um absurdo parar a paulista.

Juliana Atrapalhar os carros...

Maurício É, 'ah tem um hospital... "porque tem o hospital das clínicas que fica na Rebouças e tem o acesso ali pela Consolação, Rebouças, Doutor Arnaldo e a Paulista são as principais vias de acesso. Falavam 'ah, tem um hospital aqui que tem acesso pela paulista e o pessoal trava tudo'. só que é um pensamento pequeno porque é claro que você não vai querer que a pessoa morra porque tá numa ambulância, não é essa questão. só que se as pessoas estão ali abdicando de seu lazer, do seu

descanso pra estar na paulista embaixo de chuva, sol, sei lá, acho que é muito maior que, 'po, você tá aqui atrapalhando meu trânsito'.

Juliana Em que ambientes você conversava sobre o que tava acontecendo?

Maurício No trabalho e em casa. A minha esposa também tem o mesmo pensamento que eu sobre as condições em que a gente vive no Brasil, as condições de corrupção. E no trabalho tenho um amigo que é um cara bem politicamente ativo pelo menos no face, ou tem uma cabeça feita pra isso. Então seriam esses contatos. Tem alguns outros amigos também.

Juliana Você falou do trânsito, o que você achou de estar na rua realmente causando esse caos maior na cidade?

Maurício Acho que isso é uma mentira. Acho que o caos na cidade quem causa não é o manifestante. Ele tá ali justamente para acabar com o caos que existe na cidade, nos estados. Acho que é pequeno, atrapalha. Teve um dia que eu estava indo embora e teve manifestação na marginal. Eu fiquei na marginal, mas ouvindo na rádio, na CBN sobre o que tava acontecendo, e eu não fiquei nenhum pouco puto da vida ou algo assim. Achei: 'meu, se eu pudesse sair do meu carro agora e ajudar, eu ajudaria'. Acho que todo mundo deveria pensar assim. Na época eu até falei, 'meu, calhou que um pouco antes ou na mesma época dessas manifestações tava tendo na Ucrânia também aquela, mas lá foi muito mais violento a questão de se a Ucrânia iria pra união européia ou se continuaria aliada da Rússia e tem toda aquela questão política deles. Só que lá eles realmente queriam, eles tomaram a praça e a polícia, era bordoadada, era bala de verdade, teve morte. E eu até lembro que na época eu falei 'meu, aqueles caras são corajosos, eles realmente querem alguma coisa pelo país. Porque hoje eu com meu filho eu não iria colocar minha vida em risco'. Se eu acreditar que eu vou lá para colocar minha vida em risco, não apanhar porque isso pode acontecer, mas tomar um tiro, alguma coisa assim, como houve mortes lá na Ucrânia, eu não faria parte. Só que aqui, nessa questão do trânsito, as pessoas que estão no trânsito nem parte de um movimento pacífico que não oferece risco nenhum à integridade deles, eles apóiam. Eles simplesmente ficam sentados nos carros bacanas deles, ou até no fusquinha véio e tá reclamando. Às vezes a pessoa que tá no fusquinha velho reclama mais do que a pessoa que tá num carro bacana.

Juliana Num dos protestos que eu fui tinha um senhor todo feliz que tava tudo parado. Ele desceu do carro e ficou curtindo lá com a gente.

Maurício Como você utilizava meios de comunicação nos protestos?

Juliana Era basicamente rede social. Tirava foto a todo instante, postava. Falava da minha opinião sobre isso. Até sobre a rede social quando tem muitas pessoas no mesmo local usando o 3g que é maravilhoso aqui, que é uma outra coisa que tudo bem que não é um problema essencial, mas meu as empresas de telecomunicação esfolam o brasileiro e tá tudo bem, mas beleza, não é esse o foco, mas eu vi pessoas com faixa e isso eu achei sensacional. Quer dizer, a pessoa não estava fazendo parte do protesto, ela não tava na rua, mas colocou faixa na casa dela 'wi-fi' livre e colocou a senha. Meu, sensacional. E era basicamente rede social. Acho que se não fosse rede social nem teria tomado a proporção que tomou porque a mídia, a TV, não passava tudo como realmente aconteceu e a gente ficava sabendo através de mídias alternativas, podcasts, youtubers postando informação. E essa informação que a gente repassava, que eu repassava.

Maurício Eu queria que você falasse o que ter tido essa vivência significou pra você. Pra

hoje que você faz uma análise um pouco mais distante. O que você acha que significou isso tudo?

Juliana Pra mim significou magia e frustração ao mesmo tempo. Porque o último dia que eu fui já tava naquele momento dos partidos políticos querendo se envolver no protesto. Eu achei ridículo o que fizeram com as pessoas do partido. Acho que era do PT. Eu odeio o PT, odeio o PSDB, acho que tá tudo errado, mas eu não acho que é do jeito que fizeram lá que foi a partir daí que eu me desmotivei. Porque partiram pra ignorância pra expulsar eles, quebrando as bandeiras, rasgando as camisas. Então, quer dizer, que democracia é essa? No final foi tipo um sopro de vida, tipo: "nossa geração pode fazer alguma coisa". Mas no final, não, é um bando de ignorante. Não sei se posso comentar algo sobre os protestos de hoje, mas fazendo um paralelo, teve uma moça, fizeram uma entrevista com uma menina de 17 anos perguntando se ela era de esquerda ou direita, o que ela achava do impeachment. E ela, com 17 anos, ainda não entende. Eu, com 17 anos, não entendia realmente tudo que era política e ela se perdeu: "ah não, deixa eu perguntar pra minha mãe" e isso virou um viral na internet zoando ela, "que menina tosca". Muitas pessoas que estão falando que ela é tosca não estavam lá. Sabe, a pessoa nem tenta fazer nada e já sai criticando. E muitos que tentam, vão lá pra fazer cartaz de, sei lá: "eu jogo low, aqui tá meu nick, me adiciona lá". Sabe, você tá no lugar errado. Eu vi umas coisas ridículas. Piadas toscas em cartazes.

Maurício Ah, você chegou a ir no domingo então?

Juliana Nesse domingo não, esses cartazes eu vi em 2013, na Paulista. Foi o último dia que eu fui, que eu falei: "cara, tem pessoas aqui que não sei o que eles queriam". Não sei se era anarquia ou alguma coisa do tipo. Cantando 'sou brasileiro com muito orgulho com muito amor'. Isso é um hino de futebol sabe? Espancando, expulsando. Gente, isola eles, é só isolar os caras. Eles têm o direito de estar ali. Se eles ganharam 35 reais e um pão com mortadela não interessa a você. Faça sua parte e esqueça. acho que se perdeu nesse momento. Então pra mim foi mágico no momento em que eu vi que tomou aquela força enorme de que todo mundo fez parte, mas foi frustrante de ver absurdos, de piadinha nos cartazes e sei lá, esse tipo de coisa.

Maurício Por favor, me fale sua idade, profissão e local onde mora em São Paulo.

Juliana Tenho 33 anos. Sou analista de sistemas. Moro na zona leste, vila formosa.

Entrevista XVIII: realizada com Vagner pelo telefone em 19 de março de 2015.

Juliana Você é formado em quê?

Vagner Sou químico ambiental, fiz UNESP de rio preto, depois fui pra Unicamp, fiz mestrado. Fiz mestrado em química orgânica.

Juliana Você trabalha com isso?

Vagner Eu não trabalho diretamente. Agora eu sou professor, dou aula... de petróleo. Dou aula de química orgânica.

Juliana Aonde você dá aula?

Vagner Dou aula atualmente em duas universidades. Moro em São Paulo, mas trabalho em Santos.

Juliana Voltando para 2013, o que você lembra do que aconteceu dos protestos de 2013?

Vagner Eu lembro que a primeira vez que começou a manifestação, porque eu to dentro do CRUSP na USP, e começou os movimentos do passe livre e no primeiro evento teve poucos, eu recebi o convite no facebook pra todos, só que eu não cheguei a ir, eu só fiquei acompanhando pelo Mídia NINJA. E a cada, eu lembro que tinha manifestação e como a prefeitura e o governo não dialogavam pra retroceder o aumento o movimento chamava sempre um número maior de pessoas para manifestação seguinte. E eu acho que foi a sexta manifestação que foi aquele alvoroço todo em São Paulo que pegou a faria lima, a ponte Estaiada e várias outras ruas da cidade.

Juliana Você chegou a ir aos protestos

Vagner Eu fui nesse último e acompanhei muitos deles pela internet. Eu tava, naquela situação, meio preocupado, eu tinha pedido demissão e não sabia com que eu ia trabalhar. Então eu tava sempre na buscar por alguma coisa. Então por isso não cheguei a participar mais ativamente dessas primeiras manifestações. Mas meus alunos eu sei que eles foram.

Juliana De que formas você chegou a participar? Como foi sua participação?

Vagner Aquilo que acho que foi... no momento. Nessa sexta manifestação que tomou a população geral começou a ter desfoque das reivindicações. Agora, algumas coisas que eu achava bastante interessantes que eu lembro que ficou marcado foi quando a gente, porque tem a USP pra você acessar a Rebouças tem que passar por uma avenida chamada Vital Brasil, no final dela, junto com a Francisco Moratto tem duas pontes, uma ponte que cai direto na Rebouças e uma outra que cai em pinheiros. Nós andamos a pé por essa ponte, então não passava mais nenhum veículo. Não é que não passava. Eles passavam em apenas uma das faixas porque o pessoal tava passando por elas. E eu lembro de uma cena que nós passamos por um ônibus...

Juliana Isso foi no dia do protesto?

Vagner Nós saímos da USP, marcamos no CRUSP o ponto de encontro e saímos com os alunos. Nós andamos a pé toda a avenida até chegar ao ponto inicial que iam sair os manifestantes. Então nós passamos por essa ponte e algo que foi bastante interessante é que as pessoas dentro dos ônibus estavam aplaudindo a gente por ir na manifestação. Você percebia que era um ônibus intermunicipal que as pessoas possivelmente trabalhavam em São Paulo e estava indo pras cidades da grande São Paulo, essas que são mais próximas aqui de São Paulo, Taboão da Serra, Embu das Artes, enfim. Então esse foi um fato interessante porque você via que tinham pessoas que queriam participar de alguma forma, mas não podiam porque estavam trabalhando ou tinham outras coisas que impediam de se manifestar. Aí nós chegamos ao largo da batata tinha aquele mundaréu de gente. Pela primeira vez eu respondi uma pesquisa, uma moça do datafolha me parou, mas aí eu realmente respondi. Tinha vários do datafolha fazendo a pesquisa sobre os manifestantes. Aí a gente começou a andar sabe lá pra onde, era muita gente e a gente começou a andar, andar, andar. E tinha vários grupos dentro da manifestação. Quando chegou na Rebouças teve gente que queria subir a Rebouças pra chegar na Paulista. Tinha gente que queria ir pra rede globo e aí o que seria um ponto de partida começou a virar vários. Teve um momento da manifestação que tinha grupos com aquelas faixas enormes e eles colocavam sabe como se fosse boi quando tem aquela cerquinha pra direcionar o boi? Eles usavam essas faixas pra ir direcionando porque tinha gente que queria ir direto e tinha grupo que queria ir lá no Palácio do Governador, Palácio dos Bandeirantes. E eles pegaram essas faixas porque se você fosse direto ia

caminho da rede globo e se você virasse ia caminho palácio dos bandeirantes. E aí começou a desfocar o grupo e esse pessoal veio com essa faixa pra fazer o pessoal virar pra ir pro palácio do governador. Teve muita coisa. Quando a gente saiu da faria lima pra pegar a Juscelino Kubitschek, ela é paralela a Rebouças, aí a gente tava indo caminho pra Berini e eu vi um pessoal agredindo um pessoal, não lembro exatamente, acho que era PSOL porque eu lembro muito do amarelo e eu lembro do pessoal agredindo pra tirar as bandeiras. E aquela coisa, tinha gente falando muito palavrão, pulando e achando que era desfile de escola de samba. Teve muita coisa assim. Faz parte. Quando você convoca multidões é provável que isso aconteça. Mas aí você vê que o foco principal que acho que o MPL buscou que era a redução acabou indo pra outros temas.

Juliana Nesse dia você acabou indo pra onde?

Vagner Nesse dia eu andei pra caramba, eu e minhas amigas andamos pra caramba. Eu fui com o pessoal da USP, mas chegou lá e não teve como a gente se manter junto. Os mais próximos se seguraram e foram. Encontramos vários conhecidos no meio do caminho. E nessa que eu te falei de que se você virasse ia pra globo e se virasse ia pro palácio dos bandeirantes nós ficamos ali um pouco pra decidir aonde nós iríamos porque queríamos decidir por nós mesmos. Aí nós fomos primeiro pra globo e depois pro palácio dos bandeirantes. E teve o pessoal que quis invadir o palácio e os policiais jogaram bomba de gás lacrimogêneo. Foi a primeira e última vez que senti a bomba. 'vinagre, cadê o vinagre?' eu tenho problema de visão, tenho ceratocone, então eu já tava começando a sentir que meus óculos tava fraco e a gente ficou meio longe porque eu sem os óculos não enxergo nada. Então, eu tava lá, mas não tava, porque eu nunca estive de frente pro choque

Juliana Como foi pra você ter vivido isso? O que significou pra você?

Vagner Meu pai é sindicalista, então, eu já participei de outras manifestações, por exemplo, quando o lula foi eleito e teve a manifestação contra a reforma da previdência eu estive em Brasília. Mas todos esses momentos eu sempre fui acompanhando pelo meu pai e era algo meio que direcionado. Não que eu entenda que essa não houve direcionamento, mas acho que teve um pouco mais de liberdade minha em relação a participar ou não. Acho que até por ter vivido o sindicato eu não sou muito de participar com as armas na mão, gosto mais de falar sobre, de discutir sobre. Perdi algumas coisas por não estar na escola, então algumas coisas eu não pude falar com meus alunos pessoalmente, mas eu tenho todos os meus alunos no facebook então o contato com esses meus alunos ainda hoje é grande. Tem aluno meu do mato grosso que me chamou pra ir na formatura dele que vai ser em dezembro desse ano, dei aula pra ele até maio do ano passado. Pelo menos com o ensino médio o público com quem seria interessante discutir foi via internet mesmo porque eu não estava mais com eles no presencial.

Juliana Então você utilizava bastante a internet pra falar a respeito do que acontecia?

Vagner Sim. Em conversas com as pessoas mais próximas. Tenho alguns amigos que são partidários, alguns são parte de partidos não reconhecidos. Outros são militantes do PSTU. Moro com dois que já foram militantes do PSTU. Então tinha as conversas de casa após os acontecimentos. Porque assim, como eu moro dentro do CRUSP, eu tô nesse meio que as pessoas sofriam a todo o momento. Quando eu ia pra casa da minha mãe por ex, como minha mãe via pela TV ela tinha outra impressão da manifestação. Até nessa, por exemplo, que teve agora no dia 15 de março porque nesse ano foi que minha mãe começou a acessar o facebook. Ela criou uma conta ela

começou a ver o quando eu postava de coisas de política. Mas minha mãe não tem muita noção, ela não entende muito bem qual é minha posição. Aí nessa do 15 de março ela acho que eu tava lá e ela me ligou: 'Vagner, você tá Paulista na manifestação?' 'não, mãe, tô indo pra casa, daqui a pouco to aí'. Aí cheguei a casa e conversei com ela. Era isso, coisas que ela via na mídia e ela acabou achando que se tem manifestação eu tô participando de tudo. Aí eu disse: 'não, mãe, não é bem por aí, tem manifestações e manifestações'.

Juliana Quando você participou em 2013 quais eram suas motivações pessoais?

Vagner Então, essa questão do transporte acho meio complicada. Lembro que em 2011 eu e umas amigas minhas que foram, nós fomos pra um mochilão pra Bolívia. Então vimos lá uma outra forma de trabalhar com transporte. Essa minha amiga fez história e foi pra arquitetura. Uma das coisas que eu vi lá, por exemplo, no peru que me marcou mais. Na Bolívia a gente já tava sem dinheiro e cansado então a gente não conseguia analisar bem as coisas. Mas no peru a gente viu uma coisa que era interessante, era barato o transporte. Porque assim, você chegava lá e primeira coisa que você falava: 'nossa, que ônibus sujo, que carro feio, carro sujo e não sei o que'. Só que tinha uma coisa que era primordial: você saía de qualquer lugar e ia para qualquer lugar. Então a meu ver, no meu entendimento, o transporte tem que te dar isso. Você partir do lugar que você tá e poder ir pra qualquer lugar. Então isso você tinha muito bem no peru. Então se você tá lá e com essa cabeça nossa que as coisas têm que ser modernas e limpas. Não é que as coisas lá não eram limpas. A falta de ônibus aqui em São Paulo, se eu comparo com a minha cidade, com Campinas em que eu morei, São Vicente, Rio Preto, a frota em São Paulo é muito boa, mas ela não vai pra todos os lugares. Em São Paulo temos um dos metrô mais modernos do mundo. Então o que acontecia, era 20 centavos o aumento da época. Mas quem pegasse a integração, ônibus e metrô, o aumento era maior do que 20 centavos. Quando você fazia essa conta por dia, por mês. Eu lembro que ida e volta, as contas que eu fiz, era um pouco mais de 10 reais pra ir e voltar. A pessoa que pegasse ônibus e dava um pouco mais ou um pouco menos, mas era mais ou menos por aí, analisou-se muito o valor unitário, mas o valor tina aumentado mais. E é muito comum pegar ônibus e metrô porque só um não atende às necessidades. Então, foi esse o motivo que me levou a realmente participar dessas manifestações do MPL. Eles fizeram manifestações esse ano...

Juliana Como você ficava sabendo do que tava acontecendo na época?

Vagner Pela internet. Eu trabalho com ela, eu faço tudo pelo computador.

Juliana Você chegou a fazer algum contato novo depois que você se envolveu? Você conheceu alguém por conta da sua participação?

Vagner Não.

Juliana Onde você mora?

Vagner Moro no CRUSP.

Entrevista XIX: realizada com Marcela pelo telefone em 23 de março de 2015.

Juliana Me fala o que você lembra dos protestos de junho de 2013.

Marcela Eu acabei participando de um dos protestos, foi acho que foi o maior. Que saiu do largo da batata e foi até o palácio do governo. E a princípio para mim a coisa toda tava sendo articulada pelo movimento passe livre e depois acabou uma dimensão maior e não sei se melhor, mas acabou tomando uma dimensão maior.

Juliana Como foi sua participação, de que maneiras você participou?

Marcela Primeiro eu julguei importante participar porque justamente nessa época eu era estudante de cursinho. Então, como qualquer outro estudante de cursinho eu não tinha direito ao bilhete único de estudante. Pra fazer o cursinho eu tive que largar meu emprego e meus pais tiveram que me bancar por quatro meses, tanto passagem quanto cursinho e eu tava numa situação bem difícil, apertada. Então eu julguei importante principalmente o caso do aumento da passagem pra mim foi o que me levou mesmo a ir no protesto. Eu a princípio não apoiava o passe livre indiscriminadamente. Mas no caso do aumento da passagem sem ter uma infraestrutura própria pra isso pra mim sempre foi o maior guia pra eu ter ido no protesto mesmo.

Juliana Como foi sua experiência na rua? O que te marcou mais?

Marcela No começo pra mim eu sinceramente eu fiquei com um pouco de medo porque nesse protesto que eu fui era o que tinha mais gente, no largo da batata, e na verdade, o que mais me assustou não foi nem a quantidade de gente, mas a quantidade de movimentos sociais e alguns partidos separados que estavam também se articulando nessas manifestações. A princípio eu me senti bem por não estar em casa assistindo o jornal nacional e vendo tudo somente pela TV e ok. Me senti bem de estar fazendo parte de algo, mas depois que tudo começou eu comecei a me sentir mais preocupada com as bandeiras que tavam ali e as representações que tavam ali porque querendo ou não a gente tava do lado delas. Então eu fiquei mais preocupada com que mensagem eu estava passando estando lá.

Juliana Você diz que estava fisicamente do lado das bandeiras?

Marcela Exato. Porque tinha bandeiras de partidos e movimentos, mas eu não fui por causa desses movimentos, entende? Então a princípio eu me senti incomodada, não pelos movimentos estarem lá, mas por estarem lá e tomarem essa manifestação como se fosse um movimento deles. E agrupar todas essas pessoas como se fosse uma força-tarefa deles e não foi. Então eu fiquei preocupada com a mensagem que eu estaria passando estando numa passeata, numa manifestação ao lado de movimentos que eu não estou vinculada.

Juliana Mas você achou que isso aconteceu de fato?

Marcela Essa vinculação? Realmente não sei porque era muita gente e enfim eram vários movimentos. Era muita gente separada, mas eu fiquei preocupada porque infelizmente eu fiquei entre dois grupos e eu não queria passar a mensagem pras pessoas que estavam no protesto de que eu estava com esses grupos.

Juliana Você chegou a ver alguma situação de conflito na rua?

Marcela Então, como eu fui até o palácio do governo chegou uma hora que a gente começou a atravessar a ponte e não chegou a ter conflito, mas muita gente começou a gritar com o pessoal desses movimentos pedindo pra eles abaixarem as bandeiras, dizendo que esses movimentos não os representavam e houve um momento de tensão. Mas acho que o único conflito que teve mesmo foi ali no palácio do governo quando uma galera que tava mascarada começou a subir nas grades, a tacar pedra e tudo mais e a gente não consegue nem ver quem é que faz isso.

Juliana Você ia com quem?

Marcela Eu fui em um só e acabei indo com uma amiga minha e o meu namorado na época

Juliana Você chegou a fazer algum contato durante a manifestação ou depois em alguma ocasião?

Marcela Como assim?

Juliana Você chegou a conhecer alguém por conta da sua participação e do seu envolvimento?

Marcela Eu cheguei a ir em alguns debates depois e algumas palestras que não sei nem se eram promovidas pelo Movimento Passe Livre, mas eu queria entender melhor qual era a pauta do movimento deles. Então acabei indo em alguns debates e rodas de conversa para entender qual era a demanda deles. No início acho que não tava claro pra ninguém que tava no protesto.

Juliana Como você sabia o que estava acontecendo? Qual era sua fonte de informação a respeito?

Marcela A fonte de informação que eu tinha quando começaram a falar movimento passe livre, movimento passe livre acabei procurando no facebook a página deles, um pouco na internet e comecei a entender um pouco a demanda deles. Mas quando fui no protesto não foi justamente pela pauta deles e pela demanda deles. E acho que muita gente que tava ali não tava realmente exigindo o passe livre como eles queriam, mas enfim. Mas por achar injusto o aumento da passagem com uma condição tão precária. Enfim, outras questões que não estão exatamente na pauta do Movimento Passe Livre.

Juliana Em que ambientes e locais você costumava conversar sobre o que acontecia? Você costumava conversar com alguém?

Marcela Na época eu tava no cursinho, fazia etapa. Eu tinha algumas amigas que tinham entrado na USP e uma delas fazia parte já de um movimento estudantil e eu acabava trocando ideia com ela pra entender o que era um pouco disso. Mas pra mim era uma realidade muito fora porque eu realmente não entendia o que era esse universo de movimento estudantil e o quanto isso tava vinculado com esses protestos ou não. O que na verdade é uma noção que só tenho hoje como universitária.

Juliana Você acha que algo mudou depois que você se envolveu em relação a isso?

Marcela Olha, eu acho que mudou. Hoje eu tenho uma opinião muito bem formada sobre algumas coisas que na época eu não tinha. Eu acho que hoje, como estudante e vivendo a realidade de uma estudante eu tenho mais, eu estou mais engajada para poder falar sobre determinadas coisas que na época eu não estava e não entendia. Então acho que se eu estivesse participando disso... quer dizer, se os protestos de 2013 estivessem acontecendo hoje, eles fariam muito mais significado hoje do que fizeram em 2013

Juliana Mas por que você diz isso?

Marcela Porque hoje eu sou estudante, hoje eu estou na Unifesp Guarulhos que é um dos campos da Unifesp que tem problemas de orçamento, de transporte. Agora mesmo a gente tá passando uma situação de paralisação e talvez entre em greve ou não. Então, estando dentro deste contexto eu consigo entender mais o que acontece na universidade pra poder julgar o que acontece na sociedade inteira. Então acho que criei muito mais senso crítico sendo uma estudante de universidade.

Juliana O que você faz na Unifesp?

Marcela Faço História da Arte.

Juliana Você pode me falar como você utilizava os meios de comunicação durante os protestos? Você utilizava pra alguma coisa?

Marcela Na verdade, eu não utilizava, eu sempre tive, na verdade, uma cautela com o que eu publicava ou não no facebook em relação a isso por... não digo por medo da opinião dos outros, mas por medo de como eu ia ser julgada, entende? Eu tinha medo de ser

julgada. Então eu simplesmente fui pro protesto pra suprir uma necessidade que eu achava que eu tinha que suprir pra mim mesma. Então eu acabava não usando mesmo isso. O máximo que eu usava era pra pesquisar sobre algum evento ou outro, sobre algum debate que ia ter, mas eu não deixava isso explícito.

Juliana Você costumava procurar onde?

Marcela O que alguns amigos meus acabavam me mandando. Os eventos. Às vezes até do passe livre mesmo e acabavam dentro dos eventos, mandavam links de vídeos e eu acabava acessando essas informações que estavam ali mesmo.

Juliana Queria saber o que ficou pra você de tudo isso que aconteceu, que significou pra você ter participado. Uma avaliação sua

Marcela Como eu te falei, sinto que hoje eu teria muito mais voz ou articulação para ter participado de um protesto desse. Eu admito que quando eu fui, eu não tinha muita noção de todos os problemas oficiais, mas acho que hoje, mais madura eu saberia julgar melhor o que aconteceu, por que aconteceu e quais foram os resultados disso. Na época eu não conseguia medir isso. Eu tava numa fase muito egoísta em que eu só queria passar no vestibular e entrar numa faculdade. Meu foco era mais em mim mesma e não pensar em entrar num movimento estudantil nem nada disso. Tanto que hoje eu sei desses problemas, mas eu tento ainda como estudante não me vincular a esse tipo de mobilização.

Juliana Mas você achou importante ter participado ou você acha que não fez muita diferença pra você?

Marcela Achei importante porque é legal ter visto que do meu lado tinham pessoas tão jovens quanto eu. E realmente pararam São Paulo nem que seja por um dia por alguma causa em que eles acreditam. Então acho que foi importante num sentido de realmente sair do facebook e fazer alguma coisa. Acho que a minha geração está muito ligada em facebook e esses meios de comunicação e acaba se esquecendo da história que a gente teve de protestos e ditadura. Não que eu ache que a gente tenha que tomar isso como exemplo porque não dá nem para comparar, são épocas e circunstâncias completamente diferentes, mas foi importante pra entender que a presença física e a voz realmente têm uma força e conjunto e que a gente tem que aproveitar isso. Durante a nossa juventude. Então pra mim isso foi importante

Juliana Você pode me informar sua idade e local onde mora em São Paulo, por favor?

Marcela 22, moro no Butantã, quando entrei na Unifesp eu trabalhava, mas descobri finalmente que levar uma rotina de estudo numa federal não rola muito bem, então este ano estou estudando e fazendo uma iniciação científica, um projeto de pesquisa.